6ª IMPRESSÃO

Hans Joachim Störig

A AVENTURA DAS LÍNGUAS

Uma história dos idiomas do mundo



...pr., 2006

...OS

A AVENTURA DAS LÍNGUAS

Hans Joachim Störig

A AVENTURA DAS LÍNGUAS

Uma história dos idiomas do mundo



MELHORAMENTOS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Störig, Hans Joachim
A aventura das línguas : uma história dos idiomas do mundo / Hans Joachim Störig ; [tradução Glória Paschoal de Camargo]. – 3. ed. – São Paulo : Editora Melhoramentos, 2005.

Título original: Abenteuer sprache : ein Streifzug durch die Sprachen der Erde
Bibliografia.
ISBN 85-06-04757-9

1. Filologia 2. Linguagem e línguas – História
3. Linguagem universal 4. Lingüística I. Título.

05-8609 CDD-417.7

Índices para catálogo sistemático:
1. Línguas : História : Lingüística 417.7



Tradução: Glória Paschoal de Camargo
Saulo Krieger (atualizações)
Consultoria Técnica: Erwin Theodor Rosenthal
Capa: Bruno Weiszflog

Título original em alemão:
ABENTEUER SPRACHE – Ein Streifzug durch die Sprachen der Erde

3.ª edição, 6.ª impressão, janeiro de 2006

ISBN: 85-06-04757-9

Atendimento ao Consumidor:
Caixa Postal 11541 – CEP 05049-970 – São Paulo – SP – Brasil
Impresso no Brasil

SUMÁRIO

CAPÍTULO X

Famílias linguísticas da Terra: línguas não-indo-européias da Europa e da Ásia 177

CAPÍTULO XI

Famílias linguisticas da Terra: o mundo do Pacífico, América e África ... 203

CAPÍTULO XII

Tipos linguísticos principais ... 225

CAPÍTULO XIII

Pidgin e línguas crioulas ... 235

APRESENTAÇÃO

Há não muito tempo, os idiomas tratados teoricamente, a ciência das línguas bem como a sua história, constituíam matéria de alta especialização, assunto de teses acadêmicas, ou então ocupavam, como curiosidade respeitável, apenas algumas páginas nos manuais consagrados aos "conhecimentos gerais". Nos últimos decênios, entretanto, cresceu o interesse geral em proporção direta à multiplicação das pesquisas acerca dos fenômenos lingüísticos. Todos queremos saber por que falamos desta e não daquela maneira, por que os nossos vizinhos exprimem desejos e necessidades de maneira tão divergente da nossa. Na era da "astronáutica ao alcance de todos", os habitantes do nosso planeta formam aglomerados cada vez mais parecidos na sua constituição, tornam-se cada vez mais dependentes uns dos outros e apresentam-se condicionados de maneira afinada. Vistos como um todo, somos uma humanidade una e indivisível, mas não nos entendemos, porque falamos milhares de línguas diferentes, porque utilizamos incontáveis dialetos e empregamos idioletos totalmente distintos uns dos outros.

Mostrar e analisar os mecanismos que regem essa realidade, seguir a história desses idiomas, para explicar o seu presente e procurar determinar o seu futuro, é tarefa das mais instigantes e leva a preciosas reflexões. Afinal, a competência lingüística humana transcende o monolingüismo. O ser humano dispõe de inata capacidade plurilingual. Todos falamos mais de um idioma: em criança aprendemos o de casa, na escola falamos uma linguagem trans-regional e trans-social, culturalmente limitada. De acordo com o meio em que nos movimentamos, acostumamo-nos a socioletos e assim percebemos, pouco a pouco, que a nossa língua se constitui de um aglomerado de níveis de expressão, de um polissistema expressivo, atestando que nenhuma comunidade lingüística é homogênea.

Esta *A Aventura das Línguas*, que introduz o leitor na fascinante história dos idiomas, ao mesmo tempo que apresenta uma visão atraente dos falares modernos, compõe-se dos segmentos de uma caminhada através dos multifacetados continentes lingüísticos, oferecendo visões surpreendentes e conhecimentos inesperados. Seu autor, Hans Joachim Störig, é, ele próprio, personagem bem típico da nova geração de pesquisadores e cientistas. Tendo escrito uma *Pequena História Universal da Filosofia* e dirigido o internacionalmente famoso Instituto Lexicográfico de Munique, editou, em 1963, o volume *O Problema da Tradução*, no qual alguns dos mais notáveis intelectuais do mundo, desde Ortega y Gasset até Benjamin, Mounin e Steiner, se pronunciam acerca da ciência lingüística. Professor da Universidade de Munique, especializado no ensino de língua alemã para estrangeiros, Störig é sem dúvida a figura ideal para transmitir os resultados de longos anos de pesquisa

e experiência. Para nós, no Brasil, o seu livro vem a ser verdadeira fonte de revelações, narradas em linguagem simples e clara, tornando acessível a todos um campo que transcende, nos dias que correm, as especulações acadêmicas. O capítulo relativo ao português, que no original era pouco expressivo, foi especialmente preparado pelo ilustre escritor Hernâni Donato para a presente edição, na qual — por outro lado — foram suprimidos trechos esparsos, especificamente destinados a leitores alemães.

Erwin Theodor

CAPÍTULO I

Da decodificação de línguas e escritas mortas

Preâmbulo

Edgar Allan Poe criou, com sua história "The Murders in the Rue Morgue" ("Os Assassinatos da Rua Morgue"), o protótipo e o modelo para todos os romances policiais posteriores. (Para mim é duvidoso que seus sucessores e imitadores alguma vez tenham conseguido superá-lo.) Poe, com seu "The Gold Bug" ("O Escaravelho de Ouro"), de 1843, evocou também o fascínio que pode advir da decifração gradativa de um criptograma, de uma escrita secreta. Este tipo de narrativa ele mesmo denominou *tales of ratiocination*, histórias que solucionam seu enigma trilhando o caminho da reflexão e da dedução racionais, lógicas.

De fascínio semelhante são os acontecimentos ligados à decifração dos testemunhos de línguas e culturas extintas. C. W. Ceram, em seu livro *Deuses, Túmulos e Sábios*, nos legou provas inesquecíveis disso. No entanto, eu gostaria, ao me referir a este tema, de apresentar esses acontecimentos não em momentos de simplificada culminância dramática — e deste modo também sempre arbitrária, conforme conviria a um romance policial (que precisa deixar de lado tudo o que não diga respeito ao fio condutor da ação). Na verdade, este livro precisa simplificar sempre, para não se tornar insuportável ao leitor comum. No entanto, é verdade que gostaria de simplificar problemas, omitir adornos, deixar de sondar profundezas, mas sem simplificar demais as evoluções histórico-científicas.

Na primeira história, aquela que trata da legendária pedra de Roseta e da decifração dos hieróglifos pelo jovem, obstinado e genial Champollion, quero evitar montar um drama, no qual entrem em cena apenas a pedra desenterrada pelos seguidores de Napoleão e o jovem Champollion, firmemente decidido, desde jovem, a deslindar o seu segredo — nisto comparável a Heinrich Schliemann. A questão, no entanto, é algo mais complexa, não se tratando aqui de contar histórias, mas História, e a História nunca é totalmente inequívoca e simples. No fundo ela é, até mesmo, indecifrável. Que Napoleão e Hitler não tenham alcançado seus objetivos bélicos na Rússia: quem poderia enumerar quais elos da cadeia de causas, entre eles os chamados "acidentais", teriam concorrido para isso?

O empenho em proceder aqui com mais precisão e mais justiça obriga-me a me tornar mais minucioso e com isso me limitar substancialmente (a fim de que o capítulo não ultrapasse logo de início os limites do livro) a dois temas, os hieróglifos e a escrita cuneiforme, e a ignorar ou apenas mencionar de passagem outros feitos, que são igualmente respeitáveis e interessantes.

O segredo dos hieróglifos

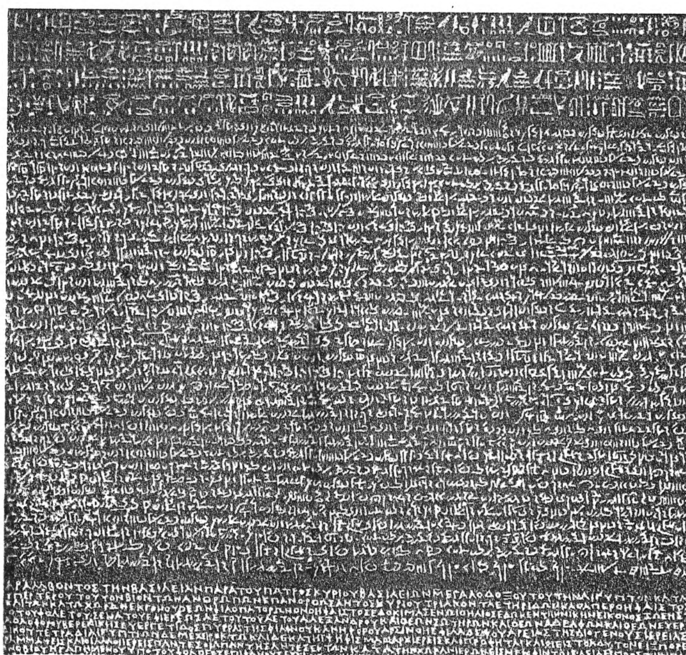
A expedição de Napoleão ao Egito, realizada no ano de 1798, tinha por objetivo desferir um golpe em seu arquiinimigo britânico. Visto que investir

desembarcando diretamente na costa sul inglesa lhe parecia inútil, pretendia ameaçar a passagem para a Índia, aportando no Egito, então dominado pelos turcos. Política e militarmente o empreendimento logo fracassou, já que a frota de Napoleão foi derrotada esmagadoramente por Nelson, em Abuquir, e o corso somente com esforço conseguiu escapar para a França. Em contrapartida, para a história da filologia a aventura produziu efeitos vastíssimos e duradouros.

A pedra de Roseta

Napoleão levou consigo para o Egito arqueólogos e outros eruditos, para esclarecer os enigmas que a antiqüíssima história desse país ocultava. Em 1799, nas proximidades do forte em ruínas Raschid (que os franceses rebatizaram de Forte St. Julien), não longe do delta oeste do Nilo, foi encontrado um bloco de basalto negro, com cerca de 1 m de altura, 70 cm de largura e 30 cm de espessura, que passou para a história com o nome de *pedra de Roseta*. *Rosette* é uma forma francesa para o nome local, *Raschid*. O bloco trazia na frente três inscrições: acima, 14 linhas em hieróglifos egípcios antigos, faltando os inícios e finais das linhas; abaixo, 32 linhas, em parte ilegíveis pela ação do tempo, na escrita denominada demótica, conhecida pela pesquisa a partir de papiros egípcios (mas que não podia ser lida), e embaixo dela 54 linhas em escrita grega e em língua grega, metade delas destruída no final das linhas.

Para tornar compreensível o porquê de esta pedra ser tão significativa, preciso voltar atrás no tempo.



A pedra de Roseta (detalhe), conservada no Museu Britânico, em Londres.

Períodos principais da história do Egito

A história da cultura egípcia remonta a vários milênios antes do início de nossa era. É provável que já há milênios antes de Cristo houvesse dois grandes reinos, dos quais um se encontrava no curso superior do Nilo e se estendia até as cataratas de Assuan em direção ao sul, enquanto o outro ti-

nha seu ponto nevrálgico no delta do Nilo. Supõe-se que, por volta de 2850 a. C., esses dois reinos foram unificados em um grande reino por um rei chamado Menés. Com ele se inicia a primeira de uma série de 30 dinastias, nas quais um sumo sacerdote de nome Mâneto, que viveu no século III a. C. e redigiu uma história de seu país, classificou os governantes do Egito — de Menés até sua época, quando o Egito já tinha sido dominado por Alexandre, o Grande. Apenas fragmentos da escrita de Mâneto se conservaram.

No conjunto, a história do Antigo Egito é dividida em Antigo Império, que abrange as dez primeiras dinastias, e ao qual pertencem os grandes construtores das pirâmides de Quéops e Quéfren; Médio Império, abrangendo da décima primeira até a décima sexta dinastia, e durando até o ano de 1570 a. C. O Novo Império, durante o qual por longo tempo as atuais Palestina e Síria formavam uma província do Egito, traz, como seus antecessores, uma alternância de ascensão e declínio, duras batalhas pela sobrevivência, principalmente contra os hititas, e termina finalmente na progressiva decadência do império egípcio, vencido e ocupado primeiramente pelos etíopes, depois pelos assírios, no século VI pelos persas, e finalmente em 332 a. C. por Alexandre. Em 30 a. C. os romanos tomaram posse do Egito. A situação propícia para a intervenção foi fornecida por uma briga pela sucessão entre dois irmãos, Ptolomeu e Cleópatra. Júlio César auxiliou Cleópatra a conseguir o trono e lhe legou um filho, denominado Cesário.

Hieróglifos e seus derivados

A mais antiga forma da escrita egípcia já surgira no início do Antigo Império. O grego Clemente de Alexandria, que viveu no século III a. C., denominou-a *hieróglifos,* literalmente "entalhes sagrados". Essa escrita se encontra principalmente em monumentos, gravada em pedra.

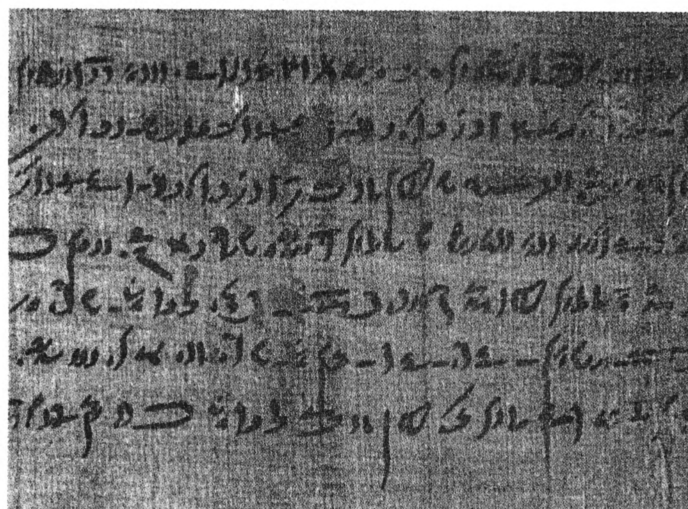
Já bem distante os egípcios também escreviam em papiro, conseguido a partir do arbusto de mesmo nome que crescia em abundância no curso inferior do Nilo. Colocavam-se fatias finas do material umas sobre as outras, uma folha com as fibras na horizontal, a outra na vertical, coladas entre si; após a secagem e prensagem era possível escrever em sua superfície, em geral com um pincel de juncos e com tinta vermelha ou preta. As folhas de papiro podiam ser coladas umas às outras e assim produziam-se rolos de escrita de 30 a 40 m de comprimento. Para a escrita sobre papiro desenvolveu-se, a partir da escrita pictográfica, uma forma fortemente polida, na qual as figuras originais são reconhecidas apenas por marcas tênues: a escrita *hierática.*

Logo depois do ano 1000 a. C. ocorre novamente um desenvolvimento bastante simplificador na escrita. A escrita *demótica* assim surgida pode quase ser definida como estenografia; apenas o perito é capaz de remontá-la a suas precursoras.

Os hieróglifos morrem

As três escritas permaneceram em uso até a época dos diádocos e do domínio romano. Os hieróglifos serviam principalmente a objetivos religiosos; seu conhecimento era limitado à casta dos sacerdotes, que formava seus escribas em escolas próprias. Os seguidores de Alexandre no Egito, os ptolomaicos, assim como os posteriores governantes romanos, mantiveram estreito contato com a poderosa casta dos sacerdotes. No tempo de César o conhecimento dos hieróglifos sofreu aparentemente um retrocesso; de acordo com um relato de Tácito, por ocasião de uma visita do Germânico a Tebas, foi preciso chamar um velho sacerdote para satisfazer o desejo do visitante de ler determinadas inscrições e esclarecê-las. Essa decadência está





Papiros egípcios. Em cima, uma página do chamado "Livro dos Mortos", com ilustrações e hieróglifos; ao lado, detalhe de uma página em escrita demótica.

relacionada com o avanço do grego no Egito, que já havia chegado ao país através dos comerciantes gregos, bem antes do triunfo de Alexandre. Começou-se a escrever a língua egípcia em caracteres gregos. O conhecimento da antiga escrita morreu totalmente com a cristianização do Egito. No século IV d. C. os velhos templos foram fechados por iniciativa dos cristãos. O último documento conhecido em escrita hieroglífica data de 394 d. C.

Com o último sacerdote ou escriba que a dominava, desaparece o conhecimento dessa escrita por mais de 1.400 anos. Entretanto, é verdade que todo viajante que chegava ao Egito podia admirar por toda parte os enigmáticos e monumentais sinais, que também se encontravam em obeliscos que italianos, franceses e ingleses haviam tirado do Egito e levado para seus países, onde os expunham. Os hieróglifos eram considerados uma espécie de escrita secreta, na qual os sacerdotes egípcios haviam registrado seu conhecimento, cuidadosamente protegido em código; vários atribuíam a esses sinais apenas um caráter simbólico. A *Flauta Mágica* de Mozart, com suas claras referências aos mitos egípcios, provém de uma época em que ainda se tinham idéias bastante vagas a respeito do antigo Egito.

Não vale a pena relatar as inúmeras tentativas de interpretação que ocorreram a partir do século XVI, assim como a de 1636 através do jesuíta alemão Athanasius Kircher, um homem de mérito e profundo conhecedor de vários campos da ciência, que, no que se refere aos hieróglifos, alongou-se em interpretações fantasiosas que preenchem vários tomos de sua obra. Seus sucessores praticamente não foram adiante — até que foi descoberta a pedra de Roseta.

Bilíngüe e trilíngüe

A pedra foi um achado extremamente feliz, à medida que oferecia aos filólogos algo que eles chamam de um "bilíngüe": um documento que contém o mesmo texto em duas línguas (e/ou escritas) diferentes, das quais uma já é conhecida pela ciência. Nesse caso se tratava até mesmo do fato extremamente raro de um "trilíngüe", pois a pedra continha três textos, dos quais o que se encontrava mais abaixo, em grego, podia ser lido e compreendido, desconsiderando-se as danificações: a divulgação de uma assembléia de sacerdotes, que aconteceu em Mênfis no ano de 196 d. C. Os sacerdotes louvam o rei Ptolomeu Epifânio e lhe agradecem pelos benefícios concedidos a eles e a seus templos; em todo templo deveria haver uma inscrição semelhante. Quase cem anos mais tarde foi encontrada uma dessas inscrições idênticas.

Poder-se-ia pensar que, com essa chave nas mãos, devia ser fácil decifrar os dois textos supracitados, tanto mais que se poderia concluir do texto grego que ele havia sido o primeiro a ser redigido, portanto representava o original, depois repetido "nos sinais da língua divina" (os *hieróglifos*) e "na escrita dos livros" (a *demótica*). A descoberta logo foi divulgada entre os eruditos da Europa ocidental — ao achado de Roseta seguiram-se mais tarde incontáveis inscrições e papiros, que finalmente contribuíram para complementar os conhecimentos iniciais conseguidos a partir da pedra. Mas por anos a fio a pedra opôs-se a todas as tentativas de decifração!

Decifração de enigmas

Para compreendermos isso, precisamos agora conhecer idéias correntes naquela época a respeito da singularidade desses antigos caracteres gráficos. À primeira vista, os hieróglifos deviam parecer uma escrita ideográfica, porque em uma parte dos caracteres pelo menos podem-se reconhecer sem esforço figuras de coisas concretas ou de seres vivos, como uma ave, uma pessoa sentada, um olho, um besouro. Interpretar o texto todo neste sentido era contra-indicado por dois motivos: de um lado, havia no texto em hieróglifos essencialmente mais caracteres do que palavras no texto grego. Por outro lado, uma língua formada exclusivamente de figuras de coisas concretas só possibilita um nível extremamente simples de compreensão. Uma língua desenvolvida deve ser capaz de denominar com precisão qualidades, atividades e também abstrações e outras coisas mais como, por exemplo, relações lógicas.

Young

Entre os inúmeros homens que meditaram a respeito do segredo dos hieróglifos — e do mesmo modo a respeito da dificilmente decifrável escrita demótica — destacou-se um jovem inglês: Thomas Young, nascido em 1773, conhecido entre os cientistas como autor da teoria das ondas da luz (em contraposição à teoria corpuscular de Isaac Newton, um dualismo que hoje deu lugar a uma síntese — aliás dificilmente compreensível para o leigo). Os interesses extremamente amplos de Young — matemática, física,

medicina, entre outros — expandiam-se também até os hieróglifos. Em 1814 os amigos chamaram-lhe a atenção para a pedra de Roseta.

Nomes próprios como ponto de partida

O empenho de Young pela pedra trilíngüe não o conduziu ao êxito total. Seu princípio correto "Procure no texto grego os nomes próprios" (por exemplo, Ptolomeu aparece dezessete vezes) "e em seguida procure as correspondências no texto demótico" falhou, porque — o que Young não sabia — o texto demótico não representava uma tradução exata do grego, mas sim uma adaptação livre. De fato, o texto demótico e todo o sistema dessa escrita foram decifrados totalmente apenas em 1880. Com referência aos hieróglifos, Young também encontrou um princípio correto: quando um escriba egípcio — assim raciocinou ele — estava frente à tarefa de escrever um nome não-egípcio, em especial um nome grego, não havia à sua disposição nenhum *ideograma*. Nesta situação, ele provavelmente arranjar-se-ia, atribuindo um papel não ideográfico, mas sim *fonético,* a determinados caracteres, utilizando-os, portanto, não para representar objetos ou conceitos, mas sim sons enunciados. Será que pelo menos o nome Ptolomeu não poderia ser assim identificado?

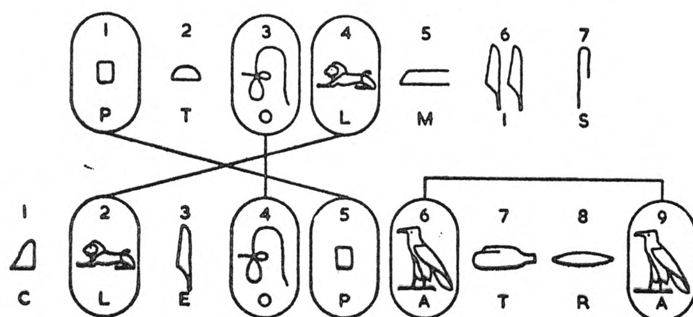
Já antes de Young, tinha chamado a atenção de outros pesquisadores o fato de que determinadas partes do texto eram circundadas por uma oval alongada (chamada de *cartucho*). Certamente o conteúdo de tais ovais deveria ser salientado de algum modo. Talvez se tratasse de fórmulas sagradas — ou seriam nomes de soberanos? Trilhando esse caminho, Young chegou um pouco mais adiante, mas, não sabendo que os egípcios — também na utilização de hieróglifos como caracteres fonéticos — deixavam na maioria das vezes de lado as vogais, finalmente não conseguiu prosseguir. Alguns dos conhecimentos adquiridos publicou-os em um artigo que apareceu em 1819 na então nova *Encyclopaedia Britannica.* Depois, desanimado, Young desistiu. Não se sabe ao certo se alguma vez seu artigo foi lido pelo homem que enfim conseguiu dar o passo decisivo (embora também não fosse esse o passo final).

Champollion

Esse homem, Jean François Champollion, nascido em 1790, muito talentoso e precoce, inteirou-se do problema, em 1801, portanto com onze anos, através do famoso matemático Fourier, que havia tomado parte da expedição de Napoleão ao Egito como conselheiro científico. Fourier mostrou ao jovem em Grenoble algumas das antiguidades trazidas do Egito, e Champollion, assim que soube que ninguém pudera decifrar os hieróglifos, decidiu dedicar sua vida a essa tarefa. Essa decisão ele perseguiu com uma obstinação e persistência fora do comum. Apenas em 1822 conseguiu ser bem sucedido. Em *Lettre à M. Dacier relative à l'alphabet des hiéroglyphes phonétiques,* e de maneira mais abrangente apenas em 1824, em seu livro *Précis du Système Hiéroglyphique,* apresentou sua tese mais importante: os hieróglifos são em parte verdadeiros ideogramas, que representam palavras (conceitos) completas, em parte caracteres fonéticos, que reproduzem sons, e, finalmente, em parte "determinativos" — que são caracteres que esclarecem um ideograma e que por si não aparecem na língua falada, na leitura de um texto como, por exemplo, um sinal para um ser feminino ou para uma ação.

Dois nomes de soberanos

Na representação de nomes próprios, os hieróglifos (quase) sempre têm um significado fonético. Um exemplo bastante abrangente: a identificação dos caracteres escritos nos nomes "Ptolomeu" e "Cleópatra".



Nesse caso, como se vê, foi possível uma interpretação consideravelmente correta: a sinais iguais correspondem (com uma exceção no som [t]) sons iguais. Note-se que neste exemplo também as vogais [o] e [a] são representadas por sinais; além do mais, que a direção da escrita nos hieróglifos se modifica — ela pode ir da direita para a esquerda (este é o caso mais comum, e também no original o exemplo acima é assim; apenas para facilitar aos leitores apresentamos o exemplo inversamente). A escrita também pode ocorrer ao contrário, e também de cima para baixo, ou de baixo para cima, e, da mesma forma, em ordenação livre.

Tudo isso dificultou o trabalho dos pioneiros. Muito útil para o trabalho de interpretação foi o conhecimento de que figuras de seres humanos e de animais sempre estão olhando em direção ao início da linha.

Champollion ainda continuou a trabalhar incansavelmente por oito anos na solução da tarefa que ele mesmo havia se imposto, agora com o apoio do governo francês, que lhe propiciou uma permanência de dois anos no Egito. Depois foi atingido por morte prematura. Muitos homens prosseguiram com seu trabalho; dentre eles podemos citar o alemão Adolf Erman († 1937), que deu à "filologia egípcia" uma base sólida — pelo menos o quanto é possível chamar de sólido o conhecimento de uma língua já morta há 1.500 anos.

Exemplos

Por que a tarefa era quase insolúvel (enquanto a pesquisa não revelou cada vez mais material de comparação, entre eles vários bilíngües), deve ser esclarecido através de alguns exemplos simples. Alguns sinais correspondem ao objeto que representam evidentemente como, por exemplo:


olho


besouro


arado

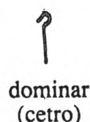
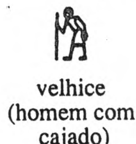
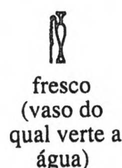
Outros sinais referem-se não ao objeto, mas a uma ação que tem a ver com esse objeto como, por exemplo:


andar


remar


chorar

Alguns sinais representam coisas, que não podem ser facilmente representadas, de maneira simbólica como, por exemplo:

		
dominar (cetro)	velhice (homem com cajado)	fresco (vaso do qual verte a água)

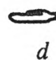
E há sinais que apontam para o significado com uma figura que não tem absolutamente nenhuma semelhança ou relação com ele, mas cujo nome na língua falada soava de modo semelhante (não necessariamente igual). Pode ser quase comparável a um mau trocadilho e explicável assim: suponhamos que eu quisesse escrever em ideogramas a seguinte frase: "O comércio cerra suas portas às 18 horas"; representaria o verbo com dois homens serrando ("cerra/serra"), ou ainda "A princesa casa na próxima semana", onde "casa", do verbo casar, seria representada por uma casa ("casa/casa"):





Acrescente-se a agravante de que os pesquisadores não conheciam as palavras egípcias e seus sons.

Entre os caracteres que representam um fonema, há aqueles que estão no lugar de *uma* consoante como, por exemplo:

		
t	*p*	*d*

Outros, porém, representam *duas* consoantes como:

		
mn	*mr*	*wn*

Por fim, como vimos em exemplos, ocasionalmente também vogais eram reproduzidas por sinais.

Determinativos

Finalmente há os determinativos, sinais mudos que são utilizados apenas para interpretação ou esclarecimento, por exemplo:

		
pele com cauda (mamífero)	linhas ondeadas (água)	rolo de papel amarrado com barbante (conceitos abstratos)

Também se utilizavam na mesma palavra ideogramas e caracteres fonéticos juntos ou misturados, como em Tutmés, onde para a primeira parte está o símbolo do deus Thot, e para o resto hieróglifos como caracteres fonéticos.

Esse sistema extremamente complicado foi mantido pelos egípcios — um dos povos mais conservadores da história das civilizações — por milênios.

Merece respeito o trabalho dos homens que, superando todos esses e ainda outros obstáculos, desvendaram para a posteridade os hieróglifos e com eles a imensa riqueza da cultura egípcia.

Graus de dificuldade na decodificação
Escrita e língua desconhecidas

O enigma que o pesquisador precisa solucionar durante a decodificação é mais difícil quando — como é o caso dos hieróglifos egípcios — tanto os caracteres escritos quanto a língua que eles representam são desconhecidos. No entanto em tais casos podem-se obter determinados pontos de referência, por exemplo, quando se conhece o local onde foi achado o documento (que não precisa aliás ser originário do lugar); na maioria das vezes também conseguimos pontos de referência para a época do seu surgimento, sob a forma de outros achados arqueológicos; ou ainda, se se conhece o material utilizado (papiro, barro, etc.), a partir daí podem-se conseguir determinadas chaves para a solução do enigma.

Língua conhecida

Caso se trate — como nas chamadas escritas secretas que desempenham um papel nas histórias policiais e de espionagem — de uma língua em princípio conhecida, mas de uma forma desconhecida da reprodução escrita (por exemplo, um código de números ou de símbolos), o conhecimento da estrutura da língua utilizada fornece freqüentemente o ponto de partida para a solução, como saber quais fonemas, isto é, caracteres surgem nela com mais freqüência, quais podem ocorrer ao lado de outros, quais não, que palavras existem, consistindo apenas em um ou dois sinais.

Escrita conhecida

Caso tenhamos à nossa frente um alfabeto conhecido, mas uma língua totalmente desconhecida, a tarefa pode ser bem difícil e até mesmo impossível, especialmente se houver poucos textos à disposição. Esse é o caso do etrusco, conservado apenas em uma quantidade limitada de inscrições de lápides.

A decifração da escrita cuneiforme

O explorador e médico alemão Engelbert Kaempfer (1651-1716), que trouxe para a Europa as primeiras notícias confiáveis a respeito do Japão, também foi um dos primeiros a relatar a respeito de uma escrita enigmática e também a lhe dar o nome, por causa do aspecto dos traços da escrita, composto preponderantemente por desenhos em forma de cunha. Em inglês diz-se *cuneiform (writing).*

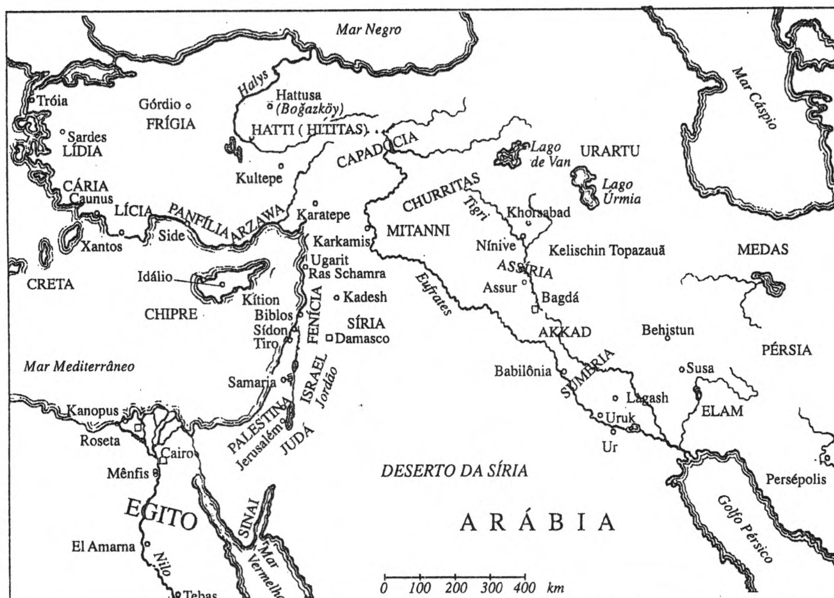
A história da decifração da escrita cuneiforme, sem contar com o fato de que ela tem dramáticos pontos culminantes, é bastante complicada. Poder-se-ia contá-la do fim para o começo, isto é, na seqüência em que sua decifração descobriu passo a passo sempre novos panoramas de grandes civilizações (junto com escavações, naturalmente), cujos restos estavam enterrados nas areias do deserto — um fenômeno que deve ter servido para inspirar a Oswald Spengler teses fundamentais da sua obra *Der Untergang des Abendlandes (A Decadência do Ocidente),* publicada pela primeira vez em 1918/19. Essa exposição, porém, dificilmente transmitirá uma imagem clara dos acontecimentos e associações temporais, espaciais e culturais a um leitor que não seja versado em História do Mundo Antigo. Em contraposição, caso se comece a narrativa cronologicamente, com a verificação de que a escrita cuneiforme foi criada pelo culturalmente adiantado povo dos sumérios e depois adotada pelos assírios, babilônios, persas e outros,

desperdiça-se um aspecto essencial, pois apenas a decifração da escrita cuneiforme tornou claro o papel desempenhado pelo povo e a nação dos sumérios.

O palco dos acontecimentos

A história se passa na região da segunda maior bacia hidrográfica do mundo antigo, que ao lado do Egito deve ser considerada como um dos berços da civilização: a *Mesopotâmia*, o país denominado assim em grego por Alexandre, o Grande ("país entre rios"). O Eufrates e o Tigre corriam então, como atualmente, quase paralelos de noroeste para sudeste; desembocavam cada um por sua vez no golfo Pérsico, que naquela época se estendia cerca de 200 km mais para o norte do que atualmente, de tal modo que a

Povos e Estados no Oriente Médio, 2.000 anos antes de Cristo. A costa do golfo Pérsico está desenhada de acordo com seu perfil atual; naquela época, muito provavelmente, ela passava cerca de 200 km adiante, na direção noroeste, de modo que a cidade de Ur se encontrava próxima da costa.



cidade de Ur, um dos mais antigos centros desenterrados de uma civilização urbana, se encontrava próxima ao mar; atualmente os dois rios se juntam, 150 km antes de atingirem o golfo, no Chat el Arab, o "rio dos árabes" política e militarmente disputado.

A moldura temporal

A decifração da escrita cuneiforme é um trabalho dos séculos XIX e XX. Seu aparecimento e tempo de vida abrangem a época de cerca de 3000 a. C. até os últimos séculos antes de Cristo. Então se extinguiu, suplantada, entre outros, pelo moderno alfabeto dos gregos e romanos, e mais tarde também pela escrita arábica. Caiu no esquecimento. Autores gregos ainda a citam como *assyria grammata* ("caracteres assírios"), mas não são mais capazes de lê-la.

Carsten Niebuhr

Na Europa, no século XVII, um viajante italiano, Pietro della Valle, foi um dos primeiros a divulgar notícias sobre essa escrita. Após o já citado Engelbert Kaempfer, deve-se principalmente a Carsten Niebuhr (1733-1815), que visitou o Oriente Médio como explorador a serviço do rei dinamarquês, o fato de ter-se conseguido no Ocidente notícias confiáveis a respeito de es-

critos e monumentos daqueles países. Niebuhr (pai do famoso historiador Barthold Georg Niebuhr) partiu para o Egito, Arábia e Síria como integrante de uma expedição de cinco pessoas. Quando alcançaram o que hoje seria o Iêmen, dois dos cinco homens já haviam morrido, vítimas da fadiga da viagem, e na Índia morreram outros dois. Niebuhr empreendeu sozinho a viagem de volta, decidiu atravessar a Pérsia e a Mesopotâmia, e aí começou a copiar com sofreguidão inscrições em escrita cuneiforme — à mão, entenda-se, porque a fotografia ainda não havia sido descoberta. O relatório de viagem de Niebuhr, publicado em 1776-80, em Amsterdã, despertou bastante interesse: Napoleão o carregava consigo durante sua expedição ao Egito. Mais tarde Niebuhr publicou também inscrições em *três* línguas de Persépolis — melhor dizendo, inscrições em *três* partes, das quais ele corretamente supôs que se tratassem, embora todas em escrita cuneiforme, de três sistemas de escritas e línguas diferentes.



Texto sumério em escrita cuneiforme, talhado em barro e cozido: um trecho da "Epopéia de Gilgamés".

Graças a Niebuhr, que não apenas havia trazido modelos, mas também feito as primeiras propostas de interpretação, e também graças a vários trabalhos preliminares de orientalistas alemães e dinamarqueses, por volta de 1800, estudiosos europeus dispunham de tanto material que era possível ousar-se passar à decodificação. Antes de chegarmos a isto, porém, lancemos um olhar aos povos e tribos envolvidos.

Quem conta os povos...

Nos três milênios antes do nascimento de Cristo deparamos com tantos povos na Ásia Menor que é muito trabalhoso ordená-los temporal e espacialmente e em suas relações uns com os outros. De fato, a ciência também precisou de muito tempo para atingir esse objetivo. Há uma variedade multicolorida de nomes de povos e tribos, de cidades e reis, de Estados que se batem entre si, se unem, novamente guerreiam, dominam e principalmente também se alternam como força política, militar, cultural. É desconcertante, também, a mudança dos nomes; e, finalmente, é desconcertante o fato de que na literatura conhecida desses povos antigos há muito do que o europeu conhece a partir da Bíblia e do que por muito tempo se considerou, se não como revelação divina, de qualquer modo como criações do antigo judaísmo.

Os sumérios

Já por volta de 3000 a. C. encontramos o povo dos sumérios estabelecido na parte sul da Mesopotâmia como criadores e portadores de uma das mais antigas culturas da história da humanidade. As escavações de Ur, Uruk e outras povoações revelaram cidades metodicamente construídas, com abastecimento planejadamente organizado, construções de diques e canais. A arte e as noções religiosas dos sumérios influenciaram decisivamente quase todos os povos cultos da Antiguidade. Sua literatura contém poemas grandiosos, como a *Epopéia de Gilgamés* (Fig. acima). Deve-se aos sumérios o desenvolvimento de uma ideografia a partir da qual surgiu posteriormente a escrita cuneiforme.

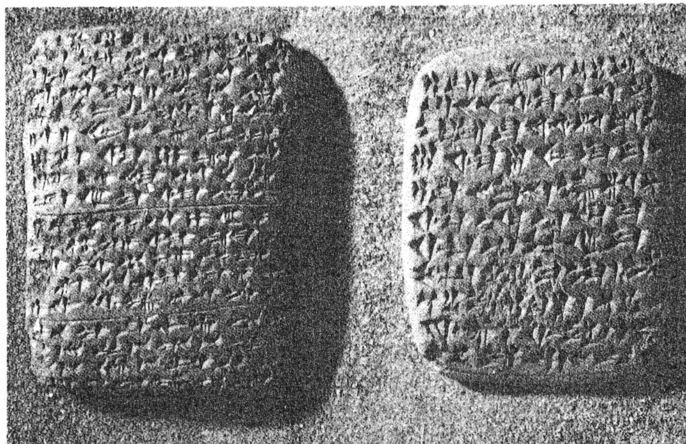
Da imagem à cunha

Para a evolução da escrita em direção a formas relativamente mais abstratas, que revelam apenas ao conhecedor o conteúdo imagético original, deve ter contribuído essencialmente o material utilizado para escrever que — à exceção de inscrições em pedra ou metal — consistia principalmente em tabuinhas de barro. No barro ainda mole os sinais eram gravados com um buril; depois o barro era endurecido através de cozimento e se tornava resistente, tão resistente que milênios mais tarde inúmeras dessas tabuinhas

puderam ser desenterradas intactas. Esse modo de escrever deu origem aos caracteres em forma de cunha que deram nome à escrita.

Os babilônios

Os sumérios não criaram um grande império, pelo contrário, viveram em cidades-Estado independentes e freqüentemente inimigas entre si. Por volta de 2500 a. C. surge ao lado dos sumérios o povo dos babilônios, sediado um pouco adiante, ao norte da Mesopotâmia, um povo com língua semítica, enquanto os sumérios não podem ser classificados inequivocamente como semitas ou qualquer outro grupo lingüístico. Os babilônios assimilaram as aquisições culturais dos sumérios e por fim os dominaram. Sob Hamurabi conseguiram criar, por volta de 1800 a. C., um grande império. Este soberano se eternizou através de seu código de leis encontrado em 1903.



Tábuas de barro com escrita cuneiforme (de aproximadamente 10 cm de altura), encontradas nas proximidades de Tell el-Amarna, Egito.

O país dos babilônios também foi chamado de *Acade*; mas quando recentemente se fala dos *acades e de sua língua acádica*, compreende-se aí tanto o *babilônico* quanto o *assírio*, que se encontra próximo dele.

Os assírios

Os assírios, estabelecidos ainda mais ao norte às margens do Tigre — Assur é sua capital —, desempenharam mais tarde um papel de liderança. Entre seus soberanos destacam-se Sargão II (Sargão I é o rei mais conhecido do período pré-babilônico), que conduziu as tribos de Israel à escravidão, e Assurbanipal (c. 1650 a. C), cuja biblioteca foi desenterrada em Nínive.

A escrita cuneiforme foi aceita e desenvolvida pelos povos que levaram avante a herança dos sumérios. Diferentemente dos hieróglifos egípcios, ela serviu como registro de uma série de línguas basicamente diversas.

Expansão da escrita cuneiforme

A escrita cuneiforme se expandiu para além do âmbito central da Mesopotâmia. Relativamente pouco em direção ao leste; mesmo assim aí havia o país *Elam* (no atual Irã), cujos habitantes adotaram primeiramente a língua acádica, para escrever documentos administrativos, e com ela a escrita cuneiforme; no entanto utilizaram mais tarde a escrita cuneiforme também para registrar a sua própria língua, a elâmica.

No primeiro milênio antes de Cristo, quando os persas indo-europeus invadiram o atual Irã, também adotaram para registrar sua língua, o *persa antigo*, os sinais da escrita cuneiforme, mas usando um sistema totalmente novo.

Original-mente	Posição invertida	Proto-babilônico	Assírio	Significado
				Ave
				Peixe
				Boi

A evolução da escrita cuneiforme, representada esquematicamente segundo o orientalista alemão Arno Poebel.

A oeste da Mesopotâmia vivia o povo dos hurritas, que adotou a escrita cuneiforme por volta de 2000 a. C. e com ela registrava sua própria língua (nem indo-européia nem semítica). E ainda mais para o oeste, na Ásia Menor, vivia o povo indo-europeu dos hititas, que havia herdado sua cultura desenvolvida em grande parte dos *hattis*. Os *hattis*, um povo não-indo-europeu, se estabeleceram ao redor da cidade de Hattusa que sob seu futuro nome, Boğazköy, reservou aos arqueólogos inacreditáveis surpresas ao ser desenterrada. Também os hititas se utilizaram da escrita cuneiforme.

Superposições

O fenômeno que podemos observar na Europa com a sobrevivência do latim — a língua morre como língua coloquial, mas continua a ser utilizada no culto, em documentos, na ciência — pode ser observado com freqüência na Antiguidade. Assim, os babilônios deixaram que o extinto sumério continuasse a viver como "latim eclesiástico do Antigo Oriente", e publicaram (o que mais tarde veio a auxiliar a posterior decodificação do sumério) para suas escolas clericais listas de palavras bilíngües e exemplos gramaticais didáticos. Do mesmo modo os hititas conservaram a língua morta de seus antecessores, o *proto-hático*. E os persas redigiram suas inscrições reais em três línguas — sem supor que assim estariam prestando um favor à pesquisa dessas línguas, empreendida 2.000 anos mais tarde.

Agora podemos voltar-nos para a história da decodificação. Ela realizou-se, devido à estratificação da tradição lingüística, em uma sucessão de abordagens.

Grotefend em Göttingen

Georg Friedrich Grotefend, nascido em 1775, era professor ginasial, dispunha de formação universitária e também tinha interesse por pesquisas lingüísticas: dedicou-se ao estudo das línguas mortas da família do latim, o osco e o úmbrico. No entanto, não tinha qualquer noção das línguas orientais. Seu conhecimento da literatura antiga mais tarde veio a lhe prestar ajuda de um modo inesperado. Ele tinha 27 anos de idade quando desvendou o segredo da escrita cuneiforme, numa primeira investida despreocupada — bem diferente de Champollion, que se dedicou quase vinte anos a estudos preparatórios, antes de ousar aproximar-se de seu objetivo verdadeiro.

Grotefend conhecia os trabalhos de Niebuhr, principalmente provas grafológicas fornecidas por ele e também algumas de outros eruditos. Por que ele se lançou a essa tarefa, sem que, como Champollion, possuísse pelo menos um único documento bilíngüe, não é totalmente claro; segundo um relato, um conhecido bibliotecário deve tê-lo estimulado a isso; segundo outro, ele teria feito uma aposta que conseguiria realizar a decodificação.

Grotefend tomou por base de seus esforços duas inscrições de Persépolis — residência dos soberanos da antiga Pérsia — transmitidas por Niebuhr. Ambas continham três partes, uma delas devendo ter sido redigida na língua desses soberanos, o persa antigo. Grotefend se decidiu corretamente pela parte central. A escrita tinha — isto já era conhecido através de trabalhos preparatórios do alemão O. G. Tychsen e do dinamarquês F. Münter — um sinal de separação de palavras em forma de uma única cunha vertical. Visto que havia até dez sinais entre duas separações de palavras e que palavras com dez sílabas são improváveis, Grotefend partiu da suposição de que se tratava de uma escrita alfabética, uma vez que o número total dos sinais ocorrentes consistia em trinta a quarenta, no máximo.

Nomes de reis

Ele podia ter certeza de que tais inscrições tinham sido compostas por reis, cujos nomes portanto deveriam aparecer, do mesmo modo como a palavra para "rei", e provavelmente também indicações da ascendência: nome do pai ou da família real. Tratou de identificar primeiro este grupo de sinais.

Grotefend, que antes se convencera de que, no caso específico, se tratava de uma escrita para ser lida da esquerda para a direita, partiu da suposição de que a palavra para "rei" fosse um grupo de sinais que ocorria várias vezes, em ambas as inscrições, até mesmo duplamente, uma vez após a outra, embora na segunda posição o grupo fosse um pouco mais longo. Talvez uma desinência de declinação? Talvez o genitivo plural? Neste caso, este grupo de sinais deveria representar a famosa fórmula do persa antigo "rei dos reis", e então o grupo de sinais imediatamente anterior a este título deveria ser o nome do soberano que havia erigido um monumento com essa inscrição! Esse grupo era bem diferente em ambas as inscrições. As inscrições portanto deveriam ser de dois soberanos diferentes, cujos nomes eram de comprimento mais ou menos semelhante (de acordo com as letras), mas de iniciais diversas.

Outras combinações conduziram Grotefend à suposição de que em ambas as inscrições ocorria a palavra para "filho", precedida por sua vez do nome do pai (de "X filho"). O nome do pai de uma inscrição correspondia ao primeiro nome da outra. Portanto, um dos soberanos era o filho do outro! Na denominação do pai havia em apenas uma das inscrições o grupo de sinais para "rei". Por conseguinte, um dos soberanos era filho de rei, o outro não! Então Grotefend pôde recorrer a seu estudo de filologia clássica: o historiador grego Heródoto enumerara os nomes dos reis persas (evidentemente na forma grega dos nomes). Haveria dois soberanos que se encontrassem em relação pai-filho, na qual, porém, o pai do pai não tivera sido rei? Segundo Heródoto, Xerxes era filho de Dareios (Dario) e este era filho de Hystaspes — que não tinha sido rei. Grotefend colocou experimentalmente esses nomes e descobriu que sua suposição poderia ser correta; na verdade os nomes soavam diferentemente do que Heródoto havia transmitido: para Xerxes resultava algo como [xSajarSa], para Dario [darajavauS].

Assim Grotefend abriu uma brecha e pôde identificar um certo número de sinais da escrita cuneiforme, nem todos porém; passaram-se décadas até que outros estudiosos — dentre eles o dinamarquês Rasmus Kristian Rask, que tornaremos a encontrar no próximo capítulo — chegassem a uma interpretação total dos sinais.

Rawlinson em Behistun

Entrementes quis o destino que um jovem inglês realizasse o mesmo feito de Grotefend, sem conhecê-lo, porém, e em seguida conseguisse levá-lo adiante. Henry Creswicke Rawlinson nasceu em 1810, uma geração após Grotefend. Aos dezesseis anos entrou no serviço da East India Company. Durante a viagem de navio à Índia — circunavegando a África — conheceu a bordo um famoso orientalista, Sir John Malcolm, que viajava para Bombaim a fim de aí iniciar seu mandato de governador.

Ele entusiasmou o jovem pelas línguas orientais. Rawlinson aprendeu árabe, hindustani (hindi) e persa; e isto lhe propiciou em 1835 um comando à Pérsia, onde serviu como conselheiro militar a um irmão do xá, na época. Na viagem para lá encontrou algumas inscrições em escrita cuneiforme e lhe ocorreu, como a Grotefend, identificar os nomes dos três antigos soberanos persas e os sinais cuneiformes correspondentes.

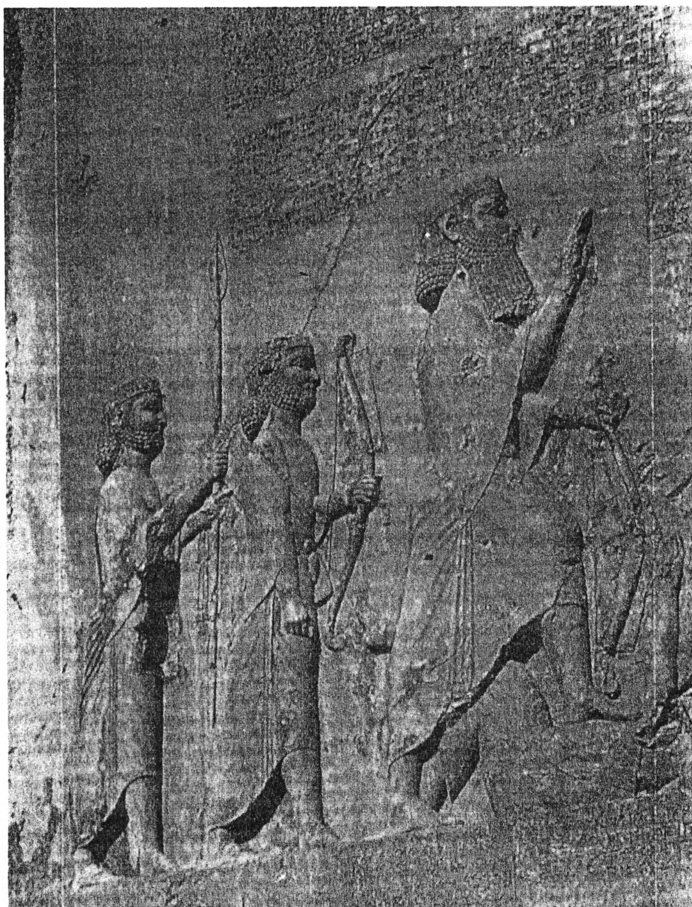
Assim despertou a sua curiosidade, e quando ele soube que perto de Behistun — cerca de 40 km de seu posto Kermanshah — existia uma inscrição em várias línguas de comprimento considerável, dirigiu-se para lá. Talvez pudesse encontrar outros nomes de soberanos e identificá-los. Afinal, Heródoto conta (Rawlinson tinha sido um bom aluno em línguas clássicas, e além disso um excelente esportista, o que também viria a auxiliá-lo) que o rei Xerxes havia dito em uma declaração: seu pai era Dario, filho de Hystaspes, filho de Arsames, filho de Aquêmenes, filho de Teispes, filho de Ciro, filho de Cambises, filho do legendário Aquêmenes, por causa do qual esta dinastia foi chamada de os aquemênidas. Talvez a inscrição de Behistun contivesse tais nomes.

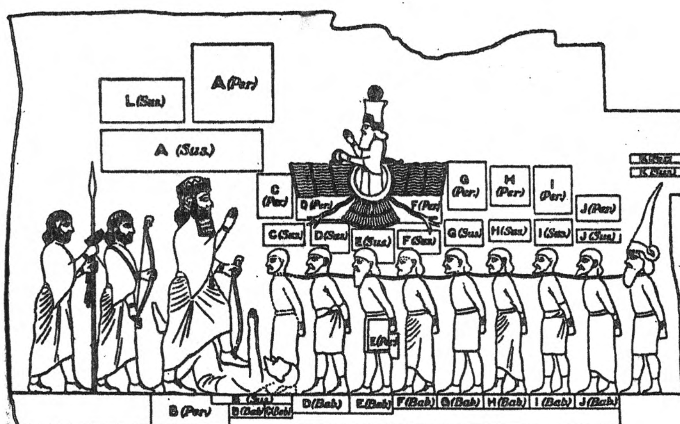
O relevo em rocha

Quando se aproximava de seu objetivo, Rawlinson viu um enorme relevo esculpido nos rochedos quase 100 m acima do nível da estrada. Mostrava a dominante figura de um rei (Dario, como hoje se sabe); à sua frente dez vassalos, vencidos ou prisioneiros. Sobre as costas arqueadas do primeiro, o rei coloca seu pé; os restantes estão acorrentados e com uma corda no pescoço. Uma figura divina paira sobre o rei. O relevo está circundado de inscrições em numerosas colunas, todas em escrita cuneiforme.

Abaixo do conjunto, que tem uns 50 m de largura e uns 30 m de altura, passava uma estreita cornija, de uns 60 cm de largura, sobre a qual se podia ficar de pé. Rawlinson ousou subir e, daquela posição que provocava vertigens, copiou o texto, em primeiro lugar o persa antigo. Quando, alguns anos mais tarde, ele quis copiar a segunda versão (babilônica) dos três textos no total, precisou, para chegar mais perto, colocar uma escada sobre a cornija de pedra. De pé sobre o último degrau, o corpo apoiado na parede de rocha (que ainda se estendia acima dele por várias centenas de metros), ele copiou, papel em uma mão, lápis na outra, sinal por sinal. A terceira versão do texto foi ainda mais difícil de conseguir. Rawlinson precisou realizar arriscadas manobras de escalação, mas atingiu seu objetivo, embora um degrau de sua escada tivesse quebrado e caído no abismo.

Detalhe do baixo-relevo de Behistun, mostrando o rei Dario com dois de seus seguidores.





Representação esquemática do baixo-relevo de Behistun. "Bab." significa babilônico, "Per.", persa; a abreviação "Sus." significa elamita, em referência à capital do reino de Elam, "Susa", que por algum tempo também denominou sua língua.

No que diz respeito à decodificação do segundo e do terceiro textos, Rawlinson não foi mais o pioneiro, mas sim um entre muitos, pois entrementes uma grande quantidade de textos em escrita cuneiforme havia se tornado conhecida e por toda parte havia eruditos trabalhando em sua decodificação. Passo a enumerar as fases mais importantes desse processo.

Neo-elamita

O segundo texto mostrava 111 caracteres diferentes. Isto indicava uma escrita silábica — em oposição à escrita cuneiforme persa antiga, que se restringia a quarenta sinais alfabéticos. A decodificação foi dificultada pela falta de um sinal de divisão de palavras, mas, por outro lado, facilitada pelo já bastante esclarecido texto em persa antigo, visto que ambas as escritas se correspondiam totalmente no conteúdo. Esta segunda inscrição é redigida em *neo-elamita.*

Babilônico/assírio

Mais interessante era o terceiro texto, por trás do qual poder-se-ia presumir o babilônico como língua; na verdade, a solução foi também mais difícil, pois esta escrita tem centenas de caracteres (devia portanto antigamente ter o caráter ideográfico — ou de um sistema misto). Por outro lado, não havia mais a restrição a algumas poucas inscrições sobre as paredes de rochas. Escavações em Khorsabad (palácio do rei assírio Sargão) feitas pelo francês Botta, assim como a escavação da cidade de Nínive pelo inglês Layard, no ano de 1845, tinham trazido à luz milhares de tábuas de barro com escrita cuneiforme babilônica; obviamente ela servira às transações comerciais desenvolvidas também com países mais distantes — cartas comerciais e faturas. Primeiro foram identificados novamente os nomes dos soberanos. Aos poucos foi-se verificando que deveria tratar-se de uma língua semítica. Todos os interessados ficaram perplexos e irritados à medida que os fundamentos desse sistema de escrita eram revelados. Apresentava-se tão confuso, até mesmo contraditório, que freqüentemente surgiam dúvidas sobre se pessoas sensatas poderiam ter criado uma tal escrita e dela se utilizado com êxito.

As dificuldades estavam no fato de que não havia apenas — como nos hieróglifos egípcios — sinais para palavras (*ideogramas*) ao lado de sinais fonéticos; pelo contrário, o mesmo caráter podia servir ora como ideograma, ora como sinal fonético (sempre para uma sílaba, nunca para um único fonema) ou ainda como determinativo. E ainda mais: revelou-se que um único e mesmo sinal silábico tinha várias interpretações. Um sinal simples como



poderia tanto ser lido como [ud] como [tam], [par] e [hiS]. Este fenômeno, que tanto Rawlinson quanto seu compatriota Hincks reconheceram, é denominado por um bonito termo tomado emprestado da música: "polifonia dos sinais da escrita cuneiforme".

Tributamos admiração ilimitada à perspicácia dos homens que finalmente esclareceram um sistema tão contraditório. Aliás, a princípio essas interpretações despertaram ceticismo por toda parte. Então a Royal Asiatic Society executou uma espécie de teste, que de acordo com o gosto atual talvez não fosse considerado totalmente correto. Em 1857 encontravam-se casualmente em Londres tanto Rawlinson quanto Hincks e outros dois peritos no assunto (Fox Talbot e Oppert). A sociedade científica enviou aos quatro uma prova textual em cuneiforme. Cada um deles tinha de traduzi-la para o

inglês e apresentar seu resultado em um envelope fechado, sem saber nada dos concorrentes. Quando as quatro soluções foram abertas em sessão pública e comparadas, verificou-se que concordavam em todos os pontos. Desse modo estabeleceu-se uma nova ciência, a assiriologia, atualmente um ramo valioso da filologia.

Sumério

Os três tipos da escrita cuneiforme — tanto escrita alfabética no persa antigo, como silábica no neo-elamita, como mista, fortemente ideográfica no assírio-babilônico — foram assim reconhecidos, aliás na seqüência inversa de seu surgimento histórico e utilização.

Assim ocorre que a língua mais antiga a desempenhar um papel em nosso contexto, o sumério, só foi reconhecida no final e de forma vagarosa e tateante. A descoberta de tabuletas bilíngües possibilitou o sucesso. Visto que os babilônios continuavam a utilizar em cultos o sumério, que havia muito (logo após Humurabi) tinha deixado de existir como língua viva, eles redigiam, para os que precisavam aprendê-la para aquele fim, alguns materiais auxiliares, entre os quais listas de palavras — sumério com tradução babilônica —, assim como textos religiosos na íntegra, como hinos, evocações, aos quais era dada uma tradução precisa (versão interlinear). Graças a isso, o sumério foi reconhecido como uma língua própria, não aparentada ao acádico.

Hitita

A já citada Boğazköy, situada cerca de 150 km a leste de Ancara, na Ásia Menor, revelou, por ocasião de sua escavação, o arquivo nacional dos reis hititas, milhares de tabuletas de barro, parte em língua babilônica, mas a maior parte em uma outra, provavelmente a língua dos hititas, que deveria então ser decodificada. Para a solução dessa tarefa contribui fortemente o tcheco Friedrich (Bedřich) Hrozný, professor universitário em Viena.

Embora não houvesse à disposição textos bilíngües de qualquer valor informativo, o projeto foi bem sucedido em poucos anos. Mostrou o surpreendente resultado que todos os textos hititas continham componentes de três línguas: primeiramente ideogramas, representando uma palavra toda e adotados do sumério, em segundo lugar palavras acádicas (assírio-babilônicas) ou também terminações de flexões, que poderiam estar ligadas a ideogramas sumérios, e, em terceiro, palavras hititas, para cuja reprodução os sinais de escrita cuneiforme eram usados exclusivamente como símbolos fonéticos. Quando descobriram isso, a interpretação se tornou mais fácil, se bem que limitada pelo fato de que se reconhecia nos ideogramas o que eles representavam, mas não se sabia como a palavra correspondente em hitita era pronunciada. No todo, o hitita demonstrou ser uma língua indo-européia. Fundamentando-se nisso, várias palavras puderam ser interpretadas pela semelhança fonética com outras de línguas aparentadas. Por exemplo, Hrozný defrontou-se com uma frase que escrita foneticamente soa: [nu ninda an e iz za at te ni wa a tar ma eku ut te ni]. Visto que [ninda], representada por um ideograma, significa inequivocamente "pão", ele deduziu que [-an] seria uma terminação de acusativo; a palavra seguinte, em alemão *essen*, latim *edere*, deveria significar "comer" e, mais precisamente, na 2ª pessoa do plural; [wa a tar ma] poderia então significar "água" (em alemão *Wasser*); e a frase toda: "Então comeis pão, mas água vós bebeis"*. Uma interpretação

* Confronte a frase em alemão: "*Nun esst ihr Brot, aber Wasser trinkt ihr*". (*N. da T.*)

desse tipo, baseada na etimologia e na analogia, pode facilmente conduzir a erros; neste caso ela demonstrou ser exata.

Mais línguas em escrita cuneiforme

De modo semelhante outras línguas foram reconhecidas e pesquisadas, cujos representantes tinham-se utilizado da escrita cuneiforme: assim o churrítico (apenas em princípio), o proto-artuano (outrora falado na atual Armênia, igualmente em princípios), o ugarítico, que aliás usa sinais semelhantes aos da escrita cuneiforme, no entanto como "alfabeto" próprio puramente consonântico, diferente do persa antigo. Prescindirei de informações mais precisas neste capítulo, visto que ainda pretendo falar de outros feitos de decodificação e interpretação.

Outros êxitos da pesquisa

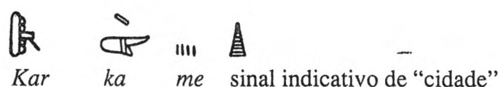
Outras realizações de decodificação só posso tratar resumidamente, como enumeração com curtos comentários, sem nenhuma pretensão de esgotar o tema. Para todos praticamente vale dizer que são o resultado do trabalho conjugado de vários peritos, que não raramente ocorreu de maneira paralela. E ainda mais: decodificar uma escrita, descobrir o segredo com garra, imaginação e perspicácia é uma coisa. O trabalho sistemático para a compreensão total do sistema da escrita e da língua que se oculta na escrita é uma outra coisa. Ela exige outras qualidades, como paciência, sistemática, além de muito conhecimento adquirido dos contextos históricos, culturais e lingüísticos. Ambas as aptidões são raras em uma mesma pessoa, o mais provável é que se excluam.

Hieróglifos hititas

Começo com uma tarefa estreitamente ligada ao hitita acima citado, escrito em cuneiforme. Na verdade, a decodificação da escrita cuneiforme havia ampliado de forma inaudita os conhecimentos históricos sobre o povo dos hititas e até mesmo fornecido as bases para estes conhecimentos; mas os hititas deixaram, em tempos relativamente mais recentes, por volta de 1000 a. C., documentos em uma outra língua totalmente diferente, que parece ser de caracteres hieroglíficos: inscrições e sinetes que preponderam nos arredores da cidade de Karkemisch, que ficava próxima à grande curva que o Eufrates descreve em seu curso superior, a nordeste da Síria. Os esforços em torno dessa escrita se estenderam de cerca de 1870 até 1950; oitenta anos portanto se passaram antes que se chegasse a uma certa conclusão.

Como decorre esta escrita? Pontos de referência resultam dos dois fatos: que o fim de uma linha às vezes não está preenchido totalmente, enquanto o início sempre o está; que vários textos iniciam com uma figura humana que aponta para si mesma, o que deveria significar "eu", ou "eu sou". Tanto nessa figura como em outros sinais reconhecíveis como figuras humanas ou de animais, a direção do olhar ou das mãos estendidas parecia — como nos hieróglifos egípcios — apontar sempre para o início da linha. A partir daí pôde-se deduzir que a escrita seguia "bustrofédon", em sulcos: sempre começando alternadamente à direta e à esquerda.

A escrita dispunha de um separador de palavras — aliás nem sempre utilizado. Freqüentemente era seguido de um sinal reconhecido (a princípio) como pictórico, ao qual seguia-se um sinal mais simples, mais abstrato; neste se supunha um elemento fonético, isto é, a representação de uma sílaba ou de uma letra. Foi possível encontrar nomes de soberanos e os nomes de grandes cidades, em especial o nome *Karkemisch.* Caso isto fosse exato, então haveria sinais silábicos e determinativos:



Apenas por volta de 1930 ocorreram avanços mais rápidos, favorecidos pelo fato de que novas escavações puseram à disposição sinetes que estavam compilados em escrita cuneiforme e em hieróglifos, e portanto podiam servir como pequenos bilíngües. De 1931 a 1942 surgiu a obra em três tomos *Hittite Hieroglyphs,* do americano I. J. Gelb, baseada, além dos próprios trabalhos, em trabalhos de colegas alemães (Bossert), italianos (Meriggi) e outros como Hrozný, que se dedicou a esta versão do hitita. Gelb esclareceu o significado de cerca de sessenta sinais, todos referindo-se a sílabas formadas de consoante + vogal.

Em 1947 foi encontrado um bilíngüe com os hieróglifos hititas ao lado de sinais alfabéticos fenícios. Com ele o esclarecimento conseguido até então pôde ser ao mesmo tempo confirmado e ampliado. A língua-base demonstrou ser aparentada com o hitita da escrita cuneiforme, mas não idêntica a ele.

Linear B

Aqui chegamos à façanha mais recente no âmbito da decodificação de escritas desconhecidas. Em Creta podem-se diferenciar três sistemas de escrita, todos pertencentes ao segundo milênio antes de Cristo: uma escrita ideográfica logo após 2000; uma escrita mais abstrata, denominada *Linear A*, por volta de 1500 a. C.; finalmente uma forma mais recente, denominada *Linear B*, que foi utilizada de 1400 até 1200 a. C. A última não ocorre apenas em Creta, mas também em Micenas e em outras partes da Grécia continental.

A decodificação da escrita Linear B é um trabalho das últimas décadas, a partir de 1950, quando o americano Bennett identificou os algarismos e os sinais para medidas, volumes e pesos; eles formavam um sistema impressionante. Alguns dos sinais da escrita são ideogramas com conteúdo reconhecível, como "homem", "mulher", "cavalo", "carro".

Coube finalmente ao então jovem arquiteto britânico Michael Ventris um avanço. Ventris pôde apoiar-se em trabalhos preparatórios, e quando ele abandonou sua opinião inicial, de que na decodificação poderia vir à tona uma língua semelhante à dos etruscos, a favor da convicção de que deveria tratar-se de uma forma bem antiga do grego, uniu-se a um compatriota, John Chadwick, um conhecedor eminente de dialetos gregos antigos. Juntos, editaram em 1956 — após publicações prévias em revistas — sua obra comum *Documents in Mycenean Greek.* Eles puderam mostrar que as inscrições (ao lado de nomes geográficos de Creta) consistiam em nomes de deuses gregos e palavras gregas — sem dúvida em uma forma a princípio supostamente exótica. Isto dependia em parte do fato de que a escrita — além de ideogramas — faz uso apenas de sinais silábicos, que significam respectivamente consoante + vogal: caso se quisesse escrever Cnossos, dever-se-ia colocar um após o outro os três sinais silábicos *Co+no+so.* Deste modo há um *o* a mais na forma escrita, enquanto falta a consoante final (s); de modo semelhante em *chrysos,* "ouro", como *cu+ru+so.*

Fora esta divergência, que provavelmente se refere ao fato de que essa

escrita não se coadunava de maneira perfeita com o grego (e tudo indica que não fora criada para isso), deve-se levar em consideração que estamos frente ao grego em uma forma que deve ser datada de 500 anos antes das epopéias de Homero. Depois que a descoberta de uma tabuleta, que tanto mostra em desenhos quanto descreve em palavras determinados vasos, confirmou as interpretações de Chadwick e Ventris, esta identificação da Linear B com o grego bastante arcaico foi aceita como válida pela maioria dos eruditos, mas não por todos.

Outros enigmas decifrados

Outros feitos de decodificação, porém não todos, vou citar apenas de passagem.

Na Ásia Menor, na costa sudoeste, havia na Antiguidade uma região denominada *Lícia*. Aí, por volta de 500 a. C., foi utilizada uma escrita que se observou em algumas centenas de inscrições, freqüentemente inscrições de lápides. Destas, várias foram registradas tanto em *lícico* como em grego. Isto propiciou a primeira chave para a interpretação. Hoje é considerado como certo que o lícico era uma língua indo-européia próxima ao hitita.

Um pouco mais adiante, ao norte, encontrava-se a região da *Lídia*, também com uma escrita própria. Esta também se conservou em uma quantidade limitada de inscrições de lápides e neste caso mais uma vez foram encontrados bilíngües, tanto com texto em *lídico* + grego, quanto em *lídico* + aramaico. A decodificação ainda não foi totalmente bem sucedida, e o caráter do lídico — se aparentado ao indo-europeu ou ao etrusco — ainda é incerto.

O último exemplo nos conduz a uma outra parte do mundo: em direção ao norte da África, na região em que hoje se encontram a Argélia e a Tunísia. Aí havia nos últimos séculos antes de Cristo, perto da dominante Cartago, o povo dos númidas, que em princípio formou um país próprio e depois caiu sob o domínio romano. Em cerca de mil documentos foi conservado um único de escrita númida formada de letras enfileiradas e mostrando apenas consoantes. Há algumas inscrições em lápides, curtas e pouco significativas, com texto paralelo em númida e latim. A partir de uma inscrição de um templo, que apresenta nominalmente todos os artesãos que participaram da construção, a maior parte dos sinais da escrita pôde ser interpretada. A língua númida é aparentada com as línguas berberes, que até os dias de hoje permanecem vivas ao lado do dominante árabe.

Enigmas não solucionados

Uma série de escritas resiste até hoje à perspicácia dos peritos, e, ou não foi decifrada de maneira total, ou o foi apenas parcialmente.

Outra vez Creta

Referi a interpretação da Linear B cretense como um dos feitos de destaque das últimas décadas. Em contraposição a este sucesso, encontra-se o fato de que as outras duas escritas cretenses não podem ser lidas até hoje. Uma delas é a escrita Linear A, na qual vários pesquisadores acreditam que não haja base de grego, mas sim de uma língua desconhecida, talvez da Ásia Menor. De qualquer modo, não foi possível ler a Linear A com as informações conseguidas com a Linear B. Também a interpretação da escrita ideográfica encontrada em Creta não está confirmada definitivamente. O documento mais famoso dessa escrita é o *Disco de Festo*, encontrado em 1908. É uma roda em forma de disco de terracota, com cerca de 20 cm de



O Disco de Festo, que se encontra no Museu de Heraklion, em Creta.

diâmetro, que contém uma inscrição em ambos os lados. Os sinais de escrita se encontram em seqüência em forma de espiral, no todo (os dois lados juntos) 241 sinais, separados em partes por traços divisores (frases?); como ideogramas podem ser reconhecidos: animais, pessoas, instrumentos, edifícios. Enquanto não houver mais documentos à disposição, não se sabe se os cerca de quatro dúzias de sinais diferentes existentes no disco representam o sistema completo dessa escrita. Em 1977, um estudioso polonês, B. Szalek, informou que havia decodificado o texto. Em 1986, E. Dogas, um pesquisador grego, a serviço em Bremen, apresentou a sua interpretação. Segundo Szalek trata-se do sacrifício de um touro; segundo Dogas trata-se de um hino da fertilidade em grego primitivo. Causou sensação em 1990 o comunicado feito pelo semitista norueguês Kjell Aartum, de que ele havia decifrado os sinais: são de origem semita.

Sinai

Em 1904, na península do Sinai, foram encontradas, nas minas abandonadas de exploração antiqüíssima, inscrições que os arqueólogos datam de 1500 a. C. Os sinais lembram um pouco os hieróglifos egípcios, no entanto aparentemente há apenas 32 sinais diferentes, o que exclui uma escrita ideográfica e indica uma escrita alfabética. Vários estudiosos vêem nesta escrita um elo de ligação entre os hieróglifos egípcios e a posterior escrita alfabética semítica (fenícia).

Cária

Cária é o nome de uma antiga região a sudoeste da Ásia Menor, mais ou menos em frente à ilha de Creta. Nesta região foram encontrados monumentos de uma escrita desconhecida; outros provêm do Egito, e se supõe que se originem de mercenários cários. Entre as numerosas escritas que a pá trouxe à luz exatamente na Ásia Menor, esta permanece até agora indecifrada, embora existam até mesmo bilíngües (bastante danificados) em *cário* + grego.

Etrúria

No capítulo sobre a língua latina voltarei a falar dos etruscos, que viveram na Itália e por muito tempo foram rivais da ascendente Roma. Diga-se aqui que o alfabeto do qual se utilizavam se origina do grego e assim não oferece nenhuma dificuldade especial; no entanto, a língua registrada no material disponível não nos permite lê-la a fundo, principalmente porque os testemunhos são em sua maioria inscrições de lápides, que na maior parte das vezes contêm apenas nomes, dados sobre a idade e indicações de parentesco, e deste modo são pouco produtivos em matéria de idioma.

Ilha de Páscoa

Envoltas em mistério não são apenas as imensas esculturas em pedra nesta linha no sul do Pacífico, mas também as placas de madeira (de até mais de 1,5 m de comprimento) aí encontradas que estão cobertas de sinais gráficos. Os nativos chamavam estas placas de *rongo-rongo*, e a escrita foi

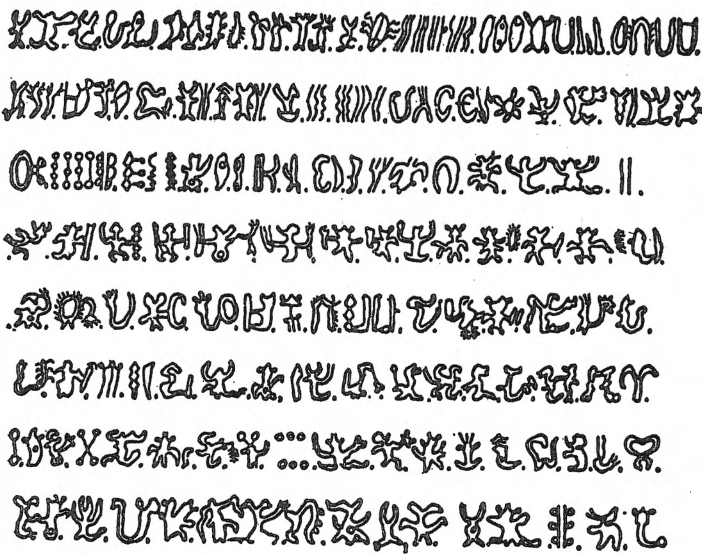
denominada da mesma maneira. Quando os europeus encontraram a ilha (1722) e no século XIX instituíram aí uma missão, nenhum dos habitantes (pouco numerosos) era capaz de ler a escrita. Ainda não está comprovado que se trate nesse caso de textos completos. Talvez sejam apenas sinais resumidos, que tenham servido de apoio à memória de cantores ou poetas.

Alfabeto etrusco: os primeiros oito símbolos

"Alfabeto modelo" protogrego	Período arcaico	Período tardio	Valor fonético
A	A	A	[a]
8	–	–	[b]
7	)	)	[k]
ɑ	–	–	[d]
∃	∃	∃	[e]
ꟻ	ꟻ	ꟻ	[v]
I	I	I	[z]
8	8	8	[h]

Os maias

A avançada civilização maia foi quase extinta pela conquista espanhola do México. Visto que o objetivo — ou pretexto — dos conquistadores era converter os habitantes dos países ultramarinos ao cristianismo, dava-se pouca importância a isso e até mesmo se destruíam propositalmente os tesouros culturais "pagãos", bem como os documentos encontrados. Assim sendo, um fanático bispo católico espanhol de Yucatán mandou queimar todos os documentos escritos em papel de agave que caíram em suas mãos.



A misteriosa escrita da ilha de Páscoa, chamada de "rongo-rongo" pelos aborígines.

Isto acontecia com tanta freqüência, que até hoje não foi possível interpretar a escrita dos maias. Os princípios de uma compreensão resultaram do fato de ter sido encontrada em uma biblioteca de Madri um texto do citado bispo, chamado Diego de Landa, no século XIX. Nele, o bispo fez algumas observações a respeito dos sinais que os maias usavam para indicação de calendário. Visto que tais sinais foram encontrados também como inscrições em ruínas que se conservaram, foi possível conseguir-se informações a respeito do calendário — astronomicamente bastante desenvolvido — desse povo, enquanto a interpretação da escrita não foi totalmente bem sucedida — e isto embora descendentes dos maias vivam até hoje na península de Yucatán e falem uma língua bem provavelmente derivada da língua de seus ancestrais. Há muita probabilidade de que se trate de uma escrita ideográfica.



Estela funerária com escrita ideográfica maia.

CAPÍTULO II

As línguas indo-européias

Contato, mas de difícil comparação

Que um povo, uma tribo conheça a língua de um grupo de pessoas de língua diferente da sua, relacione-se com ele à medida que alguns de ambas as comunidades lingüísticas aprendam as línguas estrangeiras e sirvam de intérpretes; que um povo com determinados instrumentos, armas, utensílios também adote as palavras correspondentes; que um povo seja vencido, sua terra, ocupada, e que ele adote a língua do conquistador; que línguas se misturem: tudo isto ocorre há tempos imemoráveis. É de supor-se igualmente que muitas pessoas tenham refletido a respeito de uma semelhança talvez observada – ou de uma total diferença – entre duas línguas diversas; é de supor-se, mas pouco sabemos, ao certo, entre outros motivos pelo fato de que os gregos – que produziram filólogos, especialmente em sua época mais tardia – viam apenas sua língua como digna de estudos mais aprofundados e encaravam os povos de outras falas com desprezo, chamando-os de "bárbaros" por causa dos sons incompreensíveis que os estrangeiros produziam. Também os indianos, que em tempos remotos criaram uma avançada gramática do sânscrito, dificilmente comparavam sua língua com outras.

Gregos

Romanos

Expedições conquistadoras como as dos romanos propiciaram contatos entre inúmeros povos. O historiador Plínio (79 d.C.) relata da seguinte forma uma expedição das legiões romanas ao Cáucaso (que ainda hoje representa uma das regiões do mundo com maior variedade de idiomas e é uma das mais interessantes lingüisticamente): "Nós resolvemos nossos assuntos lá com a ajuda de cento e trinta intérpretes".

Alexandre

Também as conquistas de Alexandre, o Grande, realizaram muitos novos contatos desse tipo. Por fim, os romanos aprenderam a língua grega intensivamente e até mesmo a aceitaram por longo tempo como uma língua de formação e cultura literária superiores. Gregos e romanos haviam provavelmente percebido que suas línguas apresentavam semelhanças sob vários aspectos. Quando, no fim da Idade Média, com o ressurgimento do Humanismo, se volta a estudar com maior intensidade não apenas o grego e o latim, mas também o hebraico, chamou atenção o fato de que essa língua é diametralmente diferente tanto do grego quanto do latim – do mesmo modo que, sob outro prisma, o húngaro, que se tornou conhecido no Ocidente desde que os magiares se estabeleceram na planície panônica. Mesmo assim, apenas raramente ocorreram tentativas sérias de comparação metódica entre línguas diferentes.

A época das descobertas e a colonização, que a sucedeu, de grandes partes da Terra pelos europeus, nas duas Américas, na África e na Ásia, levaram à ampliação nova e inaudita do círculo das línguas estrangeiras para os europeus. No Novo Mundo travou-se contato com inúmeras línguas indígenas. A fagulha que provocou o renascimento do tema "comparação lingüística, parentesco lingüístico" veio, porém, da Índia.

Sânscrito Quando, no decorrer de um século, os ingleses ampliaram seu domínio por todo o subcontinente indiano (1757, vitória de Lorde Clive sobre os franceses; 1857, ocupação pela coroa britânica da região sob domínio da East India Company), eles conheceram, ao lado das inúmeras línguas e dialetos falados concomitantemente naquele imenso país, a língua denominada *sânscrito*. Naquela época, já de há muito o sânscrito não era falado pela população; era uma língua morta, no entanto muito considerada como língua da religião, da sabedoria, da poesia — de modo bastante semelhante ao que ocorreu com o latim na Idade Média européia. E a semelhança prossegue: assim como o latim entre nós, o sânscrito era a língua jurídica; importantes códigos de leis da Índia foram escritos nessa língua.

William Jones Já que os ingleses na Índia pautavam a sua legislação nas leis locais, os funcionários britânicos se viam obrigados a familiarizar-se com aqueles códigos e também com a língua na qual eram escritos. Em 1786, William Jones, juiz titular do Forte William, próximo a Calcutá, proferiu uma conferência para uma sociedade científica britânica, cujo texto foi depois reproduzido na revista *Asiatic Researches*. Passo a citar, na língua inglesa, o parágrafo em que Jones resume os resultados de seus estudos do sânscrito, por causa do seu significado vital para a história e, por que não dizer, para o surgimento da filologia:

O ponto central da conferência de Jones *"The Sanscrit language, whatever may be its antiquity, is of a wonderful structure; more perfect than the Greek, more copious than the Latin, and more exquisitely refined than either; yet bearing to both of them a stronger affinity, both in the roots of verbs and in the forms of grammar, than could have been produced by accident; so strong that no philologer could examine all the three without believing them to have sprung from a common source which, perhaps, no longer exists. There is a similar reason, though not quite so forcible, for supposing that both the Gothic and Celtic, though blended with a different idiom, had the same origin with the Sanscrit. The old Persian may be added to the same family"*.

Estas palavras deveriam causar sensação quando chegassem ao conhecimento do mundo científico. Mas isto ainda demorou um pouco.

Para que se faça justiça, é necessário dizer que a semelhança do sânscrito com as línguas européias, em especial o grego e o latim, já havia sido observada por outras pessoas, desde que alguns europeus começaram a estudar essa língua; mas ninguém havia percebido tão claramente as relações entre elas e nem falado tão decisiva e convincentemente quanto Jones (que não era apenas jurista, mas também orientalista). É portanto com justiça que ele é chamado de fundador da *filologia histórica indo-européia*.

Antes de esclarecer este conceito, seria bom traduzir o texto de Jones: "A língua sânscrita, seja qual for sua antiguidade, possui uma estrutura admirável; mais perfeita que a grega, mais rica que a latina, e superior a ambas em seu refinamento; entretanto, mantém com ambas uma grande afinidade, tanto nas raízes dos verbos quanto nas formas gramaticais, maior do que poderia produzir-se por um mero acaso, tão grande que nenhum filólogo poderia estudá-las sem acreditar que as três tenham advindo de uma fonte comum que, talvez, não mais exista. Há uma razão similar, embora não tão convincente, para se supor que tanto o gótico quanto o céltico, embora mis-

cigenados a um idioma diferente, tenham tido a mesma origem que o sânscrito. Pode-se acrescentar à mesma família o antigo persa".

Duas observações:

1. "Gótico" refere-se aqui às línguas germânicas, das quais é o representante conhecido mais antigo.

2. Semelhanças entre as línguas germânicas (em especial o alemão) de um lado, e o persa de outro, já haviam sido observadas anteriormente várias vezes.

"Indo-germânico"

Com Jones e com o trabalho daqueles que aceitaram sua tese e sistematicamente a levaram adiante, descortinou-se um imenso horizonte, um olhar a distâncias remotas. Por um lado, isto vale como referência à dimensão temporal: se as línguas dos dois expoentes máximos da civilização da Antiguidade clássica tinham uma raiz comum com o sânscrito, então deveria ter havido uma estreita conexão entre estas comunidades lingüísticas já um ou dois milênios antes do aparecimento histórico dos gregos! E espacialmente falando: tornou-se gradativamente claro que deveria existir um grupo de línguas cognatas ocupando um território gigantesco: da parte oriental (bengali) da Índia até a Islândia, no extremo noroeste. Por causa dessa abrangência leste-oeste, o alemão Julius Klaproth, em 1823, em um livro denominado *Asia Polyglotta*, utilizou o termo "indo-germânico", que faz referência a essa "família lingüística" (o termo *family* já fora utilizado por Jones) que abrange do índico, a leste, ao germânico, a oeste.

"Indo-europeu"

Em português e em outras línguas como, por exemplo, em inglês, onde se diz *Indo-European languages,* dá-se preferência à denominação "indo-europeu". Em inglês empregou-se, por vezes, a expressão *Aryans* (arianos) para os povos que falavam essas línguas — uma solução infeliz, pois apenas os indianos e os iranianos (portanto apenas a parte oriental do grupo todo) se denominavam "arianos"; além do mais, línguas não deveriam ser comparadas com povos, e muito menos com raças, como ocorreu na legislação racial de Hitler ("não-ariano" = judeu).

Da coletânea de Pais-Nossos até a gramática comparada

Passaram-se quase duas décadas da conferência sensacional de Jones (proferida em 1786, publicada apenas em 1788) até o próximo passo importante para o desvelar da família lingüística indo-européia e suas ramificações, durante as quais conviveram o velho e o novo, isto é, teorias velhas ao lado de teorias avançadas.

O velho: a época do Iluminismo (em cujo epicentro nos encontramos: em 1780 foi concluída a *Grande Encyclopédie;* em 1781, publicou-se a *Crítica da Razão Pura*, de Kant) tinha especial predileção por obras enciclopédicas, pela compilação de catálogos. Um jesuíta espanhol, Lorenzo Hervas, publicou entre 1800 e 1805 uma obra desse tipo em seis volumes, de interesse predominantemente etnológico. Na Alemanha destaca-se Johann Christoph Adelung, com sua obra *Mithridates oder Allgemeine Sprachenkunde mit dem Vaterunser als Sprachprobe in beinahe fünfhundert Sprachen und Mundarten (Mitridates ou Filologia Geral das Línguas com o Pai-Nosso como Termo de Comparação Lingüística entre Aproximadamente Quinhentas Línguas e Dialetos).* Em 1806, ano da morte de Adelung, surgiu o primeiro volume, e os seguintes foram publicados após sua morte. Divididos

de acordo com os continentes, os volumes são um testemunho respeitável de metódica erudita (Adelung era bibliotecário), mas encarados simplesmente como "museu lingüístico", de pouca utilidade para o progresso do conhecimento, assim como um herbário para a teoria da evolução — principalmente porque a atenção era dirigida às palavras, do modo em que apareciam, e não aos graus de desenvolvimento lingüístico anteriores.

Friedrich Schlegel

O novo: é importante o fato de que começou na Europa o interesse pelo sânscrito; entre 1806 e 1810 surgiram várias gramáticas do sânscrito para europeus. Apontando para o futuro, destaca-se principalmente a ação de Friedrich von Schlegel, um dos mentores espirituais do movimento romântico, irmão do tradutor de Shakespeare, August Wilhelm von Schlegel, com seu estudo programático, publicado em 1808, *Über die Sprache und Weisheit der Inder (Sobre a Língua e Sabedoria dos Indianos)*: não o trabalho de um filólogo meticuloso, mas sim uma grande jogada de um literato versátil, genial, irrequieto. Caso queiramos falar de semelhança ou parentesco entre línguas — afirma Schlegel logo no início de seu estudo —, não deveríamos simplesmente comparar palavras ou suas raízes; o que importa é a "estrutura mais profunda e a gramática". Como visto acima, ele introduz as expressões "gramática comparada", "estrutura mais profunda" e assim dá as palavras de ordem para as décadas seguintes; do mesmo modo, quando ele diz que a língua deve ser encarada "cientificamente, isto é, de acordo com uma perspectiva puramente histórica", ele dá a orientação histórica à filologia, que lhe será própria até o século XX. Por fim, Schlegel impõe regras bastante rigorosas no que se refere à comparação de duas línguas; qualquer exceção deve ser explicada!

Franz Bopp

Em 1814, enquanto os exércitos europeus aliados marchavam contra Paris para pôr fim ao reinado do "usurpador" Napoleão, o jovem alemão de 23 anos, Franz Bopp, da Mogúncia, passava seus dias na Biblioteca Nacional de Paris, envolvido com a leitura dos preciosos manuscritos em sânscrito que aí se encontravam, principalmente os poemas épicos *Mahabharata* e *Ramayana*. Havia dois anos que se dedicava àquele estudo, desde que seu professor, Windischmann, da Universidade de Aschaffenburg (que existiu apenas durante seis anos, de 1808 a 1814), impressionado com os estudos de Schlegel, acima citados, o enviara a Paris. Aí havia, é verdade, manuscritos, mas nenhum professor que pudesse ensinar sânscrito. Os ingleses ricos tomavam a seu serviço um indiano, quando queriam aprender sânscrito. Um desses ingleses que havia ido para Paris em 1803 foi professor também de Schlegel.

Bopp, porém, preferia depender de si mesmo, e assim dedicou-se ao estudo daqueles textos estranhos, escritos em uma língua estranha (devanagari), que não apresentava qualquer espaço entre as palavras. Ao mesmo tempo aprendeu o persa. Tais estudos lhe permitiram publicar, em 1846, seu primeiro ensaio: *Über das Conjugationssystem der Sanskritsprache in Vergleichung mit jenem der griechischen, lateinischen, persischen und germanischen Sprache (A Respeito do Sistema de Conjugações da Língua Sânscrita em Comparação com Aquele das Línguas Grega, Latina, Persa e Germânica)*. Bopp chama a atenção para o fato de que a conjugação do verbo segue o mesmo modelo em todas as línguas em questão.

Quero dar uma idéia aproximada do complicado conteúdo daquele ensaio, utilizando um exemplo simplificado. Os verbos do sânscrito — isto já havia sido descoberto pelos gramáticos da antiga Índia — compõem-se de um núcleo fundamental, que os indianos chamam de *dhatu* e os europeus traduzem como "raiz" — um conceito comum da gramática hebraica —, ao qual se juntam sílabas derivativas de dois tipos. As primeiras se juntam à raiz para formar um radical; as segundas servem para dar ao radical uma determinada forma.

Os verbos em sânscrito

Vejamos um exemplo prático: a raiz sânscrita *bhar* é núcleo fundamental das palavras que se referem ao conceito "trazer". Acrescentando-se um *-a* a esta raiz temos o radical do presente: *bhara* (esta é uma das formas mais freqüentes, mas há várias outras). Acrescendo-se *-mas* a este radical do tempo presente surge a primeira pessoa do plural: *bharamas*, "nós trazemos". Agora, a surpresa: em grego antigo (neste caso, em dialeto dórico) há a raiz *pher* com o mesmo significado; acrescentando-se a vogal *-o* formadora do radical e a terminação *-men* surge *pheromen*, "nós trazemos". Em latim corresponde à forma *ferimus*, em gótico *baíram*.

Riqueza de formas do sânscrito

A simplicidade deste exemplo não deve causar uma falsa impressão a respeito da complexidade de tal empresa. Não é em vão que o sânscrito é considerado a língua com a maior riqueza de formas; os substantivos, por exemplo, possuem três números (singular, plural, dual) e oito casos: nominativo, acusativo, instrumental (com quê?), dativo, ablativo (caso da origem e também da maneira e modo), genitivo, locativo (onde?) e vocativo. E, no que se refere aos verbos, o sistema de conjugação é tão complicado que alguém que o domina pode considerá-lo rico, diferenciado, elástico, pródigo em nuanças, enquanto alguém que precise aprendê-lo vai inicialmente amaldiçoá-lo. Os tempos (presente, aoristo, perfeito) a princípio não expressam relações temporais, mas sim aspectos das ações, e para os tipos e modos da ação (como, por exemplo, se possível, real, intencional, imperativa, proibitiva) há inúmeros *modos* (em alemão há apenas o indicativo e o conjuntivo).

De qualquer maneira, Bopp utilizou-se pela primeira vez do sistema de comparação lingüística de um modo extremamente científico (como já o fizera vinte anos antes o húngaro Sámuel Gyarmathi), e assim desenvolveu um método de possível utilização também para outras línguas e que mais tarde possibilitou a comprovação da pertinência de outras línguas ao ramo das línguas indo-européias. Bopp não levou muito em consideração o fato de que as formas acima citadas seguem um princípio homogêneo, mas na verdade são diferentes entre si foneticamente; o trabalho de seus sucessores concentrou-se fortemente nesse problema da "modificação fonética".

É preciso também ter sempre em mente que aquele que se defronta pela primeira vez com as semelhanças realmente marcantes no vocabulário básico de línguas afins, o que nos demonstram as listas que se seguem, não pode deixar de ter a impressão de que não é possível que se trate de mero acaso, deve haver uma relação de "parentesco", de derivação. Conseqüentemente, o problema do por que os membros de tal "equivalência lexical" não são perfeitamente iguais lhe parecerá secundário, sendo visto como *cura posterior* (latim: a ser tratado posteriormente). E foi assim que se sucederam os fatos.

A palavra para "mãe" soa nas várias línguas*:

A palavra para "mãe"

indiano antigo	*mata*	búlgaro antigo	*mati*, gen.
persa antigo	*matar*		*matere*
irlandês antigo	*mathir*	inglês antigo	*modor*
letão	*māte*	inglês	*mother*
grego antigo	[mẹtɛ:r]	francês	*mère*
grego antigo (dórico)	[matẹr]	alto-alemão antigo	*muoter*
latim	*mater*	alemão moderno	*Mutter*

O supracitado verbo *bharani* (sânscrito para "trazer") se conserva no alto-alemão antigo na forma *beran* (atualmente suplantada pela forma *tragen*), a qual se conserva no inglês *to bear* e no alemão moderno *gebären* (= "parir"). Eis a conjugação do presente do indicativo em algumas línguas da família lingüística indo-européia:

O verbo "trazer"

Português	Sânscrito	Grego (dórico)	Latim	Eslavo antigo	Alto-alemão antigo (inf.: *beran*)	Alemão moderno
eu trago	*bharami*	*phero*	*fero*	*bera*	*biru*	*trage*
tu trazes	*bharasi*	*phereis*	*fers*	*beresi*	*biris*	*trägst*
ele traz	*bharati*	*pherei*	*fert*	*beretu*	*birit*	*trägt*
nós trazemos	*bharamas*	*pheromen*	*ferimus*	*beremu*	*berames*	*tragen*
vós trazeis	*bharata*	*pherete*	*fertis*	*berete*	*beret*	*tragt*
eles trazem	*bharanti*	*pherousi*	*ferunt*	*beratu*	*berant*	*tragen*

A primeira coisa que nos chama a atenção é a semelhança do esquema de conjugação; em seguida surge a pergunta: por que em latim há um [f] no início, e em alemão um [b]? Exemplos análogos: o latim *frater*, e o alemão *Bruder* confirmam não poder tratar-se de um mero acaso. Haveria no caso uma regularidade, talvez mesmo uma "lei"?

Rasmus Rask

Na história da ciência, não é raro que uma descoberta, que na corrente das descobertas se encontra, por assim dizer, "pendente", venha a ser feita quase contemporaneamente em lugares diversos e de modo independente por diversos estudiosos. Basta pensar na descoberta do cálculo infinitesimal (Leibniz e Newton) ou no desenvolvimento da geometria não-euclidiana (Gauss, Bolyai, Riemann, Lobatschewski). É portanto mais um puro acaso que um jovem dinamarquês, Rasmus Rask, vencedor em 1814 de um prêmio da Real Academia de Ciências dinamarquesa, só pudesse publicar seu

* Transcrições em alfabeto fonético (vide Apêndice I, final do livro) encontram-se sempre entre colchetes; a reprodução de palavras das línguas nas quais não se emprega o alfabeto latino ocorre em caracteres do latim cursivo. (N. da T.)

estudo em 1818 e por este motivo esteja classificado após Bopp (de qualquer modo após a primeira obra dele) na série das descobertas.

O estudo se intitula *"Undersøgelse om det gamle Nordiske eller Islandske Sprogs Oprindelse" ("Pesquisa a Respeito da Origem da Língua Nórdica Antiga ou Islandesa").* Já como estudante Rask havia aprendido o nórdico antigo (outrora falado na Noruega e na Islândia). Ele o comparou com várias outras línguas, entre elas algumas com parentesco, como o gótico, o alemão, o inglês antigo, com as línguas eslavas, e também com línguas distantes daquelas, como o groenlandês (esquimó), o finlandês, o basco, assim como o címbrico, falado no País de Gales. A averiguação da "distância" entre essas línguas e o nórdico antigo, isto é, o não-parentesco entre elas, foi exatamente um dos resultados de sua pesquisa. Em contraposição, ele verificou que o lituano apresentava traços de parentesco com o nórdico.

Para suas comparações — que excedem trezentas — Rask escolheu palavras do vocabulário lexical básico, como as definições para parentes próximos, partes do corpo e também numerais, pois é bastante improvável que elas passem de uma língua para outra como empréstimos.

Rask chegou pelo menos a delinear vestígios de uma certa regularidade da mutação fonética, quando, por exemplo, reconheceu que o grego tem freqüentemente na sílaba inicial um [h] aspirado, onde outras línguas têm um [s]: latim *septem*, "sete", grego *hepta*.

Chama a atenção o fato de que, embora tenha observado relações de parentesco entre determinadas línguas, Rask não chegou a ter uma visão geral da família indo-européia como um todo.

Jacob Grimm e novamente Bopp

O próximo pesquisador a merecer um lugar nesta galeria de honra dos descobridores é o alemão Jacob Grimm, compilador, juntamente com seu irmão Wilhelm, da universalmente famosa antologia de contos populares. Já que sua obra, no entanto, é principalmente dedicada à língua alemã, preferi voltar a ela em momento mais oportuno, para não fugir ao contexto.

Franz Bopp, por mais de quarenta anos professor titular da cadeira de Literatura Oriental e Lingüística Geral, em Berlim, criou os fundamentos para a filologia comparada com os três volumes, publicados entre 1833 e 1852, de sua obra principal, *Vergleichende Grammatik des Sanskrit, Zend, Armenischen, Griechischen, Lateinischen, Litauischen, Altslawischen, Gotischen und Deutschen (Gramática Comparada das Línguas Sânscrita, Zend, Armênia, Grega, Latina, Lituana, Eslava Antiga, Gótica e Alemã)*, e, como já se vê pelo título, incluiu várias línguas a mais na pesquisa. As línguas celtas, não mencionadas no título, ele já demonstrara serem aparentadas ao indo-europeu em 1839.

CAPÍTULO III

Ramos do indo-europeu

Panorama geral

Abandonemos aqui a história da pesquisa filológica, para perguntar: quais línguas pertencem — segundo os conhecimentos atuais — ao ramo lingüístico indo-europeu, e de que posição desfrutam individualmente? Em primeiro lugar tratarei de dar uma visão geral e depois me ocuparei de cada um dos membros da família — parte neste capítulo, mas reservando um capítulo especial para cada uma das línguas mais importantes (grego, latim e suas línguas derivadas, e também as línguas germânicas).

Seja qual for a obra de consulta ou manual pesquisados, cada um deles responderá de maneira diversa à questão a respeito das dimensões e da articulação da família lingüística indo-européia. Isto pode decorrer do fato de que até uma época mais recente novos estudos acrescentam à família novas línguas, mas sobretudo é devido a que alguns pesquisadores reúnem grupos de que tratarei separadamente. Esses grupos variam entre nove e quinze, conforme o entendimento.

Os treze membros da família

Comecemos pela enumeração pura e simples: 1. línguas *índicas* (indo-arianas); 2. línguas *irânicas*; 3. línguas *bálticas*; 4. línguas *eslavas*; 5. línguas *celtas*; 6. *grego*; 7. línguas *itálicas*; 8. *albanês*; 9. *armênio*; 10. *tocário*; 11. línguas *anatólicas*; 12. línguas *germânicas*; 13. línguas isoladas, que não podem ser associadas diretamente a nenhum desses ramos, mas que provavelmente pertencem ao indo-europeu. 1. e 2. são por vezes agrupados em uma única denominação, indo-irânico; assim como 3. e 4., balto-eslavo.

Chamo a atenção para o fato de que os ramos por mim citados algumas vezes consistem em várias línguas, e algumas, como no caso do grego, de uma língua; embora desde a antiguidade histórica até hoje dividido em dialetos, o grego foi sempre uma língua única.

A respeito da terminologia, as línguas indo-européias em conjunto formam uma *família* lingüística (diz-se também *tronco* lingüístico). As subdivisões são chamadas de *ramos*. Fala-se também de *grupos* lingüísticos, mas este termo não é inequívoco. Ele também é utilizado com referência ao conjunto das línguas faladas em uma determinada região. Pode-se, por exemplo, falar do "grupo das línguas indígenas da América do Sul" ou do "grupo das línguas da Ásia oriental" e com isto fazer referência apenas à unidade geográfica, e não ao parentesco lingüístico.

Línguas índicas
Índico antigo: sânscrito e védico

Já falamos do sânscrito no capítulo anterior. Nos trechos mais antigos das escritas sagradas da antiga Índia, chamadas de *vedas* em seu conjunto (*veda* significa conhecimento, sabedoria, e é também a raiz da palavra alemã *wissen*), foi encontrada uma forma de língua ainda mais antiga denominada *védica*. Ela e o sânscrito juntos recebem a denominação de *índico*

antigo. Ambas as línguas são bem próximas em parentesco; aliás, a semelhança e o grau de parentesco em todos os ramos do tronco parecem se tornar cada vez mais próximos, à medida que nos aprofundamos no passado – o que depõe a favor de uma origem comum.

Gramática de Panini

É bem provável que o sânscrito já não fosse língua falada quando, por volta de 500 a. C., Panini compôs sua famosa gramática. Ele expôs minuciosamente o sistema gramatical dessa língua em 4.000 regras; peritos afirmam que nenhuma outra língua do mundo possui uma gramática tão completa, nem mesmo as línguas internacionais de nossos dias. Apenas por volta de 1800, portanto 2.300 anos depois de ter sido escrita (é provável que Panini tenha compilado o trabalho de gerações inteiras de gramáticos), essa obra-prima tornou-se conhecida e admirada na Europa. Era preciso reconhecer que se tratava de uma obra mais completa do que tudo o que o Ocidente havia produzido desde a época em que os estudiosos gregos haviam estudado sua própria língua e suas antecessoras.

Em determinada proporção, o sânscrito permanece vivo até hoje como língua escrita, tanto que mesmo após a Segunda Guerra foram impressos na Índia livros nessa língua (assim como na Europa aparecem de vez em quando livros em latim). Nele, as características do proto-indo-europeu (as conhecidas, é claro) não aparecem visíveis em seu estado puro, mas sim mescladas a outras línguas e sofrendo sua influência. Alguns pesquisadores acreditam até mesmo que o sistema incrivelmente rico, característico dessa língua não represente seu estágio mais antigo, mas, antes, que as inúmeras terminações de declinação e conjugação do sânscrito se originaram de palavras autônomas, que no seu estágio mais antigo teriam sido introduzidas entre outras palavras, como termos funcionais. Gradativamente, teriam depois perdido a sua autonomia, tornando-se desinências e fundindo-se com os radicais das palavras. O estágio primitivo e nebuloso do sânscrito teria sido semelhante ao de uma língua "isolante", comparável ao chinês histórico ou ao vietnamita de hoje? (Conceitos como "língua isolante" são examinados mais detalhadamente no capítulo XII.)

Médio-índico

A língua falada até cerca de 500 d.C. é chamada de *médio-índico*; até 1200 segue-se o *médio-índico tardio*. A partir dessa data já se delineia uma divisão em línguas claramente diversas, entre as quais cumpre destacar o *pali*, a língua de Buda, e uma significativa literatura budista.

Línguas neo-índicas

Entre as línguas da Índia atual, as duas mais importantes, o *hindi* e o *bengali*, manifestam-se a partir do século X.

Hindi

O hindi é falado por mais de 250 milhões de pessoas. Após a conquista da independência, sob a liderança de Gandhi, foi declarado língua oficial da União Indiana; entretanto, até hoje não foi capaz de suplantar o inglês como principal veículo de comunicação.

Urdu

O hindi e o *urdu* (cerca de 50 milhões de falantes) costumavam ser abordados em conjunto sob a denominação de *hindustani*, com certa razão, já que ambas representam fundamentalmente a mesma língua. Mas são grafadas em escritas diversas: o hindi (que textualmente significa "índico", em persa), na escrita *devanagari*, na qual já eram escritos os mais antigos manuscritos em sânscrito; o *urdu* (a palavra vem do turco *ordu*, "acampamento do exército"), por sua vez, utiliza-se do alfabeto arábico, acrescido de alguns sinais diacríticos (comparáveis, em parte, aos

क्योंकि ईश्वरने जगतको ऐसा प्रेम रक्खा कि उसने
अपना एकलौता पुत्र दिया कि जो कोई उसपर विश्वास
करे सो नाश न होय परन्तु अनन्त जीवन पावे।

A escrita devanagari, que permaneceu em uso desde o período do antigo sânscrito, até o hindi moderno.

acentos do francês). Seria natural comparar esta relação com aquela entre o sérvio e o croata: servo-croata é *uma* língua, mas os sérvios ortodoxos a escrevem com caracteres cirílicos, e a maioria católica croata, com caracteres latinos. Na verdade, também existe uma causa religiosa na divisão hindi-urdu. O hindi é a uma língua dos hindus; o urdu cresceu em solo islâmico, sob o domínio dos Grão-Mogóis islâmicos.

Bengali e outras línguas índicas

Na Índia de hoje são falados ainda, entre outros, o *bengali* (180 milhões de falantes), o *marata* (60 milhões), o *panjabi*, o *gujarati*, o *biari*; soma-se ainda o singalês, do Sri Lanka (Ceilão). Todas as línguas citadas pertencem ao tronco indo-europeu, que compreende ainda a língua dos ciganos, dividida em vários dialetos e falada desde a Índia até a Europa.

As línguas acima citadas são apenas as mais importantes das neo-índicas, cujos falantes superam a casa dos milhões. Para dar uma idéia das línguas faladas efetivamente, que, mesmo para os especialistas, são de uma multiplicidade incrível, limitar-me-ei a citar os seguintes dados: no censo feito na Índia em 1961, existiam, no total, 547 línguas dessa família, que vão desde a língua de uma pequena província até as línguas oficiais dos Estados membros da União, utilizadas nas universidades.

No sul da Índia predominam línguas não-indo-européias. E no Sri Lanka existe uma oposição, por vezes violenta, entre singaleses e tâmeis, cuja língua, o *tâmil*, não é indo-européia.

Devanagari

O *devanagari* é uma escrita alfabética que corre da esquerda para a direita, na qual são escritos o sânscrito, o hindi, o marata e também o *nepali* às vezes chamado de *gurca*, assim como algumas línguas não-indo-européias. Vários outros alfabetos índicos se assemelham a ele. Não é fácil para um europeu aprender essa escrita, que possui a característica de não escrever a vogal mais freqüente, o *a* (pronuncia-se [ᴀ]), incluída em cada consoante que a preceda (caso, excepcionalmente, não siga a consoante, isto é indicado por um sinal especial). Tão difícil de ser aprendido quanto a escrita é o hindi dos dias atuais; em sua estrutura, ele se afasta bastante do tipo das línguas indo-européias (como, embora em outra direção, o inglês).

Línguas irânicas

Este ramo pode ser associado ao indo-ariano, sem dúvida alguma (no inglês, *indo-ariano* é a definição corrente dada às línguas indo-européias da Índia), não apenas porque se encontra próximo espacialmente, mas também porque é parente chegado dele (de tal modo que freqüentemente surge o termo "indo-irânico" como classificação abrangente de ambos os ramos) e, por fim, porque o ramo irânico é comparável ao índico pela respeitável antiguidade dos primeiros testemunhos escritos.

Irânico antigo

Do período mais antigo, duas línguas foram conservadas em documentos: de um lado, o *avesta*, também chamado de *avéstico*, outrora denominado também *báctrico antigo*; nesta língua foi escrito o *Avesta*, o livro sagrado da comunidade religiosa reunida em torno do profeta Zaratustra, de cuja vida

se conhece pouco, e de cuja época não se conhece nada de certo. A seita, ainda hoje existente, dos parses baseia-se nele. Foi conservada cerca de uma quarta parte do *Avesta* original. *Zend Avesta* é o nome de uma versão mais recente dessa escrita, acompanhada de comentários (*Zend*, persa, comentário). As primeiras notícias a respeito do *Avesta* foram levadas antes de 1780 para a Europa, por um aventureiro francês chamado Abraham Hyacynthe Anquetil-Duperron, um dos primeiros também a pesquisar os *Vedas* do Índico antigo e dos *Upanixades*, que se lhes seguiram. Por volta de 1820, havia na Europa os textos, que foram estudados cientificamente a partir de 1840. A língua desses textos fora outrora denominada também *zend* (como, por exemplo, por Rask).

Do período da dinastia persa antiga dos Aquemênidas, que começa por volta de 520 a. C. com Dario, o Grande, conservou-se uma segunda língua persa antiga, no entanto em uma forma externa totalmente diferente, isto é, através de inscrições cuneiformes gravadas nas rochas, principalmente nas proximidades da atual cidade de Kermanchah. A decodificação de tais inscrições e o reconhecimento daquela língua como a forma mais antiga do persa atual foram importantes conquistas científicas e uma verdadeira aventura (vide capítulo I). O *avéstico* é considerado, das duas línguas, a mais antiga; ambas as formas se encontram bastante próximas do índico antigo.

A língua dos semilendários citas da Antiguidade era provavelmente aparentada com o persa antigo.

Após o período denominado médio-irânico, que durou cerca de um milênio (do século I a. C., até aproximadamente 900 d. C.), formou-se, a partir de 1000 d. C., o irânico moderno, cujas línguas se dividem atualmente em um grupo ocidental e um oriental.

Persa moderno

Ao grupo ocidental pertence principalmente o persa moderno em sentido restrito, também chamado de *farsi*, a língua oficial do atual Irã; há, ainda, o *tadjique* (escrito em alfabeto cirílico, utilizado principalmente no Tadjiquistão e no Uzbequistão), o *beluco* e o *curdo*.

Ao grupo oriental pertencem o *afegane* (freqüentemente chamado *paschto*, escreve-se também *puschtu*, a partir da forma inglesa *pushtu* ou *pashto*) e dialetos falados no Pamir e na Ossétia (Cáucaso). No Afeganistão, o persa, chamado localmente de *dari*, é a língua oficial, largamente falada, ao lado do *paschto*; além dessas duas, são faladas cerca de vinte outras línguas — sendo esse um dos fatores que impediram e continuam impedindo a unificação da população.

Persa como língua mista

O persa atual é escrito com o alfabeto arábico, acrescido para isso de quatro caracteres (para [p], [g], [tʃ], [ʒ]). Este é apenas um sinal exterior da influência árabe sofrida pelos persas durante séculos (a partir do século VII); no entanto, os vestígios dessa influência se fazem sentir com mais intensidade no vocabulário, que adotou inúmeras palavras do árabe – e não apenas adotou, como as transmitiu para outras línguas; visto que o persa é considerado a língua culta do Islã em grande parte da Ásia, através dele palavras árabes se transmitiram ao turco, ao hindi e ao urdu, assim como às línguas européias.

Apesar de tais influências estrangeiras, o vocabulário básico do persa atual ainda mostra muito do que se encontra em outras línguas indo-européias: *pedar* (*Vater*, *father*), *madar* (*Mutter*, *mother*), *berādar* (*Bruder*,

brother), e também o nome dos números. Em contraposição, em sua estrutura o persa se afastou bastante das formas básicas do antigo indo-europeu, ainda mais radicalmente, em vários aspectos, do que o moderno inglês, pois este ainda distingue os gêneros dos pronomes pessoais (*he, she, it*), enquanto os substantivos são todos neutros (com exceção principalmente de seres vivos e navios), enquanto o persa renunciou totalmente ao gênero gramatical.

No persa, a relação entre a forma falada e a escrita é problemática — o hábito semítico de não escrever as vogais breves não se adapta bem às características dessa língua (vogais longas são sempre transcritas em persa), mas os conhecedores ressaltam a clareza e a transparência do sistema fonético e gramatical, a ponto de recomendarem o persa como modelo para um idioma internacional artificial.

Línguas bálticas

Devemos fazer uma distinção entre a "idade" de uma língua, isto é, a época em que ela — hipoteticamente, conforme se deve dizer sempre — se formou, e a idade de seus testemunhos escritos mais antigos conhecidos. As línguas bálticas são, no que se refere à idade de seus testemunhos escritos, línguas jovens, pois aparecem apenas entre os séculos XIV e XV. Sua verdadeira "idade", pelo contrário, com certeza não é menor que a de outros ramos da família. De acordo com seu caráter elas são até mesmo chamadas de "arcaicas", porque conservaram, mais fortemente que outras, determinadas características da pré-história do indo-europeu.

Lituano e letão

Deste grupo fazem parte poucas línguas: o *lituano* é a mais importante, por razões a mencionar, e o *letão*. Todas as outras línguas estão extintas, em especial o *curio* (antigamente falado na Curlândia, uma parte da atual Letônia) e o *prussiano antigo*, outrora falado na Prússia oriental, extinto no século XVI ou XVII. Desta restou apenas um glossário de aproximadamente oitocentas palavras com tradução alemã e vários catecismos luteranos, um deles escrito (no século XVI) por um padre alemão com a ajuda de um criado que ainda falava o prussiano antigo.

A reconstrução de Schleicher

Nossa atenção restringir-se-á ao lituano, já que o letão (que apresenta nas vogais longas entonações especiais que não são indicadas na forma escrita) é considerado um mero "descendente colonial" do lituano. O lituano, em uma comparação jocosa, é o "cavalo de parada" dos estudiosos do indo-europeu, visto que mantém traços arcaicos de graus mais antigos de desenvolvimento do indo-europeu, ao lado do grego e do sânscrito. Um filólogo do século XIX, August Schleicher, professor na universidade alemã de Praga, dedicou-se com carinho especial ao lituano. Costumava passar suas férias de verão entre camponeses lituanos, compilando suas canções e provérbios. Ele acreditava poder reconstruir o hipotético *proto-indo-europeu* baseando-se nas consoantes do sânscrito, nas vogais do grego antigo e no sistema flexivo do lituano, e foi tão longe, a ponto de escrever nesta proto-língua reconstruída uma pequena fábula intitulada "O Cordeiro e os Cavalos". O título era *Avis akvasas ka,* sendo o *ka* uma conjunção posposta, como o *que* latino. Seus colegas nunca aceitaram suas idéias.

Dentro da grande família indo-européia, as línguas bálticas apresentam elementos comuns às línguas eslavas e às germânicas. Acredita-se que por certo tempo tenham tido um desenvolvimento comum.

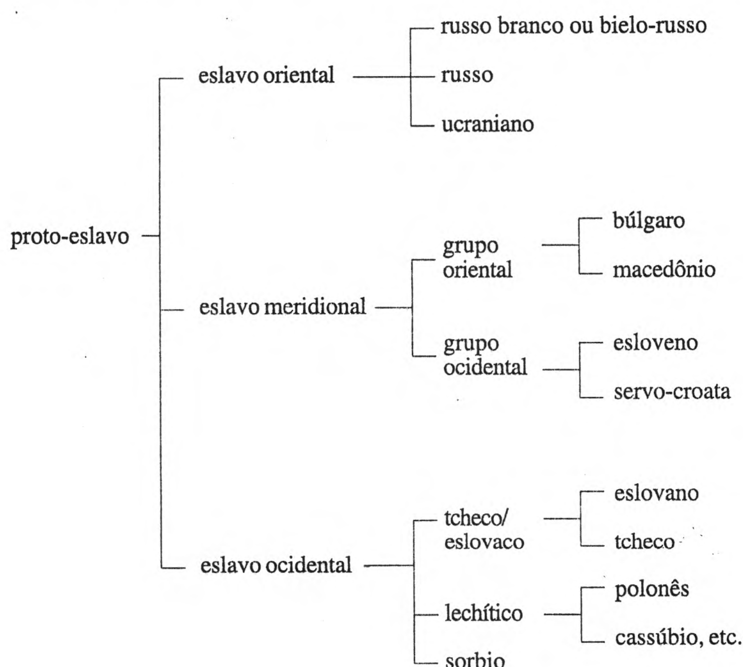
As semelhanças se fazem notar principalmente nas formas das declinações. No lituano antigo não havia menos que dez casos – atualmente, o lituano possui sete casos, quatro comuns também ao alemão (nominativo, acusativo, dativo, genitivo), e ainda o locativo, o instrumental e o vocativo; o letão possui os quatro do alemão e mais o vocativo. A proximidade das áreas lingüísticas nórdicas do estônio e do finlandês – ambas não-indo-européias –, favoreceu o intercâmbio de empréstimos.

Línguas eslavas
Subdivisão

As línguas eslavas atuais são divididas, tanto geograficamente quanto segundo seu parentesco interno, em três grupos: eslavo oriental, ocidental e meridional.

Ao eslavo oriental – de longe o grupo mais importante pelo número de falantes – pertencem o *russo* (também chamado de *grão-russo), o russo branco* (ou *bielo-russo*) e o *ucraniano* (ou *ruteno*). As línguas do grupo eslavo meridional pertencem o búlgaro e o macedônio (grupo oriental), assim como o servo-croata e o esloveno (grupo ocidental). Às línguas eslavas ocidentais pertencem o eslovaco e o tcheco, o polonês e algumas línguas extintas ou em extinção, como o *cassúbio, o rúgio, o pomerâni* e, por fim, o ainda vivo *sorbio*, falado em Lausitz. Já que não há divergências entre os estudiosos quanto a esta divisão, representemo-la esquematicamente:

Árvore genealógica do grupo eslavo



As línguas eslavas são faladas por mais de 300 milhões de pessoas (como língua materna). Os falantes do russo compreendem mais da metade desse total; o russo, como segunda língua, era aprendido, em princípio, por todos os cidadãos não-russos da antiga União Soviética. As pequenas co-

munidades lingüísticas eslavas, como os eslovenos e os macedônios, compõem-se de apenas 1 a 2 milhões de falantes. Não é apenas por causa de sua difusão e de sua função como língua oficial em todos os Estados membros da antiga União Soviética, e em todo o bloco oriental que o russo tem o maior peso: os russos também possuem entre todos os eslavos a literatura mais significativa, uma das maiores do mundo.

Proto-eslavo e eslavo eclesiástico

Todas as línguas eslavas provêm, conforme se supõe, de uma mãe comum, o *proto-eslavo*, que provavelmente era falado nos primeiros séculos depois de Cristo. Esta suposição não pode ser demonstrada empiricamente; a seu favor, porém, consta o fato de que a forma mais antiga do eslavo conhecida pelas pesquisas científicas, o *eslavo eclesiástico* (também chamado de *eslavo antigo* ou *búlgaro antigo*), falado no século XI, era ainda obviamente entendido por todos os grupos eslavos. Em uma forma um tanto modificada, ele foi mantido como língua da Igreja ortodoxa.



Página de uma Bíblia do ano de 1581 em eslavo antigo eclesiástico: na coluna da esquerda, o final do Decálogo.

Como ramo autônomo do indo-europeu, o eslavo deve ter se formado por volta de 3000 a. C., provavelmente a partir de um estágio comum às línguas bálticas e eslavas. Supõe-se que o centro desta evolução tenha sido

na região da atual Lituânia. Até cerca de 500 d. C. os antepassados dos atuais eslavos devem ter habitado a região entre o Vístula e Dnieper; então penetraram rumo oeste até o Elba, rumo sul até o Adriático e a península Balcânica.

Com a conquista da Sibéria pela Rússia czarista, o russo conquistou como língua oficial uma região que vai até o Pacífico. A diferenciação em línguas singulares, claramente distintas, deve ter ocorrido no século XII. As línguas eslavas são hoje, em sua maioria, línguas nacionais de Estados autônomos, mas em vários aspectos ainda conservam "traços de parentesco".

O alfabeto cirílico

Quase todos sabem que algumas línguas eslavas, em especial o russo, são escritas não em caracteres latinos, mas em outros que se assemelham em parte ao latim — uma semelhança enganosa, aliás, pois alguns caracteres ocorrem em ambas e têm também o mesmo valor fonético (por exemplo, o *M*); outros caracteres têm a mesma aparência que os latinos, mas se pronunciam de modo diferente (por exemplo, o *B* corresponde ao *V*, o *P* ao *R*), e um terceiro grupo não existe no alfabeto latino.

O alfabeto cirílico (letras de imprensa maiúsculas e minúsculas), sem o cursivo

Letra maiúscula	Letra minúscula	Transcrição fonética	Letra maiúscula	Letra minúscula	Transcrição fonética	Letra maiúscula	Letra minúscula	Transcrição fonética	Letra maiúscula	Letra minúscula	Transcrição fonética
А	а	[a]	И	и	[i]	Р	р	[r]	Ш	ш	[ʃ]
Б	б	[b]	Й	й	[j]	С	с	[s]	Щ	щ	[ʃtʃ]
В	в	[v]	К	к	[k]	Т	т	[t]	Ъ	ъ	-
Г	г	[g]	Л	л	[l]	У	у	[u]	Ы	ы	[yi]
Д	д	[d]	М	м	[m]	Ф	ф	[f]	Ь	ь	[']
Е	е	[jɛ]	Н	н	[n]	Х	х	[x]	Э	э	[ɛ]
Ё	ё	[jɔ]	О	о	[o]	Ц	ц	[ts]	Ю	ю	[ju]
Ж	ж	[ʒ]	П	п	[p]	Ч	ч	[tʃ]	Я	я	[ja]
З	з	[z]									

O alfabeto de que falamos se chama *cirílico*, em homenagem a *Cirilo*, o apóstolo dos eslavos, que, junto com seu irmão Metódio, levou aos eslavos no século IX a doutrina cristã. Na pré-história documentada do eslavo (os documentos russos mais antigos datam do século XI e os servos, do século XII) usavam-se dois alfabetos diferentes: o cirílico e o *glagolítico*. É possível que Cirilo tenha criado este segundo, caído em desuso no século XIII, e não aquele que leva seu nome. O alfabeto cirílico se assemelha bastante ao grego, mas contém uma série de sinais adicionais para anotar sons que não existem neste último, principalmente os sibilantes.

Quem escreve em cirílico?

Escrevem-se e imprimem-se em cirílico: o russo, o russo branco, o ucraniano, o sérvio, o macedônio e o búlgaro. As outras línguas vivas eslavas se utilizam do alfabeto latino: o polonês, o tcheco, o eslovaco, o

esloveno, o croata e o sorbio (que segundo vários eslavistas representa apenas um grupo de dois dialetos). Para reproduzir seus próprios sons, essas línguas adicionaram aos caracteres latinos sinais diacríticos (= distintivos, do grego διά, "através, separadamente", e κρίνειν, "separar, distinguir"). O uso varia de língua para língua. O som [ʃ], por exemplo, em português escrito como *ch* ou *x*, em alemão freqüentemente *sch*, em tcheco é *š*, em croata *š*, em polonês *sz*. O polonês utiliza-se mais de ligações de diferentes caracteres.

O alfabeto cirílico também varia de língua para língua. A tabela à página 52 reproduz a forma mais importante, a russa. O alfabeto cirílico foi modificado por uma reforma ordenada por Pedro, o Grande, e, de acordo com a posição desse czar, aproximado mais do alfabeto latino "ocidental". Após a revolução bolchevique foram eliminadas, para simplificação, três letras, mas se renunciou à idéia de uma transliteração completa em caracteres latinos.

Quem conhece o alfabeto cirílico e seus valores fonéticos, em princípio deveria ter condições de ler em voz alta um texto russo impresso em cirílico e — embora sem compreendê-lo — pronunciar corretamente as palavras. Deveria! Não fosse o fato de que as vogais russas têm o som pleno apenas em sílabas acentuadas, modificando-se o som em sílabas átonas. Assim, o [o] tônico soa como o nosso [o], mas o átono soa como um [a] breve. Acresce-se o fato de que a acentuação em russo não segue uma regra fixa: nem sempre se acentua a sílaba do radical (como em alemão), e nem a primeira sílaba (como em húngaro). Deve-se aprender o acento para cada palavra, e, como se não bastasse, ele muda com a declinação: *slova*, acentuado na primeira sílaba, é o genitivo "da palavra". Acentuado na segunda sílaba é o plural "as palavras".

Essencialmente, é a crença religiosa que decide quais dos povos que falam eslavo se utilizam do alfabeto cirílico. Os eslavos ortodoxos escrevem no cirílico e os outros no latino. A linha divisória se faz sentir em uma língua: o *servo-croata*.

Igualdades léxicas

Neste parágrafo, assim como nos seguintes sobre as línguas eslavas, pretendo mostrar as semelhanças, e não as diferenças, entre elas. De modo geral, podemos afirmar que as línguas eslavas, já que a diferenciação entre cada uma delas em particular tem ocorrido de um milênio para cá (com entroncamentos do desenvolvimento durante a Reforma, o Iluminismo e o Romantismo), encontram-se ainda relativamente próximas — mais próximas (se me é possível tal comparação) do que, por exemplo, nas germânicas, o alemão do inglês, pelo menos no que se refere ao sistema, à estrutura e à gramática. Tal proximidade permitiu que alguns escritores sonhassem com a reconquista da unidade lingüística perdida em nome do pan-eslavismo e tentassem alguns passos naquela direção. Experimentos em tal sentido foram feitos por um escritor sérvio do Romantismo, Karadžic, e, em nosso século, pelo russo Chlebnikov e o polonês Tuwim.

Como é fácil imaginar, a maior semelhança é léxica. Ela se torna bastante clara para nós ao transcrevermos em caracteres latinos as palavras escritas em cirílico. Eis alguns exemplos:

Semelhança no léxico

Português	Russo	Búlgaro	Sérvio	Polonês	Tcheco
mãe	*mat'*	*majka*	*mȁti*	*matka*	*matka*
irmã	*sestrą*	*sestrą*	*sèstra*	*siostra*	*sestra*
mão	*ruką*	*rŭką*	*rúka*	*ręka*	*ruką*
dia	*den'*	*den*	*dân*	*dzień*	*den*
rio	*reką*	*reką*	*réka*	*rzeka*	*řeka*
mar	*more*	*more*	*môre*	*morze*	*moře*
peixe	*ryba*	*riba*	*rìba*	*ryba*	*ryba*

Nas línguas vivas as diferenças são maiores, porque as formas flexivas variam de língua para língua (embora não sejam fundamentalmente diversas). São exceção o búlgaro e o macedônio, que se afastaram mais de suas línguas eslavas irmãs, seja pela influência das línguas "balcânicas" vizinhas, o grego e o turco, seja pela influência de uma terceira língua extinta.

O eslavo comum

Na época de Carlos Magno († 814) parece que o *eslavo comum* (um estágio intermediário entre o proto-eslavo apenas reconstruível teoricamente e a formação das línguas singulares) deve ter constituído ainda uma unidade. O nome desse soberano foi adotado pelos eslavos para designar "rei, soberano" — do mesmo modo que os antepassados dos alemães se valeram do nome próprio *Caesar* para formar *Kaiser*. Assim, de uma hipotética forma original do eslavo comum *korly*, surgiram as formas *korol* em russo, *król* em polonês, *král* em tcheco, *kral* em búlgaro, *kralj* em servo-croata, etc.

O sistema fonético: consoantes fracas, sons sibilantes

Quem ouve uma língua eslava sem conhecê-la imediatamente notará uma diferença marcante com relação ao alemão ou outras línguas européias: a presença de um fenômeno chamado pelos estudiosos de "palatização" das consoantes. No eslavo comum havia uma distinção entre vogais "escuras" e "claras". As claras se pronunciavam como se precedidas de um [j], isto é, [je], em vez de [e]. Este som [j] se fundia com a consoante anterior, de modo que um [k] seguido de uma vogal fraca se tornava um [kj], ou seja, uma consoante abrandada ou "palatizada"; um [g] se tornava um [gj], um [n] um [nj], pronunciado mais ou menos como o "gn" do francês *Auvergne*. Prosseguindo na evolução, as consoantes palatizadas tornaram-se por vezes sibilantes; por exemplo, [kj] tornou-se [tʃ], [gj] um [dʒ]. Assim surgiu a riqueza em sons sibilantes (e, respectivamente, combinações de consoantes com sons sibilantes) de que falávamos. O russo tem, por exemplo, Ж [ʒ], З[z], С [s], Ц [ts], Ч [tʃ], Ш [ʃ] e Щ [ʃtʃ], como no nome Хрущев (Chruchtchov) [xruʃtʃɔv].

Consoantes silábicas

Algumas línguas eslavas tem dois sons [l] bem diferentes: um "escuro", pronunciado "duro", como no inglês *ill*, e um brando, soando como um [l̇] acompanhado de um [j]. O som [l] alemão fica no meio de ambos. O que chama a atenção do ouvinte não-eslavo é o fato de tanto o [l̇] como o [r] poderem apresentar-se formando sílabas. Algumas línguas eslavas têm palavras sem nenhuma vogal, como o tcheco *prst*, dedo, ou *vlk*, lobo. Mais conhecidos são talvez o nome da cidade *Brno*, que os alemães chamam de Brünn, e do rio Vltava (=Moldávia), que têm consoantes-sílabas.

Citemos ainda uma terceira característica: as palavras eslavas começam por vezes com grupos consonantais, cuja pronúncia apresenta dificuldade aos não-eslavos (as palavras que acabamos de citar, por exemplo). Esses sons iniciais incomuns podem ter surgido filologicamente por uma troca de posição ou *metátese*: à palavra alemã *Milch* (leite) corresponde o polonês *mleko*, à palavra *Berg* (montanha), *brzeg*, a *Arbeit* (trabalho) corresponde em russo a palavra *rabota*.

Consoantes iniciais

Enquanto a declinação dos substantivos soa familiar aos alemães — embora as línguas eslavas tenham sete casos, enquanto o alemão apenas quatro —, o verbo seguiu um caminho diverso daquele da maioria das línguas indo-européias, no que diz respeito às suas formas flexionadas. Esse ponto merece ser visto minuciosamente, não com o intuito de ensinar eslavo, mas para mostrar em um exemplo como uma língua pode utilizar-se de outros meios além daqueles que consideramos óbvios — neste caso, o tratamento do verbo, que representa o cerne da maioria dos textos.

Gramática: o verbo

Pode parecer óbvio que o verbo possua as seguintes categorias gramaticais:

Categorias gramaticais do verbo

1. A *pessoa*: deve haver formas que permitam distinguir a pessoa que fala (1ª pessoa), aquela com a qual se fala (2ª pessoa) e a de quem se fala (3ª pessoa). Estas são, com efeito, exigências às quais qualquer língua deve satisfazer; são por assim dizer "universais lingüísticas", que existem em qualquer idioma.

2. O *número* das pessoas: singular ou plural, para as três pessoas citadas, em alemão, como em português, "nós", "vós", "eles", onde o "nós" não inclui necessariamente a pessoa com quem se fala (eu, você e o resto, ou simplesmente eu e eles, sem você).

3. A *forma da ação*, a *voz do verbo* (também chamada de *genus verbi*): é o sujeito da oração, o autor do acontecimento narrado pelo verbo (voz ativa: "ele atira"), ou a meta, o objeto de tal evento (voz passiva: "ele foi atirado"). Algumas línguas possibilitam ainda outras diferenciações.

4. O *modo*: a possibilidade de dizer alguma coisa a respeito da relação, do posicionamento subjetivo daquele que fala com referência ao acontecimento expresso pelo verbo. Em alemão (em várias outras línguas) distinguem-se:

a. *Indicativo* (modo da realidade), empregado nos enunciados objetivos (o acontecimento é real).

b. *Conjuntivo* (modo da possibilidade, também chamado de *subjuntivo*); o acontecimento não é necessariamente real, mas é possível: "Tomara ele chegasse!"; "Eu gostaria..." (desejo); "Seria possível ser assim?" (dúvida).

c. *Imperativo* (modo da ordem, do comando): "Venha logo!"

d. *Condicional* (modo da condição): "Eu viria, se..." — em alemão, escrito com verbo auxiliar (*Ich würde ja kommen, wenn nur...*).

Várias línguas possuem ainda outros modos.

5. Por fim, *o tempo*: *last but not least*, talvez mesmo a coisa mais importante — em alemão não se diz apenas *verbo*, mas também *Zeitwort*, "palavra do tempo"! Com o auxílio das formas determinadas para tal fim, o

verbo deve possibilitar uma expressão clara a respeito do momento do acontecimento (expresso pelo verbo) em relação ao ponto temporal do que fala (ou escreve). Caso ambos ocorram ao mesmo tempo, usa-se o *presente*: "Vejo o programa de televisão". Se o acontecimento ocorreu antes, o *passado*: "Ontem vi televisão". Ou se ainda vai ocorrer, o *futuro:* "Hoje à noite vou ver TV". E assim por diante.

O modo da ação

Existem outras categorias gramaticais que o verbo deva exprimir? Deve, por exemplo, indicar se o acontecimento está apenas começando, se está ocorrendo, ou se está chegando ao fim? Deve tornar claro se se trata de um acontecimento contínuo, ou momentâneo, curto? Trata-se, talvez, de um acontecimento especialmente intenso? Ou do contrário? A tais perguntas, referentes ao *modo da ação*, um alemão talvez respondesse, após breve reflexão: Certamente tudo isso precisa ser expresso, mas não requer uma forma especial do verbo para tanto. Pode ser esclarecido de outra maneira, por exemplo, por verbos formados com prefixos: *schlafen, einschlafen, durchschlafen* (dormir, adormecer, dormir demais); ou pela mudança do infinitivo: *lachen, lächeln* (exprimem intensidades diferentes: rir, sorrir); ou através de outros acréscimos (*er schreit plötzlich auf* — acréscimo do advérbio *plötzlich*, "de repente").

O aspecto

Cabe ainda uma pergunta: não se deveria também poder exprimir o desenvolvimento da ação, isto é, se ela ainda ocorre, ou se repete, ou se concluiu de vez e não do ponto de vista objetivo, mas sim do ponto de vista de quem fala? Sim, talvez fosse desejável, mas decerto isso não é tão importante como as categorias já citadas (até aquela do *tempo*). Esta categoria verbal "não tão importante" chama-se *aspecto*.

Perfectivo/ imperfectivo

E agora a surpresa: deste *aspecto*, que chamaríamos talvez de "colateral", os eslavos fizeram o ponto nevrálgico de seu sistema verbal. Por sorte (para o aluno) distinguem-se apenas dois aspectos (poder-se-ia pensar em maior número): o perfectivo e o imperfectivo. Isto significa que um grupo de formas indica o fim, a conclusão, o resultado do evento, enquanto o outro indica a não-conclusão, algo que ainda está em curso, ou deixa mesmo aberta a questão, se a ação foi completada ou não. No eslavo, o aspecto perfectivo diz algo a mais e de maneira um pouco diversa: ele afirma em primeiro lugar que o acontecimento realmente ocorreu (e deste modo tem algo a ver com o nosso perfeito do indicativo), e que ocorreu por completo, com começo, duração e fim, e deste modo conduziu também a um resultado.

Dois verbos para uma ação apenas

Para o não-eslavo, a maior dificuldade está no fato de que, em geral, não há apenas um verbo para cada ação, mas sim dois (cada um deles com o seu paradigma completo): um para o aspecto imperfectivo, outro para o perfectivo. Ambos podem parecer semelhantes, podem diferir pela sílaba inicial, mas pode ocorrer também de serem dois verbos de raízes diferentes. São semelhantes, por exemplo, os verbos russos Давать [davat'] e Дать [dat']. Ambos significam "dar". O primeiro é o verbo imperfectivo, e significa algo como "estar imerso na ação de dar (de distribuir, de doar)"; o segundo é o verbo perfectivo. Ele "contempla" o resultado de "dar", ou seja, de um certo modo, há mudança de proprietário do objeto dado. O ва inserido sempre é um índice da imperfectividade, da interatividade, do encaminhamento.

Na escolha entre as duas formas, o que acabamos de dizer pode servir apenas de norma preliminar. A receita mais correta é mais ou menos assim:

Escolha o verbo imperfectivo quando você quiser expressar que a ação ainda não chegou ao fim (por exemplo: "Ele ainda está ditando"); que a ação está sendo considerada em si, sem considerar seu término, ou o oposto (ex.: "Volta-se a usar chapéus"); que a ação dura por longo tempo (ex.: "Ela dorme e dorme"); que a ação se repete com freqüência ou repetidamente ("Ela tosse sem parar").

Em contraposição, escolha o verbo perfectivo quando você quiser expressar que a ação já terminou ("Ele estudou medicina"); que a ação conduziu a um resultado ("O edifício foi destruído pelo fogo"); que se trata de um caso único ("Desta vez ela venceu"). Isto parece complicado e não é com certeza aprendido por meio de regras, mas sim de exercícios, da conquista do sentimento da língua.

Mas — precisamos objetar neste ponto — o russo (tomado como exemplo) não pode deixar, ao lado desse aspecto, em o considerando realmente tão importante, de expressar também a relação temporal do acontecimento! Ele não pode deixar de referir se algo ocorreu no passado, hoje, ou se vai ocorrer no futuro. Uma língua não pode permitir-se tal liberdade; assim, ao lado do aspecto, ou melhor, para cada aspecto, é preciso ter também formas de tempo verbal.

Uma comparação com línguas não-eslavas

Ao leitor que por causa de tantas complicações começar a desprezar as línguas eslavas, gostaria de dizer que muitas línguas mostram falhas e incongruências em seu sistema verbal. O inglês, por exemplo, não possui formas específicas para o futuro e tem que expressá-lo com *shall* e *will*, o que é ambíguo, porque estes verbos também significam "dever" e "querer". O alemão não distingue muito bem o presente do futuro, dizendo, tal como nós próprios, *Wir fahren morgen nach Kassel* ("Vamos amanhã para Kassel"), usando a forma do presente para designar um acontecimento futuro.

Para ilustrar a solução dada ao problema pelas línguas eslavas (que nem sempre concordam neste ponto), restringir-me-ei a um único exemplo. Tomemos um verbo como "partir", que poderia ser considerado um verbo "perfectivo", enquanto forma que exprime a conclusão, o resultado de uma ação. Seria indispensável para um verbo deste tipo existir um presente? Se eu digo "ele partiu", fica claro que se trata de uma ação completa e que se concluiu há algum tempo. Se eu disser "eu parto", como se entenderá o que eu disse? Ao pé da letra, apenas em casos raríssimos, quando exatamente neste momento (em que o trem vai sair) eu completo esta ação; com mais freqüência isto será entendido como uma intenção futura: eu parto (logo, daqui a pouco) = eu (logo, daqui a pouco) vou iniciar a viagem. Neste caso eu uso o presente, mas o tom da afirmação se encontra no resultado a ocorrer num futuro próximo, de eu não estar mais aqui. Poderíamos então concluir: um verbo perfectivo, utilizado no presente, refere-se ao futuro. E é exatamente este procedimento (ao lado de outros, como a atração dos verbos auxiliares) que é utilizado pelas línguas eslavas.

Línguas celtas
Difusão outrora e atualmente

Caso quiséssemos, baseados no atual estágio do conhecimento, traçar uma carta lingüística do continente euro-asiático mostrando a situação três milênios atrás, as línguas eslavas, hoje em destaque, seja pelo número de fa-

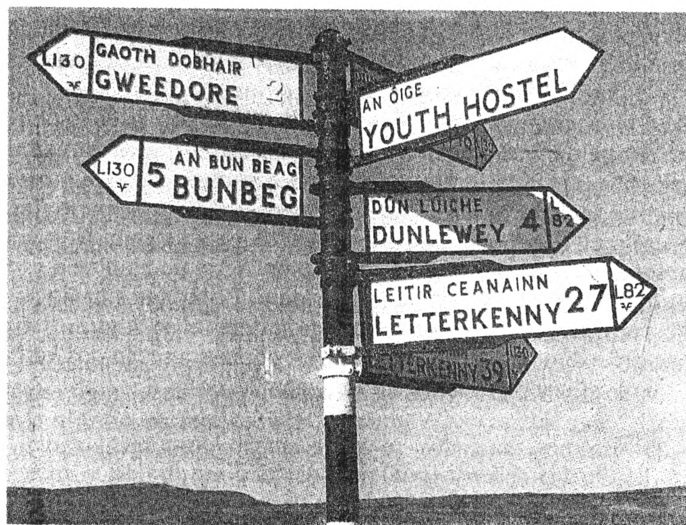
lantes, seja pela extensão territorial, ocupariam um espaço bastante reduzido, o oposto do que ocorreria com as línguas *celtas*. Sua evolução processou-se em sentido inverso. Em um território compreendido pela Irlanda e Grã-Bretanha, a oeste, passando pela França, pela Alemanha meridional e Áustria, até os Bálcãs, moravam naquele tempo tribos que falavam línguas ou dialetos celtas. O território lingüístico era ainda maior, pois não só são nomes celtas o *gaélico* (língua dos irlandeses) e a *Gália* (a atual França), mas também o nome da província *Galícia*, no noroeste da Espanha (mas não a *Galiza* russo-polonesa), do mesmo modo que aquele da tribo céltica da Ásia Menor, os *gálatas*, encontrado no Novo Testamento.

Atualmente as línguas celtas vivem apenas em pequenas regiões, regiões de refúgio, por assim dizer.

O que resta ainda hoje?

Línguas celtas são ainda o *gaélico da Irlanda*, que, apesar do forte encorajamento recebido por parte do governo de Dublin, não foi capaz de afastar o inglês do cotidiano irlandês; o *gaélico escocês*; o dialeto da ilha de Man, conhecido como *manx*, em vias de extinção; o *címbrico* em Gales; e o *bretão* na Bretanha; o *córnico*, parente deste último, antigamente falado na Cornualha, deixou de existir no final do século XVIII. Apenas a Irlanda tem uma língua celta como língua oficial. Os filólogos distinguem um celta *continental* e um *insular*; o bretão pertence ao celta insular, pois (como o próprio nome diz) surgiu na Bretanha e então, apenas por volta de 500 d. C., passou para o continente, através de migração. O número total de falantes para todas as línguas e dialetos celtas ainda existentes, no momento, atinge menos de 2 milhões.

Nomes de rios e lugares foram conservados em língua celta e a pá dos arqueólogos traz à luz na Bavária, por exemplo, um material cada vez mais rico e revela imagens daqueles povos que, em seus primeiros contatos com os germânicos em expansão, lhes eram provavelmente superiores do ponto de vista cultural, mas que, com o passar do tempo, acabaram por adotar as línguas dos conquistadores romanos e germânicos.



Uma placa de estrada na Irlanda mostra todos os nomes em gaélico (em cima) e em inglês (embaixo); até mesmo o leigo percebe a semelhança da pronúncia das duas palavras.

O celta continental, falado entre outros pelos gauleses da era romana, foi transmitido quase apenas através de inscrições, que em sua maioria consistem em nomes próprios. Por esse motivo, essas línguas continuam desconhecidas no que diz respeito ao vocabulário e à estrutura.

O legado

Os idiomas celtas falados no continente deixaram de existir nos primeiros séculos depois de Cristo. A carta do apóstolo Paulo aos gálatas, uma tribo de origem celta que habitava a Ásia Menor, foi comentada uns quatrocentos anos depois de redigida pelo tradutor da Bíblia, São Jerônimo. Ele observa que os gálatas (ainda) utilizavam uma língua bastante semelhante à falada em Trier. Já que o santo esteve tanto com os gálatas quanto em Trier, seu testemunho se reveste de valor.



Celta: lápide comemorativa címbrico-inglesa sobre um aqueduto no rio Dee, nas proximidades da fronteira com a Gália.

A *celtologia* se ocupa, portanto, em essência, do celta insular, pois o irlandês possui uma rica herança literária, que, porém, surge apenas quando o celta continental já se encontrava extinto ou em vias de extinção. Distinguem-se os períodos das inscrições *ogâmicas*, assim chamadas por causa de sua escrita singular, composta de pontos e traços agrupados em torno de uma linha mediana, utilizadas na Irlanda, em Gales e na Escócia; a periodização prossegue com o *irlandês antigo* (600-900), o *irlandês médio* (900-1200) e o *irlandês moderno* ou *neo-irlandês* (a partir de 1200). Missionários britânicos levaram para a Irlanda, no século V, o alfabeto latino, que logo tomou o lugar da escrita antiga, embora não fosse adequado para as peculiaridades fonéticas do irlandês.

Empréstimos e influência estrangeira

A infeliz história do povo irlandês mostra sempre novas ondas de invasões e domínio estrangeiro. Os escandinavos (vikings), que foram os primeiros a construir cidades em solo irlandês, forneceram ao irlandês vários empréstimos referentes à vida citadina e principalmente palavras referentes às viagens marítimas, a sua especialidade. Os anglo-normandos emprestaram palavras referentes à guerra, à arquitetura, à administração. Quando os ingleses puseram os pés na Irlanda e a subjugaram totalmente a partir do século XVII, a influência do inglês se tornou dominante. No lado oriental da Irlanda ele ameaçou o irlandês; no oeste o irlandês se manteve, mas a maioria de seus falantes dominavam o inglês como segunda língua. Um censo do ano de 1857 revelou que de cerca de 6 milhões de habitantes apenas 1,5 milhão tinham o irlandês como língua materna, e entre estes apenas 300.000 dominavam o irlandês como língua única. Os esforços para reviver a própria língua e se livrar da supremacia inglesa neste âmbito caminharam lado a lado com a tentativa de liberação política. Uma vez conseguida a independência (1921), o irlandês foi fomentado pelos poderes públicos: ele é ensinado nas escolas, seu conhecimento é exigido dos funcionários públicos. Placas de rua e outras são escritas em ambas as línguas. Na era da comunicação de massa e dos meios de comunicação, entretanto, a influência do inglês se tornou ainda mais forte, e é provável que haja poucos irlandeses que falem apenas sua própria língua e não entendam o inglês.

Características

As línguas celtas têm em comum um complicado sistema fonético; preposições, que podem ser flexionadas (no alemão, por exemplo, elas não variam); vários tipos de conjugações, cuja utilização varia de acordo com o contexto da frase; por fim, a chamada mutação de inicial: a consoante com a qual a palavra começa muda de acordo com o contexto. Assim, em galês se diz *tad,* "pai", *fy nhad,* "meu pai", *ei dad,* "seu pai", *ei thad,* "vosso pai".

Estas características tornam o aprendizado para estrangeiros muito difícil e, já que em toda a Irlanda, assim como em Gales, é possível comunicar-se em inglês – do mesmo modo que em francês, na Bretanha –, na verdade há, hoje em dia, poucos estrangeiros dispostos a aprender essas línguas tão interessantes.

Albanês
Difusão

Considerada um ramo autônomo do indo-europeu, esta língua é falada hoje por mais de 5 milhões de pessoas, principalmente na Albânia, embora haja grupos que falem o *albanês* na Macedônia e na região de Kosovo, politicamente inquieta há tempos; existem pequenas ilhas lingüísticas albanesas, relativamente isoladas, na Itália (Abruzos, Puglia, Calábria e Sicília), em várias partes da Grécia, na Romênia, Bulgária e Moldova.

Dialetos, escrita

O albanês divide-se em dois dialetos, claramente diversos tanto no léxico como na gramática: o *guegue*, ao norte, o *tósquio*, ao sul da Albânia. O albanês-padrão atual, o *elbanésio*, é uma mistura dos dois dialetos. O albanês é escrito em caracteres latinos desde 1908; anteriormente, fora escrito (além do latim) com o alfabeto grego e com o arábico, assim como com o glagolítico, já mencionado quando falamos das línguas eslavas.

Documentação

A língua é registrada desde o século XV por escrito; o documento mais antigo é uma fórmula batismal. Existe uma literatura própria desde o século XVII, uma literatura que, enquanto a Albânia foi dominada pelos turcos, floresceu principalmente nas regiões italianas onde se falava o albanês. Grande parte dela se encontrava a serviço do movimento de libertação nacional, até que foi conseguida a independência albanesa, em 1912.

Características

O vocabulário revela o caráter de língua mista do albanês: seu patrimônio léxico original aponta para empréstimos do grego, do latim, do italiano, do turco e de línguas eslavas vizinhas. Em sua estrutura, também revela semelhança com línguas geograficamente vizinhas, como o búlgaro, o sérvio, e também o romeno e o grego moderno. Os filólogos falam até mesmo de um grupo das *línguas dos Bálcãs*, a cujo estudo se dedica um ramo próprio da ciência filológica, a *balcanologia*. É um agrupamento que não se refere a parentescos (referentes à derivação), mas, antes, a traços comuns, como, por exemplo, na estrutura, que se desenvolveu visivelmente por causa de uma influência recíproca devida à longa vizinhança geográfica. Também o grego moderno se insere nesse grupo.

Armênio
Tradição e difusão

Novamente uma língua autônoma, tal como o albanês (e o grego), não um feixe de idiomas como as línguas eslavas, germânicas, românicas, mas sim um ramo independente do indo-europeu. Há documentos escritos do armênio desde o ano 400 d. C.; os documentos mais antigos, com citações da era anterior ao cristianismo, provam que a formação da língua deve ter ocorrido bastante antes.

Muitas vezes o povo armênio é comparado ao judeu, porque vive disperso por vários países e quase nunca dispôs de um lar em uma nação independente armênia. Uma das piores perseguições de que foram vítimas os armênios, durante a Primeira Guerra Mundial, na Turquia, tornou-se conhecida do mundo ocidental por servir de tema ao romance do escritor Franz Wertel, *Os Quarenta Dias do Musa Dagh.*

Épocas do armênio

Após o *armênio antigo*, língua da mais antiga tradução da Bíblia (404), que, mesmo muito tempo depois de sua extinção, permaneceu como língua erudita, depois do *armênio médio* (de cerca do século XII até o século XVIII), formou-se a partir do século XIX o *armênio moderno*, do qual se distinguem duas variantes: um ramo oriental, denominado *armênio moderno oriental*, falado na República da Armênia (antiga República Socialista Soviética da Armênia), reconhecida também pelos armênios emigrados como seu centro cultural (Universidade e Academia das Ciências de Ierevan, a capital), e pelas minorias armênias no Azerbaijão, na Geórgia, no Irã e na Índia; e o *armênio moderno ocidental*, que sobrevive no Oriente Médio, em especial na Turquia e entre os armênios dispersos pela Europa (por exemplo, a comunidade de Paris) e no ultramar, enquanto não ocorre a sua assimilação ao país hospedeiro. O armênio falado tem inúmeros dialetos: em contraposição, as diferenças entre a língua escrita oriental e a ocidental são mínimas.

A escrita armênia

O armênio tem uma escrita própria, de idade considerável. Em 406, o missionário cristão Mesrop criou, baseando-se num alfabeto corrente no norte da Pérsia, ao qual acrescentou alguns caracteres vocálicos, a escrita de caráter típico, até hoje pouco modificada. A direção da escrita foi mudada por ele, de modo que os armênios escrevem, desde então, da esquerda para a direita. A seqüência de caracteres corresponde, de certa forma, à grega.

Որովհետեւ Աստուած այնպէս սիրեց աշխարհքը
որ իր միածին Որդին տուաւ· որ ամեն նորան հաւա-
տացողը չ'կորչի, այլ յաւիտենական կեանքն ունենայ·

A escrita armênia em uma versão moderna armênio-oriental (utilizada, entre outros, pela República da Armênia).

Filiação

O orientalista alemão Petermann reconheceu em 1837 que o armênio pertence à família indo-européia. Em razão dos inúmeros empréstimos do irânico, não reconhecidos como tal, ele e outros pesquisadores as consideraram línguas irmãs. Desde o fim do século XIX (Hübschmann, 1897), o armênio foi reconhecido como ramo independente do indo-europeu. Em seu léxico reconhecemos várias palavras de herança indo-européia, também perceptíveis pelo próprio leigo, à medida que ele observe algumas mutações consonânticas que ocorrem com regularidade. Assim, pode-se reconhecer no armênio *hair* a palavra "pai" (alemão = *Vater*), quando se sabe: 1. que o [t] entre duas vogais cai regularmente, e 2. que originalmente o [p] passou a [h] em armênio: assim, *hink* é o numeral para cinco, de raiz comum com o grego *pente*.

Em suas formas, o armênio evoluiu de modo diferente do proto-indo-europeu. Tal como o turco, não conhece gênero gramatical. Aliás, o armênio atual encontra-se mais próximo do turco do que de outras línguas que – como o grego e o latim – conservaram, mais que outras, a riqueza formal própria do sânscrito.

Tocário

Descoberta

Esse ramo do indo-europeu, extinto há milênios, foi descoberto apenas no final do século XIX pelos pesquisadores. O tocário era falado na parte setentrional do Turquestão chinês. A bacia do *Tarim* é considerada, desde então, o limite oriental da região linguística indo-européia. Aí foram encon-

trados, a partir de 1890, manuscritos nessa língua; expedições alemãs, a partir de 1903, levaram uma parte do material para Berlim, enquanto as francesas levaram uma outra parte para Paris.

Os manuscritos tinham sido redigidos em uma língua silábica índica, chamada *Brahmi*. Dois orientalistas alemães de nome Sieg e Siegling concluíram, em 1908, que se tratava de dois dialetos de uma só língua, chamados, provisoriamente, de *tocário A*, falado na parte oriental do Turquestão, e *tocário B*, falado na parte ocidental.

Os documentos conseguidos datam da época de 500 a 700 d. C. No dialeto A predomina o conteúdo religioso: traduções ou interpretações livres de textos budistas. No dialeto B encontram-se também textos profanos, como, por exemplo, textos de medicina, assim como anotações sobre caravanas.

Caráter da língua

Os estudos que se seguiram, dos quais se distinguem os de Friedrich Hrozný (já citado no hitita-cuneiforme), deixaram claro que se trata de uma língua indo-européia. Isto se torna particularmente visível no sistema de conjugação dos verbos, enquanto a declinação dos substantivos deixa transparecer influências de línguas de tipo totalmente diverso. O léxico contém muitos empréstimos do turco, do persa, assim como do sânscrito.

Algumas palavras fundamentais, porém, documentam igualmente a sua participação no tronco lingüístico indo-europeu, como por exemplo:

Tabela comparativa

Tocário A	Tocário B	Grego	Alemão	Português
pācar	*pācer*	*patēr*	*Vater*	pai
mācar	*mācer*	*matēr*	*Mutter*	mãe
por	*puwar*	*pyr*	*Feuer*	fogo
ku	*ku*	*kyon*	*Hund*	cão
tkum	*kem*	*chthon*	*Erde*	terra

As línguas kentum e satem

Por longo tempo a lingüística dividiu as línguas indo-européias em dois grupos principais, um oriental e outro ocidental. Como critério de distinção valia o numeral "cem" (alemão = *hundert*). O grupo oriental era chamado de *línguas satem* — o numeral para 100 em sânscrito é *satám*, em avéstico *satem*. O grupo ocidental era chamado de línguas *kentum*, segundo o numeral latino *centum*, pronunciado [kẹntum] em latim clássico.

Ao grupo *satem* pertencem as línguas índicas, irânicas, eslavas, bálticas, assim como o armênio. Ao grupo *kentum* pertencem o grego, o latim (com as outras línguas itálicas), as línguas celtas e germânicas. E então verificou-se que o tocário, embora falado no extremo oriental do domínio do indo-europeu, era definitivamente uma língua *kentum*: a palavra "cem" em tocário A é *känt*, em tocário B *känte*, ou *kante*. Desde então a divisão nos dois grupos denominados acima tem perdido em força distintiva e em significado.

O nome "tocário"

Em um documento em duas línguas, um bilíngüe, os falantes (ou escritores) desta língua a denominam de *tochar (io)*. Esse fato gerou confusões, pois os historiadores utilizam o nome *tocários* para um povo, provavelmente de língua indo-européia, que, segundo fontes chinesas, teria invadido

a China no século II a. C. e aí fundado um reino. É bastante provável que esses "tocários verdadeiros" não se identifiquem com os "pseudotocários", assim chamados em razão da língua.

Pesquisa do substrato

Atrás foi mencionado que o tocário, principalmente na declinação, revela influências de uma língua que não lhe é aparentada e que mostra uma tipologia totalmente diversa. Esse fato deu impulso, juntamente com outros, a um ramo particular da pesquisa que se ocupa do *substrato* (= camada que se encontra sob outra). A teoria fundamental, bastante audaciosa por sua forma generalizante, data de 1894, e foi expressa por Hermann Hirt: "...os grandes grupos de dialetos (ou seja, os ramos) da língua indo-européia se explicam principalmente com a passagem da língua dos conquistadores indo-europeus às populações de língua estrangeira dominadas..." Nesta sua forma generalizante — segundo a qual o indo-europeu ter-se-ia dividido em ramos devido ao encontro dos indo-europeus com povos e línguas diversos, que teriam modificado a língua dos conquistadores —, a tese não encontrou confirmação. Em compensação, deu pretexto para frutíferas discussões, como, por exemplo, sobre a influência das línguas pré-gregas (isto é, existentes antes da migração das tribos gregas na atual Grécia, geralmente chamadas *pelágicas*) no grego, assim como a influência de uma camada de substrato hamítico no irlandês. Esse tipo de pesquisa ganha pontos preciosos nos nomes de montanhas, rios, localidades, regiões, os quais freqüentemente têm conservado seu núcleo original através da superposição de vários outros substratos lingüísticos.

Línguas anatólicas

Neste ponto segue apenas um resumo, pois o grupo abrange exclusivamente línguas mortas, das quais já foram citadas algumas das mais importantes.

Abrangência da denominação

O conceito *línguas anatólicas* (também chamadas da *Ásia Menor*, já que Ásia Menor e Anatólia denominam a mesma região) é utilizado em diversos sentidos. Sempre, entretanto, se refere ao passado, à época anterior à vinda dos gregos e romanos à Ásia Menor, portanto ao segundo milênio a. C. e a parte do primeiro. As línguas aí faladas desde então, em especial o atual turco da Turquia, não se incluem aqui.

Em sentido lato, a denominação abrange todas as línguas faladas na Ásia Menor no citado período histórico — sem considerar sua pertinência a uma família lingüística. Em sentido restrito, ela se refere apenas às línguas indo-européias da Ásia Menor daquele tempo — excluem-se, portanto, as línguas faladas nessa região antes da invasão dos povos indo-europeus (começada por volta de 2000 a. C.); elas foram então sobrepostas e certamente continuaram a viver por longo tempo como línguas-substrato e a influenciar as línguas dos imigrantes. O proto-hático (não-indo-europeu) continuou a viver entre os hititas como língua de culto.

Empregando-se a utilização do conceito em sentido restrito, o *hitita* se encontra no centro deste grupo (tanto escrito em cuneiforme quanto em ideogramas — vide capítulo I); segundo este e seu afim, o *lúvico*, o grupo tem sido chamado também de línguas hitita-lúvicas. O *lícico* e o *lídico*, igualmente citados no capítulo I, também pertencem, ao lado de outras línguas pouco conhecidas, a este grupo, mas não à língua dos gálatas, que, como ci-

tamos, pertence ao ramo celta, e também não ao armênio. Vários pesquisadores aproximam o etrusco, provavelmente originário da Ásia Menor, deste grupo, mas esta opinião ainda não é aceita universalmente.

Conclusão
Ilírico

Dentre as línguas consideradas entre as indo-européias, mas não pertencentes a nenhum dos ramos principais aqui abordados, eu gostaria de citar o *ilírico*, que foi identificado como indo-europeu baseando-se em nomes de lugares e de pessoas e de algumas poucas inscrições. Os ilírios se estabeleceram a noroeste da península Balcânica e na Baixa Itália, entre os séculos V e IV a. C., segundo escavações; no século I a. C. foram dominados definitivamente pelos romanos.

CAPÍTULO IV

O grego, berço de nossa civilização

História

Homero e Hesíodo

Para quem hoje em dia não é historiador ou filólogo da Antiguidade, Homero e sua obra marcam o início da cultura grega, o seu primeiro florescimento, que mais tarde veio a ser o fundamento da civilização ocidental. Segundo as pesquisas, Homero teria vivido no século VIII a. C. Sobre sua pessoa conhecemos apenas lendas a respeito de épocas mais recentes, nenhum documento direto. Várias cidades disputam a honra de terem sido a cidade natal do poeta. Ele deve ter vivido em Quios e ter sido enterrado em Ios. Dizer que Homero tenha sido cego talvez não passe de uma lenda, embora gravuras de tempos mais recentes — clássicos e helênicos — mostrem-no como cego. Mantiveram-se apenas suas duas obras; de seu autor praticamente nada esclarecem.

A questão homérica

Desde que o filólogo alemão Friedrich August Wolf, em seu livro *Prolegomena ad Homerum*, publicado em 1795, levantou a tese de que ambos os poemas épicos haviam sido compilados no século VI a partir de poemas de vários poetas diferentes, que até então só haviam sido divulgados oralmente, a chamada "questão homérica" surge e ressurge. Houve, na verdade, um poeta de nome *Homeros* (que textualmente significa "fiador" ou "refém")? Se a resposta for afirmativa, terá sido ele o autor de ambas as obras ou apenas de uma das duas?

A Ilíada

A *Ilíada* é a epopéia mais antiga conservada na íntegra, sendo assim o começo da literatura ocidental. O título se refere à denominação da cidade de Tróia dada pelos gregos: *Ilios* ou *Ilion*. A obra compõe-se de 16.000 hexâmetros (versos de seis pés), que falam sobre a guerra de dez anos pela cidade de Tróia, que acaba com a sua destruição, e mais pormenorizadamente sobre 51 dias do último ano da guerra, sob dois aspectos: o humano — Aquiles e Heitor são os heróis mais importantes — e o dos deuses; ambas as narrativas se interligam estreitamente.

A Odisséia

A segunda obra, a *Odisséia*, estende-se por cerca de três quartas partes da extensão da *Ilíada* e conta as peripécias das viagens de Ulisses. A ação transcorre cerca de dez anos após a queda de Tróia. As palavras iniciais de Ulisses ressoam pela vida toda nos ouvidos daquele que tem contato com a língua grega:

Ἄνδρα μοι ἔννεπε, Μοῦσα, πολύτροπον, ὃς μάλα πολλὰ/πλάγχθη,
ἐπεὶ Τροίης ἱερὸν πτολίεθρον ἔπερσε.

Isto soa mais ou menos assim: *ạndra moi ẹnnepe, mu̱sa, poly̱tropon ho̱s mala pọlla/plạnchte, epe̱i̱ troie̱s hierọn ptolie̱tron epẹrse.*

Estão marcadas como acentuadas as sílabas que devem marcar, em aulas, o ritmo do hexâmetro, um fato que provavelmente faria os antigos gregos balançarem a cabeça.

Se traduzíssemos a frase sem intenções poéticas, ela diria: "Designe-me, ó musa, o homem, o habilíssimo, que vagueou muito, depois de ter destruído a cidade sagrada de Tróia".

Hesíodo

Dizem que Hesíodo, o segundo grande poeta da Antiguidade, viveu por volta de 700 a. C.; ele é mais conhecido como pessoa, pois sua obra contém informações sobre sua vida. Seu trabalho mais importante é a *Teogonia* (*Nascimento dos Deuses*), na qual se baseiam muitos de nossos conhecimentos sobre os mitos e lendas dos deuses da Antiguidade; além deste, a *Erga*, geralmente traduzida como *Obras e Dias*, um poema didático sobre comportamentos corretos e o trabalho agrícola.

Princípios mais remotos

Se nosso conhecimento do grego começasse apenas com Homero e Hesíodo, esta língua poderia ter a veneranda idade de quase 3.000 anos, sendo portanto a única da Europa cuja evolução pode ser seguida ininterruptamente, baseada em testemunhos escritos por dois milênios e meio.

Os seus inícios verificaram-se, porém, muito antes. Hoje em dia é aceito o fato de que esta língua se formou por volta do ano 2000 a. C. em solo grego. Tal data é sugerida principalmente pelas inscrições que a civilização creto-micênica nos legou. Elas datam de cerca do século XV a. C. e reproduzem, embora também escritas em caracteres desconhecidos, palavras de um grego arcaico — esta pelo menos é a interpretação, ainda não universalmente aceita pela ciência, da chamada escrita Linear B (vide capítulo I). Os que usavam esta escrita devem ter penetrado na Grécia pelo norte, no princípio do segundo milênio antes de Cristo, e entrado em contato com a ilha de Creta e com a Ásia Menor antes de 1500.

Uma nova e grande corrente migratória, denominada "migração dórica", ocorreu no século XII a. C. Nessa época os gregos já tinham atravessado o mar Egeu e ocupado suas ilhas, fundando colônias na costa oeste da Ásia Menor, em Rodes, Chipre, e na costa da Síria. Logo depois também fundaram colônias na Baixa Itália e em torno do mar Negro.

O que havia antes?

As tribos gregas, penetrando através dos séculos em direção ao sul, encontraram, nos locais aonde chegavam, uma população indígena, que segundo fontes antigas freqüentemente é chamada de *pelasgo*. Segundo a saga, seu antepassado, Pelasgo, filho de Zeus e de Níobe, foi quem trouxe para seu povo os princípios da agricultura. Cientificamente não se sabe quase nada a respeito desta população "pré-grega" e sua língua. Há em grego uma série de palavras, principalmente nomes, que podem ter uma origem não-grega. São exemplos disso os nomes *Corinto, Parnaso, Imeto* (montanha perto de Atenas), também o célebre *thalassa* (= mar; forma secundária *thalatta*) e o verbo κυβερνάω (*kybernao*), que significa "governar" (o timão, o Estado) e continua ainda vivo na palavra "governo", no inglês *government*, no francês *gouvernement*, assim como na palavra *kybernetik* (= cibernética), que Norbert Weiner divulgou. Tais palavras são seguramente empréstimos de uma camada lingüística pré-grego. Se este substrato lingüístico foi uma língua não-indo-européia, totalmente estranha ao grego, ou um ramo do indo-europeu talvez autônomo, há tempos extinto, ou se ambos os casos misturados, é incerto, e provavelmente permanecerá assim para sempre.

"Gregos" e "helenos"

Coloquei acima a palavra "pré-grego" entre aspas para chamar a atenção para o fato de que as pessoas das quais falamos jamais se autodenominaram "gregos" nem algo parecido. Provavelmente se chamavam ape-

nas aqueus, jônios, etc., não dando um nome próprio para a unidade de sua língua e civilização, se já existiam. A palavra "gregos" origina-se da palavra latina *graeci*, com a qual os romanos designavam todos os povos gregos; esta pretensamente deriva do nome de um povo do noroeste da Grécia, cujos integrantes se denominavam *graikoi*, que teriam sido os primeiros a entrar em contato com os romanos. Se isto é correto, trata-se de um caso semelhante ao que ocorre com os alemães, em francês *allemands*, em referência à tribo dos *alamanos*, a mais próxima da França. Do mesmo modo, os antigos persas denominaram os gregos de *yauna*, que vem de "jônios".

A denominação "helenos", como essência de sua identidade nacional, que os gregos mantêm até hoje, eles provavelmente a adotaram aos poucos, quando sua expansão colonial os fez entrar em contato com inúmeros povos estrangeiros e, assim, os conduziu à consciência de sua coletividade. "Helenos" é originalmente o nome de um pequeno grupo.

Da multiplicidade de dialetos à koiné

Não se pode falar de uma língua grega única nem na época arcaica, nem na homérica. Havia, antes de tudo, uma multiplicidade de dialetos desconcertante para o historiador do passado e talvez também para os "gregos" que viviam naquela época, quando o comércio ou as festas religiosas reuniam grandes massas de membros de diversas tribos. Já que muitos dialetos são bem conhecidos pela pesquisa, através das inscrições conseguidas, é possível presumir que os falantes desses dialetos afins se entendessem mais ou menos bem, ou com algum esforço, algo assim como se bávaros, francos, suábios e alto e baixo-saxões se encontrassem e cada um – por falta de uma língua comum – falasse apenas em seu dialeto nativo.

Segundo os nomes das três tribos principais, os eólios, os dórios e os jônios, também os dialetos são divididos em grupos. *Grosso modo*, os dialetos *eólicos* ocupam o norte; os *dóricos*, o sul da Grécia e suas ilhas; o domínio *jônico* ocupa o espaço entre ambos. A difusão dos gregos por quase toda a região do Mediterrâneo com certeza ocasionou desenvolvimentos divergentes.

Helenismo

A língua de Homero, que, segundo seu caráter, aponta antes para uma língua formada artificialmente do que para um dialeto camponês, pertence ao círculo lingüístico jônico. Ao mesmo ramo pertence o ático, a língua dos atenienses que, com a ascensão política e cultural da cidade, adquiriu importância supralocal, a princípio na literatura, logo, porém, também na vida pública, especialmente quando os reis macedônios e os diádocos que se lhes seguiram fizeram do ático uma língua da corte e administrativa. Assim o grego se tornou, na forma que havia assumido – fundamentos áticos com mistura de dialetos vizinhos –, na época do *helenismo*, a *língua comum* (grego: *koiné diàlektos*) do mundo oriental. O *helenismo*, um conceito propagado pelo historiador alemão Droysen, refere-se à época que sucede as expedições de conquista de Alexandre, na qual o mundo grego e o oriental se fundiram.

Nessa língua grega comum foi escrito o Novo Testamento do cristianismo.

O alfabeto

Antes de nos aprofundarmos na língua grega, voltemo-nos para a escrita, da qual os gregos se utilizaram para seu registro.

Os inventores

O povo semítico dos *fenícios* (grego: *phoiniker*) se estabeleceu antes do ano 2000 a.C. na costa oriental do mar Mediterrâneo, onde, durante sécu-

los, exerceu a supremacia nos campos naval e comercial. Colônias fenícias surgiram na Sardenha, na Sicília e principalmente no norte da África (por exemplo, Cartago). A este povo se deve a invenção da escrita alfabética, uma das invenções das mais ricas em conseqüência da história da humanidade. Depois de terem-se utilizado por algum tempo de uma escrita hieroglífica, semelhante à dos egípcios, e depois de uma escrita cuneiforme, surgiu entre os fenícios, por volta de 1000 a. C., um novo tipo de escrita: a escrita alfabética, que não possuía mais conteúdos de significado em caracteres iconográficos e nem sílabas, mas sim se esforçava por atribuir a cada som da língua falada um sinal escrito. No entanto, os fenícios se limitaram às consoantes. Cada um de seus 23 sinais representa uma consoante. As vogais não são levadas em consideração na escrita: cabe ao leitor completá-las de acordo com o sentido, por exemplo, como se abreviássemos "Brsl" por "Brasil". Do mesmo modo se comportam fundamentalmente os alfabetos semíticos atuais, como o árabe e o hebraico moderno.

A apropriação

Estes sinais foram recebidos pelos gregos quase com certeza no século XI a. C. e daí em diante utilizados por eles para sua própria língua.

Sobre o fato da apropriação não pode existir qualquer dúvida. A semelhança extrema entre os sinais fala por si — pelo menos da forma fenícia para a forma grega arcaica; mais tarde as formas foram se alterando gradativamente. Também os nomes das letras atestam isso: fenício *aleph, beth, gimel, daleth...* grego *alpha, beta, gamma, delta...* (daí a palavra "alfabeto"). Do grego, e mais precisamente de um trecho do *Apocalipse* de São João, veio a expressão "O alfa e o ômega" (alemão: *"Das A und das O"*), significando "De *a* a *z*", "O começo e o fim", pois o *A* (alfa) se encontra no começo, e o *O* (ômega) se encontra no fim do alfabeto grego.

Cabe lembrar, porém, que o *O* não existia a princípio. Ele pertence aos poucos sinais que foram acrescidos pelos gregos para corresponder às necessidades de sua língua: *phi, chi, psi* e *ômega.*

A seqüência dos sinais nos dois alfabetos também depõe a favor da tese da apropriação.

Deixando de lado numerosos desvios e evoluções particulares, vejamos a principal mudança introduzida pelos gregos: o alfabeto fenício possuía quatro sinais que não serviam aos gregos, porque os sons correspondentes do fenício não existiam em grego. Já que lhes pareceu pouco prático deixar de lado as vogais na escrita (e na verdade elas desempenham um papel de vital importância no grego), eles passaram a dar a estes sinais um valor vocálico. Eis por que também em nosso alfabeto atual, derivado do grego via latim, as vogais ocupam um local arbitrário.

Particularidades

Para podermos ler um texto grego, não basta conhecer os caracteres e seus sons. Precisamos conhecer algumas particularidades:

1. Devem-se conhecer os ditongos gregos e sua pronúncia. São eles:

αι (alfa + iota), pronunciado "ài"; no lugar deste ditongo surgirá nos empréstimos latinos do grego um [ε] escrito *ae* [grego παιδαγωγός, latim *paedagogus*, português "pedagogo", alemão *Pädagoge*].

αυ (alfa + ypsilon), pronunciado "àu". Originalmente o υ se pronunciava como o nosso *u:* desta época se origina a pronúncia deste ditongo; mais tarde a pronúncia do υ transformou-se no som *ü*.

ει (epsilon + iota), pronunciado "ei".

Do alfabeto fenício ao grego

Símbolo fenício	Símbolo grego arcaico	Símbolo clássico grego: maiúsculas	Símbolo clássico grego: minúsculas	Denominação	Transcrição fonética (pronúncia clássica grega)	Observação
𐤀	Α Α	A	α	*Alpha*	[a]	Em fenício, consonantal
𐤁	ᛕ Ᵽ ⅂	B	β	*Beta*	[b]	
𐤂	⅂ Γ Λ	Γ	γ	*Gamma*	[g]	
𐤃	Δ	Δ	δ	*Delta*	[d]	
𐤄	ᴇ E	E	ε	*Epsilon*	[e]	Em fenício, [h]
𐤆	‡	Z	ζ	*Zeta*	[ts]	
𐤇 H B	B H	H	η	*Eta*	[ɛ:]	Em fenício, som ch
⊕	⊕ ⊗ ⊙	Θ	ϑ	*Theta*	[th]	
𐤉	ϟ ʅ ʅ I	I	ι	*Iota*	[i]	Em fenício, jotizado
𐤊	K K K	K	κ	*Kappa*	[k]	
𐤋	Γ Λ Λ	Λ	λ	*Lambda*	[l]	
𐤌	M M	M	μ	*My*	[m]	
𐤍	N N N	N	ν	*Ny*	[n]	
𐤎		Ξ	ξ	*Xi*	[ks]	Em fenício, [s]
O	O C	O	o	*Omikron*	[ɔ]	Em fenício, consonantal
𐤐	Γ Γ	Π	π	*Pi*	[p]	
𐤑	M					Um som -s
Φ	Φ Ϙ					[kv], de onde vem o latim q
𐤓	P P R	P	ρ	*Rho*	[r]	
W		Σ	σς	*Sigma*	[s]	Em fenício, [ʃ]
X +	T Y	T	τ	*Tau*	[t]	
Y Y	V Y Y	Y	υ	*Ypsilon*	[y]	Em fenício, [v]
	↓	Φ	φ	*Phi*	[f]	
		X	χ	*Chi*	[ç]	
		Ψ	ψ	*Psi*	[ps]	
	⊙ O	Ω	ω	*Omega*	[ɔ:]	

οι (ômicron + iota), pronunciado "òi"; em lugar deste ditongo, há em latim œ e em alemão ö [grego κροῖσος, latim *Crœsus*, alemão *Krösus]*.

ου (ômicron + ypsilon), pronunciado "u"; quando o ypsilon passou a ser pronunciado [y] (ü), o som [u] era escrito com este ditongo.

ευ (epsilon + ypsilon) e ηυ (eta + ypsilon), ambos pronunciados como "èu".

υι (ypsilon + iota), pronunciados [yi], como em francês, *huile*.

2. As vogais longas alfa [a:], eta [ɛ:], ômega [ɔ:] (ômega, literalmente, "O grande") são, historicamente, antigos ditongos. De certo modo para lembrar este fato eles mantêm um "iota subscrito", como por exemplo em τραγῳδία, "tragédia"; a pequena barra sob o ômega representa o *iota subscriptum*. Para tornar as coisas ainda mais difíceis, quando se trata de letras maiúsculas este sinal vem acima delas, à esquerda.

3. Para o som [h] não há sinal no alfabeto, porque o sinal fenício que tinha o valor fonético [h] foi reaproveitado para a vogal *eta*. Mas visto que o som [h] existe no grego falado, sem dúvida no ático, pelo menos no início de palavras, o *h* é marcado por um sinal chamado de *spiritus asper* em latim. Ele parece uma pequena aspa, aberta para a direita (historicamente surgiu de maneira bem diversa). Exemplo: ἡ [he:], com o *spiritus* colocado acima da vogal. Quando se trata de letra maiúscula é colocado antes: Ἡ [he:]. Por fim, quando se trata de um ditongo, ele se encontra acima da segunda vogal: υἱός [hyiọs], "filho".

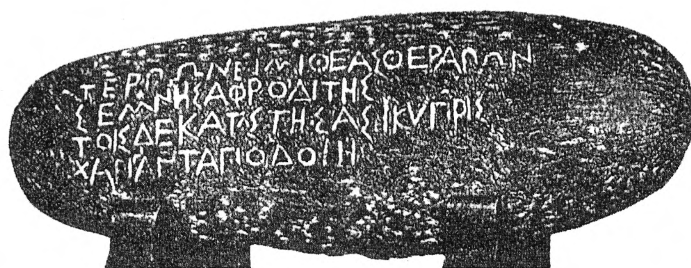
O *spiritus asper* também é acrescentado na letra *Rho* (ρ), porque o [r] era "aspirado".

Caso a palavra comece com uma vogal, sem que seja necessária a aspiração, o *spìritus* pode ser dispensado. Mas na verdade não é isso o que acontece: acrescenta-se um outro sinal, o *spiritus lenis* (latim, "leve aspiração"), o oposto do *spiritus asper*. Exemplo: Ἐυ e ἐυ, ambos pronunciados [ɛn], e por isso Ῥώμη, "Roma", ῥήτωρ, "reitor, orador" (em alemão conservou-se o "rh" na escrita de muitos empréstimos de origem grega: *Rheuma, Rhododendron, Katarrh, Rhythmus*). Há palavras que se distinguem apenas pelo tipo de *spiritus* usado, como ὄρος [ɔrɔs], "monte", e ὅρος [hɔrɔs], "limite".

Como escreviam os gregos?

Os gregos escreviam linha embaixo de linha, sempre da esquerda para a direita, como nós, mas não a princípio! As inscrições mais antigas mostram ainda uma condução das linhas da direita para a esquerda ou também uma bastante evidente chamada *bustrofédon* — voltando como um boi que ao arar um campo segue uma vez para a esquerda, outra para a direita, etc. Isto também nos conduz ao modelo originalmente fenício.

A arte de escrever se difundiu por todo o território ocupado pelos gregos, atingindo até o próprio povo — embora não houvesse escolas públicas, apenas a instrução privada, que privilegiava somente os filhos de pais nobres ou ricos. Mesmo assim encontram-se inscrições gregas em uma das colossais figuras em Abu Simbel, no alto Nilo, datadas de 600 a. C.; elas são de autoria de mercenários gregos, que se encontravam a serviço do rei egípcio de então, e demonstram que esses simples soldados podiam escrever, ainda que mal. De modo algum, porém, escrever e ler eram um bem comum de grandes círculos da população — também entre os romanos este não era o caso, nem mesmo na Idade Média européia.



Escrita grega. A inscrição mostra a forma originária, constituída apenas de letras maiúsculas, correndo da esquerda para a direita.

A princípio escrevia-se exclusivamente em letras maiúsculas, que vinham alinhadas uma após a outra, sem separação. Apenas quando, no período helenístico tardio, passou-se a escrever cada vez mais, e sobre pergaminho, desenvolveram-se estilos de escrita que vieram ao encontro das necessidades da escrita manual: a princípio formas de letras arredondadas e, em seguida, as letras minúsculas. As maiúsculas permaneceram para o início de frases e para nomes próprios, e também para inscrições tal como hoje ainda se faz. Certo é que Platão ou um poeta do período clássico não saberia ler suas obras da maneira como são impressas hoje.

A princípio, as letras vinham simplesmente alinhadas uma após a outra, sem espaço entre as palavras. Quando se chegava ao fim da linha, prosseguia-se na seguinte, sem se levar em consideração palavras ou sílabas. Também não se conheciam a princípio os sinais de interpontuação. Apenas no período helênico começaram a ser utilizados a vírgula e o ponto mais ou menos como são usados atualmente. Como ponto de interrogação era usado o ponto-e-vírgula (;); dois pontos e exclamação não existiam.

A língua falada
A eufonia grega

Voltando-nos agora para algumas das características do grego, a primeira coisa que nos cabe referir é o som extraordinariamente bonito para nossos ouvidos. Ele depende, em essência, da plenitude das vogais e dos ditongos. Há palavras que apresentam apenas uma consoante, com três ou quatro vogais: *οἰκίαι* [ɔikịai], "casas", e mais bonito ainda, ἀοιδιάω [aoidiạo], "eu canto".

Durante uma viagem à Itália, Goethe assistiu em Roma a uma sessão da *Congregatio de propaganda fide* — a Congregação pela propagação da fé, que, por ordem do papa, deveria contribuir para a ascensão da palavra "propaganda" até adquirir a sua força suprema atual. Em 10 de janeiro de 1787, Goethe relata como jovens, integrantes de um seminário de padres, procedentes de vários países, recitavam textos, cada um em sua língua materna — sons árabes, hebreus, turcos, persas, armênios e etíopes ressoavam. Chega a vez de um jovem grego. Então, escreve Goethe, "o grego soava como uma estrela que surge à noite". (Com certeza não se tratava, porém, do grego antigo.)

Naturalmente pode-se discutir à vontade sobre o tema da "beleza" sonora de nossa própria língua: é impossível haver um critério objetivo. Cada língua é um sistema dotado de uma ordem interna própria, ela é completa ou, usando as palavras de Rankes com referência às épocas da história mundial, cada uma é e fala "diretamente a Deus". Quem, entretanto, alguma vez

tenha ouvido Iossif Stalin falar em russo (que não era sua língua materna), concordará que, de fato, há vários graus de eufonia.

Como falavam os atenienses?

Levando em conta as indicações precedentes sobre o valor fonético das letras gregas, sobre a pronúncia dos ditongos e sobre o significado de alguns sinais auxiliares, seria possível fazermos uma idéia de como os gregos antigos falavam, como teria soado o grego em suas bocas?

A pergunta deve ser feita de forma mais restrita. Ignoremos os inúmeros dialetos e consideremos apenas Atenas, o centro. Deixemos de lado os primórdios e o desenvolvimento sucessivo, para considerar apenas a "época clássica" da civilização grega, isto é, os séculos V e IV a. C. Destes dois o século V é chamado a "época áurea", pois a ele pertencem os grandes poetas Ésquilo [aìsxylɔs] (assim em grego, enquanto entre nós é mais freqüente a forma derivada do latim Ésquilo [ɛʃylus]), Sófocles, Eurípedes, Aristófanes. O século IV a. C. já representa uma decadência política de Atenas, mas é a era dos grandes pensadores Platão e Aristóteles. Por fim, precisamos ainda restringir esta pergunta à língua falada pelos atenienses cultos, considerando que ela se aproximaria mais do grego escrito, enquanto o povo simples tem sua própria maneira de falar, tanto naquela época quanto atualmente.

Mesmo com todas essas limitações a questão não é fácil de ser respondida, acima de tudo com a fórmula: eles falavam do mesmo modo que nos ensinam as línguas clássicas. O motivo mais importante se encontra nos modos diversos de entonação e acentuação.

O que significa "acento"?

A palavra "acento" (alemão *Akzent*), no uso comum na língua alemã, tem vários significados, para os quais seria bom abrir aqui um parêntese explicativo:

1. Na frase "Ele fala muito bem alemão, embora com um forte acento americano", *acento* significa "sotaque", o "colorido" da maneira de falar, geralmente influência da língua materna.

2. "Na palavra *'Einbruchsdiebstahl'* (furto com arrombamento) o *acento* recai sobre a primeira sílaba": neste caso a palavra se refere ao reforço do *tom*, com o qual pomos em relevo uma sílaba. Este tipo de acentuação é bastante pronunciado no alemão, enquanto não o é em outras línguas, como por exemplo o francês.

3. Comparemos as frases "Você dormiu" e "Você dormiu?" em relação à melodia da frase. No segundo caso, na interrogação, há elevação da voz na palavra "dormiu?". É o que se chama acento da frase ou acento musical, que não é o mesmo do item 2, pois em ambas as frases o acento recai na mesma vogal [i].

4. "Em francês há vários tipos do som *e* ([e, ɛ, ə]), que na escrita são marcados pela presença ou ausência de um acento sobre o *e* (*é, è, ê*)": o que neste caso se chama comunente de *acento* seria melhor chamado de *sinal diacrítico*.

A maneira de falar dos antigos gregos

Agora eu falo de *acento* como no item 2 e volto à nossa questão. Nós acentuamos uma sílaba, à medida que a enfatizamos, pronunciando-a com maior intensidade de voz. Os gregos, em contraposição, as distinguem das outras não com o aumento da intensidade, mas com a elevação do tom (do

mesmo modo que fazemos para expressar uma interrogação). Para nós é quase impossível imitar este *tom*; recairemos sempre em nosso modo de acentuar. Os estudiosos do assunto dizem que o lituano atual tem alguma semelhança na maneira de acentuação, no entanto, se não podemos ouvir o lituano, como poderemos fazer uma idéia?

Por outro lado, essa característica do grego se demonstra até mesmo na história da palavra "acento": "acento" corresponde ao latim *ad-cantus*, literalmente "canto de acompanhamento"; os romanos traduziram exatamente a palavra grega προσῳδία [prɔsɔdi̯a], derivada de *prosōdós*, por "aquele que acompanha o canto" (a assim chamada tradução de empréstimo). Vem daí o termo bastante empregado pelos literatos, *prosódia*, que tem o significado de elocução, melodia lingüística, e mais precisamente "a doutrina do tratamento rítmico-métrico da língua".

Musicalidade

O caráter musical, quase "cantado" do grego clássico torna-se ainda mais claro quando sabemos que os gregos conheciam um tom alto, oscilante, em curva (primeiro ascendente, depois descendente), e um tom baixo. Isto é um dado correto, porque filólogos e gramáticos das épocas mais próximas (helênica e bizantina) introduziram sinais que indicam essas diferenças na escrita: o agudo (´), que se assemelha ao acento agudo do português, indica o tom alto. O grave (`) indica o tom baixo, e o circunflexo (^) indica o tom ascendente-descendente, e se assemelha não ao acento circunflexo do português, mas antes ao til (~). Quando reagimos a uma notícia interessante com um "Ah, é...?", este "Ah, é...?" é dito com um "acento" não igual ao grego, mas que pelo menos pode ser simbolizado com uma linha ondulada.

Estes sinais auxiliares para a entonação são impressos atualmente em todos os textos em grego antigo como auxílio para o leitor, embora fossem desconhecidos quando estes textos surgiram.

Ainda sob outro aspecto a pronúncia grega causa estranheza ao alemão: o acento tônico pode recair sobre uma das três últimas sílabas de uma palavra, e com freqüência ele se encontra na última sílaba, o que é comum em alemão apenas no que se refere a palavras de origem estrangeira, como é o caso de *Operation*, "operação", e *Philosophie*, "filosofia". Tal diversidade de acentuação contribui para o aspecto melódico do grego.

Há ainda outras peculiaridades, como por exemplo o fato de o acento poder agir sobre a entonação de sílabas que se encontrem próximas da tônica, e até mesmo sobre palavras próximas dela; mas vou parar por aqui, porque não queria falar de todas as características, mas antes dirigir o olhar, ou melhor, a audição para determinadas características sonoras do grego.

A tipologia do grego

Tipologicamente o grego pertence de modo inequívoco às línguas flexionadas: as relações entre uma palavra e as outras com as quais forma uma frase são expressas por mudanças na própria palavra (declinação, conjugação), e de tal modo que determinados elementos formais (morfemas), que modificam o significado, se associem ao radical e se amalgamem com ele, podendo a própria raiz sofrer modificações. Sem dúvida alguma, o chamado proto-indo-europeu pertence também a este tipo, que se conservou melhor no latim e, entre as línguas vivas, no lituano; mais amenamente no russo e no grego moderno; sensível de forma mais fraca ainda, em praticamente todos os ramos desse tronco lingüístico.

Para a declinação do substantivo (e existem três declinações diversas) limitar-me-ei apenas a um exemplo: a palavra πόνος (pọnos) significa "trabalho", "fadiga", "flagelo", é de gênero masculino e segue a chamada declinação-o:

Exemplo de uma declinação

nominativo	ὁ πόνος	*(ho pọnos)*	o trabalho
genitivo	τοῦ πόνου	*(tu pọnu)*	do trabalho
dativo	τῳ πόνῳ	*(to pọno)*	ao trabalho
acusativo	τον πόνον	*(ton pọnon)*	o trabalho
vocativo	ὦ πόνε	*(o pọne)*	ó trabalho

Conclusão: cada caso tem uma terminação diferente, e também o artigo se declina. Do mesmo modo ocorre no plural e também no *dual*; o grego, de modo semelhante a outras línguas, distingue, além do singular e do plural, ainda o dual, que surgiu provavelmente do sentimento original de que duas coisas não são uma, mas também não são "várias". O alemão, como outras línguas, exprime este conceito com a palavra *Paar* (par).

Começo com duas citações:

O verbo grego

"A força do grego está no verbo." *In*: Hans Poeschel, *Die griechische Sprache (A Língua Grega)*, Munique, 5ª edição, 1968.

"Em seu conjunto, o sistema verbal do grego antigo é tão irregular, complicado e desordenado que o espírito lingüístico manifestado nele deve ser acoimado de negligente. Ele dá a impressão de um campo em ruínas pluriestratificado e caótico, sobre o qual, para consolo daquele que aprende o grego antigo, ainda restam alguns templos intactos." *In: Das Fischer Lexikon*, volume *Sprachen (Línguas),* de Heinz F. Wendt, Frankfurt/Main, 1961.

A primeira citação é de um amante do grego, o qual, depois de havê-lo estudado a vida toda, na velhice escreveu esse livro, para transmitir aos outros a sua predileção. A segunda é de um perito no assunto, que editou uma obra de consulta ampla e reconhecida, da qual ele mesmo é o autor. Quem teria razão?

Certo é que este sistema verbal é complicado ao extremo. Também Hans Poeschel precisa de 348 páginas, cerca de uma quarta parte de seu livro — que não pretende ser nem um manual, nem uma gramática —, para dar uma introdução aos sistemas de conjugação. As dificuldades que se avolumam, para quem queira aprender essa língua maravilhosa, não consistem simplesmente no fato de que há vários tipos de conjugações e de verbos irregulares que não seguem nenhum tipo de esquema. Isto é comum também em outras línguas. O grego tem uma multiplicidade muito maior de formas, como o tinha o proto-indo-europeu, mas que não é comum a nenhuma língua atual, com exceção talvez do lituano.

A média

Para começar, ao lado das vozes *ativa* e *passiva* há uma terceira, chamada *média*, uma intermediária entre as formas ativa e passiva, que tem uma função semelhante à nossa reflexiva. Mostra que uma ação, de determinada forma, se reflete no sujeito; em alemão e em português podemos expressar isto com o pronome reflexivo: "eu lavo" (*ich wasche*) e "eu me lavo" (*ich wasche mich*); em grego, há uma forma verbal especial para este caso. A média pode também exprimir um forte interesse pessoal do sujeito na ação,

algo como dizer "eu engano" (forma ativa), "eu engano em meu interesse", isto é, "eu minto" (média).

Formas do verbo

Uma segunda dificuldade é de natureza fundamental. Os verbos do alemão e de outras línguas modernas têm *tempos* diversos, mediante os quais expressam a relação entre o tempo de quem fala e o tempo do acontecimento de que se fala: "eu vou" = ambos ocorrem simultaneamente; "eu fui" = primeiro a ação, depois o tempo de quem fala; "eu irei" = antes o tempo de quem fala, depois a ação, etc. Óbvio, não é verdade?

Línguas diversas, costumes diversos! Existem línguas — entre as quais o proto-indo-europeu — nas quais estes *tempos* não exprimem (ou pelo menos não a princípio) relações temporais, mas sim o *aspecto*, ou seja, o modo e a maneira do desenvolvimento da ação. A ação dura (aspecto durativo progressivo)? O inglês exprime a duração com a forma progressiva *I am smoking* (eu fumo, no sentido de "estou fumando"), que em Portugal é expresso assim: "Estou a fumar". A ação se inicia ou está por iniciar-se? Este aspecto *ingressivo* pode ser expresso com perífrases ou prefixos: "adormecer", por exemplo, indica o início do sono. A ação acabou neste momento? Este aspecto (*efetivo*) podemos expressar também com perífrases ou prefixos, como no exemplo em alemão *Das Feuer erlischt* (o fogo se extingue), que contrasta com *Das Feuer ist niedergebrannt* (aspecto *perfectivo*, o resultado da ação). Finalmente, há o aspecto *interativo,* que indica a repetição de uma ação ou de um acontecimento: este aspecto também pode ser conseguido com perífrases: "ele fuma sem parar", ou "ele costuma cavalgar".

O aoristo

Em grego, e também no russo, há formas verbais especiais para exprimir o aspecto, e entre elas se destaca o *aoristo* (ἀόριστος, "indefinido"), que é uma forma de passado com aspecto *efetivo* (ação vista como concluída).

Depois de tantas alusões desanimadoras, está mais do que na hora de nos dedicarmos às vantagens do grego.

Vantagens do grego

O prazer em criar compostos

O grego tem em comum com o alemão uma extraordinária versatilidade e flexibilidade na criação de palavras novas, e não só com o auxílio de afixos (prefixos e sufixos) — isto é possível em praticamente todas as línguas indo-européias —, mas também pela combinação de duas ou mais palavras que, unidas, criam uma nova palavra, com um novo significado. Dito de outro modo, o grego tem uma grande facilidade na criação de palavras compostas. Nem o latim e suas línguas derivadas, nem o russo participam substancialmente desse tipo de formação de palavras.

O espírito popular, ou o espírito lingüístico, considerado por muitos pura ficção, cujo efeito porém importuna qualquer um que se aprofunde no conhecimento de uma língua, pode bem ter trazido traços de parentesco para o grego e o alemão. Ambas as línguas compartilham de uma multiplicidade de modos de expressão, de nuanças, de associações que o espírito lingüístico dos franceses, ansioso pela *clareza*, não contém.

Consideremos, por exemplo, o simples caso de um substantivo composto de dois outros, como *Haustür* (porta da casa). O substantivo fundamental é o segundo: trata-se de uma porta *(Tür)*; ele é limitado em seu significado pelo elemento determinativo *Haus* (casa) que o precede. Esse elemento determinativo define melhor que a perífrase "Porta que dá acesso à casa" — em contraposição a outros tipos de portas: *Gartentür* (porta do jardim),

Wohnungstür (porta do apartamento), *Kellertür* (porta da adega), *Küchentür* (porta da cozinha), *Ladentür* (porta da loja), *Schranktür* (porta do armário), e assim por diante, *ad infinitum*, pois um novo tipo de composto desta espécie pode ser formado a qualquer momento, e nenhum dicionário da língua alemã é tão completo a ponto de registrar todas as possibilidades de composição desse tipo.

Exemplos de compostos

Comum a ambas as línguas é o fato de que quase todas as categorias de palavras podem entrar na formação de compostos. Em alemão — quando se prescinde do *-s* que se acresce às vezes um tanto arbitrariamente (*Feuerversicherung*, mas *Feuersbrunst*, e diz-se *Einkommensteuer* ou *Einkommenssteuer*?) — basta alinhar tais elementos, enquanto no grego a composição pode conter uma grande quantidade de variações, já pelo fato de o tema do substantivo não corresponder a seu nominativo. Assim, de θάλαττα,"o mar", e κράτος, " a força", surge: θαλαττοκρατία, "soberania marítima"; de σύν, "junto", e ὁδός, "o caminho", vem σύνοδος (com queda do [h] aspirado), "o encontro", e daí a palavra "sínodo" (*Synode*); de πέντε, "cinco", e ἆθλον, "luta", surge πένταθλον, "competição de cinco exercícios", "pentatlo" — em alemão usa-se *Pentathlon*, assim como *Biathlon*; de εὖ, "bom", e da raiz de γένος, "estirpe", εὐγενής, "bem-nascido", de onde o nome *Eugen* (Eugênio).

A palavra monstruosa

Em uma língua que conhece o prazer de compor, é possível brincar, construindo verdadeiros "monstros" pela associação de palavras. Os vienenses conhecem o *Donaudampfschiffahrtsgesellschaftskapitän* (capitão da sociedade de navios a vapor do Danúbio): os gregos se divertiam do mesmo modo. Eis aqui dois exemplos, pelos quais agradeço mais uma vez a Hans Poeschel:

1. De uma tragédia, de resto perdida, do poeta trágico Pratina, restou o adjetivo λαλοβαρυπαραμελορυθμοβάτης (*lalobaryparamelorytmobates*), que significa algo como "cansativo, tagarela e que ofende o ritmo".

2. Ainda mais imponente é a monstruosa palavra tirada de uma comédia de Aristófanes*, que abrange 78 sílabas:

> ...λοπαδοτέμαχοςσελαχογαλεp-
> κρανιολειψανοδριμυποτριμματο-
> σιλφιοπαραομελιτοκατακεχυμενο-
> κιχλεπικοσσυφοφαττοπεριστερα-
> λεκτρυονοπτεκεφαλλιοκιγκλοπε-
> λειολαγωοσιραιοβαψητραγαν-
> οπτερύγων.

A riqueza de sons vocálicos do grego confere até mesmo a um monstro vocabular deste tipo uma eufonia exemplar.

Preposições

O verbo alemão pode resultar de diversas combinações ou entrar em diversas combinações, como, por exemplo, com um substantivo (*Fahrschule*, "auto-escola"), ou antecedido de um adjetivo (*festhalten*, *bereithalten*). O verbo grego pode se juntar apenas a preposições, uma ou várias. A

* O texto foi extraído de *Assembléia de Mulheres*, escrito em 392 a. C. (N. da T.)

maioria das preposições gregas pode ter um significado de lugar, de tempo e também um sentido figurado, de modo semelhante ao alemão — cf. *auf* com significado local: *Die Uhr liegt auf dem Tisch* (O relógio está sobre a mesa); temporal: *Auf Regen folgt Sonnenschein* (Depois da tempestade vem a bonança); sentido figurado: *Ich baue auf dein Versprechen* (Conto com sua promessa). Terão os três valores se formado gradualmente nesta seqüência?

Vejamos agora um grupo de preposições importantes que se conservaram no alemão e em outras línguas:

ἀμφί [amfi] "em torno... em volta", cf. "anfiteatro" (a preposição é parente do latim *ambo,* "ambos"; cf. "ambivalente").

ἀνά [ana] "sobre", "em cima"; cf. "análise". Observação: a maior parte das palavras estrangeiras que começam com *an-* não têm esta sílaba como componente, mas sim o prefixo de valor negativo ἀν[an], correspondente ao latim *in* (cf. "inativo") e ao alemão *un-* (*ungehorsam*). Exemplos: "inorgânico", "anemia".

ἀντί [anti] "em frente", "defronte", "oposto a"; cf. "antítese", "antagonista".

ἀπό [apɔ] "de..." (origem); cf. "apóstolo" (= enviado), "apocalipse".

διά [dia] "através", "por meio de"; cf. "diâmetro".

ἐν [ɛn] "em"; cf. "energia", de en + ergon, "obra", "atividade".

ἐπί [ɛpi] "sobre", "após"; cf. "epílogo".

κατά [kata] "para baixo", "por baixo", "sob"; cf. "catarata", "catástrofe".

μετά [mɛta] "expressa mudança, sucessão, posteridade"; cf. "metafísica", "meteoro", "método" (*hodos*, "o caminho", "método", "o caminho para alguma coisa, para a meta"), "metamorfose".

περί [pɛri] "em torno", "em volta de"; cf. "periferia", "periscópio".

ὑπέρ [hypɛr] "acima de", "mais que"; cf. "hipérbole", "hipertrofia".

ὑπό [hypɔ] "de", "abaixo"; cf. "hipoteca", "hipotenusa", "hipotonia" (= baixa pressão sangüínea).

Uma olhada nos nomes gregos

O tema "nomes próprios" entra neste contexto pelo fato de freqüentemente eles representarem composições e porque vários nomes de origem grega continuam a ser comuns entre nós.

Comecemos com o nome supremo: com *theos* ("Deus") formam-se "Teodoro" (= presente de Deus) e suas variantes: "Teodora", "Dorotéia", com as formas variantes "Dora", "Dorit" e "Teófilo" (amigo de Deus), que no período pietista foi traduzido para o alemão como *Gottlieb* (o segundo nome de batismo de Mozart era *Theophil*, que depois foi modificado por influência do italiano para *Amadé*; a forma latina correspondente, *Amadeus*, raramente foi usada por ele.

Grego é o nome *Philipp(os),* "o amante de cavalos", *hippos* = cavalo, com formas paralelas em quase todas as línguas — francês: *Philippe*; italiano: *Filippo* (daí *Pippo*); espanhol: *Felipe*; português: *Filipe;* húngaro: *Fülöp*.

Com *nike*, "vitória", são formados *Nikolaus, Nicola, Nicolau;* de *margarithes*, "pérola", surgiu *Margarida,* em alemão *Margarethe*, com inúmeras variações, como *Gitta, Greta, Margret, Maret, Maggy, Rita*, etc.

A sílaba *-kles* indica fama, honra: *Themistokles* (Temístocles) e *Sophokles* (Sófocles) realmente fizeram jus a seu próprio nome: "famoso pela sabedoria".

Outras características
Capacidade expressiva, flexibilidade

Quanto maior a riqueza em flexões de uma língua, tanto maior a liberdade na ordenação das palavras na frase. O ramificado sistema verbal do grego permite, portanto, com suas inúmeras formas e também particípios, mais numerosos que os míseros dois do alemão, uma livre disposição das palavras, da qual as traduções de textos em grego antigo para o alemão ainda conseguem quase sempre conservar o eco. O particípio grego pode ser declinado e conjugado, pode substituir ou reger uma oração subordinada. Esse fato, aliado à existência de inúmeras partículas, permite uma construção artística de orações principais e subordinadas intercaladas entre si com construções infinitivas e participiais, uma criação livre e — em mãos de mestre — artística de estruturas e períodos lingüísticos os mais variados.

Assim, o grego antigo não é apenas uma das mais belas línguas, mas ao mesmo tempo, na época de seu florescimento, no período clássico de Atenas, uma das mais ricas. Ela coloca à disposição do filósofo e do poeta criador de palavras uma variedade incrível, diferenciações e nuanças as mais sutis. Em quase todos os gêneros literários os gregos criaram modelos que as épocas posteriores conseguiram quando muito igualar, mas nunca superar: na retórica, no diálogo, na epopéia, na tragédia e na comédia, no estilo epistolar, na poesia, na anedota e no epigrama.

"Os gregos", afirma o filólogo britânico Gilbert Murray, "criaram uma língua extremamente capaz de realizar as mais diversas maneiras expressivas do espírito humano. Exatidão na prosa, magia e paixão na poesia, a combinação de precisão e de questões instigantes — o que constitui a essência da filosofia—, os gracejos refinados ou abrutalhados da comédia, que mesmo depois de 2.000 anos ainda causam o riso. E como se verificou tudo isso? Através de esforço consciente ou por acaso? Uma coisa é certa: a riqueza de possibilidades de flexão dá ao falante a possibilidade de ordenar as palavras na frase com muita liberdade e assim conseguir uma acentuação e uma eficácia que são negadas às línguas não flexivas." (*Greek Studies*.)

Concisão e precisão

Quem conhece o grego apenas de traduções dos versos homéricos, diálogos de Platão ou relatos históricos como os de Tucídides talvez tenha ficado com a impressão de certa prolixidade. A tal impressão devo opor o fato de que o grego também é capaz de uma concisão e uma precisão semelhantes às do latim. Aqui vão alguns exemplos, para que meu elogio a esta língua não pareça parcial.

Ανθρωπος μικρὸς κόσμος (*ạnthrōpos mikrọs kọsmos*), literalmente, "homem — mundo pequeno", corresponde a: "O homem é um mundo todo em tamanho pequeno, um *microcosmo*". Palavras do filósofo Demócrito, século V a. C. As desinências iguais indicam a declinação dos temas em *-o*.

Ἦθος ἀνθρώπῳ δαίμον (*ẹthos ạnthrọpō daịmon*), literalmente, "caráter (para o) homem destino", corresponde a: "O destino do homem se encontra em seu caráter", ou, mais livremente: "Em teu coração estão os astros do teu destino" (Schiller).

Μέτρον ἄριστον *(mẹtron ạriston)*, literalmente: "Medida... melhor", corresponde a: "A melhor coisa é o senso de medida".

Para terminar, uma referência a um texto que passou à história, e outro pertencente à Bíblia. A inscrição da lápide em honra dos trezentos espartanos tombados perto de Termópilas diz no original:

'Ω ξεῖν' ἀγγέλλειν Λακεδαιμονίοις, ὅτι τῇδε / κείμεϑα τοῖς κείνων ῥήμασι πειϑόμενοι.

Inscrição de Termópilas

(O ksein angellein lakedaimoniois hoti tede/ keimeta tois keinon remasi peithomenoi.)

Cícero conseguiu manter o ritmo na tradução para o latim:

Dic, hospes, Spartae nos te hic vidisse iacentes,
dum sanctis patriae legibus obsequimur.

Versão alemã de Friedrich Schiller:

Wanderer, kommst du nach Sparta, verkündige
dorten, du habest/ uns hier liegen gesehn, wie das Gesetz es befahl.

Isto soa mais patético que o original, que afirma:

"Estranho, comunique aos cidadãos espartanos que aqui jazemos em obediência às leis sagradas".

Não é à toa que nossa palavra "lacônico" (alemão: *lakonisch*) vem de *Lakedaimon*, literalmente "à maneira dos espartanos".

O começo do Evangelho de São João diz assim no seu original grego:

No princípio era o verbo

'Εν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος καὶ ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν ϑεόν, καὶ ϑεὸς ἦν ὁ λόγος.

"No princípio era o verbo, e o verbo estava em Deus, e o verbo era Deus."

Do koiné ao grego moderno

Com a decadência política de Atenas, os gregos caíram primeiro sob o domínio macedônio, depois sob o romano. Como é freqüente na história, a evolução política e a lingüístico-cultural seguiram caminhos diferentes. Enquanto a Grécia decaía para a condição de província, os exércitos de Alexandre difundiram a língua e a cultura gregas por todos os países do Oriente; e quando os romanos conquistaram a Grécia, quando constataram a supremacia cultural do povo subjugado, a derrota quase se transformou em vitória: o grego foi por longo tempo a língua dos romanos cultos, do mesmo modo que o francês foi a língua das classes superiores alemãs e russas.

A sentença de Horácio

Graecia capta ferum victorem ceperit et artis intulit agresti Latio: "A Grécia, apenas subjugada, subjugou o altivo vencedor e trouxe a arte ao agreste Lácio" (Horácio).

Na evolução do grego distingue-se um período do *grego médio*, que vai de 300 até 1453, ano em que os turcos conquistaram Bizâncio e deste modo derrubaram o último bastião da tradição cultural grega. Mas já há muito a posição do grego estava bastante enfraquecida. Amplas regiões do mundo helenístico haviam se tornado árabes, depois turcas, tinham assumido uma outra língua e uma outra crença. Até mesmo na terra natal dos gregos, eslavos e albaneses haviam se instalado. (Em nosso século, após uma guerra greco-turca, o grego foi expulso também da Ásia Menor.)

Diglossia

No período grego médio se formou uma cisão lingüística (diglossia, bilingüismo) de fortes conseqüências. A língua falada pelo povo já havia evoluído e se diferenciado bastante do grego clássico — e não é de admirar, quando pensamos que seu florescimento se dera há quase 2.000 anos —, enquanto a classe culta continuava a ser fiel à língua tradicional de seus antepassados, sobretudo no campo da escrita e da literatura.

O segundo período, o do grego moderno, vai de 1453 até os dias de hoje. Em 1832, quando os gregos escaparam ao jugo turco e proclamaram sua independência, graças também à apaixonada participação e à contribuição ati-

va de muitos europeus ocidentais (entre eles Lorde Byron) atraídos pelo grego clássico, a língua culta, baseada no ático, foi declarada legalmente a língua oficial do país e a do ensino. Naturalmente isso não significou a eliminação da língua popular (*dimotiki*), nem mesmo sua repressão: pelo contrário, cada vez mais escritores utilizavam em suas obras a língua do povo, que atualmente é a única língua de ensino nas escolas.

Em seu longo caminho, o grego sofreu uma série de modificações, que alteraram o aspecto fonético, a conjugação e a declinação, o modo de acentuação e, enfim, o léxico, com os empréstimos do turco, do italiano e de outras línguas. Quem aprendeu grego antigo na escola pode até esperar poder decifrar, em Atenas, as placas das ruas (a escrita permaneceu inalterada na sua essência), mas não poderá conversar com um ateniense. Em seu perfil tipológico o grego atual conserva os traços fundamentais da grande língua da qual descende.

A sobrevivência do grego clássico

Certamente hoje o grego antigo é uma língua morta, já que há mais de cinco séculos não é falado no dia-a-dia. Trata-se, portanto, de uma língua morta? Sim e não. Seu efeito sobre a nossa cultura ocidental e sobre as línguas ocidentais é tão grande ainda que se pode falar sem dúvida de sua "sobrevivência".

Os humanistas

É uma simplificação inaceitável afirmar que o impulso ao renascimento do interesse pelo estudo erudito da Antiguidade grega, que se observa depois de 1453, tenha sido dado pela expulsão de muitos eruditos gregos de Bizâncio e seu estabelecimento em vários países da bacia do Mediterrâneo. Naturalmente o afluxo de estudiosos e escribas gregos produziu muitos frutos. No entanto, o renascimento do interesse pelo grego — que na Idade Média quase foi relegado ao esquecimento — se inicia antes, já com o despertar do grande movimento intelectual que chamamos, um tanto ambiguamente, de *Humanismo*. Ele começa na Itália e se propaga então para os países ao norte dos Alpes. Dante e Petrarca escreveram sua obra parte em latim, parte na língua popular, também valorizando a Antiguidade latina, sua literatura e sua arte, mas não dominavam absolutamente o grego. Petrarca lamentou expressamente o fato de não poder ler Homero no original.

Boccaccio

A História aponta o autor da famosa coletânea de novelas *Decameron*, Giovanni Boccaccio, que viveu de 1313 a 1375, como o primeiro europeu ocidental que estudou grego (para poder ler poetas gregos em sua língua original). Uma geração depois dele surge, com Leonardo Brumi, um italiano capaz de traduzir, do original, as obras de Platão e de Aristóteles. Seu professor, Chrysoloras, trabalhava em Florença e ensinava grego. Ele havia chegado à Itália em 1396.

Humanistas franceses e alemães seguiram esse modelo. Johann Reuchlin, mentor dos humanistas alemães, dominava o grego, assim como o latim (ele também iniciou o estudo do hebraico na Alemanha). Entre ele e Erasmo se acendeu uma acirrada disputa a respeito da pronúncia correta do grego antigo: dever-se-ia pronunciar a letra *eta* como [i], como acontece no médio grego e no grego moderno (o chamado *itacismo*, definido por Reuchlin), ou como [e], que era a opinião defendida por Erasmo, chamada de *etacismo*, e que por fim prevaleceu?

Na Inglaterra havia, já no século XIII, dois eruditos que liam grego: Ro-

bert Grosseteste e Roger Bacon, chamado de *Doctor Mirabilis*, estudioso também do hebraico.

Caminhos da tradução

Somente no decorrer da Idade Média uma parte essencial do patrimônio cultural grego na literatura, historiografia e filosofia se tornou conhecida no Ocidente, a princípio através do árabe, pois os árabes tinham traduzido grande parte da herança grega para sua língua. E, como os europeus desconheciam o grego, muitas obras gregas foram traduzidas do árabe para o latim. Somente quando o conhecimento do grego tornou a reviver com o Humanismo, surgiram traduções diretas do grego, primeiramente em latim, a língua dos eruditos, e depois nas línguas nacionais européias.

Reminiscências gregas no vocabulário alemão e no de outras línguas

Desde que a cultura e a língua gregas — ao lado da língua latina, mas em posição de superioridade em relação a ela — se tornaram centro dos ideais da cultura humanista, o alemão e as línguas vizinhas, em especial o inglês, se enriqueceram rapidamente com a adoção de palavras gregas. A necessidade de utilização do léxico grego se tornou maior quando os progressos das ciências naturais revelaram fenômenos até então desconhecidos, para os quais era preciso encontrar nomes apropriados, de preferência internacionais: "eletricidade" (de *elektron* = âmbar), "átomo" (*atomos* = indivisível) são exemplos correntes.

Atlas

As aquisições lingüísticas do grego mais antigas no alemão, vindas através do latim, se transformaram tanto no decorrer dos séculos que sua origem estrangeira só é conhecida dos filólogos. São exemplos *Kiste* (caixa), do grego κίστη, através do latim *cista; Leier*, do grego λύρα, através do latim *lyra*; *Musik*, do grego μουσική, através do latim *musica;* ou a palavra *Atlas*, usada para uma obra cartográfica, utilizada neste sentido desde que Mercator, em 1595, desenhou a figura desse gigante lendário, Atlas, que carregava a abóbada celeste em suas costas, sobre o título de sua obra cartográfica editada em Duisburg, e que foi um grande sucesso da época.

Se a palavra tomada do grego era realmente originária do grego ou se chegou ao grego por intermédio de outros povos e de outras línguas no passado obscuro, isto não tinha nenhuma importância para os europeus. Assim, já eram empréstimos para o grego: *chrysos,* "ouro" (e daí crisântemo), *kyparissos,* "cipreste", *daphne,* "louro", *phoinix,* "palma" (da terra dos fenícios), *tapis,* "tapete".

As muitas palavras gregas do domínio teológico e eclesiástico adotadas pelos alemães serão citadas no capítulo dedicado a essa língua.

Caos

A palavra "caos" é grega, mas nem todos sabem que foi ela que deu origem à palavra "gás", criação do químico J. B. van Helmont (1577-1644), de Bruxelas. Ele pretendia, depois que o famoso médico Paracelso definira um século antes o ar com a palavra grega *chaos*, criar uma definição para as diversas espécies de "ar" de que — como se começara a descobrir então — o ar atmosférico é composto.

Sem levar em muita consideração o grego antigo, a medicina moderna adotou desinências gregas como *-osis* e *-itis* e as utiliza na criação de inúmeros novos compostos: "artrite", "apendicite". Esses sufixos são tão populares que o uso comum os associa também a palavras de raízes alemãs, com intenção irônica: *Die leidet an Rederitis* (Aquela lá sofre de tagarelite).

A mediação do latim

Uma grande parte da herança grega, talvez mesmo a maior parte, che-

gou até nós através do latim, o que fica evidente na acentuação dada aos nomes próprios e conceitos gregos. Quando a língua, a cultura, a filosofia e a literatura gregas chegaram à Itália, e os romanos se tornaram aplicados estudantes do grego, nomes e palavras gregas muitas vezes foram adaptados ao modo de falar do latim. Nesse processo, Cícero desempenhou um papel decisivo, à medida que ele difundiu as correspondências latinas para centenas de palavras gregas. Desse modo ele forneceu à futura filosofia ocidental uma grande parte do seu vocabulário.

A acentuação característica do grego, na maioria das vezes nas últimas sílabas e não raramente na última, não convinha aos romanos. Assim o grego [hǫmerɔs] tornou-se em latim *Homęrus* (em alemão perde a terminação: *Homer*); [hɛraklęs], *Hęrcules*; [Sokrątes], *Sǫcrates*; e [fɛ̱idias], *Phi̱dias*.

A lista pode ser aumentada à vontade. Em "Alexandre" acentuamos a terceira sílaba, e não a segunda, como os gregos; em "teatro" os gregos acentuavam a primeira sílaba, em *tyrannos* a primeira, em *kamelos* (camelo) a primeira.

Em algumas palavras e nomes o acento depende do longo caminho percorrido: grego-latim-francês-alemão. Assim, o grego [filǫsofɔs], latim *philǫsophus,* francês, com a queda do final, da qual é sinal um *e* átono, *philosophe* [filozǫf], e o alemão *Philosoph.* O mesmo ocorreu com os nomes próprios *Euklid, Hesiod,* etc.

Como instrumento de formação de palavras resta-me ainda citar o sufixo -ισμός, já que os *-ismos* se tornaram uma verdadeira praga cada vez mais difundida atualmente. No grego esse sufixo era bastante raro; nós é que parece não podermos prescindir dele.

"Graeca graece"

É uma questão controversa há muito debatida se estamos agindo certo quando pronunciamos as palavras gregas de modo tão "alterado", e se portanto não deveríamos dizer novamente [zokrątes], não dizer [ɛxʃylus], mas sim [a̱isxylɔs], se devemos acentuar "Ifigênia" no "gê" ou na sílaba final. Neste ponto se confrontam dois princípios: de um lado a reivindicação do *graeca graece* (literalmente, "o grego à grega"), que pretende se escreva e se pronuncie naturalmente à grega; de outro, a tese amplamente aceita no campo lingüístico: aquilo que foi adotado de modo geral, seja na escrita, na pronúncia ou no significado de uma palavra, deve ser considerado como "correto". Não existem critérios de outro tipo que sejam absolutamente obrigatórios.

CAPÍTULO V

Latim, a língua-mãe da Europa

A marcha triunfal

É sem precedente a marcha triunfal do latim, desde a língua – ou deveríamos dizer do dialeto? – de uma humilde comunidade camponesa estabelecida sobre algumas colinas às margens do Tibre até a língua oficial e administrativa de um império mundial, e até o meio de comunicação lingüística da maioria de seus habitantes. Essa marcha triunfal só é superada pela do alfabeto latino, que conquistou a maior parte da Terra habitada (hoje com uma população de 6 bilhões de pessoas, em vez dos cerca de 150 milhões da época do florescimento do Império Romano), mais precisamente as duas Américas, a Austrália e a Nova Zelândia, grandes áreas da África e da Ásia (por último, a Indonésia e a Malásia, e logo, provavelmente, a China) e, ao que tudo indica, a maior parte da Europa.

O alfabeto latino

Os romanos desenvolveram suas letras a partir das gregas. Não se sabe ao certo se tomaram diretamente o modelo grego, talvez de *Cumae* (grego Κύμη, hoje *Cuma*), a mais antiga colônia grega na península Itálica, já existente no século VIII a. C., ou pela mediação dos etruscos que, por volta do século VII a. C., empregavam uma escrita bastante próxima da grega.

Durante séculos escrevia-se apenas com *letras maiúsculas*, que permaneceram praticamente imutáveis até os dias de hoje. Essa escrita, chamada



Anotações tironianas, a estenografia da Antiguidade: lista de símbolos, com explicação em latim, de um manuscrito do século VIII.

capitalis quadrata, atingiu seu caráter monumental nas inscrições dos primórdios do império. As letras *minúsculas* são criação bem mais recente, surgidas da transformação gradual das maiúsculas pela influência da escrita manual, com sua tendência ao arredondamento dos ângulos e a uma associação fluente dos caracteres.

O hábito de se escrever da esquerda para a direita impôs-se gradualmente. As inscrições latinas mais antigas correm para a esquerda ou também bustrofédon.

Taquigrafia

Os romanos também já possuíam uma escrita abreviada, chamada *taquigrafia* (escrita rápida) ou *estenografia* (escrita apertada), palavras que conservamos. O poeta Ênio, e sobretudo Tirão, um liberto que foi escrivão de Cícero, desenvolveram esta escrita abreviada, chamada tironiana, e utilizada até a Idade Média. A palavra "estenografia" só foi introduzida a partir de 1602, pelo inglês John Willis.

História
O latim arcaico

No estágio atual de nosso conhecimento, o período mais antigo da evolução da língua latina é compreendido desde os primórdios (por volta do século VI) até 250 a. C. A mais antiga inscrição conhecida está sobre uma fivela encontrada em Preneste (hoje Palestrina) e data do século VI a. C.* A inscrição corre da direita para a esquerda, naturalmente em letras maiúsculas, e, transcrita da esquerda para a direita, informa:

MANIOS : MED : FHE : FHAKED : NUMASIOI.

Também para quem estudou latim clássico na escola não é muito fácil de entendê-la: *Manius me fecit Numasio,* "Manius me fez para Numásio", isto é, "me fabricou". A terminação *-os* se tornou *-us* mais tarde (Manios > Manius); *med* perdeu o *-d;* o nome *Numasios* recebeu mais tarde a forma *Numerius.* No verbo nota-se a duplicação da sílaba radical *(fhefhaked)* na formação da forma do pretérito. Esta *reduplicação,* na verdade, não existe no verbo *facere* em latim clássico, mas existe em uma série de outros verbos (por exemplo *tangere,* "tocar", forma do pretérito *tetigi*) e, paralelamente, também no grego e em outras línguas indo-européias.

O latim clássico: um curto florescimento

Após um período de transição chamado *latim antigo,* por volta de 100 a. C. o latim atingiu a forma que nos é conhecida a partir das obras dos grandes poetas romanos (Catulo, Virgílio, Horácio, Ovídio) e historiadores (César, Salústio, Lívio). Em relação à evolução mais que milenária da escrita latina (excluindo-se o latim eclesiástico e vulgar da Idade Média), este período da latinidade clássica parece ser extremamente curto. Trata-se de cerca de um século, contado a partir do aparecimento de Cícero, até a morte do imperador Augusto no ano 14 d. C.

O período seguinte

O período seguinte, denominado *pós-clássico,* vai até 200 d. C.; o último, o *latim tardio,* vai de 200 até 500. Neste período a língua sofre modificações profundas. Segue-se o período de transição para as línguas *românicas* derivadas do latim vulgar, ao qual retornaremos adiante.

A língua do império

A marcha triunfal da língua latina acompanha a das legiões romanas — ou a segue. A tribo dos *latinos,* que no início da ascensão habitava a região entre os montes albaneses, o Tibre e o mar, deve ter imigrado, por volta de 1000 a. C., do norte em direção à Itália. A princípio sua língua era falada

* Pesquisas italianas recentes afirmam que a fivela é uma falsificação. (N. da T.)

neste modesto território de alguns quilômetros quadrados. Entre as cidades dessa região, que se chamava *Latium,* pouco a pouco, não sem reveses, Roma assumiu sua posição de destaque. A princípio o latim não era senão um dialeto entre outros. Ao sul de Roma se falava o *osco*, a nordeste o *úmbrico* — ambos bastante parecidos com o latim, em se considerando os escassos monumentos remanescentes. Os vários dialetos da antiga Itália nos conduzem a um hipotético *proto-itálico,* cuja reconstrução aponta para uma grande semelhança com o grego mais antigo (arcaico). O *falisco* e o *vénético* são outras línguas ou dialetos dos quais restam alguns traços em inscrições.

Os etruscos

Os etruscos — que habitavam mais ao norte e possuíam cidades cuja superioridade cultural, e por vezes também política, ameaçou por longo tempo a ascensão de Roma, e até mesmo sua existência — falavam, pelo contrário, uma língua não aparentada com nenhum desses dialetos, aliás, com nenhuma outra língua indo-européia. Eles utilizavam para escrevê-la um alfabeto derivado do grego, o que permite que se possa ler as inscrições existentes, mas não necessariamente entendê-las. Com a sangrenta submissão que lhes foi imposta pelos romanos, na qual o ditador Sila assumiu posição de destaque, sua língua foi extinta, o que ocorreu no século de Cícero. Mas podem ter restado alguns vestígios, especialmente na Toscana, cujo nome faz referência aos *tusci,* outra denominação latina para os etruscos.

Vencidos os etruscos e o povo montanhês dos samnitas, os romanos puderam expandir seu próprio domínio — também lingüístico — por toda a Itália, com exceção daquela região da Baixa Itália conservada pelos gregos. A conquista da Itália concluiu-se por volta de 250 a. C., mas a expansão continuou em direção às ilhas da Sardenha, Córsega, Sicília. Depois que Cartago, a potência mais importante a concorrer com Roma no oeste do Mediterrâneo, foi derrotada e destruída, os romanos estenderam seus domínios pelo norte da África, a Espanha, a Gália (aproximadamente o que é hoje a França), parte da Germânia e da Bretanha, a península Balcânica e também a Grécia e os países às margens do Mediterrâneo oriental, incluindo o Egito. Eis por que hoje é possível admirarmos ruínas romanas em todos esses países.

As colônias romanas, cujo núcleo de administração era a capital do império, foram ligadas a ela por meio de uma sólida rede rodoviária.

Essas estradas, o tráfego e o comércio decorrentes delas, a ocupação militar das províncias, a administração e o Direito romanos, e também a colonização, e em contraposição o afluir de centenas de milhares de pessoas para o centro do império, Roma, tudo isto contribuiu para que a língua latina em toda parte — com exceção das regiões orientais do império — suplantasse as línguas locais e em grande parte as desalojasse, não sem aceitar influências e empréstimos das línguas dos povos vencidos como, por exemplo, os etruscos. O oeste do império e os países às margens do Danúbio falavam então preponderantemente o latim — a leste o grego permaneceu dominante, ainda mais que os romanos o consideraram como segunda língua oficial para o lado oriental de seu império.

O latim clássico na forma como chegou à época de Cícero era a norma lingüística predominante; ao que parece, a formação de diferentes dialetos não começara a surgir ainda.

Como falavam os romanos?

Com certeza várias pessoas já se perguntaram: se um estudante de hoje lesse em voz alta um texto em latim clássico (na Antiguidade *só* se lia em voz alta) e um romano dos tempos antigos o ouvisse, será que ele reconheceria de imediato sua língua e entenderia o texto? Ou será que os romanos falavam de maneira bem diferente? Os franceses, por exemplo, escrevem de um jeito que não corresponde totalmente à sua pronúncia. Como poderíamos, por exemplo, saber se César pronunciava o seu nome [Kɛ̱zar] ou [tsɛ̱zar], e se Cícero se chamava [ki̱kero] ou [tsi̱tsero] — "K" ou "C"? — (ou ainda algo diferente)?

"K" ou "C"

Os franceses pronunciam um *c* diante de *e* ou *i* como um [s] surdo, os italianos como [tʃ], os espanhóis como um [th] inglês. *Em algum momento* deve ter ocorrido este "abrandamento" do [k] para um som sibilante: em épocas mais recentes, ou Cícero já falava assim?

Os estudiosos dispõem de inúmeros indícios a esse respeito.

Um deles são os casos nos quais textos latinos eram escritos em alfabeto grego. Um grego usaria o *kappa* de seu alfabeto para representar o som [k], e um *zeta* para o som [z]. Indícios são conseguidos especialmente a partir de empréstimos, que foram tomados do latim para outras línguas. Visto que a palavra alemã *Kaiser* não representa nada mais que a apropriação do nome *Caesar* (a mudança do significado do nome próprio para a função do soberano talvez tenha ocorrido entre as tribos germânicas, e não entre os romanos), pode-se concluir daí que *na época desta apropriação* deveriam pronunciar o som inicial como [k] (e a vogal provavelmente como ditongo). Algo semelhante ocorre com palavras como *Kiste*, do latim *cista*, ou *Keller*, do latim *cellarium*. Por outro lado, vem do latim *cella* a palavra alemã *Zelle* (e não *Kelle !*).

Não é possível datar com precisão a época da apropriação de tais empréstimos, mas seu primeiro aparecimento na segunda língua fornece pontos de referência bastante fortes. Assim, os lingüistas atualmente são de opinião que os romanos da época clássica pronunciavam sempre o *c* como [k], que o "abrandamento" pertence a uma época posterior. Aliás, *Kaiser* é considerada o empréstimo mais antigo do latim para as línguas germânicas.

Nasais

Acredita-se também que sílabas terminadas com *-m* e *-n* eram pronunciadas com vogal nasal, de tal modo que o começo da expressão, *Dulce et decorum est pro patria mori* ("É doce e honroso morrer pela pátria") deveria soar [dụlkɛt dẹkorũst ...] na boca de um romano (apenas cinco sílabas!).

Vogais

Enquanto, tendo em conta tudo isso, é possível pronunciar as consoantes de um modo bem próximo do que deve ter sido a pronúncia romana, não é possível reconstituir em um texto *a duração de uma vogal* caso não se tenha conhecimentos profundos da língua latina. Pronunciar uma vogal breve ou longa é de fundamental importância para o significado: na oração *Europa antiqua historia sua clara est* as palavras *Europa antiqua* e *clara* estão no nominativo: e, portanto, o *a* final deve ser pronunciado breve; *historia sua* está no ablativo, e, portanto, o *a* deve ser pronunciado longo. Caso não se leve isto em consideração, a frase se torna incompreensível para o ouvinte, ou ainda ambígua. Pronunciada corretamente, significa: "A velha Europa é famosa pela própria história".

A decadência

A queda do império, que logo se anuncia com as invasões das tribos "bárbaras", principalmente as germânicas, provoca por fim a morte do latim

como língua "viva", isto é, falada cotidianamente por grandes grupos de populações colonizadas. A ciência data tal "morte" entre os anos 500 e 600 d. C.

O estabelecimento deste limite satisfaz nossa necessidade de estruturação e periodização — mas pode-se mesmo falar em "morte" do latim? Os falantes desta língua afinal não desaparecem subitamente, eles continuam a viver e a falar; eles também não adotam nenhuma outra língua. Mas a língua que eles falam assume outra feição. A língua sempre se modificou, mesmo nos primeiros séculos depois de Cristo, e o latim *falado* (*latim vulgar*) já era diferente do latim escrito, literário, na época clássica. Agora, porém, as modificações alcançaram tal extensão que chamá-la apenas de *latim* parece totalmente inadequado.

A língua da Igreja

Bem antes do período supracitado, o latim, a língua do império pagão, havia se tornado a língua da Igreja cristã, pelo menos na Europa ocidental. Com isto abre-se um dos caminhos que permitiram ao latim conservar, através da Idade Média até o presente, vida e vitalidade, pelo menos para um grupo significativo de pessoas. Esta evolução pode ser observada a partir do século II.

Tertuliano

Tertuliano, um dos primeiros "Padres da Igreja", um cartaginês nascido por volta de 160 d. C., teve uma participação importante na formação deste *latim eclesiástico.*

Enquanto no campo eclesiástico o latim suplantava pouco a pouco o grego — a língua do Novo Testamento! —, ao mesmo tempo absorvia, junto com as idéias e conceitos cristãos, inúmeras palavras do grego, tais como *apostolus, diaconus, episcopus, evangelium, propheta,* tão enraizadas nas línguas européias que mal podem ser sentidas como empréstimos. Também "esmola" (do grego *eleemosyne*) pertence a este grupo.

O latim é a língua da patrística, dos Padres da Igreja do período romano, e da escolástica, a filosofia cristã da Idade Média. Tornou-se a língua da pregação eclesiástica e da liturgia e um instrumento da autoridade papal. A primeira transmissão radiofônica de um papa foi feita em 1931 em língua latina.

Apenas em nossa época o monopólio do latim se viu limitado pelo Concílio Vaticano II. De fato, o latim foi a única língua dos trabalhos do Concílio (não houve interpretação simultânea das palestras e das discussões para outras línguas), mas foi permitido o uso das línguas nacionais nas celebrações da missa ao lado do latim — uma decisão até hoje discutida.

A tradição mantida de que o papa deve continuar a promulgar as comunicações oficiais, em especial as encíclicas, em latim, faz com que a Igreja, obrigada a se adaptar às novidades da vida moderna, seja impelida a criar nomes latinos para muitos objetos da técnica. *Accedat ad microphonium Eminentissimus...* ("Chamamos ao microfone Sua Eminência..."), assim o secretário em exercício anuncia um novo orador. *Mikrophon,* naturalmente, é uma palavra grega...

A perda da unidade

Para poder explicar a segunda evolução, que ocorreu fora dos âmbitos da Igreja, é necessário fazer uma diferenciação por estratos lingüísticos e por regiões. *Estratos lingüísticos:* por volta do século VI o latim, como

língua da literatura, das ciências e da Igreja, afasta-se fortemente da língua falada, ou melhor, a língua falada em evolução *(latim vulgar)* distancia-se ainda mais do latim escrito tradicional. Acredita-se que por volta do ano 800 um cidadão da Espanha, da Itália ou da França ainda pudesse entender um sermão feito em latim; a partir de então os ramos do tronco latino foram se afastando cada vez mais dele. Os dois séculos de 600 a 800 são considerados um período de transição, transcorridos os quais surge uma língua popular de contornos cada vez mais definidos e claramente distinta do latim escrito — também do falado, à medida que este continuava a ser falado, por exemplo, nos mosteiros — , uma língua que, pouco a pouco, também se torna língua escrita.

E aqui entra em cena a citada diferenciação *regional:* o desenvolvimento difere de região para região, não surge *uma* nova língua originada do latim, mas sim uma série de línguas. A elas será dedicado o capítulo VI.

O latim da Idade Média

Enquanto o latim vulgar, a língua falada, se extingue com o fim da fase de transição, para dar lugar às línguas derivadas em processo de autonomia (esta fase, considerando-se diferenças regionais, é atingida por volta do século IX), o latim escrito não só continua a existir, mas conhece um novo e rico desenvolvimento: uma nova marcha triunfal que o transforma, por quase um milênio, no meio de comunicação de toda a Europa culta. Com uma expressão não muito feliz, o latim dessa época é chamado de *médio latim.* Considerado horizontalmente, ou seja, segundo sua área de domínio, ele abrange uma região ainda maior que o latim da Antiguidade tardia: ele abrange da Irlanda, a oeste, até a Hungria e a Polônia, a leste, da Sicília e do sul da Espanha (o norte da África perdeu-se para a Europa latina com a conquista islâmica) até a Escandinávia.

Pelo fato de a Igreja cristã ter feito do latim sua língua, ela desempenha, neste caso, um papel decisivo. Acrescente-se, também, uma pretensão do papado de ser o verdadeiro herdeiro da antiga Roma dominadora do mundo. Na *Roma aeterna* haviam outrora reinado cônsules, reis e césares e agora residia ali a autoridade suprema do cristianismo.

O cultivo do latim e deste modo sua manutenção em vida por parte da Igreja não é importante apenas para a vida eclesiástica. Já que praticamente não existiam escolas públicas e até mesmo faculdades na Idade Média, toda a formação escolar e cultural se encontrava confiada aos membros da Igreja. Nos mosteiros, gerações de monges devotos e diligentes preservaram da destruição, através da cópia manuscrita e cuidadosa, grande parte do patrimônio literário antigo. Nas escolas monásticas, todo aluno que quisesse seguir a carreira religiosa ou freqüentar uma universidade aprendia latim, a única chave que lhe abria caminho para a formação superior.

Renascimento carolíngio

O processo evolutivo não ocorreu linearmente, mas em ondas. Um primeiro estímulo foi dado pelo movimento renovador impulsionado por Carlos Magno e que recebe o nome de *Renascimento carolíngio.* O imperador chamou para sua corte eruditos da Inglaterra (Alcuíno) e da Itália, países nos quais se conservou a cultura latina mais do que na Europa central. Ele próprio aprendeu a língua latina e deve tê-la falado tão fluentemente quanto o francônio — falado, e não escrito, pois, embora ele se esforçasse por aprender a arte de escrever, não o conseguiu. Quando precisava assinar do-

cumentos, costumava acrescentar ao monograma, já preparado pelo escrivão, apenas um traço de sua própria mão, como sinal de autenticidade.

Esse movimento renovador depurou o latim das influências do latim vulgar. O latim dos autores clássicos romanos foi reintroduzido como modelo. Foram fundadas escolas — sendo o latim língua única de instrução — destinadas a durar mais de um milênio. O extremo Ocidente, a Bretanha e a Irlanda (que se tornou cristã já no século V) formaram um novo centro, a partir do qual o cristianismo, e com ele o latim, conquistou a Europa central e setentrional.

Escolástica

Parte importante no citado enriquecimento do latim tiveram a teologia e a filosofia medievais resumidas sob o nome de *Escolástica*. ("Filosofia" deve ser entendida aqui como a ciência que abordava ainda quase todas as ciências e que, hoje, tem uma existência autônoma.) O pensamento dos grandes cérebros da Idade Média operou por séculos em latim e se fixou em obras escritas em língua latina. Deste modo o latim se aprimorou, tornando-se mais racional, mais abstrato, mais idôneo para exprimir matizes sutis dentro de uma rigorosa lógica, ao mesmo tempo que se enriqueceu lexicamente, graças a um crescente número de traduções de inúmeras palavras gregas e árabes.

O Humanismo

Novos estímulos para o cultivo do latim e para um retorno aos modelos clássicos, no centro dos quais estavam os escritos de Cícero, foram desembocar no *Humanismo*, um movimento espiritual que, partindo da Itália, se estendeu por todo o Ocidente. Um dos pais desse grande movimento é o poeta Francesco Petrarca (1304-1374), considerado, junto com Dante, um dos fundadores da língua moderna e da literatura italianas. Benemérito do renascimento do latim clássico é também Lorenzo Valla (1407-1457). De uma acirrada disputa entre ele e seu contemporâneo Poggio Bracciolini deve ter surgido a denominação depreciativa de "latim de cozinha" (latim macarrônico). Com ela se pretendia caricaturar o latim adulterado falado nos mosteiros, em especial nas cozinhas, pelos irmãos leigos. Este latim "depravado" (em relação ao latim clássico), como foi mais tarde ironizado por Ulrich von Hutten nas *Epístolas dos Homens Obscuros (Epistulae Obscurorum Virorum)* e por outros humanistas alemães, tinha, na verdade, a vantagem de ser uma língua viva e ativa (e deste modo sujeita a constantes mudanças), enquanto o latim das ciências sempre corria o perigo de uma estagnação.

Instrução superior e ciência

As universidades da Idade Média, tais como as que floresceram a partir do século XII, e principalmente as de Bolonha, Oxford, Paris, conheciam o latim apenas como língua didática, e por este motivo havia uma unidade — tanto de língua como de pensamento — em todo o Ocidente. Alberto Magno podia trabalhar e ensinar tanto em Paris quanto em Colônia, e Nicolau Copérnico terminou seus estudos — teologia, jurisprudência, matemática, astronomia e medicina — em Cracóvia, Bolonha, Pádua e Ferrara.

Grosso modo podemos dizer que todas as obras importantes da Filosofia e da Ciência, entre 800 e 1700, em todo o Ocidente, foram escritas em latim. No que se refere à Idade Média, de Tomás de Aquino, William of Occam ou do imperador Frederico II, todos o sabem; mas isto é válido também para os séculos posteriores a eles.

O latim como língua das ciências

A obra principal de Copérnico surgiu no ano de sua morte, 1543, sob o título *De Revolutionibus Orbium Coelestium (Sobre as Revoluções das Esferas Celestes).*

Também em 1543 surgiu a principal obra de André Vesalius, nascido em Bruxelas, *De Humani Corporis Fabrica Libri Septem (Sete Livros a Respeito da Construção Artística do Corpo Humano).* Esta obra estabelece os fundamentos da moderna anatomia.

Em 1600 surgiu a obra fundamental do inglês William Gilbert *De Magnete Magnetisque Corporibus et de Magno Magnete Tellure (Sobre os Magnetos, os Corpos Magnéticos e o Grande Magneto Terra),* que traz os primeiros conhecimentos sobre magnetismo terrestre e eletricidade.

As obras de Johannes Kepler também surgiram em latim: *Mysterium Cosmographicum* (*Mistério Cosmográfico*) e *Harmonices Mundi (Harmonia do Mundo),* em 1619.

A principal obra de Francis Bacon, fomentadora da renovação de toda a ciência baseada em fundamentos empíricos e introdutora da ciência moderna, foi anunciada em 1620 — *Instauratio Magna (A Grande Renovação)* — e permaneceu inacabada.

William Harvey tornou conhecida sua descoberta revolucionária da circulação sangüínea em 1628 com o título de *De Motu Cordis et Sanguinis in Animalibus (Sobre o Movimento do Coração e do Sangue nos Animais).*

O tcheco Johann Amos Comenius (segundo hábito humanístico, seu nome é a latinização do tcheco *Komenský),* inovador da pedagogia moderna, denominou sua obra fundamental, surgida em 1658, de *Orbis Sensualium Pictus... (O Mundo Visível em Imagens...* — o título exato é bem mais longo); ela foi utilizada nas escolas até o século XIX.

Benedictus de Spinoza (nome igualmente latinizado, de *Baruch d'Espinoza,* oriundo de uma família judia, que vivia na Holanda, cujos antepassados haviam sido expulsos de Portugal) chamou sua obra principal de *Ethica, Ordine Geometrico Demonstrata (A Ética Demonstrada Geometricamente),* em 1677.

Isaac Newton intitulou sua obra-prima, que fundamentou a física clássica, dominante até Einstein, como *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica (Fundamentos Matemáticos da Filosofia Natural)*, no ano de 1687.

Lineu (Carl von Linné) publicou em 1735, com o título de *Systema Naturae,* a obra fundadora da sistemática no campo da botânica e da zoologia: uma obra que, nascida como um humilde folheto, se transformou em uma coleção de doze volumes com 6. 000 páginas.

Ainda no século XVIII o suíço Leonhard Euler publicou em latim sua obra-prima matemática, e também no século XIX seu colega Carl Friedrich Gauss escolheu o latim.

E, em todos esses séculos, as dissertações eram escritas e depois defendidas oralmente em latim.

A passagem à língua nacional

Com o revigoramento do sentimento nacionalista, o monopólio do latim no mundo científico se viu, em primeiro lugar, minado e depois definitivamente destruído. Na Alemanha, na Universidade de Leipzig (Lípsia), Christian Thomasius (1655-1728), um dos pioneiros na luta contra a crença em bruxas, dá pela primeira vez aulas em língua alemã, o que, a princípio, lhe valeu uma ignominiosa expulsão da cidade e da universidade. Leipzig muito

significou para a passagem do latim para a língua nacional também por um outro motivo: seu jornal mais antigo, fundado em 1650, o *Leipziger Zeitung*, foi impresso, em seus primeiros cem anos, em latim e em alemão, ou seja, tratava-se de publicação bilíngüe.

O latim vivo

Quando Christian Thomasius e seus colegas de outros países passaram do latim como língua das ciências às respectivas línguas nacionais, não marcaram, absolutamente, o fim do papel desempenhado pelo latim no Ocidente. Como e onde ele continuou a viver, deve ser indicado nos próximos parágrafos. Não se trata de responder à questão sobre quanto nossa cultura ocidental deve aos romanos e o que continua a viver até hoje, pois uma resposta adequada seria assunto para um livro. Não, aqui se pretende apenas mostrar o efeito exercido pelo latim e o papel dele atualmente.

De Budapeste a Washington

Pouco se sabe a respeito do papel desempenhado pelo latim na Hungria, isto é, em um país não-românico. Depois que o povo nômade dos magiares se estabeleceu em seu atual território, começou com Estêvão I, o Santo (em húngaro *Szent István* [sɛnt iʃtva:n], onde *Szent* representa uma forma húngara do latim *sanctus*), a influência dominante da Igreja (1001: fundação da arquidiocese de Esztergom) e com ela a do latim, que se tornou não apenas a língua eclesiástica, mas também a administrativa e a forense. Até 1840, por mais de oitocentos anos, o Parlamento húngaro conduziu seus debates em latim. Um século antes, em 1741, ocorreu um fato que se tornou famoso: a imperatriz Maria Teresa, depois do bem-sucedido avanço dos prussianos de Frederico, o Grande, na Silésia (ocorrido em 1740), requisitou — em latim — a ajuda "da valente e cavalheiresca nação húngara" frente à Dieta de Bratislava e recebeu a resposta: *Vitam nostram et sanguinem consecramus* ("Nós (lhe) consagramos nossa vida e sangue"). Contam-se algumas anedotas a respeito desse episódio, e alguns historiadores maldosos comentam que os húngaros se mantiveram fiéis ao latim por tanto tempo apenas para não precisarem falar alemão. Ainda hoje as publicações da Academia das Ciências húngara aparecem sob um título em latim.

Polônia

Também na Polônia o latim desempenhou um papel importante, por seu estreito relacionamento mas não necessariamente estreita dependência com a Igreja Católica (até hoje Maria, mãe de Jesus, é chamada de "Rainha da Polônia" e assim intitulada nas orações). O estudo científico do latim é intenso até hoje na Polônia. O poeta nacional polonês Adam Mickiewicz tornou-se professor de literatura latina na Universidade de Lausanne, e entre as cidades que cultivam a filologia clássica destaca-se, ainda hoje, Cracóvia. Quando a Unesco requisitou fundos para a reconstrução da cidade velha de Cracóvia, esta foi definida como TOTIUS POLONIAE URBS CELEBERRIMA ("a cidade mais famosa de toda a Polônia").

Nos Estados Unidos, a herança latina continua viva nas escolas e universidades. Quando se trata de inscrições concebidas para durar, tanto lá quanto na Europa se recorre ao latim. Notas e moedas de dólar trazem um lema latino estampado.

Podemos acrescentar que, quase em toda parte, a publicidade se vale de palavras latinas, quando tem a intenção de manter em evidência nomes de marcas ou firmas. Citem-se apenas "Lux", "Facit", "Eterna", "Multimix", "Continental", "Victoria".

Medicina, biologia, astronomia

Toda a terminologia médica é em latim (quando não em grego). A anatomia tem nomes latinos para todas as partes do corpo e as instruções gerais escritas pelos médicos alemães nas receitas também são latinas. Eles começam assim: *Rp.: Recipe,* "Tomar". Até mesmo os números eles escrevem em romano: não 10 comprimidos, mas *X*.

A nomenclatura de botânica e zoologia também é latina. Como seria possível um acordo internacional, se cada pesquisador quisesse denominar as plantas e animais (há acima de 1 milhão de tipos) em sua língua natal, uma vez que os "nomes vulgares" às vezes se confundem até em um mesmo âmbito lingüístico? Também os graus de hierarquia em que se classificam os seres vivos são escritos em latim (diariamente se descobrem e se classificam novos tipos).

Graus de hierarquia da nomenclatura da biologia

Regnum	reino
Classis	classe
Ordo	ordem
Familia	família
Tribus	tribo
Genus	gênero
Species	espécie
Varietas	tipo, variedade

Também as constelações são designadas com seus respectivos nomes latinos, que são internacionalmente aceitos. E embora a subdivisão do firmamento em constelações seja totalmente arbitrária do ponto de vista científico-natural, os astrônomos continuam a utilizar tal sistema para identificar uma determinada estrela: α *Leonis* = a estrela "alfa *(Regulus)*" na constelação de Leão.

O Direito

O Direito alemão sofreu por séculos a influência determinante do grandioso sistema jurídico elaborado pelos romanos, um sistema que permaneceu fundamental para o Direito alemão em muitos campos. É verdade que há muito não se debate mais em latim nos tribunais alemães, mas várias expressões jurídicas em latim conservaram tal popularidade, que podem ser encontradas a qualquer momento também em jornais, como por exemplo *In dubio pro reo*: "em caso de dúvida, (julga-se) a favor do acusado" (até os dias de hoje um princípio fundamental ao qual se deve ater o juiz num processo penal); *Minima non curat praetor:* "O pretor (isto é, o juiz) não se preocupa com problemas pequenos ou secundários"; *Ultra posse nemo tenetur* (ou *obligatur*): "Ninguém é obrigado a agir além de suas possibilidades (capacidades)". Veremos outros exemplos no final deste capítulo.

A língua latina continua a exercer influência bem maior sobre suas línguas filhas (as línguas românicas), e as contribuições para o desenvolvimento de outras línguas não-românicas também são significativas. Voltarei a esse ponto ao tratar das línguas alemã e inglesa.

O nosso calendário

O calendário faz parte da herança cultural geral e ao mesmo tempo da herança lingüística. Neste caso, nome e coisa se interpenetram, e por esse motivo dedicarei algumas frases a esse tema.

Nosso calendário deriva em suas linhas básicas dos romanos. Já o nome prova isto: *Kalendae* era o nome do primeiro dia de cada mês. A palavra vem de *calare,* "chamar, anunciar". Por que se escrevia com *k* (e não com

c) e por que está no plural, não se sabe. No primeiro dia de cada mês, conforme o número de dias dele, determinava-se em que dia caía a sua metade, o *idus* (plural *ides*; palavra de origem desconhecida, não-latina, provavelmente etrusca), ou, mais exatamente, em que dia caíam os *nonae*, o 9º dia antes dos *ides*. Que complicação! Na verdade, os romanos contavam os dias de trás para diante: falavam do "décimo sexto dia antes das calendas de agosto" ou "do terceiro dia antes dos idos de março". A expressão idiomática "adiar algo para as calendas gregas" (ou seja, para o "dia de São Nunca") é usada até hoje.

Os meses

Os nomes dos meses em alemão também permaneceram latinos. As tentativas de germanizá-los, que começaram já com Carlos Magno, tiveram tão pouco êxito quanto a tentativa de impor os meses denominados pela Revolução Francesa (por exemplo, Brumário). Por que, porém, o nono mês do ano se chama *September* (setembro), o "sétimo"', o décimo mês, *Oktober* (outubro), "o oitavo", e assim por diante? Originariamente, o ano romano começava no dia 1º de março. Nesse dia eram empossados os novos cônsules eleitos. No ano 154 a. C. (naturalmente, os romanos contavam os anos de maneira diferente, freqüentemente *ab urbe condita*, ou seja, "a partir da fundação da cidade", que a lenda diz ter sido no ano 753 a. C.), ocorreu na província de *Hispania* um levante contra os romanos, e isto em dezembro. O Senado achou oportuno empossar logo os dois novos cônsules encarregados da repressão da revolta, que deveriam começar suas atividades no início do ano, ou seja, no dia 1º de março. Para que isso acontecesse mais rapidamente, decidiram que o ano (154 a. C.) deveria ter apenas dez meses. Desde então, o Ano Novo é festejado no 1º de janeiro. É claro que demorou bastante até que esse sistema fosse adotado em toda a parte. O mês de setembro era, originariamente, precedido do *Quintilis* e do *Sextilis* (isto é, do quinto e do sexto mês); o primeiro foi denominado *Julius*, em honra a César, e o segundo recebeu mais tarde o nome de *Augustus*, em honra ao imperador Augusto.

Os calendários juliano e gregoriano

Até César, o ano romano tinha doze meses de 29 ou 31 dias (apenas fevereiro linha 28), ao todo 355 dias – já que ele se orientava pela Lua –, cerca de dez dias e um quarto a menos que o verdadeiro ano solar. Por esse motivo, era necessário acrescentar a cada dois anos um mês de ligação, de 22 ou 23 dias. A reforma que César executou, com o auxílio do matemático Alexandrino Sosígenes, deu aos meses sua duração atual – dez dias a mais por ano. O quarto de dia remanescente foi equiparado com o acréscimo de um dia a mais, a cada quatro anos. Esse "calendário juliano" começou a ser utilizado depois que César, no ano 46 a. C., introduziu noventa dias intercalados. Essa foi uma decisão tão acertada que o papa Gregório XIII, em 1582, procurou corrigi-lo só muito minimamente, suprimindo dez dias para restabelecer a concordância com os dados astronômicos: a cada quatro anos, um dia a mais, a exclusão desse dia a mais na virada do século, mas, após quatrocentos anos, um dia a mais, também; assim, portanto, no ano 2000.

A semana

A semana de sete dias não é de origem romana, remontando provavelmente ao judaísmo, que comemora o sétimo dia como *sabbath*. Os nomes alemães dos dias da semana são traduções dos nomes correspondentes em latim tardio: *Montag = dies lunaris*, *Dienstag = dies Martis* ("do deus da guerra, Marte"), *Donnerstag = dies Iovis* ("de Júpiter", substituído por *Do-*

nar), *Freitag* = *dies Veneris* ("de Vênus", substituído por *Freya*). Criações puramente alemãs são *Mittwoch (dies Mercurii)* e *Sonntag (dies dominica,* "Dia do Senhor"), respectivamente quarta-feira e domingo.

A semana de sete dias foi introduzida definitivamente por Constantino, o Grande; ela começava com o domingo. Na Alemanha, a semana passou a iniciar-se na segunda-feira apenas a partir de 1976, por força de uma norma DIN que começou a vigorar então.

Preciso e monumental

Que o latim, na época de seu apogeu, tenha sido uma língua de vitalidade cintilante, flexível, elegante, igualmente indicado tanto para a profunda seriedade quanto para a ironia e a obscenidade, poderosa na expressão do grande orador, precisa e sóbria na do historiador, do estadista, do jurista — tudo isso é difícil de imaginar por qualquer um que tenha penado na escola para aprender vocábulos latinos ou suas formas verbais, pois quem é capaz de ter avançado tanto nos estudos, a ponto de ler Cícero e Horácio sem esforço, de tal modo a dar-se conta da fluência vivaz e da sonoridade da língua?

Na nossa lembrança, como descendentes tardios, prevalece a imagem de uma língua criada com a máxima concisão e precisão, para construções vocabulares semelhantes às incisas em pedra ou esculpidas em bronze, que várias vezes têm em si algo de monumental, algo criado para durar por toda a eternidade.

De fato, o alemão conserva não apenas inúmeras palavras de origem romana (freqüentemente em forma tão germanizada, que se tornam irreconhecíveis, como *Mauer, Fenster, Strasse:* muro, janela, rua); há também uma quantidade enorme de expressões, máximas, expressões idiomáticas e provérbios latinos que sobreviveram à passagem do tempo, continuam vivos até hoje e são usados normalmente no cotidiano alemão. Eis algumas dessas expressões latinas mais comuns ordenadas alfabeticamente para maior simplicidade, com alguns comentários, quando necessário:

Máximas latinas

Ab ovo. Expressão de Horácio, usada freqüentemente em sua forma abreviada e significando "desde o princípio, desde o início". Sua forma completa é *Ab ovo usque ad mala,* "Dos ovos até as maçãs", e refere-se ao uso romano de oferecer a seus hóspedes uma refeição completa, do antepasto (ovo) até a fruta.

Audiatur et altera pars: "Que o outro lado seja também ouvido". Refere-se a disputas, em especial a processos judiciais. A máxima era encontrada por muitos anos sobre o portal de vários palácios da Justiça, mas não se encontra nesta forma no Direito romano e sim em forma poética, em Sêneca.

César Bórgia

Aut Caesar, aut nihil: "Ou César, ou nada". Epígrafe em moedas, cunhada a mando de César Bórgia, filho do papa, que pretendeu tornar-se o único mandatário de toda a Itália.

Mecenas

Beatus ille qui procul negotiis: "Feliz daquele que estiver longe dos negócios". Este louvor ao ócio foi cantado pelo poeta Horácio, ao qual seu protetor Maecenas (de cujo nome deriva a palavra "mecenas") havia doado uma propriedade.

A divisa dos Habsburgos

Bella gerant alii, tu felix Austria nube: "A guerra, façam-na os outros; tu, ditosa Áustria, casa-te!" Verso inspirado por uma expressão de Ovídio, utilizado (a partir do século XIV ou mesmo antes) para caracterizar a linha política dos Habsburgos, que ampliavam seu território por meio de habilidosos casamentos dinásticos.

Bis dat qui cito dat: "Dá em dobro, quem dá prontamente". Provérbio romano (alemão *Doppelt gibt, wer schnell gibt).*

Carpe diem: "Aproveita o dia". De uma ode de Horácio.

Ceterum censeo Carthaginem esse delendam: "A propósito, sou de opinião que Cartago deve ser destruída". Não registrada, mas transmitida desde a Antiguidade como frase do velho Catão, com a qual ele encerrava quase todos os seus discursos no Senado. *Cartago*

Cogito, ergo sum: "Penso, logo existo". Máxima do filósofo francês René Descartes.

Credo quiă absurdum: "Creio por ser absurdo". Atribuída ao doutor da Igreja, Tertuliano, mas não encontrada em seus escritos. *Credo quia absurdum*

Cui bono? "A quem é útil? Quem leva a vantagem?" Máxima criminalística: Examine sempre quem, em um crime (por exemplo, um assassinato), lucra alguma coisa (talvez o herdeiro?). Utilizada neste sentido por Cícero, deve se referir a Lúcio Cássio. Às vezes utilizada no sentido de "Para que isso tudo?"

Cuius regio, eius religio. Fundamento da política absolutista, depois que, após a Reforma e a Contra-Reforma, a população da Alemanha se apresenta confessionalmente mista: "Cada país com sua religião". Os súditos devem seguir a religião do soberano. Encontrada também na forma *Cuius regio, illius et religio.* *Absolutismo*

Cum grano salis: "Com um grão de sal", significando que determinada declaração não deve ser levada ao pé da letra, mas sim com "uma pitada de sal", ou seja, deve ser relativa. Atribuída a Plínio.

De mortuis nil nisi bene: "Dos mortos, apenas bem", isto é, não se deve falar mal dos mortos.

Difficile est satiram non scribere: "É difícil não escrever sátiras". Do escritor satírico Juvenal.

Divide et impera: "Divide e impera". Não encontrada em fontes romanas antigas, mas reconhecida como fundamento da política romana, por exemplo, no tratamento da Grécia derrotada. Talvez criada na época do Renascimento, lema de muitos estadistas bem-sucedidos, principalmente dos Habsburgos. *Dividir para dominar*

Do ut des: "Dou para que tu dês". Princípio básico dos tratados e contratos.

Duo cum faciunt idem, non est idem: "Quando dois fazem a mesma coisa, não se trata da mesma coisa". Terêncio.

Ecce homo: "Eis aqui o homem!" Palavras ditas por Pôncio Pilatos aos judeus, enquanto lhes apresentava Jesus. *Ecce homo*

Errare humanum est: "Errar é humano". Provérbio.

Exegi monumentum aere perennius: "Erigi (para mim, com minhas obras) um monumento mais duradouro que o bronze".

Ex oriente lux: "Do oriente (vem a) luz". Deve mostrar que (visto de Roma) uma civilização e uma cultura mais elevadas tinham vindo do Oriente.

Ex ungue leonem: "Pela garra (se conhece) o leão". Das mãos de um grande mestre só podem sair obras importantes.

Fiat iustitia pereat mundus: "Faça-se a justiça, mesmo que o mundo todo pereça". Num sentido positivo, como reconhecimento da primazia da justiça, lema do imperador Ferdinando I. Atualmente mais usado como ironia de uma interpretação do Direito muito formal.

Fortiter in re, suaviter in modo: "Forte na substância, suave na maneira". Atribuída a Horácio.

Habent sua fata libelli: "Os livros têm seus destinos". Atribuída a Terenciano Mauro, no sentido de que depende do leitor o que ele faz de um livro.

Homo homini lupus: "O homem é lobo para o homem". Palavras do filósofo e estadista inglês Thomas Hobbes.

César e o Rubicão

Alea jacta est: "A sorte está lançada". Segundo Suetônio, uma declaração de César, quando em 49 a. C. ele havia ultrapassado o ribeiro Rubicão, deste modo assinalando o início de uma sangrenta guerra civil. Muitos pesquisadores supõem que César não tenha dito esta frase, mas sim, por empréstimo de um conhecido provérbio grego (ele falava bem o grego), antes tenha dito "Agora podem ser lançados os dados".

Ignoramus, ignorabimus: "Não o sabemos, (e) nem o saberemos". Declaração do naturalista Emil du Bois-Reymond, um huguenote de Leipzig, em 1873, significando: Os segredos da natureza nós (os pesquisadores) não os conhecemos, e também não os desvendaremos nunca. Ninguém é capaz de penetrar os mistérios da natureza.

Imperador Constantino

In hoc signo vinces: "Com este sinal vencerás". Segundo a tradição, antes de uma batalha no ano de 312 d. C., o imperador Constantino teve uma visão da imagem da cruz (símbolo da cristandade) e nela havia essa inscrição. O imperador venceu, converteu-se ao cristianismo e o transformou em religião oficial.

Inquietum (est) cor nostrum, donec requiescat in Te: "Nosso coração está inquieto, até repousar em Ti". Palavras do padre da Igreja, Agostinho, em suas *Confissões*, provavelmente empréstimo de um dito de Cícero.

I.N.R.I.

I.N.R.I. Abreviatura de *Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum:* "Jesus Nazareno, Rei dos Judeus". Inscrição da placa que afixaram à cruz de Cristo, a mando de Pilatos.

In vino veritas: "No vinho está a verdade", quer dizer, o vinho destrava a língua e traz a verdade à tona. Atribuída a Plínio, talvez de origem grega (Alceu).

Iustitia est fundamentum regnorum: "A justiça é o fundamento do império". Lema do imperador Francisco I da Áustria.

Manus manum lavat: "Uma mão lava a outra". Um provérbio já utilizado por autores da Antiguidade.

Medias in res: "Bem no meio da questão!" Advertência horaciana dirigida tanto aos escritores quanto aos que gostam de introduzir espirituosamente os seus temas.

Medicus curat, natura sanat: "O médico cura (apenas), a natureza restabelece". Atribuída a Hipócrates em sua acepção grega.

Na marcha triunfal

Memento te hominem esse: "Lembre que você é (apenas) um homem". Quando um general era honrado com uma marcha triunfal após uma vitória significativa e, vestido na toga púrpura e coroado de louros, se dirigia ao Capitólio sobre um carro puxado por quatro cavalos, era advertido a todo instante para não se assoberbar e não se sentir igualado aos deuses.

Mens sana in corpore sano: "Mente sã num corpo são". Na maioria das vezes utilizado erroneamente no sentido de que a saúde do espírito pressupõe um corpo sadio ou ainda que a saúde mental tenha como conseqüência praticamente certa a saúde corporal. A frase, de Juvenal, é em sua

íntegra *Orandum est, ut sit mens sana in corpore sano:* "É preciso orar para se ter uma mente sã em um corpo são. Em outras palavras: a saúde do corpo e do espírito é a coisa mais importante para o ser humano.

Mors certa, hora incerta: "A morte é certa, (sua) hora, incerta". Freqüente em inscrições de velhos relógios.

Multum non multa: "Muito, não muitas coisas". Lema de Plínio, o Jovem, com respeito à leitura: deve-se ler muito, mas não de tudo! Mote que Artur Schopenhauer escolheu para sua obra-prima.

Mundus vult decipi: "O mundo quer ser enganado". Às vezes atribuída a Paracelso, às vezes ao núncio apostólico Caraffa (mais tarde papa Paulo IV); de fato, porém, originário da obra de Sebastian Brant Narrenschiff (*A Barca dos Tolos*), de 1494, edição em latim feita por Sebastian Franck (*Paradoxa...*, 1534).

Naturam expellas furca, tamen usque recurret: "Você pode expulsar a natureza com o forcado, no entanto ela sempre voltará". Horácio aplicou a frase aos jardins, mas se adapta também à "natureza" humana.

Natura non facit saltum: "A natureza não dá saltos". Autor desconhecido. Ditado celebrado por Goethe: na natureza tudo ocorre segundo uma evolução regular, por transições graduais e fluentes.

Ne bis in idem: "Não duas vezes pela mesma causa". Fundamento do Direito: um assunto resolvido legalmente está resolvido de vez, não pode ser retomado, em especial referindo-se ao acusado, que não pode ser julgado duas vezes pelo mesmo ato.

Nemo ante mortem beatus: "Ninguém pode ser chamado de feliz antes de sua morte". Segundo a tradição, resposta do sábio Sólon à pergunta do rico rei Creso, sobre quem seria o mais feliz dos mortais. E Creso terminou seus dias na prisão. *Creso*

Nervus rerum: "O nervo de (todas) as coisas". Refere-se ao dinheiro, que ainda hoje continua a ser chamado freqüentemente assim na Alemanha. Difundida por Cícero, apoiando-se em Demóstenes.

Noli me tangere: "Não me toques!" Segundo o Evangelho de São João, palavras de Jesus a Maria Madalena, que provavelmente queria beijar-lhe os pés.

Non olet: "Não fede". O imperador Vespasiano cobrava impostos dos artesãos que utilizavam a urina proveniente das ânforas colocadas nas ruas de Roma para servir de mictórios. Quando seu filho Tito o censurou por aquilo, o imperador aproximou uma moeda de seu nariz, dizendo: "Você está sentindo o cheiro de alguma coisa? Não fede". Hoje em dia: Não interessa a ninguém a proveniência (talvez desonesta) do dinheiro. *Non olet*

Non scholae sed vitae discimus: "Não aprendemos para a escola, mas para a vida". Lema pedagógico. Na verdade seu criador, Sêneca, teria escrito sobre a educação de seu tempo, cheio de escárnio: *Non vitae sed scholae discimus:* "Isto se aprende para a escola e não para a vida".

Nuda veritas: "A verdade nua". De Horácio.

Ora et labora: "Reza e trabalha". Lema de São Benedito de Núrsia, fundador da Ordem dos Beneditinos, em seu mosteiro de origem, em Monte Cassino. *São Benedito*

O tempora, o mores: "Ó tempos! Ó costumes!" Exclamação de Cícero sobre a situação deplorável da época, em um discurso no ano de 63 a. C., "taquigrafado" por seu servo, mais tarde liberto, Túlio Tiro.

Panem et circenses: "Pão e espetáculos". Proclamação de Juvenal: pão e espetáculo é tudo o que a multidão precisa e exige.

Pars pro toto: "A parte pelo todo". Fundamento dos filósofos e lógicos romanos: a partir da parte pode-se deduzir o todo.

Principiis obsta: "Oponha-se desde o início". Depois que um mal, uma praga já se firmaram, é muito difícil extirpá-los (Ovídio).

Nero *Qualis artifex pereo:* "Morro como um grande artista!" Segundo Suetônio, declaração de Nero, que se julgava grande poeta e cantor. O imperador pronunciou estas palavras antes de suicidar-se.

Qui tacet, consentire videtur: "Quem cala, consente". Fica entendido como alguém que concordou. Fundamento do Direito canônico.

Quod licet Iovi, non licet bovi: "O que compete a Júpiter, não compete aos bois". Provérbio.

Quod non est in actis, non est in mundo. Fundamento do Direito: "No tribunal só tem valor o que foi levado ao tribunal e consta nos autos". Hoje em dia é usado ironicamente.

Relata refero: "Eu conto (apenas) o que (me) foi contado". Heródoto.

Repetitio est mater studiorum: "A repetição é a mãe do estudo", ou "A prática faz o mestre". Provavelmente um provérbio.

Roma locuta, causa finita: "Roma falou, o assunto está definitivamente decidido". Sentença que acentua o primado do bispo de Roma sobre todo o cristianismo.

Semper aliquid haeret: "Algo fica sempre pendente". Conselho de Plutarco aos caluniadores, renovado por Francis Bacon.

Sine lege nulla poena: "Sem lei não há castigo". Princípio jurídico do *Corpus iuris* em forma bastante resumida. Uma pena só pode ser imposta a um ato que está previsto por lei como sujeito a uma penalidade. Atualmente um princípio jurídico de qualquer estado de direito.

O esnobe *Sine nobilitate:* "Sem nobreza". Na forma abreviada *s. nob.* Registro nas matrículas (de estudantes) de escolas e universidades inglesas, freqüentadas em sua maioria por jovens pertencentes à nobreza. E porque os jovens distinguidos por esta marca procuravam superar seus companheiros nobres em coragem, luxo e manias, desta abreviação deve ter surgido a palavra *snob* (esnobe).

Si tacuisses, philosophus mansisses: "Se tivesses calado, terias permanecido um filósofo" ou "Se você tivesse ficado quieto, ainda hoje poderia ser considerado uma pessoa sensata". Provavelmente refere-se ao "Consolo da Filosofia", de Boécio.

Societas leonina: "Sociedade leonina". Denominação proverbial para uma união de parceiros desiguais, na qual o mais forte fica com todas as vantagens ("a parte do leão").

Spinoza *Sub specie aeternitatis:* "Considerado do ponto de vista da eternidade". Declaração do filósofo holandês judeu Baruch d'Espinoza (Benedictus de Spinoza).

Suum cuique: "A cada um o seu". Derivada de Cícero, literalmente, em uma frase do padre da Igreja, Santo Ambrósio de Milão: *Iustitia suum cuique tribuit:* "A justiça atribui a cada um a parte que lhe confere". *Suum cuique* também foi o lema da ordem da Águia Negra, prussiana.

Tabula rasa: "Tábua lisa". A tabuinha de cera (alisada com a extremi-

dade do estilete) que os romanos usavam para escrever, pronta para ser usada novamente, depois de apagado o que havia sido escrito anteriormente. Atualmente empregada na expressão "fazer *tábula rasa*", limpar a mesa, para recomeçar tudo, desde o princípio.

Tempora mutantur nos et mutamur in illis: "Os tempos mudam, e nós, com eles". Frase de Ovídio a respeito da transitoriedade e da mudança eterna de tudo o que é humano.

Ubi bene, ibi patria: "Onde se (vive) bem, aí (está) a pátria". Conceito materialista dos cosmopolitas.

Ut desint vires tamen est laudanda voluntas: "Mesmo que faltem as forças, resta ainda para louvar a (boa) vontade". De Ovídio.

Vae victis: "Ai dos vencidos!" Expressão atribuída a Breno, príncipe gálico que conquistou e saqueou Roma no ano 390 a. C. Ele tê-la-ia pronunciado ao atirar sua espada sobre os pratos da balança onde se pesava o dinheiro do resgate.

O estilo lapidar de César

Veni, vidi, vici: "Vim, vi, venci". Estas palavras de César se originam de um relatório seu a respeito de sua campanha militar-relâmpago no Ponto, no ano 47 a. C.

Videant consules: "Os cônsules que cuidem". Forma reduzida para *Videant consules ne quid res publica detrimenti capiat*: "Os cônsules que se preocupem para que não aconteça nada de mal ao Estado". Fórmula com a qual o Senado, em caso de perigo iminente, concedia aos cônsules poderes ditatoriais.

Formação humanística

Por muitos séculos, "culto" era aquele que conhecia as línguas, a literatura, a história do "mundo antigo", isto é, da Grécia e de Roma. Este ideal cultural se conservou até o final do século XIX.

O historiador inglês Arnold Toynbee, nascido em 1889, verificou, gratificado, que na virada do século, quando ele freqüentava escola e universidade, prevalecia, não apenas na Grã-Bretanha, mas em todo o mundo ocidental, um modelo cultural "que havia surgido na Itália quinhentos anos antes". O estudante deveria conhecer melhor o grego e o latim do que o alemão e o francês, ele deveria ter condições de se exprimir em ambas as línguas tanto em prosa quanto em verso. Por quê? A maior vantagem dessa educação "clássica" consiste, de acordo com Toynbee, no fato de o homem ser situado no centro do universo.

A esse ideal correspondem hoje, no máximo, as poucas escolas de segundo grau com formação humanística. Foi abandonado como fundamento da nossa formação educacional. Se essa medida foi positiva ou não, é algo acerca do que as opiniões divergem até hoje.

O latim e a unidade da Europa

A Europa pode alcançar a unidade se continuar a multiplicidade de idiomas? Certamente. Para fundamentar esta opinião, veja o caso da Suíça, na qual quatro grupos lingüísticos diferentes coexistem em uma mesma nação. Há muitos países na Terra com uma população que fala diversos idiomas.

Em que língua deveriam articular-se as instituições de uma Europa unida? É difícil imaginar que em uma "Europa dos dez, doze ou dezesseis" todas as línguas adquiram igualdade como idioma de debates. É provável que sejam escolhidos o inglês, o francês e o alemão como línguas de serviço. Os representantes de países menores terão de se adaptar a essa situação.

Não seria melhor se houvesse uma língua comum para toda a Europa, que não fosse a de nenhuma grande potência, para que nenhuma nação tivesse privilégios?

Eis para muitos a justificação para sugerir o latim. Não é há muito tempo uma língua "morta"? Resposta: E os israelenses não ressuscitaram o hebraico, uma língua morta há muito tempo, e o transformaram na língua de um Estado moderno?

Os partidários de uma "solução latina" do problema argumentam: o latim é a língua-mãe da Europa. A herança latina mantém a Europa unida. "Nenhuma organização política ou econômica pode jamais realizar o que nos confere a unidade cultural" — eis as palavras do Prêmio Nobel inglês T. S. Eliot, que podem servir de citação.

Assunto para refletir!

CAPÍTULO VI

As filhas orgulhosas

Do latim às línguas românicas

Voltemos agora ao tempo de transição, no qual a língua latina (culta) escrita, embora já mudada, se distanciava cada vez mais do latim vulgar (falado). Desta língua popular é que surgiram, por evoluções constantes, nossas línguas *românicas* de hoje, e visto que a língua do povo se desenvolveu em diversas direções nas diferentes regiões do imenso império romano, temos hoje não apenas uma descendente do latim, mas bem uma meia dúzia delas. Por que se verificou esta diversificação em várias línguas diferentes e, com o tempo, cada vez mais diferentes? Por um lado, os hábitos lingüísticos dos povos, antes que assumissem o latim, devem ter influído muito. Os pesquisadores acreditam que esses efeitos possam ser sentidos ainda depois de a língua anterior ter sido extinta. Por outro lado, diferenças dialetais dos grupos de ocupação romanos podem também ter desempenhado papel de relevância.

Com o declínio da autoridade central de Roma, diminui também a comunicação entre as regiões do império; e um fenômeno observável em toda parte é que duas comunidades lingüísticas — sejam elas representadas por grandes grupos ou por habitantes de vales contíguos, mas separados por escarpadas cadeias de montanhas — assumem, assim que sejam isoladas uma da outra, um desenvolvimento lingüístico cada vez mais divergente. Desse modo surgiu no século IX uma considerável quantidade de dialetos do latim vulgar. Quais deles iriam tornar-se "línguas" na verdadeira acepção da palavra, isto é, línguas nacionais, escritas, literárias, foi determinado por fatores extralingüísticos, políticos, administrativos e sociais.

De modo geral, o *francês* vem citado entre elas em primeiro lugar, não por causa do número de falantes — esta posição caberia ao espanhol, uma vez considerada a América Latina —, mas sim pelo papel preponderante que desempenhou durante dois séculos como língua das cortes e da diplomacia, da educação requintada e da classe social mais elevada em muitos países (inclusive a Rússia czarista). Línguas nacionais são ainda o *espanhol*, o *italiano*, o *português* e o *romeno*, bem como, a partir de 1938, o *reto-românico*, que a Suíça elevou à condição de quarta língua nacional, ao lado do alemão, do francês e do italiano.

O *catalão*, que precisou lutar muito por seu reconhecimento, tendo sido reprimido na Espanha de Franco, mas que atualmente renasceu tanto como língua falada como escrita (na Catalunha e em Andorra é a língua oficial), possui literatura própria; e língua literária importante na Idade Média foi também o *provençal*, no sul da França.

De maneira ampla, o inglês atual pode também ser considerado como descendente do latim; falaremos a esse respeito num capítulo à parte.

Patrimônio lingüístico comum

As línguas românicas adquiriram seu vocabulário básico do latim, mas nem sempre do escrito; por exemplo, a palavra latina para "cabeça", *caput*, foi mantida no português e no espanhol, *cabeza*, mas o italiano *testa* e o francês *tête* reportam ao latim *testa*, que significa "caco" e provavelmente era usada de forma depreciativa por soldados romanos (cf., em alemão, *Birne* — pêra — ou *Rübe* — nabo — em vez de *Kopf* — cabeça).

Conservação da forma escrita

As semelhanças do vocabulário se tornam bem mais claras na imagem escrita do que na palavra falada, porque a ortografia "conservadora", sobretudo a francesa, preserva as formas mais antigas, das quais a língua falada neste ínterim se distanciou bastante. Como exemplo, vejamos o numeral 5, que em latim é *quinque*. Daí resultou:

"Cinco" como exemplo

	Escrita	Pronúncia
francês	*cinq*	[sε̃k] ou [sε̃]
italiano	*cinque*	[tʃiŋkwe]
espanhol	*cinco*	[θiŋkɔ]
português	*cinco*	[sĩku]
romeno	*cinci*	[tʃĩtʃ]

A pronúncia da vogal temática faz crer que já os romanos *nasalizavam* uma vogal à qual se seguisse um *n* ou um *m*.

O fenômeno da escrita similar ou igual com pronúncia diferente emerge de maneira clara entre as consoantes *c* e *g* seguidas de um *e* ou *i*. A pronúncia de *c* e *g* como [k] e [g] antes de *o* e *u* se manteve: do latim *corvus* veio o francês (le) *corbeau*, o italiano (il) *corvo*, o português (o) *corvo* e o espanhol (el) *cuervo* — em espanhol um *o* breve tônico latino resultou geralmente em *ue*: cf. *fuerte, puerto*. Um *c* antes do *a* no latim resultou em francês, na maioria das vezes, em *ch* [ʃ]: *champ, de campus, château*, de *castellum* (no lugar do *s* perdido se encontra, como "lápide", o acento circunflexo). O *c* antes de *e* e *i*, ao contrário, é falado de maneira diferente nas línguas românicas mais importantes, mas em nenhuma dessas como [k]. Do latim *centum* [kentum] vem o francês *cent* [sã], o italiano *cento* [tʃento], o espanhol *cien* [θien]. Caso um *g* antes de *e* ou *i* deva ser pronunciado como [g], o francês precisa escrever um *u* antes da vogal, e o italiano introduzir um *h*: italiano *la giacca* [dʒaka], "o casaco"; mas *il ghiaccio* [giatʃo], "o gelo". O mesmo em francês: *gêner* [ʒene], "importunar", mas *guérir* [gerir], "curar".

Dezenas de páginas poderiam ser preenchidas com exemplos desse tipo, de como as palavras latinas em parte se mantiveram e em parte se modificaram nas línguas derivadas, e assim se podem formular leis de alterações fonéticas, como a supracitada do *o* em *ue* no espanhol, e do abrandamento de um *c*, latim [k] inicial, no francês; de *causa*, "a coisa", vem *chose* [ʃoz].

O parentesco do latim com suas línguas-filhas se torna bastante significativo quando se considera, por exemplo, uma frase do Pai-Nosso:

Pai-Nosso

latim	*Da nobis hodie panem nostrum quotidianum*
francês	*Donne-nous aujourd'hui notre pain quotidien*
espanhol	*Danos hoy nuestro pan cotidiano*
italiano	*Dacci oggi il nostro pane quotidiano*
português	O pão nosso de cada dia nos dai hoje

Os duplicados

O léxico do francês e de suas línguas irmãs deriva principalmente do latim vulgar da Antiguidade e da Idade Média, mas na época do Humanismo e do Renascimento entrou uma segunda onda de empréstimos latinos: várias palavras da língua escrita, da língua culta. Isto fez com que palavras de há muito assimiladas pelo francês fossem adotadas novamente, mas então em uma forma bem semelhante ao original latino, enquanto a herança vocabular antiga já havia sofrido variados processos de mutação fonética e semântica. São exemplos desse tipo:

Exemplos

Latim	Herança mais antiga	Novo empréstimo
causa	(la) *chose* (a coisa)	(la) *cause* (a causa)
sacramentum	(le) *serment* (o juramento)	(le) *sacrement* (o sacramento)
hospitalis (adj.)	(l') *hôtel* (a hospedaria)	(l') *hôpital* (o hospital)

Há fenômenos análogos no inglês. O exemplo *hospitale* permite constatar que o acento circunflexo sobre uma vogal é, via de regra, um sinal para um *s* que havia no latim e depois caiu (outras vezes indica a queda de outros sons); assim também em *asinus*, "o asno", francês *âne*; *costa*, francês *côte*, "a costa"; *festum*, francês *fête*, "a festa"; *testa*, "caco", francês *tête*, "cabeça"; *presbyter* (origem grega), "o padre", francês *prêtre*, etc.

Mas não tendo a intenção de adentrar demais na romanística (nome da disciplina que estuda as línguas românicas) e deixando para adiante o exame mais apurado de cada uma das línguas, vejamos agora o que as diferencia de sua mãe comum sem considerarmos a comunhão lexical mais que as modificações da pronúncia. Na verdade, em graus variados, elas modificaram sua estrutura.

Mudanças na estrutura

Qual, entre as línguas européias atuais, mantém a maior proximidade com a tipologia latina? A esta pergunta, receberemos de muitos lingüistas uma resposta talvez hesitante, mas bastante surpreendente: o grego moderno, talvez, ou algumas línguas eslavas! Ou ainda o russo, que tem um sistema de casos bem pronunciado, com seis casos, em vez dos cinco do latim. Bem, naturalmente, a declinação existe também nas línguas românicas atuais. Onde está a diferença?

O latim indica os casos (e assim as relações da palavra com as outras na frase) mediante a adição de um elemento formal, chamado *morfema*, ao radical da palavra: *amicus*, "o amigo", *amici*, "do amigo"; *lex*, "a lei", *legis*, "da lei", *legem*, "a lei" (acusativo). E no francês? O radical (no singular) permanece imutável, o caso é expresso pelas preposições *de* (para o genitivo), *à* (para o dativo). A flexão, no latim, é *sintética* (fusão dos elementos formais), enquanto no francês é analítica (os elementos permanecem separados). As causas de uma modificação desse tipo são diversas, e a principal poderia ser o fato de que a flexão *analítica* é mais simples, mais fácil de aprender, mais fácil de lidar: *de* e *à* são usadas prontamente, enquanto no latim, dependendo da declinação a que pertence o substantivo (na maioria das vezes, mas não sempre reconhecível pela terminação da palavra), deve-se usar uma terminação diferente: singular em *-us*, plural em *-i* (mas também em [-u:s]); singular em *-a*, plural em *-ae*, etc. O processo analítico tem também a vantagem de ser inequívoco. No latim, o mesmo morfema tem

várias funções: *amici* pode tanto significar "do amigo" quanto "os amigos"— qual o significado correto, só o contexto indica. A terminação do ablativo geralmente é igual à de outros casos: *gladio* pode significar "à espada", mas também "com a espada, pela espada".

Do tipo lingüístico sintético ao analítico

Em todas as línguas românicas se verificou uma evolução do tipo flexional sintético ao analítico. E o que ocorre com os verbos, com a conjugação? Também neste caso vigora em latim um processo sintético: *amo, amas, amat,* "eu amo, tu amas, ele ama", são formas inequívocas graças à fusão do morfema com o radical, de tal modo que o latim pode prescindir do uso dos pronomes pessoais, assim como prescinde dos artigos definidos e indefinidos, por causa das terminações dos casos (embora nem sempre inequívocos) — fenômeno comum ao russo. Mas também outras formas verbais surgem em latim como uma palavra, como, por exemplo, o passado de *legere*, "ler": *legi* (com [e] longo), francês *j'ai lu*; e mesmo o infinitivo passivo: *legi* (com [ɛ] breve), francês *être lu* ("ter lido").

Uma mudança como a aqui descrita é sempre apenas uma tendência, não a regra absoluta, pois também o latim tem formas analíticas do verbo: *factum est* (de *facere*), "foi feito", francês *cela a été fait*; por outro lado, o francês, o espanhol e o português, por exemplo, mantêm nas formas do pretérito uma flexão sintética: francês *je bois* (de *boire*), "eu bebo"; *je bus*, "eu bebi"; espanhol e português *entro* (de entrar); *j'ai entré*, "entrei".

O francês
O sistema fonético

Quase todo francês ouve com prazer a observação segundo a qual sua língua materna é a mais significativa e a mais orgulhosa das filhas do latim. Com menor prazer, porém, ele admitirá que é exatamente ela que, sob vários aspectos, se desenvolveu distanciando-se mais e mais da mãe; às vezes a ortografia conservadora do francês engana a esse respeito.

Os franceses, em princípio, adotam o mesmo alfabeto latino que os alemães. Também várias consoantes são pronunciadas de modo similar, mas o *g* antes de *e* e *i* se torna [ʒ]; o *v* é sempre [v], e não às vezes [f], como no alemão; o *h* pemanece mudo; apesar disso há dois tipos de *h*: o *h* em héros ("herói") é um *h* aspirado (*aspiré*), na verdade não aspirado como um [h] alemão, mas só se torna perceptível à medida que falta a ligação (*liaison*) da consoante final da palavra precedente com a vogal inicial da palavra seguinte: o plural de *le héros* é *les héros* [le ero], enquanto o plural de *harmonie*, *les harmonies*, é pronunciado [lezarmoni].

As diferenças se encontram principalmente nas vogais. Na escrita ocorrem apenas as cinco vogais *a, e, i, o, u*. Mas isto engana. Não apenas porque o *e* pode ser complementado por sinais diacríticos: com o acento agudo (*é*), com o grave (*è*) e ainda sem acento, mas porque há as vogais nasais, que são quatro e causam dificuldades à maioria dos estrangeiros, que, ao contrário dos poloneses e dos portugueses, não as possuem em sua língua materna. As nasais não são marcadas por um sinal especial, mas sim pelo *m* que as segue, como em *nom* [nõ], "nome", ou pelo *n*, como em *non* [nõ], "não". Mas não é tão fácil assim. O *n* nasaliza a vogal anterior, quer seja em final de palavra, quer seja intermediário entre a vogal e outra consoante, como em *mont* [mõ], "monte", ou *monde* [mõd], "mundo", mas não quando se segue uma vogal, como em *une* [yn], ou quando o *n* (ou *m*) seja duplo, como nos nomes dos rios *Garonne* [garɔn] e *Somme* [sɔm].

A ortografia francesa é, em essência, histórica. Ela conserva um estágio fonético do qual a língua falada em muitos casos se distanciou bastante. *Ortografia*

A escrita, por exemplo, continua a manter consoantes finais há muito não mais pronunciadas: *front* [frõ], "testa", *vert* [vɛr], "verde". Isto faz com que a língua falada apresente uma grande quantidade de homônimos, palavras com a mesma pronúncia mas com significados diferentes. A palavra pronunciada [vɛr], por exemplo, pode ter quatro significados, evidentes apenas na escrita: *ver* significa "verme", *vers* significa "verso", *verre*, "copo", *vert*, "verde". O contexto, naturalmente, esclarece de qual [vɛr] se trata. Mas um francês só pode responder à pergunta "Como se escreve [vɛr]?" com uma outra pergunta. *Os quatro [vɛr]*

Note-se que tal peculiaridade confere ao francês uma leveza, elegância e rapidez no falar, mas ao mesmo tempo uma perda na clareza, o que se percebe muito bem quando comparamos as palavras francesas com as italianas correspondentes: *verme* [vẹrme]; *verso* [vẹrso]; *vetro* [vẹtro], "vidro", *verde* [verde].

Não apenas o francês falado tem prescindido das vogais finais: também a língua escrita perdeu os sons finais, como *père* [pɛr], do latim *pater*, "pai", ou *vie* [vi], do latim *vita*, "vida".

Os homônimos no francês falado são incontáveis. Por brincadeira, pode-se escolher uma consoante inicial qualquer e acrescentar a ela uma vogal, e logo se verifica que na maioria das vezes há duas ou três palavras que correspondem foneticamente a esse modelo, mas que diferem radicalmente na escrita e no significado: *peau*, "pele", *pot*, "pote", ambos pronunciados [po]; *saut*, "salto", *sceau*, "selo", *seau*, "balde" e *sot*, "tolo", todos pronunciados [so]. *Homônimos*

Diferentemente do alemão, o francês não é capaz de formar novas palavras por meio da simples justaposição de duas ou mais palavras. Enquanto o alemão pode, por exemplo, dizer *sonnenverbrannt* (queimado do sol), o francês precisa dizer *brûlé par le soleil*; para *Sonnenfinsternis* (eclipse do sol), *éclipse de soleil*; para *Feuerversicherung* (seguro contra incêndio), *assurance contre l'incendie*; e para *Versicherung gegen die Feuersbrunst*, ao invés de *Feuerversicherungsgesellschaft* (pois em alemão o jogo pode continuar *ad libitum*), *compagnie d'assurance contre l'incendie*. *A impossibilidade de criar compostos*

Esta facilidade em criar compostos já faltava ao latim. Em vez de Haushaltung (economia doméstica), o latino precisava dizer *administratio rerum domesticarum* (e o neolatino deve fazer o mesmo); aliás, de modo semelhante ocorre com o russo, também nesse caso uma língua analítica: домашнее хозяиство. Aqueles que querem adaptar o latim às necessidades modernas, já tornaram mais fáceis as denominações latinas complicadas para invenções da técnica moderna, abreviando-as. Eles não dizem mais *instrumentum televisionis* (neologismo greco-latino) *excipiendae*, literalmente, "aparelho para receber a visão à distância", mas simplesmente *televisorium*, e *clausura tractilis* para "zíper".

Em francês, a entonação não desempenha um papel decisivo na significação de uma palavra, o que permite ao falante variar a intensidade do tom à vontade. Isto contribui para dar ao francês a elegância e fluência que lhe são próprias. Mas há dois fatores que contribuem para isso: o primeiro é o hábito já mencionado de pronunciar uma consoante final, normalmente *Entonação e melodia*

muda, quando a palavra seguinte começa com uma vogal, obtendo assim uma ligação sem interrupção entre as duas palavras. Quando diz *Es ist drei Uhr* (são três horas), o alemão precisa dar uma pausa entre *drei* e *Uhr*, e assim interromper um pouco a passagem de ar. O francês, por sua vez, que teoricamente estaria em igual situação ao dizer *il est trois heures*, visto que o *s* de *trois* é mudo, assim como o *h* de *heures*, pronuncia o *s* como consoante branda e a une ao [œ] de *heures*, dizendo [ilεtroazœr].

A fluência característica do francês está condicionada e é possibilitada ainda mais por um segundo fator, já mencionado anteriormente: o fato de a maioria das consoantes finais serem mudas contribui para que a grande maioria das sílabas em francês (cerca de 80%) sejam abertas: elas terminam em vogal (começam com uma consoante, mas podem se constituir de apenas uma vogal — o que os alemães desconhecem —, como em *est* [ε], "é", *ou* [u], "ou", *as* [a], "tens", etc.).

Deste modo, ao falar surgem seqüências sonoras que se compõem prevalentemente de consoante-vogal-consoante, etc. *Il ne me l'a pas dit*, "Ele não mo disse", soa, principalmente se o *l* de *il* for suprimido, como se tem observado ultimamente, [inəməlapadi]. Se compararmos com o alemão *Er hat es mir nicht gesagt*, pronunciado com as consoantes finais bem distintas como no teatro, verificar-se-á que ele é mais pesado, mas na verdade mais claro; cada palavra conserva sua própria autonomia ou, como se diz, o próprio corpo.

Por concisão, não trataremos das outras línguas românicas com a mesma minúcia do francês (embora o entusiasta desse idioma possa sentir que ainda lhe falta muito nesta minha explanação), mas, de qualquer modo, pretendemos dar uma visão rápida de cada uma delas.

O italiano
Sua evolução

A evolução do latim vulgar para o italiano ocorreu continuamente, a passos pequenos, num processo, por assim dizer, plano. Quando o francês popular já era sentido como algo claramente diverso do latim (cf. o "Juramentos de Estrasburgo", que mencionarei no capítulo sobre a língua alemã), os cidadãos italianos pareciam sentir a língua escrita e a língua falada bastante próximas ainda: o povo falava igual, de maneira um pouco mais simples, mais descuidadamente, e sua língua foi chamada de *lingua vulgaris*, "língua vulgar".

E assim chegamos à época, algo posterior à francesa, a partir da qual se pode falar de uma língua italiana autônoma. O ano de 1960 foi proclamado na Itália como o "milenário" da língua, levando-se em conta um documento datado de 960, no qual ambas as formas da língua surgem lado a lado. Trata-se de um certificado relativo a uma propriedade do mosteiro de Monte Cassino, ou, mais precisamente, de uma filial do mosteiro na região de Cápua. O texto é em latim, mas as declarações de algumas testemunhas residentes nas proximidades foram escritas na linguagem delas. Uma destas disse: *Sao ko kelle terre, per kelle fini que ki contene, trenta anni le possette parte Sancto Benedicti.* O *k* caiu, e é substituído no italiano atual ou por *qu* ou por *ch*. Hoje este camponês diria assim: *So* ("Sei") *che quelle terre* ("que essas terras") *per quei confini descritti in questo* ("nesses limites descritos neste" — i. e., neste mapa) *trent'anni* ("por trinta anos") *furono possedute dai Santi Benedettini* ("pertenceram aos beneditinos").

O famoso *Cântico do Sol*, de São Francisco de Assis (1181/82-1226), representa o poema mais antigo existente na língua popular. Um trecho:

O "Cântico do Sol"

Laudato sie, mi Signore, cum tuncte le tue creature,
spetialmente messor lo frate sole,
lo qual' è iorno, et allumini per lui;
et ellu è bellu e radiante cum grande splendore;
de te, Altissimo, porta significatione.

"Bendito sê, meu Deus, com todas as Tuas criaturas,
especialmente nosso irmão, o sol,
que de dia iluminas para nós;
e que é belo e irradia com grande esplendor;
de Ti, Altíssimo, traz o significado."

Quem conhece um pouco de ambas as línguas percebe claramente como este texto se encontra entre o latim clássico e o italiano moderno.

A Toscana: berço do italiano

Porém o berço do italiano culto atual não foi a Úmbria, onde o santo atuou — não longe de Perúgia e do lago Trasímeno — e em cujo dialeto pregou e poetou, mas sim a Toscana. Florença tornou-se, nos séculos XIII e XIV, um centro literário, fomentado por sua força política e seu peso econômico como centro financeiro e comercial. Dante Alighieri (1265-1321) com sua *Divina Commedia (Divina Comédia)*, Petrarca e Boccaccio, este com sua prosa artística, .tornaram o dialeto de sua pátria toscana a língua da literatura, que se tornou a de toda a Itália, no transcurso de um longo processo evolutivo. Ainda no século XIX o mais famoso romancista italiano, Alessandro Manzoni, escreveu sua obra *I Promessi Sposi* (*Os Noivos*) primeiramente no dialeto de sua pátria lombarda, para depois, em anos de trabalho, depurá-lo dos "lombardismos" ("lavar as roupas no Arno", ele chamou este trabalho) e publicá-lo apenas quinze anos mais tarde nesta nova versão, ainda hoje difundida, na língua escrita (toscana). Goethe, que admirava extremamente essa obra, conheceu apenas a versão mais antiga.

Mais próxima da língua-mãe

Um romano ressuscitado reconheceria o seu idioma com mais facilidade num texto em italiano atual do que em qualquer outra língua românica da atualidade. De fato, muitas palavras italianas conservaram a forma original latina, como por exemplo os verbos *amare*, "amar"; *cadere*,"cair"; *cantare*, "cantar"; *cedere*, "ceder"; *finire*, "findar"; *lavare*, "lavar"; *mandare*, "mandar"; *perdere*, "perder"; *ridere*, "rir"; *sapere*, "saber"; *servire*, "servir"; *tacere*, "calar"; *venire*, "vir"; *vivere*, "viver".

Outras palavras sofreram um desvio tão pequeno em relação à forma original latina que é facílimo reconhecer a conexão: *habere-avere*, "ter"; *amor-amore* , "amor"; *habitare-abitare*,"habitar"; *aqua-acqua*, "água", etc.

Aos quatro tipos da conjugação latina correspondem igualmente os quatro do italiano. Há infinitivos em *-are* (*amare*), *-ere* (*sapere*), *-ere* (não acentuado, como em *credere*) e *-ire* (*venire*).

Escrita e pronúncia

O italiano atual se encontra bem próximo do ideal, que seria a correspondência entre escrita e pronúncia. Para poder ler um texto em voz alta, basta apenas conhecer algumas poucas regras, como: *c* é [tʃ] antes de *e* e *i*, e nos

outros casos [k]; *g* é [dʒ] antes de *e* e *i*, e fora isso [g]; o *h* é mudo; *sci* é pronunciado [ʃi], mas *schi* é [ski]. Uma consoante dupla é marcada também na pronúncia: em *nonna*, "vovó", o *n* é mais longo, assim como em *sette*, "sete" o [t] o é.

Os inúmeros dialetos italianos, todos vivos e diferentes entre si, distanciaram-se bem mais do latim que a língua culta.

O sardo

Na Sardenha fala-se o *sardo* — considerado pelos lingüistas como sendo uma língua e não um dialeto italiano. O sardo, de todas as línguas românicas atuais, é o mais próximo do antigo latim, e pode ser ouvido hoje em dia também na igreja sarda. No fim da missa se ouve: *Sa missa es finida, andais in paxe*, "A missa terminou, ide em paz"; *sa* é derivado do latim *ipsa*, feminino de *ipse*, "mesmo".

Regularidade da flexão italiana

Enquanto a conjugação dos verbos em italiano requer certo esforço, a flexão dos substantivos, assim como dos adjetivos, é de grande simplicidade e regularidade. A maioria dos substantivos terminam em vogal; os masculinos terminam em *-o* e formam o plural em *-i*: *l'anno*, "o ano"; *gli anni*, "os anos". Os femininos terminam em *-a* e formam o plural em *-e*: *la corona*, "a coroa"; *le corone* , "as coroas". Caso a palavra termine em *-e*, o plural é em *-i*: *il fiore*, "a flor"; *i fiori*, "as flores". Caso o singular termine em consoante ou vogal acentuada, a palavra não varia, apenas o artigo marca o plural: *la città*, "a cidade"; *le città*, "as cidades".

Naturalmente há uma série de exceções, que precisam ser decoradas. Por exemplo: *mano*, apesar da vogal final *-o*, é feminino, como já o era o latim *manus*.

A língua da música

Com suas vogais abertas, pronunciadas claramente, vogais de céu aberto, por assim dizer, o italiano se presta de modo especial para ser cantado. É um prazer muito maior ouvir uma ópera italiana na língua original do que em uma tradução. São italianos os termos usados em música, tais como *moderato*, *adagio*, *andante*, *presto*, *vivace*, *ritardando*, *sostenuto*, *staccato*.

O espanhol

Do latim vulgar à língua universal

A província da Espanha (*Hispania*) foi dominada pelos romanos por cerca de seis séculos — de 200 a. C. a 400 d. C. Antes deles, os dominadores haviam sido os cartagineses, e depois deles vieram os godos e os árabes. A língua dos conquistadores romanos sufocou totalmente as línguas (celtas) faladas anteriormente. Os únicos a conservar até os dias de hoje, desde o período pré-romano, língua e costumes próprios foram os bascos, que se denominam *Euskaldunak*, e que após uma longa opressão pelo regime de Franco são regidos, desde 1979, por estatuto autônomo. Seu domínio se estende, além dos Pireneus, também à França. Sua língua não é aparentada com nenhuma outra dos países vizinhos; o basco é uma das poucas línguas vivas não indo-européias em solo europeu. Desde o século XIX os bascos têm uma literatura própria em sua língua. O basco será tratado mais minuciosamente no início do capítulo X.

O latim conquistou totalmente a península Ibérica até o país basco, e este processo deve ter sido bastante rápido. De acordo com um relato de Tácito, um camponês da região de Tarragona teria gritado, sob tortura, na língua de seus antepassados; o fato de isto ter chamado especialmente a atenção nos leva a crer que essa língua já fosse extinta naquele tempo.

Entre os dialetos do latim vulgar do período de transição, o *castelhano*, falado na região de Madri e Burgos, acabou por alcançar uma posição de destaque. Tal como o toscano na Itália, ele se tornou o fundamento e o modelo da língua escrita, que em espanhol se chama *castellano*. Hoje se falam também dialetos bem definidos, dos quais o *galego*, falado em todo o oeste da Espanha, se encontra mais próximo do português do que a língua culta espanhola, podendo também ser considerado como língua autônoma.

Difusão hoje

O *espanhol* não é falado apenas na Espanha e nas ilhas Canárias. Ele é a língua oficial e popular de toda a América Latina, do México até a Terra do Fogo, com a exceção significativa do Brasil. Onde os espanhóis dominaram como colonizadores, inclusive em quatro ilhas do Caribe, sua língua permaneceu, e se nas Filipinas se verifica atualmente uma regressão, registra-se um progresso da região de fala espanhola do norte do México, ultrapassando as fronteiras dos E.U.A. Em alguns Estados meridionais dos E.U.A., é falado comumente, desde que, em 1848, o México foi obrigado a ceder para os E.U.A. o Novo México, o Texas, o Arizona e grande parte da Califórnia. Atualmente o espanhol está avançando ano a ano, não apenas na Flórida, por causa dos inúmeros refugiados cubanos, mas em todo o sul, como conseqüência da incontrolável migração de imensos grupos de mexicanos à procura de trabalho. Em alguns lugares, os *hispanos* já representam uma maioria e pretendem que o espanhol seja usado ao lado do inglês como língua administrativa e pública. E em Nova York, por causa do fluxo migratório de Porto Rico, o espanhol é a língua mais falada, depois do inglês.

Espanhol e latim

Em muitos aspectos, o espanhol de hoje se encontra mais próximo do latim que o francês, mas não tanto quanto o italiano. Teve um processo de desenvolvimento próprio, talvez pela situação periférica com relação ao âmbito total de domínio latino, talvez por causa das influências das línguas pré-romanas, talvez por causa de particularidades dos soldados e colonizadores romanos que vieram para a região; certamente pelo longo domínio do Islã e com ele o dos árabes, que chegaram a Gibraltar em 711; trouxeram ao país um florescimento econômico e cultural e só foram novamente expulsos entre os séculos XI e XV *(Reconquista)*, pelos exércitos cristãos. Os árabes deixaram traços bastante claros na língua da Espanha — e não só na língua. Na verdade, a maior parte das palavras do vocabulário espanhol se origina do latim. Muitas palavras conservaram fielmente sua forma latina, mas os empréstimos de origem árabe — ao lado dos celtas e gregos — ocorrem em número considerável, também como conseqüência da forte superioridade cultural dos árabes. São de origem árabe não só nomes de acidentes geográficos como *Gibraltar* ou *Alcázar* (*Dschebr-al-Tarik*, "rochedos de Tarik", do chefe dos conquistadores árabes na primeira invasão; *alcázar*, "fortaleza"), mas também palavras importantes da língua falada, que freqüentemente foram adotadas juntamente com a coisa à qual se referem — como ocorreu entre os germanos com respeito ao latim. Assim, de *amir-al-bhr*, literalmente, "Emir dos mares", derivou, depois de várias passagens, o espanhol *almirante*, e o alemão *Admiral*, por via inglesa. Palavras árabes penetraram por este caminho na maior parte das línguas européias, não apenas as românicas como, por exemplo, "álgebra", "álcool", "magazine", "tarifa", "cifra" e "açúcar" (alemão: *Algebra, Alkohol, Magazin, Tarif, Ziffer e Zucker)*.

Enumeremos algumas mutações típicas do latim para o espanhol:

A forma do plural por meio da mudança da vogal final é abandonada em favor da regra simplificada: à maioria das palavras acresce-se um *-s*: *hijo* [ixo], "filho", *muchos hijos* [mutfos .ixos], "muitos filhos".

O exemplo mostra igualmente uma segunda mutação: o *f* latino (latim: *filius*) do início das palavras se torna, sob determinadas circunstâncias, um *h* que não é pronunciado: de *facere* vem *hacer*, "fazer"; *de farina* vem *harina*, "farinha".

O *e* e o *o* tônicos breves latinos se tornaram, respectivamente, os ditongos *ie* e *ue*: de *terra* vem *tierra*; de *tempo* vem *tiempo*; de *pons* (genitivo *pontis*) vem *puente*, "ponte".

Muitas palavras perdem uma sílaba e se tornam mais curtas, mais compactas: de *insula* vem *isla*, "ilha".

Pronúncia e escrita

O espanhol mostra uma concordância quase perfeita entre ortografia e pronúncia. Uma vez conhecidas a pronúncia especial de alguns sons em espanhol e as regras simplíssimas de acentuação, é possível ler um texto em espanhol de modo compreensível para um falante nativo – mesmo que passem anos até que o estrangeiro domine perfeitamente a inimitável cadência e a fulminante rapidez da maneira de falar do espanhol.

O catalão

O *catalão*, no qual, depois da queda de Franco e da concessão da autonomia à Catalunha, voltaram a poder ser publicados jornais e livros, é falado na Catalunha e nas ilhas Baleares. Vários turistas, de passagem por Maiorca, devem ter notado as inscrições singularmente não-espanholas em casas, cujo caráter as situa entre o espanhol e o outrora importante provençal.

O romeno

A mais oriental das filhas do latim não é tão bem documentada em seu desenvolvimento como a maioria de suas irmãs. Certo é que os romanos não apenas dominaram, mas logo também colonizaram essa distante província que o imperador Trajano conquistou no ano 107 d. C. e chamou de *Dácia*. Desde então, desenvolveu-se aí, separada das outras línguas românicas, entre vizinhos eslavos e húngaros, uma língua que, por um lado, conserva muitas características do latim e, por outro, acolheu inúmeras influências estrangeiras: principalmente das línguas húngara, turca, grega e também de línguas eslavas (búlgaro, russo), como também do italiano e do francês. As inclusões, principalmente no léxico, correspondem a aproximadamente 10%, mas no cotidiano o vocabulário básico é quase na totalidade de origem latina.

Escrita

Língua de som bastante claro e harmonioso, o romeno foi outrora escrito em cirílico, que continua a ser utilizado para uma variante sua. O moldávio, uma variante do romeno, é falado na Moldova. Quando ali, no século XIX, foi adotado oficialmente o alfabeto latino, este passou a ser utilizado para introduzir uma ortografia que, em ampla medida, coincide com a língua falada. De 1940 a 1990, o moldávio foi escrito em cirílico.

Peculiaridades

Merecem ser citadas algumas peculiaridades desta língua:

Em oposição às outras línguas românicas, que conhecem apenas o masculino e o feminino, e não continuaram a utilizar o neutro latino, o romeno tem um terceiro gênero que, além de neutro, chama-se também ambíguo, ou seja, "de radical ou de gênero duplo". Os substantivos que pertencem a esse gênero têm a forma singular no masculino e a forma plural no feminino.

O artigo definido é posposto em romeno e funde-se com a palavra principal: *realitate*, "realidade", "*realităţi*, "realidades", *realităţile*, "as realidades" (ţ é pronunciado [ts]).

O romeno tem um caso especial para o vocativo, como o latim, mas apenas para uma classe de substantivos. Dois vocativos latinos tornados proverbiais mostram o *e* típico do caso: a pergunta de César *Et tu, Brute?*, "Também você, Brutus?", e a pergunta de Pedro *Quo vadis, Domine?*, "Onde vai, Senhor?". Este *e* continua vivo no vocativo romeno *domnule*, "Senhor".

O judeu românico ou ladino

É difícil imaginar que se possa receber o Prêmio Nobel de Literatura por obras escritas em uma língua diferente da materna. Mesmo Joseph Conrad, que é conhecido mundialmente por seus livros escritos em inglês, mas que nasceu na Polônia, com o nome de Józef Konrad Korzeniowski, não o recebeu. Mas agora aconteceu. Elias Canetti recebeu o Prêmio Nobel por suas obras escritas em alemão — em alemão exemplar, aliás. Ele nasceu em 1905 em Rustschuk (Bulgária). Sua língua materna é, se bem que por vezes omitida dos livros didáticos, um componente importante e interessante da família lingüística românica.

Quando, após a recristianização da Espanha e de Portugal, os judeus aí residentes tiveram de optar entre a perseguição (ou conversão ao cristianismo) e a emigração, eles migraram em grupos: para os Países-Baixos (Spinoza descendeu de uma dessas famílias judias), para a Itália, para o norte da África (de onde foram expulsos depois da Segunda Guerra Mundial), e não poucos para o império otomano, ao qual pertenceu por séculos também a Dobrudja, onde cresceu Elias Canetti, filho de uma família judia que ao fugir da Espanha levou consigo e conservou a língua que aí falava. Esta língua é chamada de *judeu-românico,* ou *ladino*, e também *judesmo.*

Rustschuk (hoje Ruse) era certamente uma cidade que poderia aguçar a sensibilidade para línguas de uma criança. Aí podiam ser ouvidas em um dia sete ou oito línguas. Canetti: "Além dos búlgaros, que geralmente vinham do interior, havia ainda muitos turcos, que tinham seu bairro próprio, nos limites do qual se encontrava o nosso, o dos judeus-espanhóis. Havia gregos, albaneses, armênios e ciganos. Da outra margem do Danúbio vinham os romenos, minha ama... era romena. Havia também alguns russos".

Embora disseminados em países tão longe do seu, estes *judeus-espanhóis* (chamados pelos alemães de *Spaniolen*, e sua língua de *Spaniolisch*) puderam manter o caráter de sua língua, a despeito de todo o ambiente estranho que os circundava. Canetti também cresceu com essa língua, como ele conta em suas memórias da juventude intituladas *Die gerettete Zunge (A Língua Absolvida)*, o alemão ele aprendeu bem mais tarde, na Áustria e na Suíça.

As comunidades hispano-judaicas da Europa oriental estão atualmente em grande parte extintas, mas sua língua permanece viva em alguns outros lugares, como, por exemplo, na Grécia, nos E.U.A. e sobretudo em Israel, onde se imprime um jornal cujo título já demonstra a semelhança dessa língua com o espanhol: *La Luz de Israel* (neste caso há identidade total).

Outros membros da România

A comunidade das populações falantes das línguas românicas é por vezes chamada de *România*. Entre as línguas da comunidade não descrevi o *provençal* ao sul da França, outrora língua da poesia trovadoresca que Fré-

dérik Mistral, entre outros, no século XIX fez reviver na literatura; há ainda o *reto-romance*, desde 1939 a quarta língua da Suíça, falado principalmente nos Grisões. Parentes do reto-romance são ainda o ladino, mantido no Tirol meridional (Vale Grödner), e o *friúlico*, falado no nordeste da Itália, ora considerado um dialeto italiano, ora língua autônoma. Também pretencem à Romània o *sardo* (falado na Sardenha), o *dalmático* (extinto no século XIX), o *galego* (falado no nordeste da Espanha e próximo ao português) e o *córsico* (falado na Córsega e próximo ao italiano), hoje reconhecido pela França como língua independente.

Onde participamos da aventura: a língua portuguesa

Hernâni Donato

Aproximadamente 210 milhões de usuários oficiais (dado referente a 2003), em oito países distribuídos por quatro continentes, fazem da língua portuguesa uma das mais difundidas – superada apenas pela chinesa, a inglesa, a espanhola, a híndi, a russa e a árabe[1].

É da família indo-européia, grupo itálico. Entronca no latim. Não no latim de Cícero e de Virgílio, da *urbanitas* refinada. Mas no da *rusticitas*, levado à Lusitânia pelos soldados, mercadores, funcionários e colonos, em sua maioria saídos dos Abruzos e da Ligúria, e que, a partir do ano 200 a.C., consolidaram a conquista da Ibéria para os romanos.

Ibéria, horizonte atraindo conquistadores. Parece terem sido iberos os primeiros, subidos do norte africano em dias do Neolítico. Sucederam-se povos e falares. Os celtas, entre os séculos VIII e VI a.C. E fenícios, gregos, cartagineses, romanos. O cristianismo promoveu uma invasão especial, a religiosa. Aceito, confirmou o latim qual unilíngua superior da península. Esse latim ibérico mostrou-se capaz, no século V, de sustentar o nível da cultura clássica romana veiculando o talento de Sêneca, Lucano, Marcial, Quintiliano. Na centúria seguinte desceram do norte os alanos, suevos, vândalos, estigmatizados sob o depreciativo de bárbaros. Palavra discriminatória, reveladora do apreço greco-romano pelo uso escorreito de uma língua dúctil. Palavra aparentada talvez da latina *balbus*, traduzível por "gago". Ou seja, bárbaro igual a homem que balbucia em língua primitiva, desadornada. Mas seguiram-se os visigodos, políticos hábeis o bastante para adoçar o cristianismo e o latim, instrumentos aptos a lhes facilitar a unificação do vasto reino multirracial. Em 711 foram, à sua vez, superados pelos árabes chegados com fôlego suficiente para uma estada de quase oitocentos anos.

Durante esses mais de sete séculos, a refinada cultura árabe forneceu aos falares ibéricos centenas de palavras, mas não se tornou língua de uso geral. Núcleos esparsos de resistência cristã mantiveram o seu falar e o seu acreditar. Assim, quando a luta pela Reconquista da Ibéria semeou reinos pela península – Castela, Galiza, Leão –, dois diferenciais em particular motivaram os reconquistadores: a religião e a língua.

Não sendo possível retomar o latim, tendo-o, porém, como base da cultura e da escrita (os documentos, os testamentos, as doações fornecem

1. *Almanaque Abril*, 2001.

provas amplas da presença do latim cerca de mil anos depois de sua chegada à Ibéria), os reinos deram personalidade à sua linguagem.

Ao norte da costa atlântica, soara por um bom tempo o galego-português, emanado do romano, ali vigorante. Mínima a diferença que até mais ou menos o ano 1000 distinguiu o galego do falar próprio da gente das terras ao norte do Rio Douro. O galego, seguindo o destino do reino da Galiza, conheceria dificuldades de expansão devido à influência dominante do idioma da potência vizinha, Castela. O português, ao contrário, seria alçado pela independência política à situação de língua nacional. Evoluiu com força e rapidez.

Guardados cartoriais permitem acompanhar o robustecer e o enriquecer da língua portuguesa. Em 1095, a região tornou-se Condado, erigido reino em 1143, quando, em Zamora, Afonso Henriques foi reconhecido rei de Portugal pelo rei de Castela e de Leão. Ao tempo da criação do Condado, ou pouco antes disso, os documentos eram assim redigidos:

Fofino, Gaton, Astrilli, Arguiro, Vestremiru, Gumilli et Aragunti placitum facimus inter nos, ounus ad alios, per scripturam firmitatis, notem die quod erit IIIo nonas aprilis erat DCCCC^a XL super ipsa eclesia et super nostras hereditates quantas habuerimus et ganare potuerimus usque ad obitum nostrum, que nos habeamus licentiam super illas nec uindere, nec donare...

A consolidação do reino avançou entre dificuldades, lutas ásperas, ameaças internas e de fora. Se a cruz e uma língua de origem latina (e a Igreja rezava em latim) haviam sido os laços comuns na guerra contra o Crescente e o falar mourisco, a língua foi a diferença maior entre os portugueses e os vizinhos. Falar português, afastando-se do galego, constituiu uma afirmação nacional.

Um dos pólos da discussão sobre qual seria o mais antigo testemunho revelador da nova língua centra-se no documento chamado *Notícia do Torto*. O estudioso Mendes dos Remédios (*História da Literatura Portuguesa*) afirma: "O primeiro documento escrito em língua caracteristicamente portuguesa data do último quartel do século XII e é chamado *Notícia do Torto*, sem data, mas que se supõe ser do tempo de D. Sancho I (1211), pertencente ao Mosteiro de Vairão (entre Douro e Minho), hoje no Arquivo Nacional". J. Leite de Vasconcelos (apud Albino F. de Sampaio, in *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*, citados por J.C. Madalena em *Qual o Mais Antigo Documento em Português?*) assegura ser a *Notícia* "uma minuta ou borrão tomado no decorrer de uma conferência, borrão que depois o notário ou escrivão, no remanso do seu gabinete, desenvolveria no latim mais ou menos elegante que estava ao seu dispor". Atribui-se-lhe a data de 1244, e o documento diz: "*De notícia de torto que fecerum a laurencius ferrnãdiz por plazo que fece gõcauo ramiriz entre suos flios e lourenço ferrnãdiz quale podedes saber e que auer de erdade...*"

Provavelmente é de 1193 o Testamento de Eluira Sanchiz, com embrião, perfil e contornos já bem aclarados: *In Christi nomine. Amén. Eu Eluira Sanchiz ofeyro o meu corpo áás virtudes de Sam Saluador do moensteyro de Vayran, e offeyro co'no meu corpo todo o herdamento que eu ey em Centegãns e as três quartas ao padroadigo d'essa eugleyga e todo hu herdamento de Crexemil, assi us das sestas como todo u outro herdamento: que u aia u moensteyro de Vayrán por en saecula saeculorum. Amén.*

Do mesmo ano, ou de alguns anos antes – há quem o date de 1192 –, temos o *Auto de Partilhas*, recolhido à Torre do Tombo e proveniente do Mosteiro de Vairão. O seu início é suficiente para mostrar o que se pretende, vale dizer o estágio da evolução da língua naqueles anos: *In Christi nomine. Amen. Hec est notitia de partiçon e de devison que fazemos antre nos dos herdamentos e dos cont(os) e das onras e dos padroadigos dos eigreijas que forun de nossu padre e de nossa madre en esta maneira...*

As precedências são sempre discutidas e discutíveis. Exemplo dessa contenda permanente é a comparação entre o testamento de Eluira Sanchiz e o título de compra da abadessa de Tarouquela. Este atribuído ao século XIII e aquele ao imediatamente anterior. Porém, notam alguns estudiosos, o de Eluira é menos arcaico que o da Abadessa, o qual tem a seguinte redação: *In nomini Domini amen. Cunucuda cousa sega a tudos acuiles que este fectu uiri e ouuire, que eu Dona Maior Meedit... conparej... que auia auer isuida, conue a saber pur quatru...* (J.C. Madalena lembra que as letras grifadas foram escritas com til).

Estava estruturada a língua portuguesa. Do tumulto político e da estreita convivência dos povos ibéricos, e dos guardados da história peninsular, ela – a língua – absorvera utilitariamente vultosa contribuição. Da qual são exemplos[2]: dos iberos, "bacalhau"; do celta, "cavalo", "carro", "bétula", "camisa", "caminho", segundo Francisco da Silveira Bueno em *Estudos de Filologia Portuguesa*, e "arnês", "brisa"; do fenício, "Lusitânia", "Espanha", "barca"; do grego, via latim, "balada", "batismo", "basílica", "diácono", "leigo", "cemitério", "bíblia"; dos germânicos, "elmo", "lança", "espeto", "guerra", "ganso"; do árabe, mais de seiscentas palavras, segundo Antenor Nascentes – dentre tantas, "arroz", "azeite", "açucena", "alface", "almofada", "açúcar", "arrabalde", alguns adjetivos e mesmo a maleável e freqüente preposição "até". E há defensores da teoria de que o som "ão", exclusivo hoje do falar português, procede da língua dos suevos (suábios), senhores do solo entre Lisboa e o Minho, entre os anos de 405 e 585. Mas o cerne da língua é latino[3]:

Português	*Latim popular*	*Latim clássico*
Agulha	Acuculam	Acus
Banho	Bagnum	Balneum
Fazenda	Fazendam	Ager
Furtar	Furtare	Furari
Manobra	Manoperam	Manuum opera

O primeiro poema

Para atestar a existência cultural da língua, faltava a manifestação superior, a obra de arte, o engenho nacional manifesto em gênio perpetuado em grafia.

2. José Marques da Cruz, *Português Prático – Gramática*, Edições Melhoramentos, 22ª. edição, São Paulo, 1952.

3. Renato Seneca Fleury, *Consultor Popular da Língua Portuguesa*, Edições Melhoramentos, São Paulo, pág. 8, s/d.

Afirmam uns, apoiados em Carolina Michaelis – e contestam outros –, ter sido 1198 o ano em que o trovador Paio Soares de Taveirós produziu o primeiro, ou o mais remoto, texto literário conhecido em língua portuguesa. Uma cantiga de amor inspirada em Maria Pais Ribeiro, por apelido a Ribeirinha, amada muito especial do rei Sancho I:

No mundo nom me sei parelha,
mentre me for como me vai,
ca moiro por vós – e ai!
mia Senhor branca e vermelha,
queredes que vos retraia,
quando eu vos vi en saia!
Mau dia me levantei,
que vos enton não vi feia!

E, mia Senhor, des aquel' di', ai!
me foi a mim mui mal;
e vós, filha de Dom Paay
Moniz, e bem vos semelha
d'haver eu por vós guarvaia,
pois eu, mia Senhor, d'alfaia
nunca de vós houve, nem hei
valia d'ũa correia...

Menos do que tradução esmerada, demos idéia do que o trovador terá querido dizer:

No mundo, ninguém me assemelha,
enquanto eu for como sou,
pois morro por (ter) vosso amor – mas ai!
minha Senhora (vestida) de branco e de rubor,
queirais que vos reveja
como vos vi (envolta) em vosso manto!
Mau foi aquele dia em que me exaltei
ao vos ver em formosura!

Pois, Senhora minha, desde aquele dia – ai!
tudo me correu muito mal;
pois a vós, filha de dom Paio
Muniz, parece justo
que eu, posto ao vosso serviço,
receba valiosa veste de cortesão,
se de vós, Senhora minha, nunca recebi
nem receberei qualquer coisa ainda que sem valor...

Certo é que a qualidade emocional da cantiga e o jeitoso amoldar da língua ao lavor poético revelam intimidade cultivada entre o instrumento e o artista. O que faz lícito admitir que pela segunda metade do século XII o português estava estruturado, fluente e literariamente manejável.

Mas coube ao rei dom Diniz, no trono em 1279, proclamá-lo oficial, banindo dos textos jurídicos e de governo o latim barbarizado. Avançou mais o rei, também poeta. Instituiu, em 1290, os Estudos Gerais, verdadeira universidade de Lisboa (transferidos em 1308 para Coimbra). Os Estudos Gerais deveriam dar organicidade à língua, defendê-la, difundi-la.

Sem esforço reconhecemos o nosso idioma na tradução da Bíblia feita no decorrer do século VIII (edição brasileira PUC/Imago): "Depois disso nostro Senhor: Façamos homẽ aa nossa ymagem, e aa nossa similidõe; e foi feito o homẽ aa ymagem de Deus, quanto a alma... Em esta guisa foram acabados os ceeos, e a terra, e todos seus apostamentos, e acabou Deus eno dia seitimo toda sua obra que fezera, e folgou eno seitimo dia e benzeu-o, e santificou-o, porque em ele ouve folgança de toda sua obra...".

A gramática, ossatura do idioma, veio mais tarde. A de Fernão de Oliveira apareceu em 1536, a de João de Barros, em 1540. Mais do que mero trabalho de especialistas competentes, resultaram em exibição de orgulho nacional. Ambos idolatraram sua língua de berço. Barros acreditou-a tão eficiente à permanência lusa pelo mundo quanto as caravelas e os canhões. É o que proclamou no *Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem.*

A partir do século XIII, o português esplende como língua de cultura para vir emprestando fluência melódica ao lirismo medieval, robustecendo o florescimento da Renascença dignificada por Camões, sutilizando o teatro com Gil Vicente, alteando o vigor da oratória de Vieira, dando brilho ao estilo de Garrett, Herculano, Camilo, Eça, Alencar, Machado de Assis, Olavo Bilac, Coelho Neto, Fernando Pessoa, para citar alguns exercitantes com projeção além-fronteira lingüística.

Causa pasmo constatar quão longe foram e por quanto tempo ficaram os portugueses. Do seu pequeno, estreito país "à beira-mar plantado", com escassa população, que mal chegou a 1 milhão no auge da epopéia descobridora, eles aportaram às Américas, rodearam a África, superaram a China, atingiram o Japão, situaram-se na Índia e, mesmo, teriam mapeado a Austrália e tateado o pólo Sul.

A todos esses pontos levaram o seu falar, e o enriqueceram com expressividades locais. Do árabe índico, recolheram, exemplificando, "monção", "almadia"; do dravídico, "pagode"; do malaio, "jangada", "zumbaia"; do chinês, "junco". Deixaram, ao redor da Terra, um pouco de seu modo de ser e, ainda onde acabou o seu domínio, rastos do seu idioma. Particular e profusamente, no Brasil.

O português no Brasil

Em 1500, Portugal participa ao mundo a existência do Brasil. Para cá, remeteu tudo quanto ele mesmo era. Transplantou-se.

A imposição da língua não foi fácil. Ela atritou com as indígenas, e em certas áreas foi contrastada pela espanhola, a francesa, a holandesa. São Paulo, cidade, tangenciando o ano 1700, servia-se mais do tupi que do português. Das quase 350 falas ameríndias ouvidas à chegada de Cabral, mescladas à do conquistador, sertanistas, soldados e mercadores retiraram um falar rústico, mas prático, ao qual jesuítas imprimiram disciplina gra-

matical, e que recebeu o rótulo de *língua geral*, ou *língua brasílica*. Dominou pelo grande interior, e mais longe e mais profundamente se teria projetado se a metrópole não baixasse, em 3 de maio de 1757, uma provisão, de inspiração pombalina, proibindo nas escolas o uso daquela língua, em benefício exclusivo da portuguesa.

Porém, o texto "Rio Babel: a história das línguas da Amazônia", de José Ribamar Bessa Freire, noticia que, nos primeiros anos do século XXI, "tribos que perderam sua língua original agora estão se refugiando na *língua geral*. Por votação da câmara dos vereadores local, São Gabriel da Cachoeira se tornou o único município do Brasil a reconhecer outra língua que não o português como oficial.

Antônio Houaiss[4] notou que "o português do Brasil só se fez 'unilíngüe universal' pelo trânsito dos séculos XVIII e XIX."

É natural que o falar português no Brasil se... abrasileirasse. Empregado como língua materna, oficial, de cultura, por cerca de 167 milhões de falantes (dado referente a 2002), distribuídos pela amplidão continental estendida entre os 5°16'19" de latitude norte e os 33°45'9" de latitude sul, e dos 34°45'54" de longitude leste aos 73°59'32" de longitude oeste, requereu e aceitou diferenciações. Desenvolveu, no todo, flexão e musicalidade próprias, sem que isso impedisse a Antônio Cândido verificar que, "trasladada ao sul da América, não perdeu o caráter grave, nem a têmpera máscula, nem o tom de funda melancolia que lhe imprimiu a esforçada e trágica aventura de nossos avós; e ainda adquiriu preciosos elementos de encantadora suavidade, de frouxa, dolente e maviosa ternura". Eça de Queiroz, embora generalizando, sentiu-se impressionado a ponto de exclamar: "No Brasil fala-se português com açúcar".

Na imensidão territorial, com sua variação climática, consolidaram-se diversidades no falar. "A causa é o clima. Quando quente, produz a acentuação das vogais, como *míníno*, *mênino* e *ménino*; a introdução de vogais onde não as há, como ad*e*vogado, ab*i*ssolutamente, p*i*neumático, ad*e*querir, indig*u*ina etc.; e a queda dos *rr* finais pass*eá*, *doutô* etc... (...) nas zonas temperadas (...) produz a pronúncia mais rápida e até a eliminação de certas vogais, no meio dos vocábulos. (...) À medida que nos aproximamos da zona tórrida, a pronúncia vai-se tornando langorosa. No sul, a pronúncia é *m'nino*; em São Paulo, *minino*; no Brasil central, *menino*; pelo norte, *ménino*"[5], ensinou Marques da Cruz.

As diferenças não chegam a configurar dialetos. Porém, houve os que pretenderam reconhecer e mesmo delimitar uma língua brasileira destacada da portuguesa. José de Alencar terá sido um dos animadores mais credenciados desse projeto, talvez com o insinuado incentivo de Pedro II. Mas os gramáticos brasileiros permanecem irredutíveis. Napoleão Mendes de Almeida é peremptório[6]: "Língua brasileira não existe no Brasil, mas portuguesa, porquanto uma é a lexeologia, um o processo de formação vocabular, as mesmas flexões verbais, como as mesmas as graduais, as

---

4. Antônio Houaiss, *O Português no Brasil*, Unibrade, Rio de Janeiro, 1985.
5. José Marques da Cruz, *op. cit*, pág. 478.
6. Napoleão Mendes de Almeida, *Questões Vernáculas*, Editora Caminho Suave, São Paulo, 1981.

numéricas e as genéricas, como idênticos os prefixos e os sufixos. Um povo pode mudar seu léxico e até a própria sintaxe; mas, se guardar seus processos morfológicos, isto é, de flexão, de conjugação, de composição, de prefixação, etc., sua língua não terá mudado".

Joaquim Nabuco, ao tempo da fundação da Academia Brasileira de Letras (1897), deitou tranqüilizante na efervescência dos que reclamavam a imediata proclamação da existência da língua brasileira. Afirmou: "A língua há de ficar perpetuamente proindiviso entre nós; a literatura, essa tem de seguir lentamente a evolução diversa dos dois países". Perpetuamente, não; aceitam-se alguns séculos, ainda, de unidade.

Ademais das singularidades, os entusiastas nativistas apontam para a incorporação, ao falar português no Brasil, de milhares de palavras, contributo ameríndio e africano, e fora do entendimento de outros povos lusófonos.

São vozes que ecoam na modernidade urbana, situações e coisas da vida na ocara. A exemplo de "caboclo", "caipira", "capiau", "capixaba", "tapioca", "moqueca", "mingau", "paçoca", "pamonha", "pipoca", "cumbuca", "cuia", "jacá", "arapuca", "biboca", "maloca", "peteca", "tocaia", "piteira", "capão", "tigüera", "tapera", "tijuco", "pororoca", "catapora", "cutuba", "jururu". E centenas de outras. Além de verbos de saborosa inspiração ameraba: "cutucar", "pitar", "sapecar"...

A contribuição de falares negros começara via Portugal, com os bordejamentos e as conquistas de praias africanas pelas frotas descobridoras. Mas o fluxo de escravos, que só terminaria pelos fins do século XIX, é que ingurgitou essa doação esparsa por vários setores da vida nacional. Estas, entre centenas de palavras: "corcunda", "bunda", "cafundó", "camundongo", "curinga", "dengue", "fubá", "farofa", "quiabo", "quilombo", "mulango", "cafuné", "banguela", "mambembe", "abará", "acarajé", "vatapá", "xinxim", "acaçá". E verbos expressivos como "xingar", "fungar", "sungar".

O enriquecimento do português brasileiro não se restringiu a esses dois volumosos aportes. Somou-os àqueles trazidos pelas correntes migratórias pós-libertação dos escravos negros (1889). Incorporou, só para exemplificar: dos alemães, "níquel", "gás", "zinco"; dos espanhóis, "bolero", "castanhola", sendo que os bascos trouxeram, de sua língua, "cachorro", "modorra" e outras palavras terminadas em "arro", "arra", "orro"; dos franceses, "paletó", "boné", "matinê"; dos eslavos, "mazurca", "estepe"; dos gregos, "telefone", "telepatia"; dos japoneses, "quimono", "tatame"; dos italianos, "gazeta", "soneto", "carnaval"; dos turcos, "divã", "sultão"; dos ingleses, "futebol", "clube", "bonde". Todas, palavras depressa amoldadas ao padrão nacional, muitas mal e mal deixando perceber a origem.

Assim, pois, ao começar o século XXI, o português observa no Brasil requisitos sociolingüísticos próprios de uma língua em uso, em evolução, incontrastada. É língua materna, nacional, oficial, padrão e de cultura.

Difícil?

Os que não a têm como língua materna apontam dificuldades no seu aprendizado e emprego.

Hans Joachim Sötrig referiu as seguintes na edição original deste livro: "(...) a primeira surpresa será o grande número de vogais e de ditongos, a

maior parte deles pronunciada com voz nasal (...) nasais também vogais antepostas a outras vogais, caso em que são assinaladas pelo sinal diacrítico til; "le*ão*" (...) insólitas são igualmente as numerosas sibilantes... E, por fim, a sílaba tônica é tão fortemente acentuada que as demais soam quase sussurradas, podendo as vogais das sílabas não-acentuadas mudar de timbre, conforme ocorre com a língua russa".

Além de ser a língua oficial de Portugal e do Brasil, o português o é também de outras seis nações. Estas e aquelas integram, guardadas as peculiaridades, o mundo lusófono, ou a Lusitânia idiomática. O número de países e a soma das suas populações embasam tentativas de obter para o idioma o *status* de língua de serviço e de plenário na Organização das Nações Unidas (ONU).

A Lusitânia idiomática

O universo lusófono distribui-se por todos os continentes. Está em maré montante de prestígio e de usuários na África, na América e na Europa; em declínio na Ásia. Procurando seu espaço entre colônias de imigrantes em países de idiomas mais atuantes e solicitantes, como Estados Unidos, Austrália, África do Sul, França, Alemanha, Canadá e Venezuela, somando mais de 4 milhões de pessoas. Em 2001, esse contingente de interessados no idioma somaria 4.700.000 portugueses dispersos por 114 países: 2.600.000 nas Américas, 800 mil na França, 170.000 na Alemanha (com escolas e imprensa), 640 mil na África.

Em **Portugal**, país com 10.100.000 habitantes[7], berço da língua, está é, de forma absoluta, a língua materna, oficial, nacional, padrão e de cultura. A integração do país no Mercado Comum Europeu e na comunidade continental deve facultar ao idioma penetração mais ampla e persistente. Por outro lado, a custosa e complexa tecnologia das comunicações, ante as quais não existem reservas e proteção, e que se encontram fartamente à disposição de outras línguas – exemplo frisante é o "idioma" da informática –, dificulta a ampliação e causa certa descaracterização do vernáculo.

No item Portugal da "Lusitânia idiomática" estão incluídos os arquipélagos de Açores e da Madeira, onde a língua incorporou localismos expressivos.

Angola, na África ocidental, possui 14.100.000 habitantes. O idioma português está ali desde os tempos do rei luso João II (século XV), quando aproaram as naves de Diogo Cão. Foi, pois, língua de cultura. Em 1975, ao obter a independência política, Angola defrontou-se com a necessidade de um falar internacional, culto e que internamente pairasse sobre o das "nações" residentes.

Oficializou o português. O número de falantes aumenta, a escolaridade é exercida somente nessa língua e, conforme o censo de 1983, cerca de 60% da população da província de Luanda informou tê-la por materna. É, pois, língua veicular, oficial, de cultura, embora não seja nem nacional, nem, no todo, materna.

Em **Cabo Verde**, república com 473.000 cidadãos, a presença lusitana não foi tão significativa quanto em Angola, embora remonte a período

7. Este e os seguintes dados demográficos foram colhidos no *Almanaque Abril 2005*.

anterior a 1500. A população, africana, elaborou um falar crioulo adaptando à língua básica o essencial daquela do colonizador. Com a independência política, o português foi declarado oficial e de instrução. Mas, entre o povo, predomina a chamada linguagem cabo-verdiana. Com isso, no arquipélago, o português é língua transplantada, oficial, de cultura. Não é nacional e, muito menos, materna.

A situação em **Guiné-Bissau** (1.500.000 habitantes), conforme foi exposto no Congresso sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo, em Lisboa, 1983, era esta: "(...) o português é utilizado essencialmente na escrita – por meio dos livros, dos jornais, das diferentes comunicações oficiais, escritos do partido, do governo – e no ensino". A maioria da população serve-se do crioulo, embora o bilingüismo ganhe força e tenda a se tornar imperativo social. Cerca de 44% do povo declara falar o crioulo; 11,1%, o português. Não é, pois, a língua nacional nem a materna, embora seja a oficial, de ensino e de cultura. É esperado o crescer da sua importância.

Moçambique. Independente em 1975, conta 19.200.000 habitantes. Tomou o português para sua língua oficial, de unidade nacional, de comunicação, e a única no ensino e na informação escrita. É falado usualmente por cerca de 8,5 milhões de pessoas, ou seja, em torno de 40% da população. Somente 18% dos falantes o declaram língua materna. O aumento da freqüência nas escolas (665.500 alunos em 1973/74, para 1.333.050 em 1982), um certo desenvolvimento editorial e jornalístico e sua identificação como língua útil à ascensão sociopolítica devem ampliar a atuação do idioma luso.

São Tomé e Príncipe. Foi ao redor de 1471 que os descobridores chegaram a essas ilhas. Elas são autônomas desde 1975 e somam 1.140.000 habitantes. O povo, no entanto, utiliza-se majoritariamemte da fala angolar e dos dialetos crioulos forro e moncó.

Nas repúblicas africanas, por efeito do ensino oficial, e do emprego sistemático nos meios de comunicação e nos documentos, pode-se esperar que o uso do português se avolume.

Em algumas outras regiões do mundo, ele míngua.

Lusitânia perdida

Sílvio Elia[8] chamou de Lusitânia Perdida "as regiões da Ásia ou da Oceania onde já não há esperança de sobrevivência para a língua portuguesa".

Goa, Damão e **Diu**, seculares enclaves lusitanos na Índia, foram militarmente tomados por este país em 1961. De imediato, o inglês passou a língua oficial. O português, banido que foi dos documentos, das sedes de governo, dos comandos econômico e social, resultou afastado também dos currículos escolares. Decorridos mais de quarenta anos da anexação indiana, o idioma luso é tão-só memória vagamente documentada. Muito semelhante é o caso de Macau.

Macau foi enclave português na costa da China por cerca de 500 anos. Em todo esse tempo, foram tão parcos os esforços para popularizar a língua, que somente menos de 3% dos 451.000 habitantes (2004) falavam

8. Sílvio Elia, A *Língua Portuguesa no Mundo,* Editora Ática, São Paulo, 1989.

"meia dúzia de palavras em português". Assim, quando o governo chinês reincorporou Macau (novembro de 1999), não precisou tomar muitas providências para que depressa pereçam os testemunhos da presença – vale dizer, da língua – portuguesa.

Timor Lorosae ou **Timor Leste**, parte geográfica da Indonésia e vizinho próximo da Austrália, cuja influência é marcante, constitui caso único de fidelidade a um idioma. Embora os lusos tivessem ali chegado no começo do século XVI, a sua língua não se tornou, em quinhentos anos, o falar do povo, da rua. Serviu à elite, ao governo. Durante a Segunda Guerra Mundial, o Timor padeceu severa ocupação japonesa. Terminado o conflito, optou por retornar ao regime colonial português. Em 1974, ao ruir esse império lisboeta, facções timorenses pró e antimarxismo disputaram o mando local. Aproveitando-se da luta, a Indonésia invadiu e anexou (em 1976) o território. Visando a assimilação total, coibiu o uso e o ensino do português. O idioma e a religião tornaram-se elos da obstinada resistência timorense, do povo que nessa luta perdeu, até 1999, mais de 250.000 pessoas. Em agosto de 1999, o referendo obtido a fogo e sangue restaurou a independência, que foi encaminhada por um brasileiro, delegado da ONU, Sérgio Vieira de Melo. Independentizado, o Timor Lorosae indica o português como língua oficial, ao lado do falar tetum, o mais difundido. Acordos com o Brasil e com Portugal facilitarão o ensino e o uso do idioma português no oitavo país da comunidade lingüística lusíada.

Contudo, há que considerar o depoimento do Prof. Paul Teyssier (*História da Língua Portuguesa*), transcrito por Sílvio Elia: "No início do século XX falavam-se ainda crioulos de origem portuguesa em Goa, Damão e Diu, bem como em certos pontos do território da Índia do Sul, então controlados pela Inglaterra, em Ceilão, Java, Malaca e Macau. Estudos recentes vieram mostrar que alguns desses crioulos continuam a ter vitalidade, particularmente no Ceilão e Malaca". Em Malaca, esse crioulo tem o nome Cristang, um vocabulário de mais de 2.000 palavras. José de Melo Pimenta (artigo "A Influência portuguesa no Japão", revista *Voz Lusíada*, nº 2, 1993) relata "serem mais de trezentas" as palavras portuguesas incorporadas ao idioma japonês: copo, no Japão, é *koppu*; piloto é *piroto*; botão é *botu* etc.

Lusitânia dispersa

Esse rótulo dado por Sílvio Elia aos núcleos dispersos pelo mundo, em cujo âmbito portugueses, brasileiros, africanos lusófonos e classes universitárias mantêm cursos, editam jornais, publicam livros, mantêm ativa e útil, de algum modo, a língua portuguesa.

E o futuro?

As populações dos países lusófonos crescem, o ensino e a comunicação difundem a língua onde ela ainda não é nacional nem materna, aumentam vínculos, e difunde-se, mais do que nunca, a cultura a ela referente. O Brasil alinha-se entre os produtores intelectuais particularmente ativos, publicando ao redor de 40.000 livros (dado referente a 2002) por ano, encaminha cerca de 80 milhões de crianças e jovens às escolas, obtém acima de 100 milhões de ouvintes e telespectadores para programas de rádio e televisão, e leitores de revistas e jornais. Tudo no português do Brasil.

Mas o futuro da nossa língua, como o de tantas outras, será ditado de modo incisivo pela capacidade que os países lusófonos obtiverem para desenvolver, e muito rapidamente, tecnologia de comunicação igual à das nações dominantes nesse campo muito especializado. O mundo mostra

aprovação para a idéia de ser um só. Ou para dividir-se em algumas áreas de influência econômico-cultural. O arquipélago lusófono bem pode ser uma delas. A língua dos grandes meios de comunicação, inclusive satélites, e dos processos de informatização deve ditar as regras de ensino, desenvolvimento, lazer.

A língua portuguesa, postada no triângulo Portugal-Brasil-África, flexível às incorporações, iniciando o século com mais de 225 milhões de falantes em oito nações, buscando unificação básica passível de torná-la apta aos novos tempos, estará pronta para escrever outro vigoroso capítulo da emocionante aventura das línguas.

LÍNGUA PORTUGUESA
Olavo Bilac

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura;
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrolo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

CAPÍTULO VII

Germânico e alemão

O que significa "deutsch"?

É de se supor que este capítulo comece perguntando-se por que a língua dos alemães se chama *deutsch*, ou melhor, onde, quando e como surgiram as denominações *deutsch, die Deutschen, Deutschland*, qual o significado original e também se a princípio se tratava de adjetivo ou de nome próprio.

Uma grande quantidade de trabalhos de pesquisa e também de especulações foram dedicados a essa questão durante décadas. Parece que é possível distinguirem-se três vias de desenvolvimento que aos poucos confluem. Certo é que o palco dos acontecimentos é o reino dos francos e o período em que ocorrem abrange do século VII ao século XI.

"Deutsch" e "welsch"

Na parte ocidental do reino dos francos se difundiu por volta de 700 o adjetivo _*þeuðisk_ ou _*þiuðisk_ (o asterisco indica que se trata de uma forma conjeturada, não atestada), que significa "pertencente à própria tribo", e que logo se opôs a *walhisk* (de onde vem *welsch*, significando "estrangeiro", "estranho"). A palavra passou para o latim na forma *theodiscus*. Prova antiga desta forma latina encontra-se no relatório que o legado papal Giorgio de Ostia dirigiu ao papa Adriano, datado de 786, de que se conservou uma cópia. Relata-se a respeito de um sínodo realizado na Inglaterra e no qual se deu a leitura de certos documentos *tam latine quam theodisce*, isto é, tanto em latim quanto em... bem, como traduzir *theodisce* neste caso? Significa, obviamente, a língua vulgar, portanto o anglo-saxão daquela época, talvez também de modo geral a língua das tribos germânicas, inclusive o anglo-saxão.

O próximo passo é dado no reinado de Carlos Magno, que assume em sua corte e na língua oficial essa palavra latina, com certeza com a intenção de introduzir assim uma denominação única para as tribos germânicas que estivessem sob seu domínio e assim fazer nascer ou reforçar o sentimento de unidade. A princípio a palavra é utilizada preponderantemente com referência à língua: *theodisca lingua*.

Teutões e teutônico

Mais ou menos concomitantemente pode-se observar que a palavra latina *teutonicus* — que já aparece no latim clássico (por exemplo na *Eneida*, de Virgílio) denominando uma tribo germânica, e que outras vezes se referia aos celtas — agora serve como referência a todos os germanos e gradualmente passa a ter o mesmo significado que *theodiscus*, até mesmo superando-a e substituindo-a, de tal modo que em textos latinos da Idade Média os alemães, na maioria das vezes, são denominados teutões (*teutonici*).

Na metade do século X encontram-se os primeiros testemunhos de *diutisk* como palavra alemã, da qual se desenvolveu a atual denominação alemã *deutsch*. A partir de 1100 tornam-se mais freqüentes os documentos com

expressões como *diutschiu land* ("terra alemã"). Na *Annolied* (*Canção de Anno*), que surgiu antes de 1100 na região de Colônia, várias vezes se encontram expressões como *diutischemi lande*, *diutischiu sprechin*.

Desse modo, de um adjetivo originariamente significando "pertencente à própria tribo" chegou-se ao nome atual dos alemães e da Alemanha.

Os "Juramentos de Estrasburgo"

Os "Juramentos de Estrasburgo", de 842, lançam um facho de luz à época em que, no reino francônio, a metade ocidental românica e a metade oriental germânica começaram a desenvolver-se separadamente tanto na língua quanto na política. Naquela época, foi reforçada por juramento uma aliança entre o rei franco-ocidental Carlos II, o Calvo, e o rei franco-oriental Luís II, o Germânico e, para que os exércitos de ambos os senhores pudessem acompanhar as fórmulas do juramento, foram utilizadas não a língua latina (já estranha para o povo), mas sim uma versão românica (latim vulgar) e uma em antigo alto-alemão. (Cada rei prestou o juramento na língua do companheiro.) A primeira versão citada aproxima-se bastante do latim. Começa assim: *Pro deo amur et pro christian poblo et pro nostro commun salvament*, algo como "No amor de Deus e do povo cristão e para nossa salvação comum". O texto franco-oriental começa: *In godes minna ind in thes christianes folches ind in unser bedhero gehaltnissi...*, portanto bastante próximo ao alemão medieval.

As línguas germânicas
Situação atual

As línguas germânicas atuais são de fácil classificação. Elas formam dois grupos, um ocidental e um setentrional ou nórdico. O ocidental compreende as duas mais difundidas, o *inglês* e o *alemão*, mais o *holandês* (neerlandês), que como língua culta e escrita, é idêntico ao *flamengo* e por fim, o *africâner*, derivado do neerlandês, e o *frísio*. Ao grupo nórdico pertencem o *sueco*, o *norueguês*, o *dinamarquês*, o *islandês* e o *feróico*.

Número de falantes

Em número de falantes, o inglês ocupa o primeiro lugar. Devido à sua expansão pelos Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelândia, África do Sul e outras regiões do antigo império colonial britânico, como, por exemplo, o Caribe, calcula-se que atualmente seja falado por aproximadamente 320 milhões de pessoas como língua materna; além disso, é, sem dúvida, o mais importante idioma do mundo atual, falado como segunda língua. Não há estatísticas a respeito, mas é certo que muitos milhões de pessoas, por exemplo, na Índia, no Quênia, em Cingapura e Hong Kong, a dominam e a utilizam como língua de comunicação nas suas atividades cotidianas. Em segundo lugar, entre as línguas germânicas, está o alemão, com cerca de 100 milhões de falantes, dos quais a maioria vive na República Federal da Alemanha (RFA), na Áustria e na região de língua alemã da Suíça. Além disso, há falantes do alemão nas regiões alemãs orientais separadas depois de 1945 (Polônia, Tchecoslováquia), na antiga União Soviética, na Romênia (Transilvânia, Banat) e também nos países ultramarinos (sudoeste da África, Chile, Estados Unidos, onde o *Pennsylvania Dutch* se desenvolveu quase como língua autônoma). O alemão, até a Segunda Guerra Mundial, desempenhou um papel dominante como segunda língua e idioma geral de comunicação na Europa oriental; ainda hoje é importante como segunda língua nas escolas, por exemplo, na Rússia. O número de pessoas que aprendem o alemão como língua estrangeira deve chegar aos 18 milhões, contando com os estrangeiros que vivem na RFA e seus descendentes.

Às margens de uma auto-estrada na Pensilvânia: o restaurante expresso convida a entrar, usando, além da recomendação de uma torta de morango, também um Kumm esse! *(Venha comer!) no Pennsylvania Dutch.*



Em terceiro lugar se encontra o neerlandês-flamengo, com cerca de 20 milhões de falantes. As outras comunidades lingüísticas têm um número de falantes que varia entre 8,5 milhões (sueco) e as poucas dezenas de milhares (feróico, das ilhas dinamarquesas de Feroé).

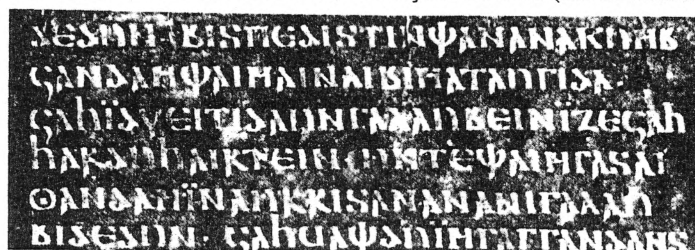
Surgimento

Não há dúvida alguma de que as línguas germânicas formam um grupo homogêneo, pois quanto mais se penetra no passado tanto mais elas vão se tornando semelhantes — tão semelhantes, que o final aponta para uma mãe comum, o *protogermânico*, embora esta língua não seja documentada por escrito (como é o caso do latim em relação a suas derivadas), mas possa apenas ser deduzida. A partir de onde? Para isso — além da comparação das raízes lexicais e das formas gramaticais nas diversas línguas germânicas e em sua evolução histórica — pode ser utilizada uma série de elementos:

1. A citação de palavras germânicas por parte de escritores e historiadores da Antiguidade, como César: *urus* (uro, alemão: *Ur, Auerochs*), *alces* (alces, alemão: *Elche*, pl.), *glesum* (âmbar, alemão: *Bernstein*; a palavra deu origem a *Glas*, "vidro"), *ganta* (ganso, alemão: *Gans*), *medus* (hidromel, alemão: *Met*), *harpa* (harpa, alemão: *Harfe*), *runa* (sinal gráfico, alemão: *Rune*).
2. Nomes de lugares e de campos.
3. Palavras de origem não-germânica, introduzidas como empréstimos em tempos remotos. Como exemplo, a palavra finlandesa *kuningas* representa uma forma bem antiga da palavra alemã *König*, "rei", assim como a também finlandesa *rengas* (alemão: *Ring*, "anel").

A Bíblia gótica

Há testemunhos escritos isolados dos últimos séculos antes e dos primeiros depois de Cristo: a inscrição em um elmo encontrado na Estíria, originário provavelmente de 300 a. C.; inscrições rúnicas (havia vários alfabetos rúnicos), originárias dos primeiros séculos da era cristã e, mais importantes que todos, a tradução gótica da Bíblia feita pelo bispo *Ulfilas* (ou *Wulfila*) por volta da metade do século IV. Ela surgiu na região da atual Bulgária; o gótico, língua da tradução, era falado naquela época na costa ocidental do mar Negro. O gótico ocidental, juntamente com outras línguas extintas, forma o grupo do germânico oriental.



O Codex argenteus *é o testemunho escrito mais antigo de uma língua germânica (do gótico), escrito por volta do ano 600 na Itália. Trecho de uma folha avulsa encontrada na Catedral de Speyer.*

Não se conseguiu o manuscrito original, mas sim cópias, que surgiram na Itália por volta de 600, na época do domínio dos godos. A transcrição mais valiosa é o *Codex argenteus*, escrito em letras prateadas e douradas, sobre pergaminho cor de púrpura, conservado atualmente na biblioteca da Universidade de Uppsala. É composto de 188 folhas contendo trechos dos quatro Evangelhos. O bispo, de confissão ariano-cristã, utilizou-se de um alfabeto próprio, baseado no modelo grego, para escrever sua tradução da Bíblia, o mais antigo documento conservado do antigo germânico; todas as

outras línguas foram testemunhadas em documentos escritos apenas a partir de 700. O título gótico do Evangelho de São Mateus é o seguinte: *Aivaggeljo pairh Mappaiu.*

Subdivisões das línguas germânicas

Em manuais e textos de consulta do passado encontramos uma divisão relativamente simples em germanos setentrionais, ocidentais e orientais. Pesquisas mais recentes, apoiadas também em achados arqueológicos, introduziram uma divisão diferente. O "povo germânico", segundo elas, divide-se em cinco grupos: germanos setentrionais, germanos do mar do Norte, germanos da região do Weser-Reno, germanos do Elba e germanos da região do Oder-Vístula, denominados naturalmente segundo a área (suposta) de habitação mais antiga ou bastante antiga.

A essa situação inicial seguem-se séculos nos quais migrações e expedições de conquista mudam continuamente o quadro geral. Os germanos setentrionais permanecem ainda bastante tempo em sua pátria escandinava, até que finalmente as expedições dos vikings os impeliram até a América do Norte, a oeste, e até o mar Mediterrâneo, ao sul. Aos germanos do mar do Norte pertencem os frísios, assim como os anglos e os saxões, que conquistam a Bretanha; uma parte dos saxões permanece em território alemão (saxões continentais), dando origem a uma das tribos mais fortes e importantes, que finalmente é submetida pelos francos, sob as ordens de Carlos Magno. Originária dos germanos do Weser-Reno, que se expandem para o sul e o oeste, a tribo mais importante é a dos francos. Os germanos do Elba, que de igual modo se expandem para o sul, primeiramente até as montanhas centrais alemãs, depois até os Alpes, dão origem às tribos dos alamanos, a oeste, e dos bávaros, a leste; a este grupo pertencem também os longobardos, que conquistaram e dominaram por muito tempo regiões ponderáveis da Itália. Os germanos da região do Oder-Vístula se expandiram para leste e sul, até o mar Negro, até o sul da Itália, a Espanha e a África, mas sem impor-se em nenhum lugar como um conjunto populacional. Suas línguas se extinguiram; apenas o gótico testemunha suas peculiaridades e harmonia, enquanto as línguas dos burgundos, dos erúleos, dos gépidas, dos vândalos e de muitos outros se perderam irremediavelmente.

Origem das línguas atuais

Qual a relação entre as línguas atuais e o período de formação? A correlação ao norte é inequívoca: aos dialetos da Germânia setentrional correspondem as cinco línguas vivas atuais denominadas "nórdicas" ou "escandinavas": o *sueco*, o *dinamarquês*, o *norueguês*, o *islandês* e o *feróico*. Também é simples a relação com os germanos do mar do Norte: dos dialetos dos antigos anglos e saxões se originou o *inglês* atual (que aliás esteve sujeito posteriormente a inúmeras outras influências), assim como o *frísio*, do qual sobrevivem restos.

E qual a situação das duas línguas aqui não referidas, o *alemão* e o *neerlandês*? Essas duas línguas não se reportam a nenhum dos cinco grupos tribais mencionados. Contribuíram muito mais para o seu surgimento os saxões, que pertencem aos germanos do mar do Norte (mais precisamente aqueles que permaneceram no continente, que não partiram para a Inglaterra), os alamanos e os bávaros, pertencentes aos germanos do Elba, os francos, originados dos germanos da região do Weser-Reno, assim como os turíngios, cuja distinção dos francos é problemática. Cabe observar que as tribos principais aqui citadas se originaram, na época da migração dos po-

vos, de tribos menores e esparsas que se uniram em torno de uma única autoridade tribal para fins de defesa ou de conquista.

De uma língua neerlandesa autônoma, ao lado da alemã, só é possível falar há uns poucos séculos: da Paz de Vestfália de 1648, quando os Países Baixos conseguiram independência do Império Germânico, e a língua aí falada, até então um dos dialetos do baixo-alemão, ascendeu à posição de língua oficial e literária.

As línguas escandinavas

Os testemunhos escritos mais antigos da evolução das línguas *escandinavas* atuais (também chamadas de germânicas setentrionais) consistem numa série de inscrições em alfabeto rúnico. Elas se originam do período entre 200 e 600 d. C., sendo assim, em parte, mais antigas que o texto bíblico em gótico. Elas se encontram em utensílios e armas, ou gravadas em pedra, denominando freqüentemente o proprietário ou o artífice.

Uma das interpretações dos rúnicos por Gallehus

Ek Hlewagastiz Holtijaz horna tawido — esta inscrição se encontra em um chifre de ouro encontrado por Gallehus, na Dinamarca, manufaturada por volta do ano 400: "Eu, Hlewagastiz, filho de Holti, fiz (este) chifre". Os textos rúnicos conhecidos contêm apenas algumas centenas de palavras. Uma das conclusões que se pode tirar de um material tão exíguo é que ainda não havia diferenças lingüísticas bem claras em relação aos dialetos vizinhos.

Estes se formam a partir do século VII. Surge um germânico setentrional comum (nórdico), que, com a enorme expansão dos vikings — entre 750 e 1050, aproximadamente —, se difunde da Escandinávia aos países onde se tornara a base das línguas faladas na região (Islândia e as ilhas Feroé), e ainda a inúmeras regiões onde os vikings invasores fundaram Estados, mas de breve duração: ilhas Shetland e Órcadas, as Hébridas, a Groenlândia, partes da Escócia, a Irlanda, a Inglaterra, a França (Normandia) e a Rússia. Em todos esses territórios ele acaba por desaparecer, mas deixando vestígios nas línguas vencedoras, especialmente no inglês.

Semelhanças na língua escrita

As semelhanças entre as línguas nórdicas, em especial no léxico, ressaltam mais claramente na forma escrita, porque a ortografia de todas elas tem um elemento histórico, ou seja, conservou um estágio fonético antigo. É o que ocorre também com o alemão, e mais pronunciadamente com o inglês, e os que têm uma dessas duas línguas como língua materna perceberão o parentesco das línguas nórdicas com a sua mais facilmente na linguagem escrita do que na falada.

Exemplos

Português	Sueco	Dinamarquês	Islandês	Inglês	Alemão
dia	*dag*	*dag*	*dagur*	*day*	*Tag*
neve	*snö*	*sne*	*snjór*	*snow*	*Schnee*
peixe	*fisk*	*fisk*	*fiskur*	*fish*	*Fisch*

Neerlandês/flamengo
Língua culta

O neerlandês (holandês), língua oficial da Holanda, e o flamengo, segunda língua oficial da Bélgica, diferem muito pouco, pois são, na prática, a mesma língua. A região lingüística flamenga se estende para além das fronteiras meridionais da Bélgica até a França. O neerlandês permanece como língua administrativa de algumas ex-colônias holandesas. A forma-padrão da língua (escrita, culta) é chamada de *Algemeen Beschaafd Nederlands*, li-

teralmente "holandês comum culto" (ou, mais precisamente, "polido, aprimorado"). Há inúmeros dialetos que, nas fronteiras da área lingüística alemã, passam imperceptivelmente para os dialetos falados daquele lado.

A relação entre o alemão e o holandês corresponde à das línguas escandinavas entre elas. A compreensão oral é possível só ocasionalmente (caso não se compreenda nenhum dos dialetos em baixo-alemão falados nas fronteiras da Alemanha), enquanto é evidente o parentesco na língua escrita, que permite uma compreensão bastante ampla do texto, ou, pelo menos, aproximada.

"Falsos cognatos"

De qualquer modo, ao tratarmos de duas línguas de parentesco próximo, precisamos tomar muito cuidado com os "falsos cognatos": palavras que nos parecem bastante conhecidas, mas que não são sinônimas nas duas línguas. Isso reforça o que um sábio disse: que o tradutor consciencioso procura todas as palavras no dicionário, em especial as palavras que ele acredita conhecer muito bem.

Africâner

Desde meados do século XVII colonizadores holandeses se estabeleceram na África meridional a partir do cabo da Boa Esperança, sendo logo seguidos por imigrantes alemães e huguenotes franceses. Por volta de 1800, dos habitantes brancos, mais da metade era de língua holandesa, 28% alemã, 15% francesa; o pequeno grupo restante falava outras línguas. Somente depois de 1800, quando o Império Britânico tomou a colônia do Cabo, chegaram os ingleses.

A língua dos colonizadores holandeses, chamados de bôeres, foi aprendida e falada tanto por muitos colonizadores não-holandeses como também por inúmeros habitantes negros do país (ou imigrantes); e então ocorreu o que é comum nesses casos: a língua foi modificada, em direção à simplicidade, à diminuição do patrimônio formal, à eliminação das exceções.

A simplificação é visível no encurtamento das palavras. Do neerlandês *wagen* ("carro") veio *wa;* de *leggen* ("colocar") veio *lê*; e manifesta-se mais ainda na perda quase que total das desinências verbais:

Português	Alemão	Neerlandês	Africâner
eu corro	*ich laufe*	*ik loop*	*ek loop*
ele corre	*er läuft*	*hij loopt*	*hy loop*
nós corremos	*wir laufen*	*wij loopen*	*ons loop*
eles correm	*sie laufen*	*zij loopen*	*sy loop*

O africâner torna-se língua oficial

Em 1925 o africâner foi declarado segunda língua oficial, no lugar do holandês. Até o presente ambas as línguas têm conservado uma tal semelhança, que a compreensão entre o neerlandês europeu e o africânder é possível sem grande dificuldade. Mas a longo prazo a renúncia às desinências deverá conduzir a mutações mais amplas da estrutura lingüística, por exemplo, a modificação da sintaxe — o que se vê no exemplo do desenvolvimento do inglês.

Formação da língua alemã

Nos capítulos precedentes nos defrontamos várias vezes com um mesmo fenômeno: a subdivisão de uma língua originalmente única em ramos claramente distintos, e, por vezes, a posterior derivação desses ramos em outras línguas autônomas. Na formação do alemão deparamos com o processo

oposto: ele se constituiu a partir de dialetos de diversos grupos populacionais. A língua alemã não se constituiu a partir do idioma do reino dos francos, apesar de este, principalmente sob o domínio de Carlos Magno, ter oferecido os pressupostos externos e até mesmo o embasamento ideal para uma evolução desse tipo. Para esta contribuíram todos os grupos de povos ali estabelecidos, com prevalência ora de um, ora de outro.

Antigo alto-alemão. Texto extraído da Canção de Hildebrando (Hildebrandslied), *a mais antiga epopéia heróica germânica, da qual se conservaram apenas fragmentos. Foi escrita por volta de 810, por monges do mosteiro de Fulda.*

O antigo alto-alemão

Como estágio mais antigo dessa evolução é considerado o período que medeia entre 750 e 1050. A língua dessa época é chamada de antigo alto-alemão. Antes desse período não se pode falar de uma língua "alemã".

A segunda mutação consonântica

Torna-se óbvio que o impulso à integração tinha sido o elemento vitorioso quando se consideram as condições políticas gerais (formação do império), as econômicas (desenvolvimento do comércio externo) e, não por último, as espirituais (avanço do cristianismo). Contudo, o que é mais digno de nota é que a partir de aproximadamente 550 d. C. se completa um processo que, longe de aproximar os vários dialetos germânicos das tribos compreendidas entre os Alpes e o mar do Norte, os distanciou mais. Esse processo é a *segunda mutação consonântica* (diferente da primeira, que fez com que as línguas germânicas se destacassem como grupo do resto das línguas indo-européias), também chamada de "mutação consonântica do alto-alemão".

A mutação consonântica do alto-alemão

Ela consiste basicamente na passagem, em determinadas circunstâncias, das três consoantes oclusivas germânicas *p, t, k* a fricativas alongadas (aspiradas), ou seja, a *ff, ss* e *hh* [x]. O alongamento, indicado por escrito pelas consoantes duplas, freqüentemente se reduz a uma consoante simples no final da palavra.

Esse princípio é demonstrado nos exemplos seguintes:

Português	Antigo saxônio	Antigo alto-alemão	Alemão moderno
aberto	*opan*	*offan*	*offen*
comer	*etan*	*ezzan*	*essen*
fazer	*makôn*	*mahhôn*	*machen*

Exemplos para a mudança no final da palavra:

navio	*skip*	*skif*	*Schiff*
o que	*hwat*	*hwaz*	*was*
eu	*ik*	*ih*	*ich*

Em outros casos — dependendo da posição da consoante na palavra e de

sua vizinhança com outros sons —, *p, t, k* são substituídos por consoantes africadas, ou seja, grupos consonantais formados entre consoante oclusiva e fricativa. O *p* se torna *pf*, o *t* se torna *z* [ts], o *k* se torna *kch* [kx] (atualmente existe apenas em dialetos).

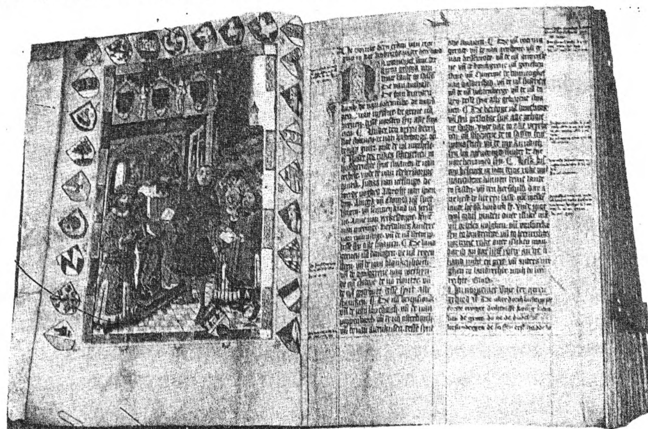
Exemplos:

Português	Antigo saxônio	Antigo alto-alemão	Alemão moderno
cuidar	*plegan*	*pflegan*	*pflegen*
campeão, combatente	*kempio*	*kempfo*	*Kämpe, Kämpfer*
dez	*tehan*	*zehan*	*zehn*
coração	*herta*	*herza*	*Herz*

Cristianismo e instituições monásticas

Entre os fatores que influenciaram e formaram a língua alemã no período do antigo alto-alemão, os mais importantes parecem ser a influência do cristianismo e a aquisição, por seu intermédio, do patrimônio cultural da Antiguidade clássica — uma tarefa que Carlos Magno, soberano de visão profética, impôs conscientemente a seu povo (ou a seus agrupamentos populacionais) junto com a concepção ideal do Império Romano.

A cristianização se reflete na aceitação de muitas palavras da doutrina cristã como palavras estrangeiras ou empréstimos. Voltarei a este assunto no próximo parágrafo; gostaria aqui de enfatizar como naquele tempo foi completada uma tarefa cujas grandeza e dificuldade não são fáceis de ser avaliadas hoje: às tribos germânicas, com sua índole guerreira e concepções primitivas, eram estranhos valores e idéias cristãos como pecado, culpa (em sentido moral), graça, perdão e misericórdia. Para quem aprendeu latim, uma equivalência léxica do tipo latim: *misericordia* = alemão: *Barmherzigkeit* parece óbvia; mas foi preciso uma luta espiritual cansativa, que durou por vezes decênios, para gravar, esclarecer, difundir e aclimatar uma palavra deste tipo.



Um dos mais importantes documentos da era lingüística do médio alto-alemão: o Sachsenspiegel, *composto entre 1220 e 1235 por Eike von Repgow*

Este trabalho foi realizado em grande parte pelos monges, em mosteiros de veneranda antiguidade como Fulda, Lorsch, Wessobrunn, Weissenburg na Alsácia, St. Gallen e Reichenau. Não apenas palavras penetraram no léxico,

enriquecendo-o; também a estrutura das frases latinas influenciou fortemente a estrutura do alemão, tanto mais que, a princípio, a "tradução" do latim consistia sobretudo em *glosas* e versões interlineares, ou seja, em comentários em alemão ou em correspondências literais entre palavras alemãs e o texto latino.

Um dos mestres nessa arte lingüística é Notker de St. Gallen, que se libera do latim e se move na língua alemã então nascente.

Médio alto-alemão

O estágio evolutivo seguinte abrange quatro séculos e meio, de 1050 a 1500. O médio alto-alemão diferencia-se notadamente do antigo alto-alemão na estrutura fonética. A língua apresenta evolução constante, o que torna um pouco falhos os conceitos de "primeira e segunda mutação consonantal". As vogais plenas começam muitas vezes a enfraquecer para [a] (de *geban* vem *geben*). Assim muitas formas da declinação e da conjugação perdem sua força distintiva e, por esse motivo, artigos e pronomes tornam-se mais importantes do que anteriormente. A metafonia (*Umlaut*) se difunde: *mahtig* se torna *mächtig* ("forte", "potente").

Mais importante, porém, é a evolução interna, a formação espiritual da língua. Esta pode ser explicada em quatro palavras: clero, mística, cavalaria, poesia.

Clero

Ao lado dos membros do clero regular, os monges, comparecem agora como autores os clérigos das comunidades seculares, os quais escrevem obras que, ultrapassando as fronteiras da teologia douta, vão da pregação popular às lendas e à exposição narrativa de materiais bíblicos.

Os místicos

De importância dificilmente superável é a obra dos místicos cristãos, dentre os quais o Mestre Eckhart (c. 1260-1327, Turíngia) e seus discípulos Tauler e Seuse (latim: *Suso*). O pensamento dos místicos, que gira em torno de Deus, da alma humana e da unidade de ambos, realiza-se prevalentemente em língua alemã, a qual primeiro precisa tornar-se apta para transmitir as difíceis e, por vezes, quase inefáveis visões e experiências interiores. Muitos termos abstratos terminados em *-keit*, *-lich* e *-ung* são criações dos místicos: *Geistigkeit* ("espiritualidade"), *wesentlich* ("essencial"), *Anschauung* ("visão", "contemplação") são alguns exemplos. A criação ou o enriquecimento semântico do patrimônio lexical e conceitual da futura filosofia alemã remonta a essa época. Para dar uma idéia dos aspectos da língua no período do médio alto-alemão, vejamos um trecho de um dos escritos de Eckhart, do tratado *Von Abegescheidenheit* (*Da Vida Contemplativa*), onde há referência à profunda paz interior advinda da união com a essência divina:

Ich hân der geschrift vil gelesen, beidin von den heidenischen meistern und von den wîssagen und von den alten und niuwen ê, und hân mit ernste und mit ganzem vlîze gesuochet, welhiu diu hochste und diu beste tugent sî... (*wîssagen*: "profetas", *ê*: "testamento", *vlîze*: "diligência")*.

A cavalaria

Com a palavra *cavalaria* chegamos ao momento em que o monopólio da cultura não pertence mais ao mundo eclesiástico. Surge uma sociedade cortesã, que produz e absorve uma literatura também "cortesã", isto é, temporal. Os três grandes nomes são Hartmann von Aue, Wolfram von Eschenbach, Gottfried von Strassburg.

---

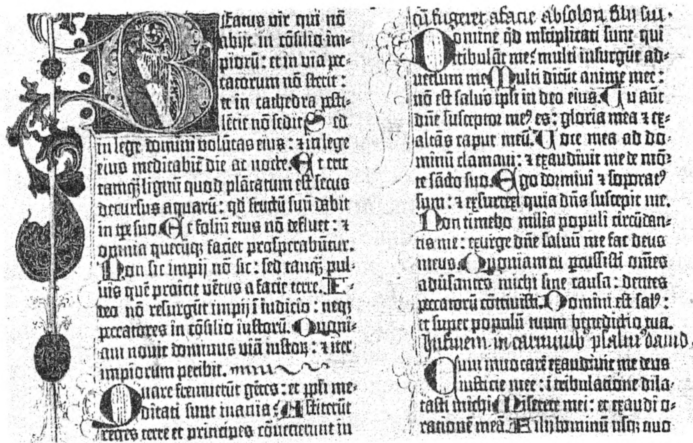
* "Muito tenho lido de tudo o que tem sido escrito, seja pelos mestres pagãos, seja pelos profetas, e de tudo o que se encontra tanto no Antigo como no Novo Testamento e, com seriedade e máxima diligência, tenho procurado qual seria a suprema e melhor virtude..." (N. da T.)

A língua desses poetas é supra-regional, distinta dos dialetos e já amplamente unitária em toda a área lingüística alemã.

Esse florescimento lingüístico e literário foi, entretanto, apenas de curta duração: coincide mais ou menos com o domínio dos grandes imperadores da Saxônia e dos Staufer, o qual fez surgir, pela primeira vez, um tipo de orgulho nacional alemão em camadas populares mais amplas, e terminou com o declínio político no século XIV.

Os primórdios do novo alto-alemão

Ao antigo e ao médio alto-alemão segue-se o novo alto-alemão, assim se ensinou antigamente, mas estudos mais recentes concluíram que é mais adequado se propor uma subdivisão anterior a esta e acrescentar um período *protonovo alto-alemão*, que chega até o fim da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648). Por um lado faz-se notar a decadência da força imperial neste período, refletindo-se também na língua, mas, de outro, há o conseqüente reforço de poder dos senhores dos territórios e das "chancelarias" dos príncipes seculares e eclesiásticos, fornecendo incentivos à unificação da língua escrita. E, no caso de centros importantes como Praga, Meissen e Colônia, esses incentivos se tornam cada vez mais amplos.



A invenção da imprensa. Trecho de uma página da Bíblia latina, chamada de 42 linhas, impressa entre 1452 e 1455, em Mainz, por Gutenberg. Primeira obra da arte da impressão, sua perfeição artística permanece insuperada.

Uma análise mais profunda das condições gerais do que é possível aqui teria de considerar também outros fatores: a ascensão da burguesia citadina (que tem como conseqüência o aumento da importância do idioma sóbrio da vida comercial e financeira, longe dos ideais do amor cavalheiresco), a difusão das universidades (1348, Praga; 1365, Viena; 1386, Heidelberg; seguidas pelas de Colônia, Erfurt, Leipzig, Rostock, Löwen, Greifswald e ainda outras sete até 1506), o movimento espiritual do Humanismo e, por fim, a enorme ampliação do território de fala alemã, provocada por séculos de colonização intensiva no leste, pois neste ínterim Dantzig, Riga, Breslau, Praga e até mesmo Cracóvia se haviam tornado focos da língua e da cultura alemãs.

Considerando-se retrospectivamente, dois outros acontecimentos se apresentam como fatores determinantes: a invenção da imprensa (cujas possibilidades se viram multiplicadas pela descoberta anterior do papel como material de impressão barato) e a atuação de Martinho Lutero, seguindo-se rapidamente uma à outra: a descoberta de Gutenberg data de cerca de 1450, enquanto a atividade de Lutero começa logo depois de 1500.

Já antes de Lutero são perceptíveis tendências em direção à unificação da língua. Um de seus centros era formado pela corte do imperador Maximiliano I (1493-1519), o qual, juntamente com seus colaboradores, se empenhou por um uso lingüístico uniforme da língua em documentos oficiais. Augsburgo e Nurembergue se tornaram centros da arte da impressão. Os próprios impressores, pretendendo atingir um público o mais amplo possível, estavam interessados na uniformização do uso lingüístico e ortográfico. Entretanto, a forma lingüística que finalmente se impõe com Lutero, e vem a se tornar o fundamento do *novo alto-alemão*, não é a da corte imperial, mas a da parte oriental da Alemanha central, de Saale até a Silésia, como era cultivada na chancelaria do eleitorado saxônio de Meissen. Afirma o próprio Lutero (em um de seus discursos de saudação): "Não possuo uma língua alemã determinada, própria, mas utilizo-me do alemão comum, que possa ser compreendido tanto pelos habitantes do norte como do sul da Alemanha. Falo segundo o modelo da chancelaria da Saxônia, seguido por todos os príncipes e reis da Alemanha".

Maximiliano e Meissen



A Bíblia de Lutero. Este exemplar, impresso em 1700, contém o texto original de Lutero, junto com suas anotações à margem.

Ele não se limitou de modo algum a aceitar simplesmente o modelo saxônico. Mas, apesar de sua criatividade lingüística inaudita, tomou-o como ponto de partida para a sua tradução da Bíblia (1522-1534) e seus inúmeros opúsculos, que a imprensa já então existente por toda parte se incumbiu de difundir até os confins do império. Antes da tradução luterana já havia impressas dezoito traduções da Bíblia em alemão, entre elas quatro

Martinho Lutero

em baixo-alemão, e ainda traduções de trechos bíblicos isolados. Lutero consultou parte desse material, assim como algumas das obras de devoção divulgadas, tendo sido por elas inspirado, bem como pela maneira de falar original do povo. Isso não diminui absolutamente seu feito extraordinário. Pode dizer-se hoje que nenhuma pessoa, inclusive os grandes escritores clássicos, influenciou o desenvolvimento da língua alemã tão profunda e tão duradouramente quanto Martinho Lutero, no qual se uniam a emoção religiosa, a criatividade lingüística e a preocupação filológica do tradutor. Lutero tinha como meta a divulgação da Sagrada Escritura para seu povo — não tinha intenção de ditar normas lingüísticas, mas sua obra agiu fortemente também nessa direção. Deve-se considerar não só que nos primeiros cinqüenta anos depois do aparecimento do primeiro exemplar da Bíblia de Lutero apenas o impressor Hanns Luft em Wittenberg imprimiu 100.000 exemplares dela, mas que os textos bíblicos, além de serem lidos avidamente, eram decorados por muitas pessoas.

Assim, a língua despretensiosa, possante e precisa de Lutero influenciou os hábitos lingüísticos de amplas camadas da população. Ser *bibelfest* (forte em conhecimentos bíblicos), ou seja, conhecer de cor grandes trechos das passagens bíblicas ou saber citar de imediato o local de onde se originam milhares de palavras bíblicas, era, até a época de Goethe e ainda depois, um epíteto honroso. A língua de Lutero agiu também sobre as parcelas católicas da população. Ele mesmo se comprazia de "ter ensinado a falar até mesmo os discípulos ingratos, e também os inimigos". Na região setentrional da Alemanha, onde na época de Lutero o baixo-alemão era a língua corrente das chancelarias e da vida pública, a influência de Lutero pelo menos preparou o caminho para a aceitação da língua escrita do alto-alemão, completada apenas bem mais tarde sob a influência da literatura culta dos humanistas. A influência de Lutero estendeu-se além dos antigos confins do império até a Transilvânia e os alemães do Báltico. O ensino escolar, que tinha em Lutero um defensor enérgico, firmou depois a unidade lingüística conquistada.

Um dos principais jornais alemães, publicado em 1615 em Nurembergue; a página tem 20 cm de altura.

Opitz e as sociedades lingüísticas

Embora o cultivo consciente da língua pelos doutos, assim como a luta contra a exagerada influência de estrangeirismos, tenha sido uma característica marcante da época seguinte à Guerra dos Trinta Anos, tais esforços já se faziam sentir no século XVI e na primeira metade do século XVII. Aqui se destaca o nome de Martin Opitz, nascido em 1597, com sua obra, surgida em 1624, *Buch von der Deutschen Poeterey (Livro da Arte Poética Alemã),* na qual propõe a libertação dos modelos latinos e uma arte poética adaptada ao caráter da língua alemã. Quase contemporaneamente nascia a Sociedade Frutífera (*Fruchtbringende Gesellschaft*), criada segundo modelo italiano pelo príncipe Ludwig von Anhalt-Köthen, uma sociedade formada sobretudo por membros da nobreza e que se propunha conscientemente cultivar a língua materna. A esta segue-se a fundação de uma série de associações semelhantes.

A luta contra o predomínio dos estrangeirismos acendeu-se daí por diante e conduziu (como mais tarde em épocas semelhantes) à criação de numerosos alemanismos, dos quais muitos foram esquecidos, mas outros continuam vivos até agora, como *Verfasser* em vez de *Autor, Singgedicht* em vez de *Epigramm, Briefwechsel* em vez de *Korrespondenz.*

Outra atividade inovadora para a língua alemã se deve a Christian Thomasius. No ano de 1687 ele deu aulas em alemão na Universidade de Leipzig, o que foi decisivo para a ruptura do predomínio secular do latim como língua da ciência. Dois anos mais tarde editou a primeira revista literária em alemão. Louvado por sua corajosa oposição à perseguição às bruxas que se havia tornado universal, Thomasius naturalmente não está isolado em sua tentativa de passagem do latim para o alemão, mas se encontra na corrente de uma evolução geral, que na maioria dos países europeus culturalmente dominantes faz recuar o latim em favor das línguas nacionais, então em florescimento. Mesmo na Alemanha ele não é o único.

Thomasius

Gottfried Wilhelm Leibniz, matemático e filósofo dos mais importantes da era moderna, escreveu, por exemplo, dois estudos endereçados a seus compatriotas: *Ermahnung an die Teutsche, ihren Verstand und ihre Sprache besser zu üben* — 1683 *(Exortação dos Alemães para Exercitar Melhor seu Intelecto e sua Língua)* e *Unvorgreifliche Gedanken betr. die Ausübung und Verbesserung der teutschen Sprache (Reflexões Despretensiosas a respeito da Prática e da Melhoria da Língua Alemã),* composto em 1697 e editado apenas em 1717. Mas suas próprias obras foram escritas provavelmente em latim ou em francês. O discípulo de Leibniz, Christian Wolff, filósofo de prestígio, enriqueceu por sua vez a língua da filosofia com felizes criações lexicais, facilitando assim a obra de seus grandes sucessores, a partir de Emmanuel Kant.

Leibniz e Christian Wolff

O mundo dos doutos, ao qual pertencem esses homens, tem no século XVII um peso muito maior do que jamais houvera tido. Apenas em um século foram acrescentadas catorze fundações universitárias às já existentes (nem todas destinadas a durar). Surge uma ampla camada de burgueses cultivados, em sua maior parte a serviço do Estado, como professores e funcionários, portadores da ulterior evolução da língua.

Seja aqui devotada mais alguma atenção aos eruditos, antes de nos dedicarmos aos homens que, ainda mais do que esses, contribuíram para o futuro da língua alemã: os poetas. Cabem ser citados pelo menos ainda quatro nomes, com o que serão omitidos vários outros, injustamente, pois suas contribuições foram relevantes.

A respeito de Johann Christoph Gottsched importam sobretudo seus *Grundlegung einer deutschen Sprachkunst, nach den Mustern der besten Schriftsteller des vorigen und jetzigen Jahrhunderts abgefasset* — 1748 *(Fundamentos de uma Arte da Língua Alemã de Acordo com Modelos dos Melhores Escritores do Século Passado e do Presente),* que se tornaram, em toda a região de língua alemã, um manual normativo por excelência.

Gottsched

Mais um compilador do que pensador audaz, foi Johann Christoph Adelung, cuja *Deutsche Sprachlehre* (*Gramática Alemã)* surgiu em 1781, portanto pouco depois do manual de Gottsched, num período decisivo para a literatura alemã, quando apareceram as primeiras obras de Lessing, Wieland, Goethe e Herder. E um dicionário criado por Adelung foi bastante consultado também pelos clássicos da literatura alemã (existe uma carta de Goethe na qual ele pede a Schiller que lhe devolva "seu Adelung" logo).

Adelung

O mais velho dos irmãos, Jacob, nasceu em 1785; Wilhelm, em 1786. Ambos compilaram e publicaram os *Kinder und Hausmärchen (Contos de Fadas Infantis e Domésticos).* Juntos também planejaram seu monumental

Jacob e Wilhelm Grimm

Os irmãos Wilhelm (1786-1859, à esquerda) e Jacob Grimm (1785-1863), em um retrato de Elisabeth Jerichau.



Deutsches Wörterbuch (Dicionário Alemão), que começou a ser publicado em 1854 e pôde ser concluído apenas mais de um século depois, em 1960, por seus sucessores. Como filólogo, o mais importante dos dois irmãos é Jacob, de cuja pena surgiram a *Deutsche Grammatik* — 1819-1937 *(Gramática Alemã)* e a *Geschichte der deutschen Sprache* — 1848 *(História da Língua Alemã).* Considerado o pai da germanística, Jacob Grimm foi o primeiro a ver a língua alemã — e a língua acima de tudo — na unidade de seu desenvolvimento através dos séculos. Ao lado da comparação lingüística, através da qual se havia descoberto o parentesco entre todas as línguas indo-européias, Grimm situa a história da língua.

É chegado o momento de nos voltarmos para os autores que, na época em questão, forneceram contribuições fundamentais para o desenvolvimento e a formação da língua alemã.

Klopstock

Ativo no período do Iluminismo, Friedrich Gottlieb Klopstock (1724-1803) se encontra, entretanto, bastante distante do ideal iluminista de uma língua sóbria, racional. Embora seja também um mestre do estilo conciso, dá o valor justo ao sentimento, à paixão e ao ideal elevado em suas obras. Sua concepção da missão religiosa e nacional do poeta, sua independência pessoal (que lhe permitiu se libertar das correntes da época e dos modelos — franceses — em voga) e enfim sua criatividade lingüística conduziram a língua literária alemã a uma nova liberdade. Formalmente, ele se inclinou por vezes aos moldes clássicos como, por exemplo, em sua epopéia bíblica *Der Messias (O Messias),* composta em hexâmetros. Mais tarde passou a poetar em ritmos livres. Devem-se a ele muitos neologismos renitentes que

desde então fazem parte da língua poética, como *stillanbetend* ("orando em silêncio"), *sanftleuchtend* ("iluminando suavemente"), *blütenumduftet* ("perfumado de flores"), que, como se vê, são todos compostos. Sua influência sobre os poetas seguintes, mais importantes, mal pôde ser superada, mas a esta se subtrai aquele que cito a seguir.

Lessing

Se a língua ganhou em ênfase poética graças a Klopstock, ela deve a seu contemporâneo Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781) uma espécie bem diferente de aquisição: a libertação dos grilhões e das amarras formais em direção a uma prosa de expressividade, de concisão epigramática, de clareza, de construção simples e transparente e de um colorido pessoal, que se manifesta entre outros no uso do *eu*-narrador e do colóquio direto e pessoal com o leitor. "Parece-lhe justo? Não a mim." Essa forma de diálogo nos parece atualmente óbvia em um ensaio, mas nem existia antes de Lessing. Lessing brinca com a língua, utiliza-se do dialeto e da língua vulgar para esse fim. Por outro lado, em seus dramas — principalmente em *Nathan, o Sábio (Nathan der Weise)* — ele se utilizou do pentâmetro iâmbico de modo tão completo e sugestivo que essa forma se conservou no classicismo alemão e continua mantendo seu valor.

Wieland

Christoph Martin Wieland (1733-1813), tradutor de Shakespeare, professor de filosofia, instrutor de príncipes, é, entre seus contemporâneos literatos, o homem do mundo, o homem de espírito, o *causeur* freqüentemente orientado por modelos franceses. Querendo responder com uma fórmula espantosamente concisa à pergunta: Que coisa deve a ele a língua alemã?, diremos: elegância, leveza e uma pitada de frivolidade.

De Goethe a Schiller

Logo depois da Segunda Guerra Mundial começaram os trabalhos preparatórios para um dicionário goetheano que pretende abranger todo o patrimônio lexical de Goethe, tal como se sedimentou em suas obras poéticas, diários, cartas, palestras, ensaios científicos, pareceres oficiais — em resumo, na grande quantidade de textos de todos os tipos que Goethe nos legou. E este dicionário não deve simplesmente ser uma mera coleção de palavras, mas estas devem aparecer em seu contexto em frases exemplares (naturalmente escolhidas). Em 1978 apareceu o primeiro volume (letra A). Algumas décadas ainda deverão transcorrer até que essa obra monumental — iniciada como um trabalho cooperativo entre as duas Alemanhas — se complete. Quem pretenda ter uma impressão da riqueza da linguagem goetheana não precisa esperar pelo término do dicionário; é suficiente analisar as partes já publicadas até agora.

Do ponto de vista quantitativo, a língua de Goethe contém um número de vocábulos bastante superior àquele de um falante normal do alemão (o dicionário deve abranger cerca de 80.000 verbetes). Ele contém muitas das palavras difundidas pela primeira vez por Goethe.

Seria temerário tentar descrever, em algumas frases, a importância de Goethe para a língua alemã. Digamos apenas que quem lê suas obras encontrará nelas o alemão em sua forma mais elevada, em sua mais bem sucedida síntese de liberdade, profundidade de pensamento e arte da língua.

O amigo de Goethe, Schiller, bem como Kleist, Hölderlin e Kafka criaram obras de arte lingüística de igual valor, mas foi Goethe que, em sua longa vida (1749-1832), deu forma expressa ao cosmo, em tudo aquilo em que ele é acessível ao homem.

A perfeição

A história da literatura não acaba com os clássicos, mas eu a interrompo por aqui, porque os autores dos últimos 150 anos, se por um lado deram à língua muitas novas facetas e possibilidades, de outro não conseguiram plasmá-la ou transformá-la tão profundamente quanto Klopstock ou Goethe. Talvez possamos ousar afirmar que a língua literária alcançou (ou teria alcançado?) com Goethe e Schiller o seu mais alto grau de desenvolvimento.

Os doutos como mestres da língua

Seria injusto se quiséssemos citar apenas os poetas como mestres e professores de nossa língua e nem ao menos mencionar outros: estadistas, principalmente Bismarck, inúmeros eruditos de áreas variadas, filólogos — Jacob Grimm acima de todos —, historiadores, juristas e também filósofos, em cujas obras a língua alemã atingiu esplendor e grandeza. Entre os filósofos, gostaria de mencionar especialmente Arthur Schopenhauer e Friedrich Nietzsche.

Breve panorama do desenvolvimento posterior

Pode-se duvidar que o alemão se tenha tornado mais bonito a partir dos tempos de Goethe. Mas é certo que desde então ele se modificou substancialmente.

Por volta de 1830 morreram as grandes expressões do período de maior florescimento das letras, da filosofia e da música alemãs: em apenas cinco anos, Beethoven (1827), Schubert (1828), Clausewitz (1831), Hegel (1831), Goethe (1832). Mais ou menos no mesmo período impõe-se vigorosamente na Alemanha (teria sido um acaso?) a Revolução Industrial, já em curso na Inglaterra. A ferrovia e a máquina começam sua marcha triunfal, as pessoas se aglomeram nas cidades grandes e ocorrem profundas lutas e mudanças sociais. Tudo isso se reflete de várias maneiras também no idioma.

Imprensa e meios de comunicação de massa

Na era do ensino obrigatório para todos, a então nascente imprensa de massa e mais tarde as outras "mídias" (a palavra é tão nova quanto a coisa a que se refere) alcançam círculos cada vez mais amplos e finalmente quase toda a população. Deste modo a língua escrita e a língua corrente ganham um maior peso em contraposição ao dialeto; até a época de Goethe (cujo léxico começa em muitos aspectos a se tornar estranho para nós alemães) a maioria dos habitantes das aldeias e das pequenas cidades só ouvia o alto-alemão durante sua presença domingueira na igreja.

Transformações

No impulso das transformações sociais e políticas se formam muitas palavras novas que logo são adotadas. Filhos do século XIX são chavões como *Kapitalismus, Sozialismus, Kommunismus, Anarchismus, Nihilismus, Streik* ("greve"), *Klassenkampf* ("luta de classes"), *liberal;* outras, tais como *totaler Krieg* ("guerra total"), *Eiserner Vorhang* ("cortina de ferro"), *Schwarzmarkt* ("mercado negro"), *Dritte Welt* ("Terceiro Mundo"), são frutos de nosso século.

Técnica

Tão forte, ou talvez mais forte, é a penetração de neologismos da técnica e da ciência na língua cotidiana. *Elektrizität, Eisenbahn* ("ferrovia"), *Flugzeug* ("aeroplano"), *Automobil, Telefon* surgiram no século XIX; *Atomenergie* ("energia atômica"), *Reaktor* ("reator") e as inúmeras palavras que levantam a problemática do "meio ambiente" *(Umwelt)*, como *Waldsterben* ("morte dos bosques"), *Saurer Regen* ("chuva ácida"), surgiram no século XX.

Esporte

Neologismos da linguagem esportiva como *Spurt* ("arrancada"), *Clinch* ("corpo-a-corpo"), *Finish, Profi* ("profissional"), *Training, Libero, Rekord* se tornam de uso comum. Da psicologia vêm *Verdrängung* ("repressão"), *Komplex, Motivation;* do jargão publicitário e da mídia vêm *Slogan, Mode-*

rator, Spot, Live-Übertragung ("transmissão ao vivo"), *Bildschirm* ("tela", "vídeo"), *Recorder, Monitor*; da eletrônica, *Computer, Programmierung* ("programação"), *Hardware*.

Processos de polimento

Ao lado do crescimento, da proliferação do patrimônio lexical, pode-se observar um polimento de formas antigas, assim como sua perda, numa tendência à simplificação. Assim, por exemplo, o *-e* acrescido ao substantivo no caso dativo cai em desuso: escreve-se *an jenem Tag* ("naquele dia") e não *Tage*; ou *er gehorcht meinem Rat* ("ele obedece a meu conselho"), e não *Rate*. O conjuntivo se torna cada vez mais raro: diz-se *wenn er offen sprechen würde* ("se ele falasse abertamente") e não *spräche*. Também o *-e* final na primeira pessoa do singular freqüentemente é deixado de lado: diz-se *ich trink* (em vez de *trinke*) *keinen Schnaps* ("não bebo aguardente"), *ich seh* (em vez de *sehe*) *gern Krimis* ("gosto de assistir a filmes policiais"). Aliás, *Krimi* é uma das inúmeras abreviações existentes atualmente. Compostos são criados em excesso, entre eles vários dúbios, como *pflegeleicht* ("fácil de cuidar").

A lingua alemã: influências estrangeiras

Toda língua que conhecemos sofre a influência de outras línguas. Por que seria diferente no caso da língua dos alemães, rodeados por vizinhos que falam outros idiomas?

Influências estrangeiras podem modificar também a tipologia, a gramática, a sintaxe de uma língua. Neste breve resumo limitar-me-ei ao vocabulário.

Empréstimos

As palavras estrangeiras entram em uma língua de diferentes modos. Um povo aprende com outro uma coisa, um conceito, uma instituição, e o adota, juntamente com a denominação na língua estrangeira. A palavra adotada pode acabar por se assimilar de tal modo à nova pátria lingüística (na forma, na pronúncia, na escrita) que passa a não ser mais sentida como estrangeira, sendo reconhecida como tal no máximo pelos lingüistas. E este é o caso de inúmeras palavras de origem latina adotadas e adaptadas pelas tribos germânicas. Quem pensaria atualmente em "estrangeirismos" com referência a palavras como *Schule* (do latim *schola*), *Probe* (do médio latim *proba*), *Tisch* (do latim *discus*, "disco", "prato")? Essas palavras alemanizadas, que tanto na pronúncia quanto na gramática seguem as regras correspondentes da língua alemã, são chamadas de *empréstimos*. Quando a adaptação da palavra não ocorreu (ou se deu apenas parcialmente), fala-se de estrangeirismos. Exemplos simples são *Philosophie* (grego), *Operation* (latim), *Sergeant* (francês), *Spaghetti* (italiano), *jeans* (inglês).

Calcos

Em outros casos é possível reproduzir perfeitamente uma palavra de uma outra língua com elementos de composição da própria língua. Assim, por exemplo, do francês *demi-monde* vem o alemão *Halbwelt*, do latim *compassio*, o alemão *Mitleid*. Nesses casos fala-se de *tradução do empréstimo*. Em contraposição a este caso há a livre reprodução, ou *calco semântico*, quando uma palavra já presente em uma língua é adotada com o significado de uma estrangeira, sem ser uma reprodução desta. Assim, *Automobil* pode ser substituído por *Kraftwagen*, *Billet* por *Eintrittskarte*, *Passagier* por *Fahrgast*.

Já se fez menção do quanto o alemão deve ao latim e ao grego quando essas línguas foram especificamente tratadas, e não há por que voltar a tal problema, especialmente à questão de essas palavras não representarem ter-

mos "puros" latinos ou gregos, mas terem passado a esses idiomas indiretamente. Deve-se, porém, chamar a atenção para o fato de que as tribos germânicas, antes que de sua língua tivesse surgido o alemão, já haviam tomado emprestada uma grande quantidade de palavras latinas, de modo que a própria base do alemão é permeada de elementos latinos.

Empréstimos antigos

Os empréstimos daqueles tempos remotos se concentram em determinados âmbitos da vida. Aqui são citados alguns exemplos:

Consideremos primeiramente a casa e o campo, a vida familiar e o trabalho. Os conceitos fundamentais da vinicultura chegaram aos germanos através dos romanos, daí a prevalência de palavras latinas, se bem que, por causa de sua antiguidade, o falante de hoje não possa reconhecer sua origem. Quando ele levanta o *Kelch* (< latim *calix*, genitivo *calicis*) para beber *Wein* (< latim *vinum*) ou *Most* ("sidra" < latim *vinum mustum*), passado pelo *Kelter* ("lagar" < latim *calcatura*) por um *Winzer* ("vinicultor" < latim *vinitor*) e engarrafado por um *Trichter* ("funil" < latim *tractarius*), dificilmente ele pode imaginar que está se deleitando — *ir delektiert sich* — (latim: *delectare*, um empréstimo mais tardio) do jeito dos antigos romanos, e na língua deles.

No campo da jardinagem são de origem romana, entre outros: *Kirsche* (< latim *ceresia*) e *Pflaume* ("ameixa" < latim *prunum*), e entre as ervas a *Minze* (< latim *menta*) e entre as verduras a *Kohl* ("couve" < latim *caulis*); e o *Rettich* e o *Radieschen* ("rábano", "rabanete" < latim *radix*, genitivo *radicis*).

Muitas denominações do ofício da construção são de origem latina, pois os germanos aprenderam a construir em pedra com os romanos: *Mauer* (< latim *murus*), *Keller* (< latim *cellarium*), *Pfeiler* (< médio latim *pilarium*), *Fenster* ("janela" < latim *fenestra*), *Ziegel* ("tijolo", "telha" < latim *tegula*), *Pflaster* ("pavimento" < latim *plastrum*), *Strasse* ("via pavimentada" < latim *via strata*).

Na cozinha encontramos a herança latina nessa própria palavra (alemão: *Küche* < latim *coquina*), e ainda em *Kessel* ("chaleira" < latim *catinus*, forma diminutiva *catillus*), *Schüssel* ("travessa" < latim *scutella*).

De origem romana são também conceitos fundamentais do comércio: de *Kaufmann* ("comerciante de produtos alimentícios" < latim *caupo*), a *Münze* (< latim *moneta*) e *Pfund* ("libra" < latim *pondo*).

Mais raros são os empréstimos no domínio militar, mas é latina uma palavra muitas vezes considerada de origem "protogermânica", como *Kampf* ("batalha", "luta") que vem de *campus* ("campo de batalha").

Idade Média

Na época do antigo alto-alemão, quando a vida espiritual se concentrava nos mosteiros, muitas palavras desse âmbito passaram para o alemão, assim como *Abt* ("abade") e *Nonne* ("freira"), e naturalmente o próprio *Kloster* ("mosteiro", "convento", do latim *claustrum* = "castelo", "ferrolho", "espaço fechado"); em relação às escolas dos conventos, vieram expressões como *Schule* ("escola"), *Tinte* ("tinta"), *Tafel* ("lousa"), *Brief* ("carta"). Remontam a essa época alguns calcos bem-sucedidos, como *Gewissen*, para *conscientia* (uma reprodução exata), e *geistlich*, para *spiritualis*. A época do médio alto-alemão é aquela das Cruzadas e do florescimento da cavalaria. Neste período muitas palavras foram tomadas do francês. Observando-se a palavra original devemos considerar que se trata do antigo francês: *Aben-*

teuer (< antigo francês *aventure*), *Lanze* (< *lance*), *Banner* (< *bannière*, "bandeira", palavra que, aliás, penetrou anteriormente no âmbito românico através do germânico ocidental; *Banner* tornou-se um arcaísmo no século XVIII; em 1801 Schiller ressuscitou-a na *Jungfrau von Orléans* [*A Donzela de Orléans*]; *Panier* é aparentado com *Banner*), *Flöte* (< *flaüte*, originalmente uma palavra provençal). Muitas palavras que haviam entrado no âmbito do franco-francês, originadas do germânico, retornaram no alemão, como *Harnisch* ("armadura") e *Seneschall* ("senescal"). A terminação *-ieren* para verbos penetrou naquela época no alemão via francês e permanece viva e fecunda até os dias de hoje, embora tenha conservado em várias palavras um ranço de estrangeirismo e artificialidade.

De influência francesa é também o fato de que nessa época cavalheiresca, ao lado da forma de tratamento *du* (tu) do antigo alemão, usa-se a forma distanciada *ihr* ("vós", escrita então *ir*), que foi substituída no século XVII por *Sie*. Atualmente, na geração mais jovem, manisfesta-se uma tendência à nivelação com o *du* — um fenômeno lingüístico revelador de uma mudança social.

Cruzadas

A época das Cruzadas traz também empréstimos de línguas mais distantes. Do persa tomou-se *Schach* ("xadrez"); do árabe, entre outras, *Zucker* ("açúcar"); do italiano, *spazieren* ("passear"). Por outro lado, o avanço da colonização alemã a leste exerce uma forte influência sobre as línguas da Europa oriental (das quais não falamos aqui), enquanto o alemão também toma termos destas. *Grenze* ("limite") vem do polonês, *Dolmetsch* ("intérprete") vem do turco via húngaro. O nome *Zeisig* ("pintassilgo") vem do tcheco, *Stieglitz* vem do nome do pássaro em esloveno.

O afluxo de empréstimos latinos não se interrompe por todos estes séculos. Exemplos da vida eclesiástica: *Orden*, *Kardinal*; da política: *Majestät*, *Zepter* ("cetro"); do ensino: *Aula*, *Pult* ("púlpito"); da medicina e farmácia: *Körper*, *Puls*, *Baldrian* ("valeriana"). Acrescentem-se outros calcos, como *Überfluss* para *abundantia*, *Fegefeuer* para *ignis purgatorius*.

Empréstimos mais recentes

A crescente autonomia do holandês nos séculos XIV e XV faz com que também essa língua se torne fonte de empréstimos. Desse período são os empréstimos alemães *Kante* ("canto", "aresta"), *Plakat* ("cartaz"), *Stoff* ("material"), *Karotte* ("cenoura"), etc.

Francês

Do francês do século XVII se originam *Truppe*, *Garde*, *Appetit*, *Audienz*; do italiano, inúmeros termos do mundo bancário e financeiro, liberado então pelos italianos. A própria palavra *Bank*, bem como *Giro*, *Konto*, *netto* e *brutto*, *Risiko*, *Kredit*, *Bilanz* são de origem italiana. O italiano também deu sua contribuição no campo da linguagem naval: *Kompass*, *Fregatte*, *Havarie*. A linguagem dos soldados adota muitas palavras romanas, a respeito das quais nem sempre é possível estabelecer se provêm do francês, do espanhol ou do italiano. Veja por exemplo *Kanone*, *Granate*, *Alarm*, *Kommando*, *Brigade*, *Kartusche*, *Garnison*, *Leutnant*.

Através do românico, principalmente do italiano, a língua alemã herdou palavras árabes como *Alkohol*, *Lack* ("laca"), *Matratze* ("colchão").

Italiano

A influência italiana perdura no século XVII, principalmente no campo da música — ao lado dos nomes de instrumentos, *Viola*, *Violine*, *Violoncello*, quase todos os termos dos tempos musicais: *adagio*, *lento*, *presto*, *andante*, *largo*, *forte*, *piano*.

Inglês

Até 1700 o inglês exerceu pouca influência sobre o alemão, limitando-se

a fornecer palavras para a língua naval e mercantil. A partir do século XIX afluem várias palavras inglesas da área esportiva: a própria palavra *Sport*, e entre outras *Training, Start, Jockey, Hockey, Match, fair*. Então a Inglaterra se torna um centro difusor de hábitos sociais e da moda, e assim os alemães adotam palavras como *Gentleman, flirten, Dandy, Cut, Ulster, Raglan, Pullover*. O Império Britânico, em sua extensão mundial, vê o inglês englobar palavras de línguas exóticas, que então passam para o alemão: *Punsch* ("ponche") vem do hindu (e se chama assim por causa dos "cinco" ingredientes), tal como *Pyjama* e *Dschungel* ("selva"); outras como *Khaki* e *Schal* ("xale") vêm do persa. O holandês continua a enriquecer a linguagem marítima com palavras como *Kai* ("cais"), *Küste* ("costa"), *bugsieren* ("rebocar"), *baggern* ("dragar").

Exotismos

As inclusões exóticas no alemão provêm de tantas línguas que é praticamente impossível enumerá-las. Alguns exemplos: aos árabes o alemão deve *Gamasche* ("polaina"), *Sofa, Razzia*; aos turcos *Kaviar* e *Joghurt* ("iogurte"); das línguas indígenas da América antiga vêm *Tabak, Kautschuk* ("borracha"), *Kanu* ("canoa"), *Tomate, Schokolade, Mahagoni* ("mogno"), *Zigarre* ("charuto"); de línguas africanas vêm *Gnu, Schimpanse, Zebra*; da Austrália, *Känguruh*; do Japão, *Bonze* e *Harakiri*.

Exageros e reação aos estrangeirismos

Durante algum tempo palavras estrangeiras chegavam à Alemanha em tal quantidade que se temia viesse a língua a perder suas características próprias. Contra isso lutaram muitas personalidades importantes, chamadas então de "puristas", que eram até mesmo ironizadas. O próprio Goethe zombou do purista J. H. Campe, que, por volta de 1800, procurou e propôs substitutos alemães para vários estrangeirismos. Com o decorrer do tempo muitas de suas novas criações acabaram por ser aceitas. Ele substituiu *Guillotine* por *Fallbeil*, *Rendez-vous* por *Stelldichein* e *Bittsteller* por *Supplikanten*; ele tornou a língua corrente (*Umgangssprache*, palavra criada por ele) mais rica e mais bonita. O Romantismo e o crescimento do nacionalismo provocaram uma tomada de consciência a respeito do passado nacional e da língua ancestral, e assim antigas palavras alemãs meio ou totalmente esquecidas como *Minne* ("amor cortês"), *Fehde* ("conflito"), *Recke* ("herói") e *Kür* ("eleição") foram revividas. Também agiu nessa direção Richard Wagner.

Situação atual
Área lingüística do alemão

O alemão é a língua oficial e corrente na República Federal da Alemanha, na Áustria, nos cantões de língua alemã da Suíça, em Liechtenstein, assim como no sul do Tirol, ao lado do italiano.

Vista assim, a região de língua alemã parece um bloco compacto. Observando com mais atenção, veremos que o limite lingüístico vez por outra corresponde às fronteiras políticas, mas nem sempre é exatamente assim.

Norte

Ao norte, a fronteira política germano-dinamarquesa coincide com a lingüística, com exceção de pequenas minorias, assim como a oeste em relação aos Países Baixos e à Belgica (neste caso, com exceção da região de Eupen-Malmedy, que desde o Tratado de Versalhes pertence à Bélgica, mas que tem a população de língua alemã). Luxemburgo pertence historicamente à região de fala alemã; a língua corrente é preponderantemente um dialeto franco da região do Mosela. As línguas oficiais são o francês, o alemão e o luxemburguês (*Letzeburgisch*, ou *Letzebürgesch*, o dialeto franco supracitado), e na escola aprende-se tanto o alemão quanto o francês.

Com relação ao francês, há séculos o alemão se encontra em retrocesso. Na Lorena — desde 1918 pertencente (novamente) à França — há ainda uma pequena quantidade de cidadãos que falam alemão; na Alsácia, um número considerável. Na Suíça, o alemão se limita em primeiro lugar com a área de fala francesa (Berna, Biel, Friburgo) e então com a italiana e a reto-românica. Os cantões de Valais e Grisões são bilíngües ou trilíngües. Ao sul, o limite lingüístico alemão corresponde totalmente à fronteira meridional da República da Áustria, mas o Tirol meridional, desde 1918 parte da Itália, pertence à região de fala alemã (atualmente com duas línguas oficiais), enquanto, por outro lado, na Caríntia vive uma pequena minoria eslovena e em Burgenland, uma minoria croata. *Oeste e sul*

A leste, em conseqüência das expulsões ocorridas ao fim da Segunda Guerra, todo o território além das fronteiras da Alemanha e da Áustria é de língua não-alemã (tcheca, polonesa); no entanto, sejam eles habitantes de ex-territórios de fala alemã, ou de importantes ilhas lingüísticas isoladas na Tchecoslováquia, na Polônia (principalmente na Silésia), na Romênia (principalmente na Transilvânia) e na antiga U.R.S.S., o número de alemães que permaneceram por lá é estimado em 3 milhões. *Leste*

Fora da Europa, os colonos alemães conservaram sua língua em partes dos E.U.A. (Pensilvânia), na América do Sul (sobretudo no Chile e no Brasil) e na ex-África sudoeste alemã, a atual Namíbia.

Simplificando, poder-se-ia dizer que por um milênio o alemão se expandiu cada vez mais para o leste; depois o território lingüístico conquistado em grande parte acabou sendo perdido novamente, como conseqüência da guerra mundial desencadeada por Hitler. A oeste, o alemão sofreu fortes perdas devido à emancipação dos Países Baixos e à penetração do francês.

Ainda hoje, na era dos meios de comunicação de massa, a área lingüística alemã parece, àquele que ouve os dialetos, um tapete colorido, uma figura multifacetada, dificilmente captável pela vista, de amplos grupos dialetais e de características lingüísticas locais que diferem, por assim dizer, de vilarejo para vilarejo. Historicamente, os dialetos atuais derivam dos dialetos dos grupos populacionais germânicos da época da migração dos povos e suas respectivas expressões idiomáticas, que já apontam para o antigo alto-alemão. No entanto, a situação e a distribuição geográfica originais se modificaram bastante por causa de fatores tais como a migração interna, a colonização do leste, a influência recíproca e a força de irradiação de centros importantes. O mais decisivo evento na história dos dialetos vem, entretanto, a ser a segunda mutação consonântica (antigo alemão). Desde esse acontecimento temos a subdivisão em três faixas (zonas) dispostas de oeste para leste. *Os falares regionais*

Ao norte, o *baixo-alemão* (ou alemão inferior), que quase não foi influenciado pela segunda mutação consonântica; ao sul o *alto-alemão* (alemão superior), onde a mutação se verificou quase totalmente; e entre as duas o *alemão central,* no qual ela atuou parcialmente. O superior e o médio-alemão são agrupados como dialetos do alto-alemão — uma denominação que pode irritar o leigo, que entende por *Hochdeutsch* ("alto-alemão") a língua literária. *As três faixas*

O limite entre o baixo-alemão e o alemão central é formado por uma linha que (tomando como base o território alemão nos limites de 1938) parte

mais ou menos de Düsseldorf, passa por Siegen, Göttingen, Quedlinburg, depois traça um arco ao norte de Berlim (pertencente portanto ao alemão central ou, segundo alguns cientistas, ao baixo-alemão) e segue adiante, por Landsberg, até Thorn, na fronteira meridional da Prússia oriental. O limite entre o alemão central e o alemão superior passa de Karlsruhe em direção a Ellwangen, descreve depois uma curva para nordeste, prossegue a leste por Nurembergue até Hof e daí novamente, em direção leste, até Karlsbad.

O abismo existente entre o dialeto falado e a língua escrita é naturalmente maior no baixo-alemão, pois a língua escrita se baseia nos fundamentos do alemão central e superior (e daí a legítima denominação de "alto-alemão" que a abrange).

Aproximadamente, são os seguintes os dialetos alemães:

Baixo-alemão

Na faixa do baixo-alemão temos o *baixo-francônio* (no extremo oeste), base do holandês literário, mas não coincidente com este. Ele abrange uma metade da Bélgica (a flamenga) e penetra também amplamente em território alemão, onde a leste se une ao *baixo-alemão ocidental*, subdividido em *baixo-saxônio* (Bremen, Hamburgo), *frísio ocidental* (Münster, Dortmund) e *frísio oriental* (Hannover, Magdeburg). O *baixo-alemão oriental* é utilizado, com fisionomias diversas, em Mecklenburgo, na Província de Brandenburgo e na Pomerânia, de onde (outrora) se difundiu para o leste.

O alemão central

A faixa do alemão central abrange, a oeste, vários falares *francônios*: o *francônio central*, subdividido em *ripuário* (Colônia) e *francônio do Mosela* (Trier), e o *francônio renano*, subdividido em *reno-palatino* (Palatinado, região do Saar, Mainz) e *hessiano* (Fulda, Frankfurt). A leste se unem o *turíngio* e o *saxônio superior;* e do outro lado do Neisse começa a área do silesiano.

Alemão superior

A faixa do alemão superior começa a oeste com a área do *alamânico* (Alsácia, Baden Meridional, a Suíça alemã e o Vorarlberg) e se divide em três partes, de norte para sul, em *baixo-alamânico, alto-alamânico* e *alamânico superior* — esta ramificação, presente sobretudo em Valais e nos Grisões, é considerada o dialeto alemão mais antigo. Em direção a leste segue-se o *suábio,* dominante até o Lech e por vezes formando um grande grupo com o alamânico. Ao norte se limita com o *franco-renano meridional* (Heilbronn) e o *francônio oriental* (Würzburg, Bamberg). Toda a região oriental da faixa do alto-alemão é dominada pelo *bávaro*, que abrange a Alta e a Baixa Bavária, assim como o Tirol até as fronteiras da Áustria a leste, compreendendo ainda ilhas lingüísticas a leste e sudeste, atualmente em declínio.

Alemão atual: tendências e problemas

Neste parágrafo final nosso propósito é chamar a atenção para algumas tendências do desenvolvimento mais recente da língua alemã, algumas preocupantes e perigosas, a respeito das quais não posso oferecer senão tópicos isolados e talvez pontos de reflexão — pois o tema poderia ser suficiente para um livro inteiro, que merece ser escrito.

Amputação do corpo lingüístico

Acima de tudo é necessário mencionar que a perda, em 1945, de partes substanciais da área lingüística alemã não significou apenas uma diminuição territorial; esse fato é antes comparável a uma amputação múltipla. Ainda hoje é válida a afirmação — embora defendida menos calorosamente que outrora — de que os dialetos são as torrentes vivas que alimentam e re-

novam o rio principal da língua comum. Ninguém está em condições de prever as conseqüências da morte quase iminente (em seguida ao desaparecimento dos últimos "expatriados"), de ramos da língua alemã tão característicos e ricos em tradições como o alto-alemão, o prussiano oriental, o pomerânio, o silésio, o transilvano, o banatês e o egerlândico; mas não há dúvida de que isso representa danos e perdas irreparáveis.

Perda de prestígio do alemão

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o antigo prestígio internacional do alemão como língua da filosofia, da literatura e, principalmente, das ciências sofreu um golpe vigoroso e, por assim dizer, irreparável. Observando-se mais atentamente, torna-se claro que esse golpe não remonta apenas à guerra perdida, mas também ao anti-semitismo, que forçou a emigração de uma elite de sábios e literatos. Acrescente-se a intolerância ideológica do regime nacional-socialista, que impeliu também intelectuais não-judeus à migração externa ou interna e os privou da possibilidade de multiplicação de seus conhecimentos. Além do mais, a revelação das atrocidades nazistas abalou a reputação alemã. É verdade que ainda hoje o alemão é aprendido – entre outros lugares, na Europa Oriental e na China – por jovens cujos planos e esperanças visam à execução de obras científicas, mas, de qualquer modo, o primeiro lugar como língua científica é ocupado pelo inglês – e tudo indica que continuará a sê-lo, pelo menos num futuro próximo. É cada vez maior o número de publicações científicas de cientistas alemães escritas e impressas diretamente nessa língua.

A unidade ameaçada

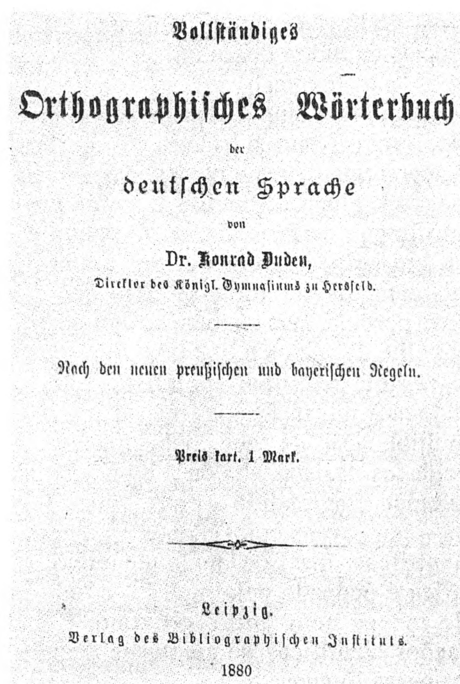
A divisão, em 1945, da Alemanha em dois Estados com sistemas sociais diferentes, e que pertenciam a blocos antagônicos, refletiu-se também na língua. Enquanto entre a população da República Federal se nota a influência demasiadamente forte do inglês americano, na extinta República Democrática a influência direta do russo, sob a forma de empréstimos, foi pequena, mas a ideologia marxista impregnou o cotidiano, bem como a literatura, e assim também a língua. Surgiram palavras novas, entre elas muitas abreviaturas, e outras, antigas, receberam novo sentido. O grande dicionário da língua alemã atual – notável empreendimento científico – foi declarado o primeiro coerentemente fundamentado na visão do mundo marxista-leninista. Destacavam-se sobretudo artigos sobre conceitos políticos básicos, como liberdade, democracia, direitos fundamentais, sindicato. Porém, a divisão da Alemanha não conseguiu destruir a unidade da língua.

Reforma ortográfica

As normas da ortografia alemã, estabelecidas desde a fundação do Império Alemão de Bismarck, impulsionadas por Konrad Duden, entre outros, e codificadas em 1901 por um acordo entre a Áustria-Hungria, a Suíça e a Alemanha, permanecem até hoje essencialmente as mesmas nos países de idioma alemão. Duden e outros consideravam aquelas regras um mero primeiro passo no caminho para uma ortografia melhor e mais simples. Durante quase um século, muito se discutiu sobre outros passos da reforma. Em 1996, os Estados de língua alemã chegaram a um acordo favorável a uma reforma moderada, que entraria em vigor nas escolas e na mídia a partir de 1998/99.

As maiúsculas

O centro das discussões sobre a reforma está no hábito alemão de escrever com letra maiúscula, além dos nomes próprios e dos substantivos iniciais de



Vollständiges

Orthographisches Wörterbuch

der

deutschen Sprache

von

Dr. Konrad Duden,

Direktor des Königl. Gymnasiums zu Hersfeld.

Nach den neuen preußischen und bayerischen Regeln.

Preis kart. 1 Mark.

Leipzig.

Verlag des Bibliographischen Instituts.

1880

O "Proto-Duden". Frontispício do modesto primeiro Dicionário Ortográfico, *de Konrad Duden (1880), que possuía apenas 200 páginas.*

frases, também outras palavras com função de substantivo (*das Ich*, o "Eu"; *die Sieben*, "os sete"; *das Gesagte*, "o que foi dito") — uma característica do alemão existente desde os tempos de Lutero. Em estreita correlação com este problema se encontram as questões a respeito da separação ou junção de palavras — âmbito no qual atualmente se observa uma determinada confusão e até mesmo certa arbitrariedade. Temas de uma reforma são também — se bem que menos debatidos — a pontuação, a divisão silábica no fim da linha, a alemanização de palavras estrangeiras. Considerando a importância que tem atualmente a língua "prescrita" e a estreita inter-relação entre a língua falada e a escrita, uma reforma radical não apenas afrouxaria os laços com o próprio passado, mas também influenciaria de uma maneira dificilmente calculável a futura evolução lingüística do alemão.

Som e letra

Muito mais adiante vão as exigências que têm por objetivo estabelecer uma relação basicamente diferente entre som e letra (fonema e grafema). Neste sentido pensar-se-ia em uma supressão do *v* (supérfluo ao lado do *f* e do *w*), do *x* (substituição por *ks, cks* ou *chs*), do *q* (substituição por *kw*); na substituição dos encontros consonantais *sch* e *ch* por novos signos; na marcação coerente das vogais longas, atualmente expressas ora pela duplicação da vogal (*Moor, Waage*), ora pelo *-e* ou *-h* de alongamento *(Wiese, Hohn, Bühne)*, ora sem indicação alguma *(war, wir, Los, Mal)*. Estas sugestões bastam para tornar claro que uma reforma desse tipo poderia modificar a língua escrita quase a ponto de torná-la irreconhecível. Mesmo a prazo mais longo é improvável que uma transformação tão profunda possa vir a ser imposta à comunidade lingüística.

Redundâncias de influência estrangeira

A posição predominante dos E.U.A. entre as potências vencedoras da Segunda Guerra Mundial, seu papel principal no campo econômico e técnico, a rápida mudança de concepções e hábitos em relação aos sexos e às gerações, o surgimento de novas "subculturas" entre os jovens, isto tudo e várias outras coisas próprias da América do Norte, que na Alemanha, pelo menos nas duas ou três décadas após o fim da guerra, foram sentidas como orientadoras, exemplares e dignas de serem imitadas, tudo isso contribuiu para que um número exagerado de anglo-americanismos fosse adotado pelo alemão. Contra a americanização bastante forte entre os franceses, a nação francesa, então presidida por De Gaulle, promoveu a campanha contra o *franglais* — de sucesso duvidoso.

A predileção do alemão por palavras americanas foi em parte uma questão de moda e do espírito do tempo, em parte também fruto da comodidade, visto que o inglês, especialmente o inglês americano, coloca à disposição um grande número de termos breves e incisivos. Pensemos apenas em *Tip, Trip, Hit, Pop, Rock* e *Gag*. Particularmente forte é a influência americana na linguagem publicitária, na esportiva, no "âmbito das drogas", da economia *(input, floating)*, da mídia, da astronáutica e da eletrônica.

CAPÍTULO VIII

Iídiche e gíria ("Rotwelsch") – uma visão da língua dos ciganos

Iídiche e alemão

Objetivamente falando, o *iídiche* poderia ser tratado no capítulo dedicado ao alemão, pois, sendo originário de dialetos alemães de séculos passados, é (como dizem os lingüistas) uma língua contígua e vizinha ao alemão (*Nahund Nebensprache*). Com exceção talvez do holandês, nenhuma das línguas irmãs germânicas se encontra tão próxima do alemão quanto o iídiche. A comunicação com um holandês ou flamengo é ainda possível ao falante de alemão, desde que ele domine o *Plattdeutsch* (baixo-alemão). A comunicação com membros da comunidade lingüística iídiche, por sua vez, se dará melhor para o alemão meridional, pois o iídiche se origina de dialetos centrais alemães e alemães-superiores. Aqui lhe é dedicado este capítulo especial, não apenas por sua estreita conexão com o *Rotwelsch*, ou seja, com o jargão dos malandros alemães, mas principalmente porque nos encontramos frente a um campo extremamente interessante e, ao mesmo tempo, pouco conhecido.

Esclarecendo os conceitos

"O iídiche" – assim o define Franz Joseph Beranek, um dos poucos conhecedores do assunto entre os lingüistas – "é a língua corrente da qual se utilizam ou da qual se utilizaram, até há pouco tempo, os judeus não-assimilados da Europa Central e oriental no convívio com a família e a comunidade judaicas."
Vejamos mais de perto essa definição.

"Os judeus *não-assimilados*". Isso significa: tão logo os judeus nos países europeus estivessem bem-adaptados – "assimilados" – à língua e aos costumes do povo em cujo seio viviam, eles renunciavam à sua própria língua; passavam, então, a falar, mesmo no dia-a-dia e entre si, somente o alemão, o francês, o italiano ou outras, isto é, aderiam à língua do país hospedeiro.

Aschkenasim e sephardim

"Os judeus *aschkenasitas*". O termo se esclarece por si só. Assim se autodenominam e são denominados os judeus do leste europeu e da Europa Central. São os que vivem ou viveram em regiões de língua alemã, ou que dessas regiões emigraram para o leste, levando consigo o idioma alemão. O conceito complementar a *aschkenasim* (forma plural hebraica) é *sephardim*: assim são denominados os judeus que vivem na Espanha e em Portugal, ou que provêm desses países, cuja língua própria é o *spaniolisch*. Esse tema foi abordado no sexto capítulo.

O desdobramento do alemão no iídiche, aliás, conhece mais de um paralelo na história dos *sefarditas*, que, quando expulsos, levaram consigo seu espanhol arcaico, a ele continuaram aferrados e, no exterior, deram prosseguimento à sua evolução em *spaniolisch*, ou "espanhol judaico". Outro paralelo encontra-se fora da Europa, no Irã, onde os judeus ali estabelecidos

produziram também o seu próprio "persa judeu", a partir de uma ramificação do persa. Princípios de um desenvolvimento paralelo foram registrados também na Itália, mas não levaram à formação de uma língua própria.

"No *dia-a-dia* da família e da comunidade judaicas". Tem-se aí expressa uma delimitação em dois flancos: "no dia-a-dia" está em contraposição a "no âmbito religioso, no culto". Nesse âmbito, o judeu servia-se e serve-se do venerável hebraico, a língua do Antigo Testamento, bem como do pouco utilizado aramaico, a língua do *Talmude*, livro sagrado em que estão reunidos os escritos religiosos pós-bíblicos dos judeus. Uma vez que esses escritos estavam na base, não só do ensino religioso, mas também dos ensinamentos da escola talmúdica, certo conhecimento, entre a população judia da Europa – pelo menos para os homens –, mais ou menos aprofundado, do hebraico e do aramaico era tido como pressuposto.

"No âmbito *da família e da comunidade judaicas*". Encontra-se aí uma segunda delimitação. Para além desse domínio, nas relações com os não-judeus, os judeus tinham de se servir da língua falada em seu ambiente alemão, polonês, húngaro, etc., e quase sempre a língua era por eles aprendida e dominada.

A confusão dos nomes

O *Jiddische Wörterbuch* (*Dicionário de Iídiche*), de Siegmund A. Wolf, tem como subtítulo: "*Wortschatz des deutschen Grundbestandes der jiddischen (jüdischdeutschen) Sprache*" (*Léxico do Fundamento Alemão da Língua Iídiche [judeu-alemão]*). Denominações como *Jüdischdeutsch* (judeu-alemão), *Judendeutsch*, *Jüdenteutsch* encontram-se com freqüência e correspondem ao francês *judéo-allemand* e ao inglês *judaeo-german*. Significam a mesma coisa que o iídiche? Em termos, sim: o uso lingüístico não é único, mas o alemão parece diferenciar, à medida que utiliza o termo *Judendeutsch* e outros para os estágios mais antigos da língua, para a época em que os judeus viviam entre os alemães, sem ainda estarem confinados a guetos; nessa época, seu alemão já apresentava um colorido especial, entretanto as diferenças em relação a seus vizinhos não-judeus eram pequenas. "Iídiche", em contraposição, diz respeito à língua num estágio mais recente, quando se emancipou do alemão, entre outros motivos pela adoção de elementos hebraicos e, mais tarde, eslavos. O nome "iídiche" tornou-se comum entre os judeus da Europa oriental nos séculos XIX e XX e, além disso, chamavam sua língua também de *Mameloschen*, literalmente, "língua materna".

Mameloschen

Mameloschen é também o título de um livro de Otto F. Best sobre a língua e a literatura iídiches; outro, especialmente dirigido ao leigo, é o livro de Salcia Landmann intitulado *Jiddisch – das Abenteuer einer Sprache* (*Iídiche – A Aventura de uma Língua*).

Para confundir mais ainda: os judeus chamaram por longo tempo a sua língua simplesmente de *taitsch*, e o verbo para "traduzir para a própria língua" (isto é, iídiche) até hoje é *taitschen*, ou seja, "alemanizar".

Iidística: dialetos

Os iidistas – nome dado aos estudiosos do iídiche – distinguem no iídiche de seis a doze diferentes dialetos, que vão do *iídiche da Alsácia*, a oeste, até o *iídiche da Curlândia*, no Báltico. Não pretendemos nos deter neste ponto, mas cumpre citar a diferença básica entre o iídiche ocidental e o oriental. A área lingüística do iídiche ocidental abrange a área lingüística alemã, ao lado de algumas zonas confinadas a ela, principalmente a Holanda, a Bélgica, a Alsácia, a Suíça, o sul da França (região do Ródano) e a Lombardia, assim como a

Boêmia e a Hungria, a leste. Os judeus que vivem nessa região se emanciparam em grande escala, desde o Iluminismo (obtiveram a paridade de direitos civis e políticos), e se assimilaram; eles adotaram as línguas dos ambientes em que viviam, renunciando, muitas vezes com um suspiro de alívio e envergonhados, à maneira de falar hebraica tradicional. Desse modo, o iídiche ocidental encontra-se praticamente extinto, sem ter atingido o estágio de língua propriamente dita, ou seja, válida para o uso corrente, a escrita e a literatura.

É bem diversa a evolução do iídiche oriental. Dele é que se formou o iídiche propriamente dito.

Com isso, já nos defrontamos com o tema principal, e agora teremos de retroceder muito longe na história.

Surgimento dos judeus na Alemanha

Desde quando há judeus na Alemanha? Por mais que sejam escassas as provas documentais, tem-se como certo que os judeus chegaram às regiões do Reno e do Danúbio logo após os romanos, e ali se estabeleceram. Do início da Idade Média data uma documentação autêntica de sua presença. Envolta em dúvidas, está a conjectura de que os judeus teriam sobrevivido em solo alemão também na época da invasão dos bárbaros e durante a "idade das trevas", do ano 400 ao 800 – ainda que, a um olhar retrospectivo, já então se manifestavam as bases de um nova Europa (com o nascimento da Ordem dos Beneditinos, por exemplo). De qualquer forma, no tempo de Carlos, o Grande, com o comércio de longa distância encontrando-se manifesta e essencialmente em mãos judias, as expressões *iudaeus* ("judeus") e *mercator* ("comerciante") eram por vezes empregadas como sinônimos. Tem-se comprovada a presença de comerciantes judeus em Magdeburg, no ano 965.

Durante todo aquele tempo viveram os judeus entre os alemães, sem opressões ou privações; também é certo que, em seu modo de falar – a não ser no âmbito religioso –, não se diferenciavam de maneira significativa de seus vizinhos de língua alemã.

Primeiras perseguições

A era de convívio pacífico terminou ao se iniciarem as cruzadas, a primeira delas em 1096. Como "assassinos do Senhor Jesus Cristo", os judeus passaram a ser impiedosamente perseguidos, vítimas de verdadeiras carnificinas. É digno de nota que o anti-semitismo (que ainda não possuía esse nome), irrompendo então de forma violenta, em princípio foi alimentado por um zelo religioso, e mesmo cristão – para não falar nas superstições e no ódio primitivo ao diferente. Também nos séculos seguintes, os movimentos e perseguições anti-semitas, que sempre tornavam a recrudescer, se utilizariam de motivos religiosos como real estímulo ou pretexto.

Com essas primeiras ondas persecutórias, que grassaram no século XII e adentraram o século XIII, os judeus fugiram em grande número para o leste e estabeleceram-se na Europa oriental, a princípio sobretudo na Polônia. Fundaram algumas colônias em forma de vilas, e então foram deixados em paz. Traziam consigo, e mantinham, a sua língua alemã, fosse pela orientação fundamentalmente conservadora do judaísmo, por fidelidade à antiga pátria, ou por desejar uma ligação com os irmãos de fé que haviam ficado na Alemanha. Não viam muita razão em adotar a língua polonesa – a cultura alemã, que cultivavam, era tida por eles como bem superior à dos camponeses da Polônia.

Nessas primeiras ondas de expulsão, encerradas com a queda dos tártaros (1241), podemos visualizar o início da evolução de um iídiche inde-

pendente. Os seus falantes compunham a mescla do mundo alemão com o eslavo. A língua desligou-se do processo evolutivo da língua alemã e assumiu o seu próprio caminho, em cujo transcurso se infiltrariam palavras eslavas, sobretudo no cotidiano dos trabalhos domésticos, dos ofícios diversos e da agricultura.

Isolamento em guetos

Um segundo golpe a afetar esse desenvolvimento peculiar deu-se na própria Alemanha. A partir do século XIII (com o IV Concílio de Latrão, em 1215), os judeus remanescentes passaram a ser paulatinamente privados de seus direitos, e os bairros judeus, que já existiam, foram transformados em guetos fechados, para onde os judeus eram levados à força. Esse isolamento, associado à limitação das possibilidades de aquisição – uma delas era a corporação – e ao fato de que a maioria dos ofícios eram proibidos aos judeus, provocou, mesmo dentro da Alemanha, uma segregação mais acentuada e uma evolução específica dos judeus, que se viam limitados a seu próprio círculo e a sua religião ancestral. Seguiram-se as primeiras levas migratórias dos judeus e, entre elas, a do século XVI, quando inúmeros abandonaram as terras do Império Alemão, incluindo a Boêmia e a Áustria, em direção ao leste. Com o passar do tempo, surgiram colônias judaicas também na Lituânia, na Ucrânia e, logo a seguir, na própria Rússia, formando uma linha que, *grosso modo*, se estendia de São Petersburgo (antiga Leningrado), no norte, até Rostow, junto ao rio Dom, no sul. Um decreto do czar, datado de 1794, permitiu o estabelecimento naquelas "circunscrições de assentamento judaico". Tal regulamentação vigorou até a Revolução de Outubro.

Repatriações

Não pretendo entrar em detalhes sobre a história dos assentamentos, mas, se passasse a impressão de que os judeus, sempre em novas levas, migravam para o pacífico mundo eslavo tão-somente em razão da intolerância alemã, estaria simplificando demais as coisas. Pois também no leste havia terríveis perseguições aos judeus. Os *pogromen* (palavra de origem russa) – sobretudo no século XVII, com a rebelião dos cossacos sob o *hetman* ("comandante": essa palavra polonesa e russa remonta à alemã *Hauptmann*) Chmjelnicki, mas também no XIX e, às vezes, até mesmo em conseqüência da remigração – foram movimentos de fuga em direção ao oeste; por exemplo, em 1650, da Polônia e da Ucrânia para Amsterdã. Sigmund Freud, o criador da psicanálise, que nasceu em Mähren e trabalhou em Viena até sua emigração forçada, relata, a partir da tradição oral de sua família – estabelecida em Colônia havia muito –, que seus antepassados tinham fugido para o leste, no século XIV ou XV, por causa das perseguições aos judeus, vindo a retornar, no século XIX, "da Lituânia, passando pela Galícia, à Áustria alemã".

O desenvolvimento lingüístico separado

A formação do iídiche como língua independente do alemão conclui-se, entre um sem-número de problemas, e não sem contragolpes, em um processo que dura um século. Os primeiros passos desse processo, por causa da falta de documentação, encontram-se no escuro. Mais clara é a evolução a partir de, aproximadamente, 1400.

O leão doente

Um dos documentos mais antigos é um manuscrito de 1382, que atualmente se encontra conservado em Cambridge (manuscrito, naturalmente, pois a impressão foi inventada apenas em 1450). Começa assim:

Ein boser lew moelich der wart krank
gross jomer dass er rank.
di tir schouten sin gross not,
ob er lebt oder wer tot.
der hirz trat im in den munt...[1]

Dificilmente se nota a diferença com o alemão da época. Mais ou menos do mesmo período é a mais antiga versão conhecida da *Saga de Gudrun* alemã, em um manuscrito iídiche-alemão, o que se reconhece pelo fato de não estar escrito em caracteres latinos, mas sim hebraicos. (Tratar-se-á em seguida da função da escrita hebraica.)

O *"Ma'asse-Buch"*

O segundo exemplo se origina da era da imprensa; é tirado do *Ma'asse-Buch* (*Livro de Histórias*; em hebraico, *ma'asse* = "história", "acontecimento"), impresso em 1601, na Basiléia, de autor desconhecido. Começa assim:

ein schoen ma'asse buch.
kumt her, ir liben man un vrauen,
un tut das schen ma'asse buch
onschouen...[2]

"Der kleine Jossele"

Um terceiro exemplo mais recente vem das anedotas em iídiche coletadas por colecionadores judeus e publicadas por Salcia Landmann. É assim:

Der klejner Jossele, as er zekrigt sich mit tate-mame, hot a tewe
zu sezn sich untern tisch un wejnen a ganze scho.
Treft sich amol a ness, Jossele sezt sich untern tisch un noch
finf minut rajsst er iber sajn gewejn.
"Jossele, hosst schojn ojfgehert zu wejnen?"
"Nejn, mame", entfert doss sundl, "ich ru mich nor op".[3]

Léxico e estrutura do iídiche
Base alemã

Quem considera apenas estes exemplos e, talvez dando uma espiadela em um dicionário, verifica que *schpil* equivale a *Spiel* ("jogo"), *schpot* a *Spott* ("zombaria"), *schtal* a *Stall* ("estábulo"), *gesunt* a *gesund* ("curado", "são"), *geschwessterkind* a *Vetter* ("primo") ou *Base* ("prima") pode ser tentado a perguntar: mas o que é essa língua senão alemão, apenas escrito de maneira mais lógica foneticamente?

Uma impressão desse tipo é bastante correta de um lado, mas absolutamente incorreta de outro. Certo é que o vocabulário do iídiche (aqui mencionado o iídiche atual, não de escalas mais antigas de seu desenvolvimento) consiste em cerca de três quartos de raiz alemã (várias palavras do alemão

---

1. "Um leão malvado estava gravemente doente e bastante aflito com seu enfraquecimento. Os animais observavam seu grande esforço, (para saber) se estava vivo ou morto. O cervo aproximou-se de sua boca..." (N. da T.)

2 "Um belo livro de histórias. Venham, caros senhores e senhoras, e admirem o belo livro de histórias..." (N. da T.)

3. "Quando briga com papai e mamãe, o pequeno Jossele tem o hábito de sentar-se sob a mesa e chorar por uma hora seguida. Um dia, por milagre, Jossele senta-se sob a mesa e pára de chorar depois de apenas cinco minutos. 'Mas como, já acabou de chorar, Jossele?' 'Não, mamãe', responde o pequeno, 'só estou descansando um pouco.' " (N. da T.)

antigo conservaram no iídiche seu significado original, em contraposição ao alto-alemão, no qual sofreram uma mudança de significado), tendo sido também a estrutura da língua, portanto a gramática e a estrutura da frase, fortemente influenciada pelo alemão. Por outro lado, porém, seis razões se opõem a que o iídiche seja considerado meramente uma variante do alemão:

Âmbito religioso

1. Os textos citados dirigem-se ao povo simples, ou a um vasto círculo de leitores, e são de natureza puramente secular. Assim que nos aproximamos do âmbito da religião, encontramos elementos de fortes características hebraico-aramaicas, como *b'róche*, "benção" (alemão *Segensspruch*); *duchenen*, "distribuir a bênção" (alemão *den Segen erteilen*); *chálef* "cutelo de sacrifício"; *dájen*, "juiz" (alemão *Richter*); *jojm-kiper*, "dia do perdão", (festa judia, alemão *Tag der Vergebung*). A propósito, a proporção de tais hebraísmos em um texto, dificilmente chega a superar uma faixa entre 10 a 15%, e Sigmund A. Wolf, um perito no assunto, considera, essa participação, no iídiche moderno, em média, de apenas 5,5%.

Lógica

2. Os dialetos alemães na base do iídiche representam uma língua popular surgida do cotidiano, bastante distante de qualquer intelectualismo. Os judeus que estudavam nas escolas talmúdicas a escritura pós-bíblica – vários dedicaram a esse estudo sua vida inteira – sentiam-se, com isso, estimulados a debates sagazes no campo teológico e dogmático, assim como no moral e jurídico. As palavras e conceitos de que necessitavam para esses debates, eles tomavam de sua língua religiosa, assim como, por exemplo, *hanacha*, "premissa" (alemão *Voraussetzung*); *hen-hen*, "tanto... quanto" (alemão *sowohl, als auch*); *musskam*, "supondo que" (alemão *angenommen, dass...*); ou *w'ha raja!*, "esta é a prova" (alemão *dies ist der Beweis*). Em casos similares, os alemães adotam fórmulas do latim, tais como *quod erat demonstrandum*, "como se queria demonstrar"; ou *tertium non datur*, "uma terceira (possibilidade) não há".

Eslavo

3. Além dos elementos hebraicos, encontramos no iídiche palavras próprias dos povos eslavos – hospedeiros dos judeus –, de origem prevalentemente polonesa e ucraniana, e mais tarde, também russa. Elas pertencem, como já foi dito, à esfera do cotidiano urbano e rural. Exemplos: de raiz polonesa, *jarmulke* ("solidéu"); *palke* ("pau"); *klejt* ("pequena loja"); de raiz russa, *hosb* ("corcunda"), *blinze* ("omelete"); do ucraniano, *loksch* ("macarrão").

Outros constituintes

4. Outros elementos constitutivos do léxico se originam de línguas românicas, principalmente do espanhol, francês e italiano. A adoção é, em alguns casos, tão remota que não é mais possível identificar sua procedência exata. Essas palavras pertencem, em parte, ao âmbito da cultura e da religião; neste caso, o "monopólio" do hebraico é rompido. Exemplos: *benschen*, "abençoar" (espanhol); *fatscheijle*, "lenço" (italiano); *planchenen*, "lamentar-se" (provençal).

Várias expressões vêm também do latim, como *memern*, "lembrar-se dos mortos" (de *memorare*); e do grego, como *apikojress*, "livre-pensador", do nome do filósofo Epicuro.

Portanto, segundo seu léxico, o iídiche pode ser definido como uma língua mista. Talvez seja importante recordar que não existe nenhuma língua evoluída da qual não se possa afirmar o mesmo – inclusive o alemão.

Gramática

5. Que o iídiche não apenas tenha miscigenado elementos heterogêneos, mas também os tenha fundido em uma unidade, pode-se ver pelo fato de

que categorias e modelos gramaticais possam ser utilizados em palavras de diferentes origens. Assim, verbos de raiz hebraica ou eslava podem conter a terminação do infinitivo alemão *-en*: *dawenen* ("rezar"); a origem do radical da palavra é incerta, alemão ele não é. De modo inverso, uma palavra de radical alemão, como *pojer, pouer* ("camponês", alemão *Bauer*), pode formar o plural com a terminação hebraica *-im*: *pojerim, pouerim* ("os camponeses", alemão *die Bauern*). O mesmo ocorre com palavras de origem latina: *doktorjim* ("os doutores"). E o iídiche *klojsnik*, formado da palavra alemã *klause* ("cela de convento", "clausura") e da terminação eslava *-nik*, define uma pessoa que passa o dia todo na *Klause*, ou seja, na sala de orações. E paremos aqui com a gramática.

A escrita

6. A impressão de ter a ver com uma simples variante do alemão seria refutada mais radicalmente se o leitor não tivesse visto – como acima – os textos dos exemplos em uma transcrição em caracteres latinos, mas sim no original: neste caso eles são escritos ou impressos em caracteres hebraicos.

O hábito de transcrever em caracteres hebraicos as línguas dos países hospedeiros foi seguido pelos judeus, não só com referência ao alemão, mas a muitas outras línguas. Gostaria de ilustrar e explicar a escrita hebraica juntamente com as línguas semíticas (cf. capítulo X). Ela é escrita da direita para a esquerda, e seu alfabeto tem, em essência, símbolos apenas para as consoantes. As vogais são deixadas de lado, o leitor as complementa a partir do contexto; em outros textos, porém, as vogais são anotadas com pontinhos.

Esse hábito fez com que as palavras de origem alemã fossem transcritas em geral segundo critérios puramente fonéticos: "Escreva como se fala", é também o que ocorre na transcrição. Escreve-se portanto *ler* e não *leer* ("vazio"), *fukss* e não *Fuchs* ("raposa, o [s] surdo é sempre representado por consoante dupla). Vez por outra, em detrimento da característica do iídiche, tentaram-se e foram difundidas transcrições modeladas na ortografia do alto-alemão.

Suplemento para a história da evolução do iídiche

No grande salto que dei dos primórdios do iídiche para atingir os tempos modernos, deixei de lado fatos que, mesmo em um rápido panorama, não podem deixar de ser mencionados.

A época na qual o neo-iídiche se consolidou como língua autônoma, começando também por desenvolver uma literatura própria, pode ter como data aproximada 1750. Antes dessa época, as acusações freqüentemente levantadas de que essa língua judaica nada mais seria que um alemão deteriorado, adulterado, uma língua incompreensível e mistura desagradável, podem até ter tido certa razão de existência. Mas convém saber, para julgar corretamente, que esse desenvolvimento lingüístico foi produto de circunstâncias impostas aos judeus pelo mundo cristão em torno deles. Ocorre o mesmo com outras acusações: características que eram denominadas depreciativamente "típicas dos judeus", como, por exemplo, o "espírito de sovina", a "agiotagem", a "covardia na luta", resultavam do isolamento imposto aos judeus e do fato de que a maioria das profissões lhes era vedada. O desenvolvimento do Estado de Israel fez com que muitos desses preconceitos e acusações fossem desfeitos.

Depois de 1750, permanecia totalmente aberta – para o observador retrospectivo – a questão de como se teriam desenvolvido as condições lingüísticas entre os judeus da Europa oriental. O grande movimento espiritual do Iluminismo, que, nascido na Inglaterra, se expande para a França e Alemanha, e ao qual se devem conquistas como o fim dos processos por bruxaria, a

abolição da tortura, das cruéis penas corporais e, por fim, da escravatura, bem como a Declaração Universal dos Direitos do Homem, gerou também nos judeus a esperança de poderem obter gradualmente a equiparação dos direitos civis. O apelo universal à tolerância religiosa tornou a distância entre os cristãos e os judeus menos intransponível. Na França, com a Revolução, na Áustria, com o Edito de Tolerância de José II, pouco a pouco foi sendo aliviada a pressão havia séculos exercida sobre os judeus.

Moses Mendelssohn

Merece destaque uma figura que reproduz claramente a situação dos judeus de então, também do ponto de vista lingüístico: a de Moses, filho (*Sohn*) de Mendel (ou Menachim) Heymann, que depois passou a se chamar Moses Mendelssohn. (Seus filhos fundaram o Banco Mendelssohn, que continuou sendo, até 1933, um dos principais bancos privados alemães; seu neto foi o compositor Felix Mendelssohn-Bartholdy.)

Nascido no pequeno gueto judeu de Dessau (Anhalt), aos catorze anos Moses partiu a pé para Berlim, para estudar com um famoso rabino. Uma benévola família judaica acolheu o pobre jovem que, até aquele momento, sem freqüentar a escola talmúdica, só falava o judeu-alemão comum da Alemanha Central. As autoridades religiosas judaicas impediam que seus alunos aprendessem alemão para assim evitar conhecimentos e impulsos seculares que os expusessem ao perigo da heresia e do desconhecimento das leis mosaicas. Moses Mendelssohn, contrariando essa proibição, aprendeu o alemão tão bem que logo publicou livros nessa língua, o que causou sensação. Aprendeu também o latim, o grego, o inglês e o francês, estudou a filosofia alemã de seus contemporâneos e conseguiu penetrar na burguesia culta de Berlim. Desse modo, conheceu Gotthold Ephraim Lessing, que o imortalizou na figura de Nathan – *Nathan der Weise* (*Natan, o Sábio*). Moses Mendelssohn queria que seus correligionários permanecessem fiéis a sua religião (o que ele também fez, embora seus filhos e netos se tenham convertido ao protestantismo), mas que, de resto, escapassem à limitação espacial e espiritual do gueto e entrassem para o mundo intelectual do Iluminismo europeu. Para isso, precisavam aceitar a língua do ambiente que os circundava e renunciar ao judeu-alemão ou ao iídiche. Mendelssohn também traduziu o Antigo Testamento para um alemão muito bom (impresso em caracteres hebraicos).

Da mesma opinião que ele eram muitos judeus cultos, especialmente da Lituânia, onde o judaísmo foi mais fortemente influenciado pelo Iluminismo e pelo Racionalismo. Os iluministas judeus – chamados de *Maskilim* – queriam conduzir seu povo ao caminho indicado por Mendelssohn, mas, para poder anunciar a sua mensagem, precisavam necessariamente utilizar-se da língua iídiche, que detestavam e pretendiam eliminar; essa língua, porém, era o único meio de atingir seus correligionários menos instruídos. Desse modo, ocorreu que os pregadores da extinção do iídiche precisaram fazer sua propaganda nessa língua.

Essa propaganda não alcançou seu objetivo. Pelo contrário, exatamente nesse momento histórico, surgiram pessoas que reconheceram a beleza e a peculiaridade dessa língua até então desprezada. Surgiu assim uma literatura iídiche, a ser rapidamente tratada aqui.

A literatura iídiche
Hassidismo

A literatura iídiche mais recente tem inúmeras raízes na literatura hebraica de séculos passados, e deve importantes estímulos ao movimento popular místico-religioso conhecido como *hassidismo*, vivo a partir de 1800, prin-

cipalmente ao sul da área de povoação judaica. Os ditos, anedotas e parábolas do hassidismo, simples e impregnados de profunda religiosidade e resignação à vontade divina, eram compostos e transmitidos em iídiche, como convinha a seu caráter popular. Em nosso século, o mérito de sua difusão e conservação cabe a Martin Buber.

No início do século XIX, surgiram – depois da tradução alemã de Moses Mendelssohn – também traduções de textos bíblicos em iídiche. Em 1817, surgiu a primeira obra secular e científica em língua iídiche: a tradução de uma versão alemã da história do descobrimento da América.

Ampla ressonância obtém como um dos primeiros escritores iídiches Israel Aksenfeld (1787-1862), que pretendia, com dramas e narrativas, atingir principalmente "as mulheres (judias) simples, que não conhecem nenhuma outra língua". Ele viveu em Odessa.

O primeiro escritor profissional iídiche foi Isaak Meir Dik (1808-1893), cujas histórias realistas, publicadas em brochuras, alcançaram amplas tiragens.

A partir de então, desenvolve-se tanto o caudal de escritores em iídiche – surgem publicações de lírica, drama, ensaios de crítica social e revolucionários –, que uma simples enumeração de nomes não tem mais sentido. Por esse motivo, gostaria apenas de citar alguns poetas, cuja obra conseguiu determinado prestígio de clássica. Mendele Mojcher Ssforin (pseudônimo, 1835-1917) é um dos criadores do romance iídiche moderno. Ele ilustra em quatro grandes romances sociais o mundo judeu na Polônia e na Rússia.

Poemas, baladas, lendas, mas principalmente narrativas, foram criados por Jitzhak Lejbusch Perez (1851-1915). Humor e sentimento trágico de vida impregnam a obra de Scholem Alejchem (1859-1916). A criação de Schalom Ash (1880-1957), o primeiro escritor iídiche a atingir fama mundial, já pertence ao século XX.

Isaac Bashevis Singer (1904-1991), que viveu décadas nos E.U.A., mas escrevia em iídiche, recebeu em 1978 o Prêmio Nobel de Literatura.

Teatro

Até a Segunda Guerra Mundial, havia teatro iídiche em várias cidades da Europa Oriental. Abraham Goldfaden (1840-1908) é considerado o fundador da tradição teatral iídiche. Nos anos de 1910 e 1911, Franz Kafka assistiu em Praga a representações iídiches de companhias visitantes. Longas passagens de seus diários fazem referência à profunda impressão que essas representações lhe causaram. Ele assistiu a uma peça de Goldfaden, *Sulamith*, uma espécie de ópera. O estudo do americano Evelyn Beck intitulado *Kafka and the Yiddish Theatre* (1971) demonstra de maneira convincente como, a partir de 1912 (*O Processo*), o estilo e a peculiaridade kafkianos se formaram e se consolidaram sob a influência do teatro iídiche.

Difusão do iídiche

Existem dados relativamente seguros a respeito do número de pessoas falantes do iídiche como língua materna, referentes à época anterior à destruição de grande parte do judaísmo europeu oriental, por ordem de Hitler. Esse número deve ter chegado aos 11 ou 12 milhões. Dentre esses, 6 a 7 milhões cabiam à Europa Central e Oriental – até mesmo à porção asiática da antiga União Soviética. Após a Revolução, quando os detentores do poder prometeram ampla autonomia às numerosas "nacionalidades" da antiga União Soviética, procurarou-se criar em Birobidjan um distrito autônomo de colonização judaica que hoje perdeu suas características (não

há escolas iídiches, a língua oficial é o russo, etc.); comunidades judaicas também podiam ser encontradas fora das "circunscrições de assentamento", em grandes cidades como Moscou, Baku e Tblissi.

Não mais do que 3 milhões de falantes se encontravam na América do Norte. Para lá se havia dirigido, a partir de 1880, grande número de judeus imigrantes, originários sobretudo da Rússia czarista, que de modo geral era tão hostil aos judeus como veio a ser depois o regime soviético.

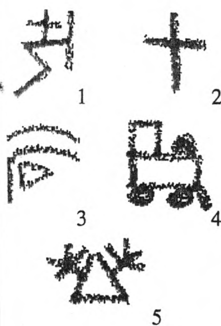
Os demais espalhavam-se por todos os continentes, com centros de gravidade na Europa Ocidental e na Palestina.

O atual número de falantes é estimado em cerca de 4 milhões, concentrados majoritariamente nos E.U.A. e na Rússia. Isso nos conduz ao trágico desfecho desta seção.

A decadência

O extermínio de milhões de judeus, cuja maioria falava iídiche, dificilmente poderia conduzir ao declínio dessa língua notável. O fato de, apesar disso, muitos especialistas no assunto o verem como iminente, decorre de várias causas. São citadas as três mais importantes.

Nos E.U.A., a população judaica é rapidamente assimilada. Os judeus, é verdade, conservam sua religião – desde que não sejam indiferentes religiosamente –, mas adotam a língua e o modo de vida desse imenso cadinho e gradativamente esquecem o iídiche. Nem o fato de ainda haver em Nova York teatros que representam a língua iídiche, de lá existir o mais importante centro científico para a pesquisa do iídiche (transferido de Wilna e chamado YIWO), e de que tal centro tenha podido salvar seus documentos de valor inestimável e enviá-los para o outro lado do Atlântico, nem isso poderá sustar esse processo, segundo todas as previsões.



Gaunerzinken *(Sinais dos malandros)* (hobo signs, *nos E.UA.)*:
1. Aqui há comida em troca de trabalho.
2. Passe por bonzinho e ganhará o que comer.
3. Você pode dormir sobre o monte de feno.
4. Aqui dá para você pular no trem com facilidade (a maneira normal de se locomover dos hobos).
5. Cuidado: o homem tem uma arma.

Depois que os judeus puderam fundar seu próprio Estado em Israel, esse Estado fez reviver uma língua dada como morta: o hebraico, hoje falado no Knesseth e chamado de *Ivrit*. Essa decisão desferiu um golpe mortal na sobrevivência do iídiche – onde essa língua judaica teria melhor oportunidade de sobreviver do que nesse Estado judeu (sem se levar em conta a população árabe)? Há grupos ortodoxos em Israel que se recusam a usar como língua profana o hebraico dos textos sagrados e, por esse motivo, falam iídiche na vida cotidiana; mas são uma minoria.

O terceiro país que contribuiu de maneira decisiva para o trágico fim do iídiche foi a antiga União Soviética, cuja população judaica atual é estimada em 2,5 milhões, dos quais cerca de meio milhão vive em Moscou. A migração pela qual tantos ansiavam era permitida apenas a uma pequena parcela; àqueles que permaneciam ou precisavam permanecer no país, o Estado proibia – como aos outros credos – a livre prática de sua religião. Desse modo, não existindo mais a classe dos rabinos e dos judeus abastados, ou seja, a classe que encarnava os componentes da tradição judaica, e sendo vedada às novas gerações a leitura dos textos sagrados na língua de seus pais, esgota-se uma importante fonte da qual o iídiche se alimentou em sua ascensão: a língua escrita e literária. "Mesmo sem o horrível fim dos *Jidden* (judeus) nos anos hitlerianos, a língua iídiche iria morrer aos poucos no leste soviético" (Salcia Landmann).

Por volta da metade do século XIX, exercia a função de alto funcionário da polícia na cidade hanseática de Lübeck – então um Estado autônomo

–, um jurista alemão com o belo nome huguenote Christian Friedrich Benedict Avé-Lallemant. Ele se interessava por psicologia e psicopatologia criminais, e percebeu que deveria continuar a estudar o submundo social, se quisesse mostrar à polícia caminhos eficientes no combate ao crime. Assim, procurou observar os criminosos onde podia (por exemplo, seus sinais secretos com as mãos). Aprendia com eles – desde que fossem comunicativos –, o que se deu, por exemplo, com uma velha cigana ladra. Como fruto de seu trabalho de vários anos, surgiu em 1858 a obra *Das deutsche Gaunertum in seiner sozial-politischen, literarischen und linguistischen Ausbildung bis zu seinem heutigen Bestande* (*Formação Político-Social, Literária e Lingüística do Mundo da Malandragem Alemã até sua Situação Atual*). Os romances e pesquisas que publicou – entre eles um sobre escritas secretas – há muito tempo foram esquecidos, mas seu "mundo da malandragem" é, até hoje, uma fonte importante para aqueles que se interessam pela história da criminalidade na Alemanha e pelo *Rotwelsch*, a língua dos malandros.

O "Rotwelsch" — a gíria dos malandros alemães
Avé-Lallemant

Lallemant observou que os vagabundos, em especial a parcela de criminosos, utilizavam uma linguagem secreta para se comunicar entre si, incompreensível para os estranhos; sentiu-se impelido a estudá-la e, quando verificou que ela continha uma parcela bastante grande de palavras do iídiche, decidiu, a partir dos caracteres hebraicos, aprender essa língua. A última parte da primeira edição de sua obra era composta de uma gramática judaico-alemã com léxico, mais uma gramática e o léxico da língua dos malandros.

O nome "Rotwelsch"

O fenômeno da criação, por parte de mendigos e delinqüentes, de uma língua particular, de uma língua setorial ou grupal bastante diferente da língua de uso geral, e mais ou menos incompreensível para os falantes desta, existe naturalmente em outros lugares. Em francês, essa língua é chamada de *Argot*, em inglês de *Thieves'Latin*, etc. Em alemão, impôs-se desde a Idade Média o nome *Rotwelsch*, onde *Rot* ("vermelho") se refere ao mendigo profissional (talvez porque freqüentemente os mendigos, para provocar compaixão, se sujavam de sangue ou envolviam uma faixa embebida em sangue na cabeça). E *welsch*, neste caso, não significa nada além de "estranho", "incompreensível". Na Alemanha meridional, essa língua também era conhecida como *Jenisch*. Falar de uma gíria dos ladrões, dos vagabundos, dos mendigos, como se cada um desses grupos tivesse desenvolvido uma língua especial, é um erro. Trata-se muito mais de uma língua comum a todos os "errantes" – com uma exceção importante: os ciganos (dos quais falarei no final deste capítulo), que na verdade contribuíram com expressões para essa língua, mas conservaram seu próprio idioma, de um tipo totalmente diverso, e de outra origem.

Literatura mais antiga

Desde o final da Idade Média, há testemunhos escritos que comprovam o conhecimento, por parte dos cidadãos e das autoridades, da existência da língua dos malandros. Nos séculos XIV e XV, surgiram em livros pequenas seleções de palavras dessa gíria. É de 1450 um *Baseler Rathsmandat wider die Gilen und Lamen* (*Mandato do Conselho de Basiléia contra os Pálidos e Paralíticos*). *Lamen* equivale a *Lahmen* ("paralíticos"); *gil* quer dizer "pálido", "amarelado", e refere-se ao hábito dos mendigos (que então já formavam uma corporação bem organizada) de se besuntar com

argila para parecer doentes e assim despertar compaixão. Esse mandato contém uma lista de vocábulos em *Rotwelsch*.

Bastante conhecido foi um livro difundido a partir de 1510 (na era da imprensa), em várias edições, chamado *Liber Vagatorum* (*O Livro dos Vagabundos*), isto é, dos "viandantes". Ele também continha um dicionário-miniatura da língua dos malandros. Em 1528, Martinho Lutero o reeditou, explicando no prefácio suas razões: "...para que este livrete não só permaneça à luz do dia, mas para que todos vejam e compreendam como o diabo poderosamente continua a governar o mundo..." Portanto, seria como uma advertência e informação para o cidadão pio e respeitador das leis. Eis alguns exemplos do *Rotwelsch* do século XVI, com as formas "alemanizadas", tal como grafadas no original:

Beschocher, "*trunken*" ("bêbado"); *Clafott*, "*cleydt*" ("roupa"); *Fetzen*, "*arbeiten*" ("trabalhar"); *Gleidenboss*, "*hurhauss*" ("bordel"); *Rot boss*, "*betier herberg*" ("hospedaria de mendigos"); *Sefeln*, "*scheissen*" ("cagar"); *Wetterhan*, "*hut*"" ("cabana"); *Wunnenberg*, "*hubsch jungfraw*" ("donzela bonita"); *Zwicker*, "*hencker*" ("carrasco").

"Rotwelsch", iídiche e alemão

Diferentemente do iídiche, a língua dos malandros não representa "uma língua formada de maneira natural, mas sim fabricada artificialmente, secreta" (Avé-Lallemant), portanto um tipo de código secreto apenas para iniciados. De onde seus criadores poderiam tirar as palavras de uma língua desse tipo, para que as pessoas ao seu redor não pudessem entender? Palavras alemãs só seriam adequadas se estivessem em desuso, se fossem pouco conhecidas ou pertencessem a um dialeto distante – ou se elas fossem empregadas em outro sentido, ou, por assim dizer, com uma inversão de sua função originária. A única língua "estranha" com a qual os viandantes tinham contato constante era a língua dos comerciantes e dos vendedores ambulantes judeus, que a levavam consigo em suas andanças, portanto o judeu-alemão, ou iídiche. Os que mais se adaptavam eram fragmentos iídiches de raiz hebraica, portanto incompreensíveis para o alemão comum. Já que essas palavras freqüentemente pertenciam à esfera religiosa, pela qual os vagabundos não se interessavam absolutamente, eles mudavam seu sentido, e com freqüência de uma maneira maldosa e espirituosa. Um exemplo tornará isso mais claro. Os judeus praticantes costumam prender no umbral da porta de suas casas uma cápsula, na qual se encontra um rolinho de papel com uma frase bíblica. O devoto, ao passar, toca respeitosamente a cápsula com a mão, de maneira semelhante ao católico com a água benta. O umbral da porta chama-se em iídiche *mezuzá*; logo, porém, essa palavra passou a denominar também a cápsula ou o rolinho de papel. Em *Rotwelsch*, a palavra surge novamente: *mesuse*, "prostituta". Como assim? Fica na frente do umbral da porta, e qualquer um pode tocá-la...

Alguns pesquisadores do iídiche (no século XIX ocupou-se deste tema também Hoffmann von Fallersleben, o poeta do hino nacional alemão) salientaram a maldade, a sagacidade, a pilhéria – normalmente, decerto, empregadas com um fim maldoso e blasfêmico – contidas nesse vocabulário marginal. Um dos pesquisadores, Gross, caracteriza o *Rotwelsch* como uma construção feita do secreto e do infantilmente não-desenvolvido, do rodeio e da insinuação, da mentira, da falsidade e do transformado, do escárnio e da ironia, do escorregadio e do incompreensível; sensualmente

rude, resistente, cosmopolita e rigorosamente auto-segregada, entendida por toda parte e sem pátria.

Quando surgiram os ciganos – o que ocorreu apenas no século XV –, foi possível complementarmente recorrer à sua língua.

Mais vocabulário do que língua

Em contraposição à caracterização de Lallemant, deve-se dizer, restritivamente, que o *Rotwelsch* não é uma língua em sentido total, com regras próprias para a construção da frase e da gramática, e com um léxico apropriado para tudo. Ele representa muito mais, de modo semelhante à gíria dos caçadores, dos marinheiros, dos estudantes: um amplo vocabulário de grande interesse dos mendigos e dos malandros, principalmente para coisas que têm a ver com crime, polícia, Justiça, prisão, e também com comer e beber (ou melhor, embebedar-se), com o meretrício, com os albergues e com dinheiro.

E, para evitar mal-entendidos, acrescente-se: a parcela assustadoramente elevada de palavras de origem iídiche não significa que os falantes do *Rotwelsch*, em sua maioria ou preponderantemente, tenham sido judeus. Não há nenhuma indicação de que os judeus tenham constituído uma parcela proporcionalmente grande entre os vadios ou criminosos. É claro que existiram, isoladamente, também bandos de judeus – e quem se admira disso ao observar o tratamento que lhes era imposto de tempos em tempos?

O domínio dessa gíria dos malandros revelará um membro da "corporação" a outro quase infalivelmente. Um grupo de viandantes estabeleceu domicílio na Francônia, e seu *Rotwelsch* conservou-se até os dias de hoje, com o nome *Schillingsfürster Jenisch*. Também em um bairro da cidade de Münster (Vestfália) ainda se fala *Rotwelsch*, ali chamado de *Masematte*.

Exemplos

Entre os inúmeros termos dessa gíria para "dinheiro", *Blech* ("lata") e *Pulver* ("pólvora") são transformações de palavras alemãs, enquanto *Torf* ("turfa"), *Kies* ("cascalho"), *Moss* ("musgo"), *Pinkepinke* ("vinténs") e *Zimt* ("canela") são palavras iídiches de origem hebraica, assim como *Schmiere stehen* ("ficar de tocaia"), de *schmira*, "guarda", "vigilância". *Schlamassel* ("azar") é iídiche/*rotwelsch*, assim como *ausbaldowern* ("espionar"), *Bammel* ("medo"), *kess* ("atrevido, sabidão"), *dof* ("idiota"), *Fratze* ("cara", "rosto"), *Kassiber* ("mensagem escrita passada entre presos"), *Kluft* ("roupa"), *Knast* ("pena", "prisão"), *meschugge* ("maluco"), *Mischpoche* ("clã", "bando"), *Mumpitz* ("erro", "asneira"), *nassauern* ("viver às custas dos outros"), *Pech* ("azar"), *Penne* ("albergue"), *Pleite* ("duro", "sem dinheiro"), *Schmus* ("conversa fiada"), *einseifen* ("enganar"), *Tinnef* ("refugo", "lixo").

É muito provável que derivem de expressões iídiche-*rotwelsch*, por transformações populares, expressões idiomáticas consideradas por todos alemãs, tais como *Das ist im Eimer* ("Foi pro brejo"); *Wo der Barthel den Most holt* ("saber das artimanhas"); *Jemandem wie einem kranken Gaul zureden* ("tentar convencer [inutilmente] alguém de alguma coisa").

Do iídiche para o alto-alemão

Não se pretende aqui afirmar que todas as palavras de origem iídiche do alemão atual tenham vindo através do *Rotwelsch*. Elas podem ter sido também adotadas de maneira direta, como (bastante provavelmente) *Schmarotzer* ("parasita") ou *bigott* ("beato"). Por fim, palavras hebraico-aramaicas, como, por exemplo, *Manna* ("pão dos céus"), *Mammon* ("riqueza"), *Tohuwabohu* ("confusão", "caos"), podem ter entrado no alemão por meio de traduções da Bíblia, tais como a palavra *Jubiläum*, do hebraico

jobel (*Widderhorn*, "chifre de carneiro", que era soado no princípio de um ano jubilar), através do latim (*iubilare*, *annus iubilaeus*).

A língua dos ciganos
Observações preliminares

Neste caso ocorre algo semelhante ao que acontece com o iídiche: sem conhecimentos a respeito desse povo e de seu destino, é difícil compreender algo a respeito da peculiaridade de sua língua. No entanto, vai além dos objetivos deste livro aprofundar-se no conhecimento desse povo, seu caráter, as concepções religiosas, as belas lendas a respeito de sua origem e da maldição que recaiu sobre ele, a arte de predizer o futuro, a astrologia, os hábitos e costumes; ou, ainda, falar de seu papel na música européia (vide, por exemplo, Franz Liszt, que não apenas compôs as *Rapsódias Húngaras*, mas também escreveu um livro sobre a música dos ciganos na Hungria; Johannes Brahms; a *Carmen* de Bizet; o *Barão Cigano*, de Johann Strauss); e na literatura (Victor Hugo, Prosper Mérimée); e sobre a perseguição e a dizimação nos campos de concentração da época de Hitler.

A primeira aparição dos ciganos na Europa data do início do século XV. Depois da decadência do domínio da "horda de ouro", eles emigraram para os Bálcãs, surgiram em 1417 na Transilvânia, em 1418 em Zurique, Frankfurt, Magdeburg, Lübeck, um ano mais tarde na Provença, em 1420 na Holanda, em 1422 na Itália, em 1433 na Dinamarca, em 1447 na Espanha. No século XVI atingiram a Suécia. E, por onde passavam, logo se espalhava a fama de que se tratava de uma "corja de ladrões". Eram expulsos, mediante subornos em dinheiro ou à força; vários países tentaram em vão torná-los sedentários – a Áustria, por exemplo, sob o reinado de Maria Teresa – ou torná-los servos de gleba.

Sobre o estudo da língua cigana

"Para o mimo, a posteridade não tece coroas": o que essa máxima de Schiller expressa correspondia à realidade, de modo inevitável, nos tempos passados; a arte do grande ator chegava ao fim com sua retirada de cena ou sua morte. A invenção do cinema sonoro e da fita magnética modificou essa situação. Infelizmente, essa frase é válida *mutatis mutandis* também para os lingüistas, mesmo os mais importantes, embora sua obra se conserve e seja acessível a todos. Enquanto vivo, é ao menos conhecido por seus colegas (se bem que nem sempre reconhecido), embora o público não saiba nem mesmo seu nome.

Desse modo, cumpro um dever de honra ao citar aqui três homens – e o título de suas obras – que se dedicaram ao nascimento e desenvolvimento de uma área isolada da lingüística, chamada *filologia romani* – um termo bem pretensioso para a ciência de um povo errante, geralmente desprezado e, na melhor das hipóteses, tolerado! Os ciganos denominam-se *rom* em sua língua, literalmente "homem" (no sentido de "ser humano"), e sua língua é chamada de *romani*. Na República Federal da Alemanha, eles se denominam atualmente *sinti*.

A obra desses três homens abrange um século.

Em 1782, apareceu em Leipzig *Von der Sprache und Herkunft der Zigeuner aus Indien* (*Sobre a Língua e Origem dos Ciganos da Índia*), de Jacob Carl Christoph Rüdiger, que contém os primeiros conhecimentos a respeito da origem da língua romani.

Em 1844/45, surgiu em Halle a obra *Die Zigeuner in Europa und Asien. Ethnographisch-linguistische Untersuchung, vornehmlich ihrer Herkunft und Sprache, nach gedruckten und ungedruckten Quellen* (*Os Ciganos na*

Europa e na Ásia. Estudo Etnográfico-lingüístico, em Especial de sua Origem e Língua, Segundo Fontes Impressas ou Não), de Friedrich August Pott, estudioso eminente também em outras áreas.

Franz Xaver Ritter von Miklosich, também pouco conhecido, embora seja um dos grandes de sua área, como fundador da filologia eslava, levou a bom termo a pesquisa com sua obra *Über die Mundarten und die Wanderungen der Zigeuner Europas* (*Sobre os Falares e as Migrações dos Ciganos na Europa*), publicado em 1872-81, em Viena.

Naturalmente, pesquisadores de outros países, como a França, Inglaterra, Polônia, Itália, Noruega (e recentemente também ciganos), trouxeram contribuições essenciais para a pesquisa.

A língua

Independentemente de os ciganos, como na Espanha, a partir do século XVIII, terem conseguido um lugar na sociedade como tocadores de guitarra ou dançarinos, ou de eles, perseguidos ou tolerados de má vontade, terem vagado sem sossego por séculos, sempre um cigano dominava pelo menos duas línguas: a do país em que se encontrava no momento, para a comunicação com os habitantes do lugar, e a sua própria, para a comunicação com outros ciganos. Freqüentemente, porém, mais do que duas línguas! Em uma crônica transilvana de 1762, faz-se referência à chegada de um grupo de ciganos: "150 em número, e com muitas crianças, todos conhecendo o alemão, o magiar e o boêmio, e alguns falando até mesmo o turco..."

Para os não-ciganos, era difícil obter conhecimentos a respeito da língua cigana, por vários motivos. Um deles era que os ciganos não possuíam escrita (hoje, no entanto, há literatura em romani); um segundo motivo era que os ciganos não forneciam a estranhos nenhuma informação a respeito de sua língua; um terceiro: a inexistência de uma língua culta supradialetal, sendo a língua cigana na verdade um aglomerado de dialetos (cf., por exemplo, o título do livro de Miklosich) dos ciganos europeus. As diferenças entre os dialetos são evidentes; no entanto, elas permitem que ciganos de toda a Europa consigam comunicar-se oralmente entre si. O número de falantes é estimado em 3 milhões para a época após a Segunda Guerra Mundial.

A origem

Aquilo que Rüdiger havia demonstrado mais hipotética do que sistematicamente tornou-se evidente por meio do trabalho de Pott, Miklosich e outros pesquisadores: a língua dos ciganos "tem suas raízes incontestavelmente nos idiomas populares da Índia antiga, tanto que ela, em se desconsiderando seu adulteramento e degeneração, pode vangloriar-se – ainda que timidamente – de ter relacionamentos consangüíneos com a estrutura da mais perfeita das línguas: o sânscrito" (Miklosich).

Em outras palavras: trata-se de uma língua indo-germânica, parente do antigo indiano. Os ciganos devem ter partido da Índia, entre 500 e 1000 d.C., para sua peregrinação sem fim.

Misturas e adições

Da Índia, os ciganos atingiram primeiramente o Afeganistão, o Irã e a Armênia. Uma parte deles dirigiu-se, então, para o Egito e, mais adiante, para outros países da África setentrional. Por muito tempo, o Egito foi considerado a pátria dos ciganos; por esse motivo, os ciganos chamam-se *gipsy*, ou *gypsy*, em inglês.

Outros atravessaram a Ásia Menor em direção à Grécia e dali, provavelmente apenas vários séculos depois, se difundiram pela maioria dos

países da Europa. Da língua falada em cada país importante onde ficaram ou onde estiveram, adotaram palavras que passaram à língua romani. Entre essas línguas, citam-se o armênio e o grego.

A história dos ciganos se reflete por inteiro em sua língua, diz-se; com efeito, o vocabulário romani reflete suas peregrinações, de tal modo que estas poderiam ser reconstruídas com o auxílio da pesquisa lingüística. Alguns exemplos tornam essa observação mais clara. Segundo o léxico da língua cigana de Wolf,

batiriorum ("imergir") origina-se do turco,
batohoj ("alforje"), do eslovaco,
dilos ("meio-dia", "sul"), do húngaro,
befelis ("ordem", "comando"), do alemão *Befehl*,
beléa ("infortúnio"), do romeno,
berant ("vara", "estaca"), do neogrego,
kermuso ("rato"), do persa,
kilma ("mercado"), do iídiche ou do *Rotwelsch*.

Também há palavras do finlandês, das línguas escandinavas, do espanhol e do italiano, e até mesmo do galês (em Gales vivem muitos ciganos). Porém, mais de 70% das palavras se originam da antiga Índia.

Relações com o "Rotwelsch"

Que pertinência teria essa referência aos ciganos em um capítulo que trata do iídiche e do *Rotwelsch*? A partir do século XV, caravanas de ciganos andavam também pelas estradas alemãs; ciganos que se sustentavam como negociantes de cavalos e caldeireiros, guias, músicos, ladrões de carteiras, e as mulheres, como pedintes e adivinhas; as fogueiras dos acampamentos, à noite, nos bosques, poderiam ter sido acesas tanto por viajantes como por assaltantes ou por ciganos; por fim, comerciantes e ambulantes judeus em viagem circulavam entre eles e provavelmente se uniam a esses grupos para sua própria segurança; tudo isso fez com que os malandros alemães enriquecessem sua gíria também com fragmentos da língua dos ciganos. Por esse motivo, algumas alusões a esse povo foram feitas por mim – um povo que na era técnico-industrial está condenado a abandonar seu modo de vida e, portanto, suas peculiaridades, e também sua língua. Outra parte da natureza que é "domesticada". Nesse caso, trata-se da natureza humana. Seria talvez a original?

Adendo

Para evitar mal-entendidos, chamo a atenção para o fato de que as três línguas tratadas neste capítulo se relacionam sob alguns aspectos, mas são completamente diferentes em sua essência. *Iídiche*: uma língua autônoma, da família das línguas germânicas, formada a partir do alemão. *Rotwelsch*: a língua especial (o *socioleto*) dos viandantes dentro da Alemanha. *Romani*: uma língua indo-européia, aparentada com o antigo indiano, amalgamada fortemente com outros componentes.

CAPÍTULO IX

O inglês, a nova língua universal

Ressonância universal nos dias de hoje

"Língua universal" foi também denominado o latim no ápice do poder romano, o grego na era dos diádocos, o francês como língua das cortes européias, da nobreza, da diplomacia do século XVII ao XIX — mas apenas o *inglês* alcançou ressonância e difusão autenticamente universais. Ele é conhecido e falado em todos os continentes, na Europa, na América, na Austrália, na África, na Ásia.

Segundo o número de pessoas que o têm como língua materna, ele é superado pelo chinês, mas sua ressonância universal não se fundamenta apenas no número daqueles que o aprenderam como língua de seus pais (cerca de 320 milhões). Devem ser acrescentados aqueles que vivem nos inúmeros países onde o inglês serve de língua veicular supra-regional, como a Índia, onde grande parte da população o utiliza como segunda língua, e, por fim, aqueles que o aprenderam por interesses políticos, sociais, científicos ou outros. Somados, os três grupos devem chegar a um total entre 700 e 800 milhões de pessoas. (Os países que adotam o inglês como língua oficial têm em conjunto cerca de 1,5 bilhão de habitantes, mas nem todos falam essa língua.)

Influência sobre outras línguas

O inglês não influencia e interpreta só a língua alemã, mas também outros idiomas — como testemunham denominações como *franglais, russlish, japlish* — respectivamente, francês, russo e japonês anglicizados. Além disso, há ainda o seu emprego crescente como língua internacional da ciência. Antes de considerarmos o inglês atual, vamos dar uma olhada no desenvolvimento dessa língua, cujos primórdios — de modo semelhante ao caso do latim — são bastante modestos e não deixam entrever nada da sua futura ascensão a língua universal.

Processo de desenvolvimento

A tabela seguinte, que mostra as etapas mais importantes do seu desenvolvimento, serve para tornar mais claro este panorama:

Etapas principais

Séculos V e VI	Conquista e colonização dos anglos, saxões e jutos
Século VII	Cristianização, com influência do latim
Século IX	Invasões e colonização dos vikings
Século XI	Início do domínio normando
Século XIV	O inglês se torna língua dos tribunais
Século XV	Começo da impressão na Inglaterra
Séculos XVI e XVII	Florescimento do Renascimento, a *Bíblia do Rei James*
Século XVIII	Dicionário de Samuel Johnson
Séculos XVII-XIX	Migrantes levam o inglês para a América, Índia, Austrália, Nova Zelândia, África do Sul

No desenvolvimento do inglês distinguem-se tradicionalmente (como no alemão) três fases principais: o inglês antigo, o inglês médio e o inglês moderno. O inglês antigo vai das invasões anglo-saxônicas (metade do século V) à conquista normanda (metade do século XI); o inglês médio, desta data até 1500; o inglês moderno, de 1500 até os dias de hoje. Como no caso do alemão, embora eles sejam diversos em seu processo evolutivo, pode-se também subdividir esta classificação e inserir um período intermediário (por volta de 1400 a 1660) entre as fases do inglês médio e do moderno.

Antes dos anglo-saxões

Antes da chegada dos anglos e dos saxões, a ilha hoje chamada de "Grã-Bretanha" foi habitada por mais de um milênio por tribos celtas, que emigraram da Europa continental no século VIII a. C. Essas tribos se espalharam por toda a ilha até a Irlanda, mas nunca formaram um Estado único. O nome atual da ilha deriva do nome do agrupamento celta dos "bretões".

Os povos mediterrâneos da Antiguidade conheciam a ilha e faziam negócios com ela, principalmente os fenícios. No ano de 55 a. C., com a intenção de assegurar a total conquista da Gália, Júlio César atravessou o canal da Mancha; em uma segunda expedição de conquista ele chegou até o Tâmisa, impondo ali o reconhecimento da soberania romana.

Os romanos

A partir de 43 a. C. a *Britannia* tornou-se, com este nome, província romana. Os romanos estenderam seu domínio até *Firth of Forth,* atingindo a ponta extrema setentrional da ilha por volta de 210 d. C. Fundaram inúmeras cidades e propriedades senhoriais. Entretanto, quando seu domínio terminou, depois de 450 anos, os romanos deixaram poucos traços na língua da população local — de modo bem diverso do que ocorreu na Gália. Assim, as tribos germânicas que aportaram na Bretanha encontraram uma população de língua celta.

O inglês antigo

Os anglos, os saxões e os jutos vieram principalmente do que é hoje o Schleswig-Holstein e da Jutlândia. Segundo a tradição, seus chefes Hengist e Horsa devem ter aportado em Ebbsfleet no ano de 449 d. C., na região chamada de ilha de Thanet, uma faixa de terra que avança no mar do Norte (hoje Ramsgate e Margate). Na verdade, essa informação advém da *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*, do monge Beda, o Venerável, composta em latim em 730, ou seja, quase três séculos depois do evento. Os jutos se estabeleceram na parte meridional da Inglaterra, os saxões nas duas margens do Tâmisa (e daí os nomes Essex, Middlesex, Sussex), os anglos colonizaram pouco a pouco o restante da Inglaterra, expandindo-se sempre para o norte. A população de língua celta foi sendo impelida gradativamente em direção à Escócia setentrional e ocidental e à Inglaterra ocidental, em direção a Gales e à Cornualha — regiões onde até hoje se mantiveram as línguas celtas (com exceção da Cornualha).

Desta divisão que acabamos de relatar, resultaram os dialetos do antigo inglês. Em 596 o papa Gregório I enviou o monge beneditino Agostinho (não confundir com o grande padre da Igreja, que viveu de 354 a 430) como missionário para a Inglaterra. Ele aportou ali com quarenta confrades e tornou-se bispo e primaz com sede em Canterbury. Esses monges e seus sucessores transformaram a Inglaterra em um país cristão e ao mesmo tempo fizeram da região setentrional da colonização dos anglos (que ficava ao norte do rio Humber, e por este motivo foi chamada de Northumbria) a região cultural condutora de toda a Inglaterra, um centro de onde se irradia-

vam os efeitos benéficos até o continente. E nessa região trabalhou Benedito Biscop, fundador de um mosteiro; discípulo dele foi o já citado Beda, o Venerável, mestre de Ecgbeorth de York, mestre de Alcuíno de Tours, mestre de Hrabanus Maurus, abade do mosteiro de Fulda, *Praeceptor Germaniae*, o "mestre da Alemanha", por sua vez mestre de Strabo, abade do mosteiro de Reichenau, no lago de Constança.

Norte e sul

As invasões dos vikings escandinavos, que saquearam Lindisfarne em 793, ao sul de Edimburgo, na costa do mar do Norte, centro de formação dessa doutrina, deram um fim a essa época de florescimento. A partir do século IX o pólo cultural se transferiu para o sul, para Winchester, em Wessex, que o rei Alfredo, o Grande (871-899), transformou em capital. O dialeto de Wessex tornou-se, aos poucos, a língua culta do período do inglês antigo.

Situação da língua

Desse período se conservaram testemunhos escritos não apenas em latim, mas também no inglês antigo. Quem conhece o inglês atual e dá uma olhada nesses venerandos documentos constata com surpresa que a língua sofreu fortes transformações no decorrer de um milênio e o quanto o inglês da época se encontra mais próximo do alemão (mesmo do atual) que do inglês falado hoje em dia.

Talvez o que mais chame a atenção seja o fato de que cada substantivo pertencia então (como no alemão) a um dos três gêneros gramaticais, sem que estes tivessem qualquer relação com o gênero "natural", assim como por exemplo *wīf* (atualmente *wife*, aparentado com o alemão *Weib*, "mulher") e *mægden* (hoje *maiden*, aparentado com o alemão *Maid, Mädchen, Magd*, "moça"), que eram neutros; *sē fōt*, "o pé" (alemão *der Fuβ)*, masculino, *sēo hond*, "a mão" (alemão *die Hand*), feminino, *pæt ēage*, "o olho" (alemão *das Auge*), neutro. Como no alemão, o "sol" (*die Sonne)* era feminino, *a* "lua" *(der Mond)*, masculino. Formas plurais fortes, isto é, formadas por metafonia, são poucas atualmente (exemplo: *goose/geese, mouse/mice*), mas naquela época eram muitas. A declinação dos substantivos conhecia quatro casos.

Os adjetivos não eram — como hoje em dia — invariáveis, mas sim flexionados, seguindo dois tipos: os fortes e os fracos (como no alemão atual). Também os pronomes eram flexionados. Visto que em geral os substantivos não tinham desinências indicadoras do gênero (como era o caso do latim e como ocorre com freqüência no espanhol e no italiano), eram as terminações das flexões dos adjetivos e dos pronomes que os acompanhavam que indicavam o gênero. Quando essas terminações foram aos poucos caindo em desuso, também os substantivos (salvo aqueles que designavam seres vivos e uns poucos outros) perderam seu gênero gramatical.

Essa evolução, que simplificou fortemente o inglês sem prejudicar-lhe a clareza, começou já no período do inglês antigo, sobretudo ao norte da área lingüística, e continuou até o período do inglês médio. As correspondentes simplificações nas conjugações verbais ocorreram mais tarde.

Os vikings

Os já citados vikings, que vieram primeiramente da Dinamarca e depois da Noruega — ou também da Irlanda, das Hébridas, da ilha de Man (onde eles já haviam fundado colônias) —, aqueles vikings que abalaram o mundo de então com expedições conquistadoras que os conduziram para o sul até o Mediterrâneo, para o leste até Constantinopla, para o oeste até a América, não entraram na Inglaterra apenas como guerreiros e piratas, mas aí se es-

tabeleceram, fundaram inúmeras cidades e povoados, dos quais os topônimos terminados em *-by* ("povoado") — Derby — ou *-toft* — Lowestoft — são testemunhos, e contribuíram com um grande número de palavras para o desenvolvimento da língua inglesa. Nos topônimos podem-se reconhecer também raízes celtas.

Inglês médio: os normandos

Ainda mais eficaz que a dos vikings foi a contribuição dos próximos conquistadores: os normandos. Estes, que eram germanos, eram também vikings. Mas enquanto a língua daqueles vikings que penetraram do norte era bastante próxima da dos anglo-saxões, os normandos, antes de chegarem à Inglaterra, tinham colonizado a Normandia conquistada, e aí tiveram contato com o francês da época. Os normandos haviam conservado a audácia de seus antepassados, vindos dos fiordes do norte, mas haviam se adaptado à cultura difundida pelos romanos em seu novo lar, desde que um de seus líderes, de nome Hrolf, obteve como feudo, em 912, do rei francês a região mais tarde denominada "Normandia". Nessa região construíram um Estado vigoroso, com uma excelente organização. Um dos descendentes daquele Hrolf, chamado William, investiu à frente de seus guerreiros em 1066 em direção à Inglaterra, aportou em Pevensey e com a vitória de Hastings iniciou o domínio normando na Inglaterra. A partir de então ela foi regida durante três séculos por reis que falavam francês e que — com uma exceção — mandavam vir da França suas esposas.

Assim, por séculos a Inglaterra foi um país bilíngüe: a aristocracia falava francês, os cidadãos e os camponeses falavam inglês. Acrescentando-se que o latim era língua dominante na Igreja, assim como na área jurídica, devemos considerar a Inglaterra da época um país trilíngüe.

O inglês se torna língua oficial

Essa situação durou três séculos, até que em 1362, com o *Statute of Pleading*, o inglês foi estabelecido como única língua a ser utilizada nos tribunais (os protocolos, porém, continuavam a ser escritos em latim). No mesmo ano, pela primeira vez, uma sessão do Parlamento foi aberta em inglês. Querendo, pode-se falar também de uma nação polilíngüe, pois nas regiões de colonização norueguesa, principalmente no norte, a língua continou sendo, até a época moderna, o norueguês.

A influência do francês sobre a língua da corte e do Direito até hoje é reconhecida pelo uso de fórmulas tradicionais francesas, como *Dieu et mon droit* (inscrição nas armas reais), *Honni soit qui mal y pense* (divisa da Ordem da Jarreteira), *Le roi le veult* (fórmula oficial para o assentimento do rei às leis votadas pelo Parlamento) ou aquele breve *R.S.V.P. (Répondez s'il vous plaît)* que se encontra em convites.

Chaucer

Geoffrey Chaucer (c. 1340-1400), nascido e morto em Londres, então transformada em centro cultural e político, é o poeta cuja obra encarna o novo estágio evolutivo do inglês: a fusão dos estratos lingüísticos românicos e germânicos em uma nova língua. Chaucer dominava o francês (assim como o latim e o italiano), cujo conhecimento ele também freqüentemente pressupõe por parte de seus leitores, mas se utilizou conscientemente da língua inglesa em sua obra *The Canterbury Tales*, que fornece retratos instigantes da vida na Inglaterra de seu tempo.

No período do inglês médio completou-se na conjugação dos verbos uma simplificação semelhante à que já ocorrera com a declinação. Outras peculiaridades do inglês médio, principalmente a adoção de palavras ro-

mânicas e suas consequências, serão tratadas no parágrafo dedicado ao léxico.

Período de transição

A atividade de Chaucer assinala — ou melhor, simboliza, pois sua obra abrange, como se fosse uma lente convexa, as modificações que se produziram no decorrer de décadas e séculos — o fim do período do inglês médio. A partir de 1400 pode-se falar do inglês moderno, embora se deva reconhecer um período de transição que vai até aproximadamente 1660.

Londres, Oxford, Cambridge

Uma de suas características consiste no fato de que Londres (já colonização celta, chamada pelos romanos de *Londinium,* e mais tarde denominada também Lundenburgo) se torna definitivamente o centro da evolução lingüística que se segue, como sede do governo e do Parlamento, como maior cidade do país (com 40.000 habitantes na época de Chaucer) e centro comercial. O papel de Londres e da Inglaterra meridional, cuja língua e pronúncia são consideradas até hoje como critério de referência (mas não para o inglês americano), foi reforçado pelo fato de que as duas universidades mais representativas se encontram nas proximidades; e também porque William Caxton, pioneiro da nova arte de impressão de livros, construiu sua primeira oficina em Westminster (hoje parte de Londres).

Imprensa e Renascimento

A segunda característica desse período de transição é a influência da imprensa no sentido da unificação lingüística. A terceira é o florescimento dos estudos clássicos, o interesse pela Antiguidade grega e romana: o Renascimento, que, nascido na Itália, exerceu forte influência na Inglaterra. O grego (na Idade Média, como na Alemanha, mais louvado do que realmente conhecido) começou a ser estudado com afinco; palavras gregas foram adotadas em grande número, seja diretamente, seja por intermédio do latim. E o próprio latim, não é grande exagero afirmar, foi incorporado ao inglês, e não apenas o latim eclesiástico, mas o latim clássico em toda a sua extensão. E tal foi o zelo na adoção, que palavras latinas que já haviam sido adotadas pelo inglês através do francês serviram novamente de empréstimos, surgindo assim os duplos — como *frail* e *fragile*, *sure* e *secure* — de que voltarei a falar adiante (ver também pág. 103).

A Bíblia do Rei James e Shakespeare

O chamado período de transição conduz o inglês à plena maturidade com a *Bíblia do Rei James*, completada em 1611 com os escritos dos doutos e, principalmente, com a obra de William Shakespeare (1564-1616). É necessário apenas citar esse nome para tornar claro que o desenvolvimento passa, a partir daí, a constituir uma poderosa torrente, quase ilimitada. Seria oportuno incluir, a seguir, toda a riqueza da literatura inglesa.

O período de transição traz também a gradual superposição do inglês ao latim, como língua das ciências. Francis Bacon e William Harvey publicaram suas obras preponderantemente em latim. Isaac Newton, depois que publicou em latim sua obra fundamental *Principia Mathematica,* em 1687, voltou-se para sua língua materna. *Opticks* surgiu em 1704 em língua inglesa.

Séculos XVIII e XIX

Voltemo-nos agora para os filólogos e os dicionaristas. Eles se distinguem pelo esforço em ordenar e unificar a estrutura, que acabava de surgir poderosamente, da moderna língua inglesa. Entre os estudiosos que se esforçaram por alcançar esse objetivo no século XVIII destaca-se um nome: Samuel Johnson (1709-1784), famoso em seu tempo como escritor e crítico, tendo sido o compilador de uma grande edição de Shakespeare. Sua fama se deve, antes de tudo, a seu dicionário, surgido na metade do século, o *Dictionary of the English Language*.

O dicionário de Johnson

A obra contém 43.500 verbetes. Ela os explica — e esta foi uma inovação importante — com o auxílio de não menos que 118.000 trechos de textos extraídos da literatura inglesa. As citações esclarecem o uso das palavras e suas variações de significado. Para o verbo *to take* Johnson distingue mais de cem significados.

Webster

A partir de 1800 surgiram dicionários pormenorizados para o inglês americano, entre eles o que continua merecendo respeito até hoje, de Noah Webster (atualmente *Merriam-Webster*). Por volta da metade do século surgiu em Londres uma Philological Society, que tinha como objetivo criar um novo dicionário, mais abrangente, baseado nos conhecimentos então adquiridos pela lingüística (para os "lingüistas", muitos dos comentários do Dr. Johnson pareciam ingênuos). Vários editores dedicaram seus esforços a essa edição, entre eles J. A. H. Murray. Foram coletados mais de 5 milhões de citações textuais, das quais um terço foi utilizado na obra, que começou a surgir em 1882 e só terminou em 1928, com um total de 15.300 páginas: o *Oxford English Dictionary (OED)*. Ele utiliza os conhecimentos da lingüística histórica, em pleno florescimento desde a descoberta do sânscrito, sendo tido como um dos melhores dicionários do mundo.

O léxico do inglês

Germânico e românico

Embora o inglês tenha adotado palavras de inúmeras línguas — entre suas principais características se encontra exatamente esta, a de ter adotado e continuar a adotar livremente e quase sem problemas palavras das mais variadas procedências —, a grande maioria das palavras ou raízes inglesas são de origem germânica ou românica. Em qual relação? *Grosso modo*, 50/50, dizem os especialistas. Mas aqui devemos ressaltar que, na língua do cotidiano e na língua do homem simples, a participação do germânico é bem maior. As denominações referentes a família (*father, mother, brother, sister, son, daughter)* são germânicas, assim como "dia" e "noite" (*day and night)*, "amor" e "ódio" (*love and hate)*, os numerais *(one, two, three, four, five,* etc.), os pronomes pessoais *(I, you, he, she, it,* etc.), as preposições *(under, after, by, with,* etc.*)*, as conjunções *(and, or, when, before,* etc.*)*, os verbos auxiliares. Em resumo: as palavras mais freqüentes são germânicas.

Anglo-saxônico e escandinavo

O léxico básico deriva, portanto — visto que palavras de raízes celtas são bastante raras, com exceção dos topônimos *(Dover, York)* ou de nomes de rios *(Thames, Avon)* —, dos anglos, dos saxões e dos jutos? Não! Uma parte considerável deriva do escandinavo. Não é fácil distinguir a quota desta participação, pois as línguas de origem germânica eram ainda muito parecidas no período do inglês antigo (c. 450 a 1050), de tal modo que inúmeras palavras teriam soado de maneira totalmente igual, fossem elas de raiz anglo-saxônica ou escandinava, como é o caso de *father* e *mother, summer* e *winter, tree* e *grass, green* e *white*. Em outros casos a origem da língua dos vikings é inequivocamente reconhecível, como em várias palavras que designam coisas do cotidiano como, por exemplo, *birth* ("nascimento"), *egg* ("ovo"), *knife* ("faca"), *root* ("raiz"), *sky* ("céu"), *window* ("janela"), limitando-nos apenas aos substantivos. Também termos do campo jurídico podem ser enumerados como a própria palavra *law* ("lei"). Em alguns poucos casos as raízes anglo-saxônica e escandinava foram mantidas paralelamente como, por exemplo, em *from* ("de...") e *fro* (apenas na expressão *to and fro*).

A forte influência escandinava naturalmente não se fundamenta nos ataques e saques iniciais, mas sim na sua atividade de colonização posterior. A intensidade desta nos mostra grande quantidade de topônimos escandinavos. Os finais *-by* ("povoado"), de *Derby* e *Whitby*, denotam claramente uma colonização escandinava, assim como as terminações *-beck* ("riacho", alemão *Bach*), *-fell* ("colina"), *-scale* ("cabana"), *-thwaite* ("clareira"). E do escandinavo se originam também as composições de verbo + preposição, tão abundantes hoje, como *to take up, to blow up, to set out, to go in (for)*.

Normando e francês

A parte do leão nos vocábulos de origem românica compete ao francês, da época em que este era a língua da corte e da aristocracia (c. 1050-1350), quando na Igreja se pregava em latim ou em francês, mas não em inglês. Naquela época se dizia: *Vor bote a man conne frenss me telp of him lute* ("Quando um homem não sabe francês, pouco se fala dele").

Os normandos trouxeram o francês de sua pátria adotiva para o lado meridional do canal da Mancha; quando, porém, o domínio de seus soberanos se expandiu temporariamente por grandes regiões da França central e meridional, o inglês também se enriqueceu com palavras de seus dialetos, tendo como conseqüência que uma mesma palavra por vezes era adotada em duas formas diferentes. Do normando vem *catch* ("agarrar"), da França central e meridional vem *chasse* ("caça"), e o mesmo ocorre com *warden* e *guardian* ("guarda"). Daí o subtítulo "Normando e francês".

A estratificação social

Que o inglês fosse a língua das camadas inferiores (portanto, principalmente, dos camponeses), e o franco-normando a das camadas superiores, se evidencia, por exemplo, no fato de que o "boi", animal vivo, se chama *ox* (germânico; alemão *Ochse*), mas como carne de consumo, *beef* (francês), o mesmo ocorrendo com *calf* e *veal*. A mesma coisa se verifica nas denominações dadas aos artesãos: as profissões simples, universalmente conhecidas, são em inglês: *baker, miller, shepherd, shoemaker*. Manufaturas "mais refinadas", destinadas, por assim dizer, às pessoas de posse, têm denominações francesas: *painter, tailor, sculptor*.

Uma das razões da extrema riqueza do léxico inglês consiste no fato de ele possuir, para muitas coisas, uma denominação de origem germânica e uma de origem românica, onde na maioria das vezes a segunda indica uma outra nuança, mais abstrata, "mais distinta", requintada: *freedom* ao lado de *liberty*, *depth* ao lado de *profundity*, *happiness* e *felicity*.

O léxico clássico

Mal se havia completado na época de Chaucer a interpenetração dos dois estratos lingüísticos, e logo o Renascimento reviveu o interesse pelas línguas antigas, o latim e o grego. Isso provocou uma adoção quase descomedida de novas palavras, seja diretamente do grego, seja do grego através do latim ou do latim diretamente, ou do latim através do francês, ou do grego através do árabe e uma ou duas línguas intermediárias. O fenômeno atingiu primeiramente sobretudo os doutos, mas a imprensa se incumbiu da rápida difusão das novas palavras.

Palavras gregas foram adotadas, entre outros casos, no âmbito teatral, como a própria palavra *theatre, drama, comedy, tragedy, catastrophe, episode, scene, dialogue, prologue*, etc., assim como para a linguagem filosófica, poética e médica. E se aclimataram ao inglês sufixos gregos como *-osis* e *-itis* a princípio para designar doenças e, gradualmente, para indicar ironia: *radioitis*, por exemplo.

Formas divergentes

Formas divergentes surgiram pelo fato de que uma palavra latina já aclimatada através do francês era adotada pela segunda vez, então diretamente do latim. Assim, ao lado de *frail* surgiu *fragile*, ao lado de *poor*, *pauper*, de *sure*, *secure*, etc.

Foram adotados também sufixos românicos, em especial *-able*, *-ment* e *-ation*, também utilizados em palavras germânicas *(understandable, fulfilment)*. A partir do século XVI as palavras latinas usadas no inglês são inúmeras; dignas de nota são as muitas adotadas sem qualquer modificação: *error, horror, genius, vacuum, omen, census, referendum, veto, complex, ultimatum* — todas também conhecidas em alemão, no qual, porém, até hoje mantêm um certo ar de estrangeirismo.

O mesmo fenômeno ocorre com palavras de raiz grega e latina como, por exemplo, *metamorphosis* e *transformation* ou *synchronic* e *contemporary*. Neste caso a palavra grega soa geralmente mais "erudita".

Outras afluências românicas

Em comparação com a influência francesa, a espanhola e a italiana são bem menores, mas consideráveis em determinadas áreas. Palavras espanholas no inglês são, por exemplo, *armada, guerilla, tornado;* em outros casos, o espanhol serviu como língua intermediária para palavras de origens mais exóticas como *potato* e *tomato*, que vêm de línguas indígenas.
Canyon, mustang, patio vêm do espanhol, que serviu também de transmissor de muitas palavras árabes, entre elas *alcohol, assassin, cipher, elixir, sugar, zenith*. Denominações italianas estão presentes principalmente na área da música (tal como acontece no alemão).

Alemão, holandês

O número de palavras alemãs é relativamente pequeno. *Rucksack, blitz, weltanschauung* são freqüentemente citadas. Um certo número de palavras alemãs serviu de modelo para traduções-decalque: de *sinnvoll* veio *meaningful*, de *Rundfahrt*, *round trip*, de *Wunschdenken*, *wishful thinking*. Mais numerosas são as palavras de origem holandesa, em especial na linguagem da área marítima: *buoy* ("bóia"), *dock, freebooter* ("corsário"), *yacht*.

Exotismos

Semelhantemente a outras línguas européias, pode-se afirmar que poucas línguas não contribuíram de algum modo para o léxico inglês — especialmente por causa da extensão do domínio colonial inglês. Há, entre outras, palavras do russo: *tsar, samovar;* do tcheco: *robot;* do português: *flamingo, veranda;* do turco: *coffee, kiosk, caviar;* do hindi: *nabob, guru, punch* ("cinco", por causa dos cinco ingredientes: áraque ou rum, açúcar, limão, canela, água), *jungle, shampoo;* do persa: *divan, bazaar;* do japonês: *kimono, tycoon;* do malaio: *sago, bamboo;* e de línguas africanas, indianas e australianas.

Peculiaridades do inglês atual
Sem limites

Ao designar as cinco características típicas do inglês (atual) em comparação com as outras línguas aparentadas a ele, será colocada em primeiro lugar, como continuação lógica do parágrafo precedente, a abertura dos limites em matéria de vocabulário; em outras palavras: a disponibilidade, a facilidade com que ele adota palavras de outras línguas, as incorpora, quando se trata de denominar uma coisa, um equipamento, uma moda nova, e quando uma língua estranha oferece uma palavra adequada para a situação. O fato de a incorporação ocorrer freqüentemente sem modificações tem a ver com uma segunda peculiaridade:

Quando o alemão adota uma palavra como, por exemplo, *to jog* ou *to surf*, a pronúncia estrangeira é mantida na maioria das vezes, mesmo que não corresponda às regras da ortografia alemã [dʒɔg, sə:f]; mas, para poder ser empregada na frase, a palavra precisa adquirir desinências apropriadas (neste caso, as do verbo alemão): *joggen, ich jogge, er joggt,* etc.

A perda das desinências

No inglês a adoção é mais fácil, porque no curso de sua evolução esse idioma perdeu a maior parte de suas desinências e porque apresenta um grande grau de regularidade naquelas poucas que ainda existem. Os substantivos ingleses formam — com raras exceções, possíveis de contar nos dedos — o plural com o acréscimo de *-s: dog — dogs; cat — cats; horse — horses.* Na pronúncia, porém, o *-s* destes três exemplos soa diferentemente: [dɔgz, kæts, hɔsiz], dependendo de serem precedidos de uma consoante surda ou sonora, ou de uma vogal. Dos quatro casos, somente o genitivo chamado de "saxônico" tem uma forma própria: *the dog's leash* ("correia", "trela" de cão). Há várias formas de plural irregular por apofonia: *man — men; woman — women; mouse — mice; louse — lice; foot — feet; tooth — teeth;* e *goose — geese;* há ainda as em *-en: children, oxen, brethren.* O adjetivo não é declinável, como já foi dito. O verbo, na maioria das vezes, conhece, além da forma infinitiva, que corresponde à raiz *(ask),* apenas a 3ª pessoa do singular com *-s (asks),* o passado com *-ed (asked)* e o particípio presente/gerúndio com *-ing (asking).* Em comparação, um verbo alemão pode ter mais que uma dúzia de formas: *laufen, laufe, läufst, läuft, lief, gelaufen, laufend,* etc. Quanto ao pretérito, há formas com metafonia, assim como no alemão: *come — came, run — ran, give — gave,* etc.

A forte simplificação das formas gramaticais facilita o manejo das palavras estrangeiras.

Categorias gramaticais e sua possibilidade de intercâmbio

A progressiva perda das desinências conduziu a uma outra peculiaridade: não existindo quase desinências características de uma determinada categoria gramatical (como o *-n* ou *-en* dos verbos alemães), ocorre que um substantivo como *fire* ("fogo") é ao mesmo tempo a forma do verbo *fire* ("incendiar", ou "despedir", em sentido figurado). Incansável e quase imperceptivelmente, as palavras inglesas mudam de função na frase (pergunta-se se este conceito de "categorias gramaticais" se adaptaria ao inglês hodierno). *I buy a book* ("Eu compro um livro"), *book* = substantivo; *I book a flight* ("Eu reservo uma passagem de avião"), *book* = verbo. Às vezes, palavras homógrafas mudam de significado de acordo com a acentuação: *permit* ("permitir"), *permit* ("permissão"). Seria possível falar de um alto grau de desempenho dessa língua.

Formação das palavras

O rápido crescimento do léxico inglês é facilitado pelas várias maneiras de formação de neologismos. De modo semelhante ao grego, ao latim e ao alemão, podem ser formados compostos de termos pertencentes a várias categorias gramaticais: *gentleman, aircraft, shipbuilding* bastam como exemplos. Há um grande sortimento de sufixos e afixos à disposição. Na linguagem técnica são utilizados atualmente — tal como em outros idiomas — prefixos gregos como *poly-, macro-, micro-, para-,* ao lado de prefixos latinos como *maxi-, mini-;* os sufixos tradicionais freqüentemente não têm função inequívoca. Assim, a desinência *-er* na palavra *worker* designa o homem que trabalha, em *diner* o vagão-restaurante, em *fiver* o montante de uma nota de dinheiro (cinco libras esterlinas).

Características da formação de palavras em inglês são:

a) Aglutinação, como em *brunch*, formado de *breakfast* + *lunch*, e *smog*, de *smoke* + *fog*.

b) Regressões, isto é, derivações impróprias, como no caso de *fisher*, derivado de *to fish*. Haveria portanto um verbo *to bulldoze*, antes de surgir a palavra *bulldozer?* Não, mas *to bulldoze* foi formado pelo uso, como *to televise*, de *television*.

c) Justaposições de duas palavras: de *cabe telegram* vem *cablegram;* de *biology* (ou *biological*) *electronics* vem *bionics*.

d) Abreviações: de *advertisement* ("anúncio") vem *ad*, de *examination, exams*. Também em alemão ocorrem abreviações desse gênero, principalmente entre os estudantes: *Wir haben Mathe (= Mathematik)* — "Temos aula de matemática".

e) São freqüentes palavras formadas de iniciais *(acrossemia)*, como *NASA*, de *National Aeronautics and Space Administration*.

Mutação tipológica

Quanto mais uma língua renuncia às desinências flexionais, tanto mais necessita, para permanecer compreensível, de regras severas para a ordenação das palavras na frase. Em alemão, quer se diga *Der Jäger verfolgt den Bären* ou *Den Bären verfolgt der Jäger* ("O caçador persegue o urso"), o significado não muda. Quando, porém, como em inglês, nominativo e acusativo são iguais, o significado é dado pela ordem das palavras na frase: *The hunter pursues the bear* significa o oposto de *The bear pursues the hunter*.

Línguas constituídas de palavras indeclináveis, e que expressam o significado da frase mediante a ordem em que se encontram as palavras, são chamadas de *isolantes* (cf. capítulo XII). Com a perda das desinências, o inglês se aproximou desse tipo lingüístico. O leigo se admirará ao ler em uma obra de lingüística, com referência ao inglês, a seguinte frase: "Tipologicamente ele pode ser colocado entre o mongol e o chinês".

Som e escrita

O inglês falado sofreu transformações decisivas (mutações consonânticas) durante sua evolução, às quais não me referi neste capítulo. Atualmente possui não menos que doze enunciados vocálicos e nove ditongos diferentes, um total de 21 "fonemas vocálicos". Como representá-los todos na escrita se o alfabeto latino usado pelo inglês possui apenas cinco caracteres vocálicos? Esta é uma das causas do abismo existente entre pronúncia e escrita, que torna o inglês atual difícil de ser aprendido pelo estrangeiro. Praticamente não há regras que permitam a quem está aprendendo pronunciar corretamente palavras não previamente conhecidas. E o mesmo som pode apresentar-se na escrita de formas totalmente diversas: o [i] longo aparece em *we* como *e*, em *bee* como *ee*, em *read* como *ea*, em *machine* como *i*, em *key* como *ey*.

A ortografia ora vigente remonta basicamente ao século XV e as mudanças na pronúncia que ocorreram posteriormente não foram adaptadas a ela. Este é o segundo motivo pelo qual *sound* ("som", "pronúncia") e *spelling* ("escrita da palavra", "soletração") divergem tanto atualmente.

Existem vários apelos por reformas, entre eles um, particularmente mordaz, feito pelo escritor Bernard Shaw. Ele sustentava, por exemplo, que a palavra *fish* poderia muitíssimo bem ser escrita *ghoti*, se se tomasse o som [f] de *enough*, o som [ɪ] de *women* e o som [ʃ] de *nation*. Em seu testamento ele legou uma soma considerável àquele que conseguisse criar um alfabeto

capaz de escrever a língua inglesa fonética e inequivocamente. Nasceu assim um *Shaw Alphabet* de 49 letras, ou seja, o dobro do latino. Uma outra tentativa, denominada ITA (*Initial Teaching Alphabet*), se contenta com 44 letras. Ambos os alfabetos estão sendo usados em experimentos pedagógicos com classes de principiantes. Um terceiro sistema foi proposto em 1959 por Axel Wijk.

É digno de reflexão, e até mesmo de espanto, o fato de que uma língua com uma ortografia tão complicada e arcaica tenha atingido a posição de idioma universal.

Tendências centrífugas

Na Inglaterra e na Escócia há uma multiplicidade de dialetos bastante diferentes entre si. Por esse motivo, a pronúncia inglesa "correta" é considerada tradicionalmente como sendo a *British Received Pronunciation (RP)*, ou seja, a fundamentada nos hábitos lingüísticos da classe culta de Londres e do sudoeste da Inglaterra.

Também nos E.U.A. existem diferenças dialetais. O inglês americano mais semelhante ao europeu (e portanto à *RP*) é o da Nova Inglaterra, com centro em Boston. No sul, mesmo que se fale um bom inglês aprendido em escolas, ele é por vezes *unintelligible*.

No Canadá, o inglês é (ao lado do francês) língua oficial; na Austrália e Nova Zelândia não há concorrentes. Na Índia e no Paquistão ele é largamente usado como língua veicular. Na África do Sul é língua oficial ao lado do africâner. Uma língua falada por tantos seres humanos em tantos países (entre os quais várias ilhas do Caribe) pode conservar a própria unidade?

Até agora, as diferenças entre o inglês britânico e o americano têm sido poucas na escrita, mas, atualmente, a *Received Pronunciation* é considerada, menos ainda que no passado, como a pronúncia ideal pela América independente. Sob a influência dos meios de comunicação de massa e da alta mobilidade da população, seguramente surgirá uma norma americana própria. Desse modo, a futura evolução do inglês tem algo de duvidoso. Parece certo que a importância do inglês no mundo atual tende a aumentar e que o léxico dessa língua, já atualmente incomensurável, imenso, não cessará de ampliar-se. Para isso concorrerão não só a rápida evolução tecnocientífica, como também o gosto americano pelos neologismos; os lexicógrafos esforçam-se por coletar e classificar o ininterrupto surgimento de novas palavras, neologismos que, ano após ano, juntam volumes complementares novos aos já gigantescos dicionários ingleses.

CAPÍTULO X

Famílias lingüísticas da Terra: línguas não-indo-européias da Europa e da Ásia

Observações preliminares

Este capítulo trata de línguas "não-indo-européias"; o artigo definido foi deixado de lado propositalmente, pois seria absurdo e impossível dar um panorama de todas as *famílias* lingüísticas.

O que é uma família lingüística?

Esta expressão "famílias lingüísticas", surgida — naturalmente — em relação ao tipo lingüístico das línguas indo-européias, designa, assim como a expressão equivalente "tronco-lingüístico", uma série de línguas que a ciência agrupa — baseada em uma afinidade genética — formando um grupo distinto de outros. O que significa "afinidade genética"?

Três graus da certeza

É preciso distinguir três graus:

1. *Geneticamente parentes* são línguas cuja formação a partir de uma "língua-mãe" resulte evidente ao ser considerada uma série copiosa e ininterrupta de testemunhos escritos. Este é o caso das línguas românicas em relação ao latim.

2. Uma *família* é constituída de línguas cuja evolução a partir de uma protolíngua comum, embora não testemunhada ininterruptamente como no item 1, resulte como sendo assim a partir do estudo das línguas isoladas (ou ramos) e, em particular, daquele estágio mais antigo a que se tem acesso. Este é o caso da família indo-européia, cujo estágio mais antigo não é testemunhado, mas apenas reconstruído.

3. Com base em semelhanças encontradas no léxico (mas, cuidado, as palavras podem ser adotadas sob a forma de empréstimos), e principalmente na gramática e também na fonética, pode-se levantar a hipótese de que determinadas línguas — mesmo que a sua evolução não seja tão bem documentada como nos itens 1 e 2 ou mesmo que os documentos escritos não tenham sido investigados a fundo — formem igualmente uma família. Esse gênero de hipótese pode, como qualquer suposição de trabalho no campo científico, ser confirmado ou desmentido por estudos posteriores. O agrupamento de línguas indianas, africanas e até mesmo de línguas já há muito extintas em famílias se encontra sob essas condições. Em alguns casos a ciência — *faute de mieux* — se vê obrigada a formar simplesmente grupos regionais abrangendo as línguas faladas em uma mesma área.

Critério de seleção

Em uma incursão ou passeio mental que abrange toda a Terra, a partir da Europa em direção de oeste para leste, pretende-se aqui esboçar uma breve apresentação de algumas famílias lingüísticas importantes. O que significa "importante"? Uma família será importante nos seguintes casos:

1. Se for representada por línguas-filhas na Europa; este é o caso, por exemplo, das línguas urálicas.

2. Quando estiver estreitamente ligada à Europa por razões culturais e históricas; este é o caso das línguas semíticas, às quais pertencem o hebraico e o árabe.

3. Quando compreender línguas de povos culturalmente importantes; é o caso, por exemplo, da família sino-tibetana, à qual pertence o chinês.

4. Quando for falada por uma grande quantidade de pessoas ou quando abranger um extenso território.

5. Ao apresentar traços lingüisticamente importantes (isto é, úteis à comparação lingüística).

Panorâmica

Serão apresentados: 1. o *basco*, uma língua européia isolada (não pertencente a nenhuma família); 2. as línguas *urálicas;* 3. as línguas *camito-semíticas;* 4. as línguas *altaicas;* 5. as línguas *caucásicas;* 6. o *chinês*, como membro mais importante da família lingüística *sino-tibetana*. Em 7. segue-se um panorama das línguas *dravídicas;* e no próximo capítulo segue-se: 8. as línguas *do Pacífico;* concluindo com 9. as línguas *ameríndias* (indígenas da América); e 10. as línguas *da África negra*.

O basco — um "outsider"

Situação atual

No sudoeste da Europa, em ambas as vertentes dos Pireneus ocidentais, fala-se uma língua que até hoje não se conseguiu classificar em uma família ou grupo: o *basco*. Foram feitas tentativas principalmente visando a uma relação do basco com a família lingüística camito-semítica, com as línguas caucásicas e com o ibérico, a língua pouco conhecida dos habitantes da península Ibérica antes de sua invasão pelos romanos. Até agora tais atribuições não foram comprovadas cientificamente.

A parte maior do território lingüístico basco fica do lado espanhol, nas províncias de Biscaia, Álava, Guipúscoa e Navarra (que, entretanto, não pertencem exclusivamente à região basca), e a menor na França.

O número exato dos falantes do basco não pode ser avaliado, em parte pela ausência de dados estatísticos suficientes, em parte porque uma grande quantidade daqueles fala também o espanhol ou o francês. É certo que se trata de mais de meio milhão de falantes bascos, mas menos de 1 milhão (desconsiderando-se emigrantes ultramarinos); destes, de 75% a 80% se encontram do lado espanhol. Os bascos gozaram de autonomia oficial apenas por um breve período, durante a Guerra Civil Espanhola de 1936-1937. Depois da queda de Franco, a nova Constituição espanhola lhes concedeu ampla liberdade de direitos — o que não impede que uma ala extremista continue a lutar com meios violentos por uma total independência.

Multiplicidade de dialetos

É surpreendente o fato de que o basco — apesar do território lingüístico relativamente pequeno — se divide em uma série de dialetos, tão diferentes entre si que uma total compreensão entre seus falantes é impossível; deste modo, poder-se-ia classificar os dialetos também como línguas independentes. Um dos mais eminentes estudiosos do basco, o príncipe Louis-Lucien Bonaparte (1813-1891), distinguiu oito dialetos.

História

Os bascos chamam sua língua de *euskara* e a si mesmos de *euskaldunak*. Essa língua já era falada no período romano, como testemunham algumas inscrições da época. A partir do ano 1000 elas se tornaram mais numerosas, e em 1545 foi impresso o primeiro livro em língua basca. Parece certo que o território lingüístico basco, especialmente em sua parte meridional, se estendia outrora bem mais do que atualmente, mais ou menos até Burgos.

Foneticamente o basco atual não é muito diferente do contíguo espanhol, o que pode depender da influência deste, exercida no decorrer de 2.000 anos de vizinhança. A estrutura e a gramática, por sua vez, permanecem sendo estranhas para qualquer europeu não-basco, o que o torna uma língua difícil de ser aprendida. O basco é uma língua aglutinante, isto é, relações gramaticais são expressas (preponderantemente) através de sufixos acrescidos à raiz da palavra: *oin* significa "pé", *oina*, "o pé" (o artigo definido é acrescentado, portanto, em forma de sufixo), em *oinak* acrescenta-se ainda um *-k* como sufixo, que parece ser uma terminação de caso (desinência de declinação), mas que na verdade indica que a palavra é sujeito da frase seguinte, e, aliás, sujeito de um verbo transitivo. A declinação ocorre igualmente por meio de um sufixo, juntado ao substantivo ou adjetivo que o acompanha: *etxe* significa "casa", *etxe berria*, "a casa nova" (artigo *a* acrescido ao adjetivo), *etxe berriari*, "para a casa nova" (preposição *ri* posposta ao adjetivo). Também o verbo e seu comportamento na frase são traiçoeiros (para o estrangeiro).

Peculiaridades

Já na época dos romanos o basco havia tomado empréstimos do latim, o que se reconhece em sua forma: *bake* ("paz"), do latim *pax*, com o genitivo *pacis* ou o acusativo *pacem*, da época em que os romanos ainda pronunciavam o *c* como [k]. Empréstimos bascos em outras línguas são bastante raros. Nomes próprios como *Bolívar* (o libertador da América do Sul) ou *("Che") Guevara* são bascos.

Léxico

A série de números cardinais — que nas línguas indo-européias permite reconhecer claramente o parentesco lingüístico — soa estranha: 1 *bat;* 2 *bi, bida* ou *biga;* 3 *hirur;* 4 *laur* (as duas palavras rimam entre si); 5 *bost* ou *bortz;* 6 *sei(r);* 7 *zazpi;* 8 *zortzi;* 9 *bederatzi;* 10 *hamar*. O sistema numérico é vigesimal (cf. o francês *quatre-vingt* para "oitenta"), e assim o 50 é expresso como "duas vezes 20 mais 10".

Línguas urálicas

Estas línguas ocupam uma vasta área do continente eurasiático, da Suécia setentrional até Ob, na Sibéria, mas são faladas apenas por aproximadamente 25 milhões de pessoas. A família lingüística urálica consiste em dois ramos proporcionalmente bastante diversos, que por vezes são considerados duas famílias independentes.

Línguas samoiedas

As línguas *samoiedas*, das quais distinguem-se quatro, têm no total apenas uns dez milhares de falantes, a maioria nômades, que se espalham em um gigantesco território que compreende aproximadamente de Nova Zemlia até o Ienissei.

Línguas ugro-finesas

Dedicaremos mais atenção ao segundo ramo, pois a ele pertencem as línguas européias de cultura não-indo-européia, ou seja: o *finês* e o *estoniano* (seu vizinho) na Europa noroeste, e do outro lado o *húngaro*, ilha lingüística amplamente extensa em direção a sudoeste. A língua dos lapões (junto com outras da região do Volga) também pertence a esta família. Os lapões vivem como um povo nômade espalhado nos territórios setentrionais da Noruega, Suécia, Finlândia e Rússia.

"Úgrico" e "húngaro" vêm de *ugra*, um nome eslavo antigo para uma região a leste do Ural, onde até hoje se falam línguas úgricas. Acredita-se que toda a família se origine de uma língua hipotética chamada de *proto-urálica*, difundida provavelmente há 8.000 anos na região dos Urais cen-

trais. As línguas atuais se distanciaram bastante umas das outras no decorrer da evolução, mesmo dentro do ramo ugro-finês. A comparação de palavras usadas para coisas do cotidiano, assim como para os números cardinais — que entre as línguas indo-européias permite ainda hoje reconhecer o parentesco entre línguas tão distantes como o antigo sânscrito e o francês atual — não oferece quase nenhum ponto de contato. O húngaro e o finês são tão diferentes em seu léxico que um húngaro e um finlandês não têm condições de se entender, assim como também sua língua materna mal pode lhes oferecer ajuda no aprendizado de vocábulos da outra língua.

Característica fonológica

Como, então, se pode falar aqui de família e de parentesco? As semelhanças surgem claramente — mesmo que apenas para os lingüistas — assim que se dirijam as observações para o campo fonológico e estrutural (morfologia, gramática, sintaxe).

Também o leigo pode ter uma idéia do som do finês e do húngaro, se ele souber que a ortografia de ambas as línguas representa exatamente a pronúncia atual. Ambas as línguas conhecem as mesmas vogais que o alemão, isto é, ao lado do *a, e, i, o, u,* também o *ä, ö* e *ü* (o último escrito como *y* em finês). As vogais podem ser breves ou longas. Em finês, as vogais longas vêm grafadas dobradas, congruentemente, de modo que em um texto com vogais dobradas como *ää* pode-se reconhecer um texto em finês. Os húngaros utilizam um sinal diacrítico para o mesmo fim: *á* [a:] ao lado de *a* [ɔ], *é* [e:] ao lado de *e* ([ɛ] com freqüência), *ő* [ø:] ao lado de *ö* [œ], etc. Uma vogal breve ou longa é um traço distintivo (como em alemão, nos pares *Wall-Wahl).* No estoniano há três tipos de vogais: breves, longas e extralongas. Os finlandeses (e os húngaros) distinguem também coerentemente entre consoantes breves e longas. As últimas são igualmente dobradas na escrita. Para quem fala alemão, é fácil pronunciar uma consoante "longa" quando se trata de sons como [m], [l] ou [r], mas difícil em sons oclusivos, porque neste caso a consoante dupla significa uma espécie de "parada" — como no caso do italiano.

Estrutura

Tanto no finês quanto no húngaro o acento se encontra sempre na primeira sílaba da palavra, mesmo que ela seja bastante longa como o húngaro *a viszontlátásra* [ɔ visontla:ta:ʃrɔ], "até logo"; e palavras longas são freqüentes nas duas línguas, o que nos conduz a uma característica importante de ambas. Palavras longas são freqüentes em línguas que expressam as relações gramaticais principalmente pelo acréscimo de sufixos. No húngaro, do nominativo se formam o dativo com acréscimo de *-nek* ou *-nak,* o acusativo com *-t,* o plural com *-k.* Caso a raiz termine em consoante, entre a raiz e o sufixo existe uma vogal de união.

Harmonia vocálica

Qual vogal? Depende da harmonia vocálica, ou seja, da norma que fixa quais vogais devam estar e onde na maioria das línguas ugro-finesas (e também em outras, como no turco). *Ember* [ɛmbɛr], "ser humano", faz o plural *emberek* (acrescentando-se um *é*); *város* [varoʃ], "cidade", faz o plural *városok* (acrescentando-se um *o*). Portanto, dentro da palavra deve haver uma harmonia das vogais: ou apenas vogais "anteriores", ou apenas "posteriores" (a denominação se refere à posição da língua: nas vogais abertas como *i* ou *ä,* a língua ocupa na boca uma posição mais avançada que no caso das vogais fechadas como *o* e *u*). Os sufixos são justapostos uns aos

outros, de modo que o dativo de *emberek* ("os seres humanos") é *embereknek* ("aos seres humanos").

Outra característica

Outra característica da família é a inexistência de gêneros gramaticais. A declinação tem uma quantidade enorme de casos: até dezoito, assinalados por sufixos (que poderiam também ser chamados de *posposições*), do mesmo modo que as referências especiais de tempo e espaço, tornando difícil a distinção.

Desde que, no século IX, os húngaros, vindos do leste, se embrenharam na zona que atualmente habitam, depois vindo a ser impedidos de avançar mais para oeste pela batalha de Lechfeld (955), domiciliaram-se e, sob o seu primeiro rei, Estêvão, o Sagrado (*Szent István*), converteram-se ao cristianismo, conseguindo preservar a singularidade lingüística em um ambiente completamente estranho. Hoje, com a derrota nas duas grandes guerras mundiais, muitos húngaros vivem fora das fronteiras do Estado húngaro.

Línguas afro-asiáticas

Sob essa designação relativamente nova classificam-se mais de 300 línguas, contando com mais de 300 milhões de falantes. A área de difusão da família estende-se do Atlântico, a oeste, até o golfo Pérsico, a leste, e na direção norte-sul, do mar Mediterrâneo até a Somália e a Etiópia. A essa família pertencem línguas existentes há milhares de anos, das quais o *antigo egípcio* é um caso especial, remontando aproximadamente ao ano 4000 a.C., uma continuação "moderna" no *copta*, língua dos cristãos coptas. Quase tão veneravelmente antiga é o *babilônico-assírio*, de existência comprovada desde o século III a. C. O *antigo hebraico*, durante muito tempo considerado a língua mais antiga da humanidade por ter sido usada na maioria dos livros do Antigo Testamento, é testemunhada desde o século IX a. C. À família pertence ainda o *aramaico*, ainda hoje falado por pequenos grupos, sobretudo no Irã e no Iraque.

Ramos

Outrora, a partir dos filhos de Noé, Sem e Cã, do Antigo Testamento, a referida família foi chamada de família lingüística "camito-semítica". Essa família está hoje dividida em seis ramos: 1. o ramo *egípcio* consiste no *egípcio antigo* e no copta. Ainda que por milhares de anos a cultura egípcia tenha assumido uma posição de liderança, foi insignificante a influência da língua egípicia sobre as outras. 2. Ao *cuxita* pertencem, como línguas mais importantes, tanto o *oromo* (igualmente denominado *galla*), na Etiópia, como o *somali* (língua nacional na Somália, também falado no Egito e no Quênia). 3. Ao *chádico* pertence, como língua mais importante, o *haura* (falado na Nigéria e, como língua franca, também em outros países da África ocidental). 4. As línguas berberes foram dominantes no norte da África até serem rechaçadas pelo avanço do islã, com a invasão árabe. Ainda estão vivas entre etnias como os tuaregues e os rifecabilas, no Marrocos, entre os cabilas, na Argélia, e os habitantes da ilha Djerba, na Tunísia. Às línguas berberes pertence, muito provavelmente, a língua dos *guancos*, antigos habitantes das ilhas Canárias, hoje extinta, suplantada pelo espanhol. 5. O ramo *omótico* é o menor da família, com apenas 1,5 milhão de falantes. 6. O mais forte é o das línguas *semíticas*, composto por mais de 200 milhões de falantes, abarcando línguas hoje extintas, como o fenício, o ugarítico e o babilônico. Há, hoje, na Europa, uma única língua semítica: o maltês. Às línguas semíticas pertencem também o *amárico* (sobretudo na Etiópia), o *tigré* e o *tigrinia* (na Eritréia).

Hebraico e árabe

As línguas semíticas vivas mais importantes são o *hebraico* e o *árabe*, com a mesma estrutura lingüística fundamental, mas escritas diferentes.

O alfabeto hebraico

Consoante hebraica	Denominação	Valor fonético	Consoante hebraica	Denominação	Valor fonético	Consoante hebraica	Denominação	Valor fonético
א	*Alef*	[ˈ]	ט	*Tet*	[t]	פּ, ף	*Pé*	[p]
בּ	*Bet*	[b]	י	*Yod*	[j]	פ	*Fé*	[f]
ב	*Vet*	[v]	כּ, ך	*Kav*	[k]	צ, ץ	*Zadi*	[ts]
ג	*Gimel*	[g]	כ	*Chav*	[x]	ק	*Kuf*	[k]
ד	*Dalet*	[d]	ל	*Lamed*	[l]	ר	*Resh*	[r]
ה	*Hé*	[h]	מ, ם	*Mem*	[m]	שׁ	*Shin*	[ʃ]
ו	*Vav*	[v]	נ, ן	*Nun*	[n]	שׂ	*Sin*	[s]
ז	*Sajin*	[z]	ס	*Samek*	[s]	ת	*Tav*	[t]
ח	*Chet*	[x]	ע	*Ajin*	[ˈ]			

Sinal[1]	Valor fonético	Sinal	Valor fonético	Sinal	Valor fonético	Sinal	Valor fonético
Xַ	[a]	Xֶ	[ɛ]	Xִ	[i]	Xֹ	[o]
Xֲ	[a]	Xֵ	[e:]	יXִ	[i:]	וֹ	[o:]
Xָ	[a:]	יXֵ	[e:]	Xֳ	[o]	וּ	[u:]
Xֱ	[ɛ]	Xְ	[mudo]	Xָ	[o]	Xֻ	[u]

1 O X representa a consoante precedente.

Considerações sobre a tabela

Seguem-se algumas considerações necessárias a respeito da escrita indicada na tabela.

1. Foram reproduzidos aqui os caracteres utilizados para a impressão. As letras cursivas — como no latim — são diferentes.

2. O valor fonético corresponde à pronúncia corrente atual em Israel, mas ainda não totalmente normalizada. Os sinais correspondem à transcrição fonética internacional.

3. Em três casos (bet/vet; kav/chav; pé/fé) dois sinais consonantais diferenciam-se apenas por um ponto. O sinal com ponto representa uma oclusiva; o sem ponto, a consoante fricativa correspondente (b: [v]; k: [x]; p: [f]).

4. Os caracteres do antigo hebraico bíblico são, em princípio, os mesmos, mas a pronúncia em alguns casos é diferente.

5. Com o mesmo alfabeto é escrito também o *iídiche* (cf. capítulo VIII), mas as vogais são representadas diferentemente na maioria das vezes.

A escrita árabe

Ela também é uma escrita puramente consonântica, como a fenícia. Os signos vocálicos, para os leitores de língua materna árabe, podem ser omitidos; o leitor os complementa a partir do contexto.

A escrita árabe é bastante decorativa; na arte é trabalhada em ornamentos maravilhosos, sobretudo nas mesquitas, visto que o Islã não permite a representação de imagens.

O árabe hoje

A língua árabe deve sua difusão atual à campanha de conquista dos sucessores do profeta Maomé, que a levaram até a Espanha. Hoje o árabe

é falado total ou prevalentemente no Egito, na Argélia, no Iraque, no Iêmen, na Jordânia, no Kuwait, no Líbano, na Líbia, em Marrocos, em Mascate e Omã, na Arábia Saudita, em Zanzibar (parte da Tanzânia), no Sudão, na Síria, na Tunísia. O árabe "clássico" é a língua oficial da mídia nas regiões citadas. A língua falada consiste em dialetos, entre os quais se distinguem um grupo ocidental (Marrocos, Argélia, Tunísia), um central (beduínos) e um oriental (Egito, Síria, Iraque). O turista que pretende procurar um guia de conversação para uma viagem a países de língua árabe precisa especificar os países que quer visitar.

O alfabeto árabe

forma livre	forma ligada ao sinal precedente	forma ligada pelos dois lados	forma ligada ao sinal seguinte	valor fonético	forma livre	forma ligada ao sinal precedende	forma ligada pelos dois lados	forma ligada ao sinal seguinte	valor fonético
ا	ـا			[ǀ]	ض	ـض	ـضـ	ضـ	[d]
ب	ـب	ـبـ	بـ	[b]	ط	ـط	ـطـ	طـ	[t]
ت	ـت	ـتـ	تـ	[t]	ظ	ـظ	ـظـ	ظـ	[z]
ث	ـث	ـثـ	ثـ	[θ]	ع	ـع	ـعـ	عـ	[ǀ]
ج	ـج	ـجـ	جـ	[dʒ]	غ	ـغ	ـغـ	غـ	[γ]
ح	ـح	ـحـ	حـ	[h]	ف	ـف	ـفـ	فـ	[f]
خ	ـخ	ـخـ	خـ	[x]	ق	ـق	ـقـ	قـ	[k]
د	ـد			[d]	ك	ـك	ـكـ	كـ	[k]
ذ	ـذ			[ð]	ل	ـل	ـلـ	لـ	[l]
ر	ـر			[r]	م	ـم	ـمـ	مـ	[m]
ز	ـز			[z]	ن	ـن	ـنـ	نـ	[n]
س	ـس	ـسـ	سـ	[s]	ه	ـه	ـهـ	هـ	[h]
ش	ـش	ـشـ	شـ	[ʃ]	و	ـو			[w]
ص	ـص	ـصـ	صـ	[s]	ى	ـى	ـيـ	يـ	[j]

Para os leitores de língua materna árabe, as vogais não são assinaladas.
Para todos os outros se utiliza um sinal vocálico anteposto à consoante precedente: ◌َ (*Fatha*) para [a] ou [e]; ◌ِ (*Kasra*) para o [i]; ◌ُ *(Damma)* para o [u]. Além disso são marcadas para as vogais a duração e para as consoantes a falta de vogal.



Sinal de trânsito no Marrocos. O sinal de itinerário (à esquerda) é bilíngüe (árabe-francês); o sinal de parada é tão evidente que não precisa de tradução.

O papel dominante do árabe como língua da escrita sagrada do Islamismo e como língua de uma civilização por longo tempo superior às vizinhas, assim como o estreito contato com as línguas vizinhas, fizeram com que esta língua englobasse empréstimos (prevalentemente do grego e do aramaico), mas sobretudo que palavras árabes penetrassem em numerosas línguas, como o turco, o urdu, o persa, o malaio, o suáli, o haussa; também as línguas européias tomaram emprestada uma grande quantidade de palavras árabes (como já mencionamos nos capítulos a respeito do inglês e do alemão). A escrita árabe é utilizada pelo urdu e o persa; o turco e o malaio a utilizaram por muito tempo.

Peculiaridade das línguas semíticas

As línguas semíticas têm em comum alguns traços fundamentais. Isto é válido principalmente no campo lexical, como se vê ao se desconsiderar a

diferença de escritas e se colocar lado a lado em alfabeto fonético palavras do hebraico e do árabe:

"irmão": árabe [ax], hebraico [a:x];
"pé": árabe [ridʒl], hebraico [rẹgɛl];
"dia": árabe [jaum], hebraico [jo:m] (cf. com a "guerra do Iom-Kippur").

Escrita árabe. Ornamento de um manuscrito do Alcorão.

Características comuns às línguas semíticas são:

1. A ocorrência de consoantes "enfáticas", isto é, que devem ser pronunciadas com energia especial; elas apresentam dificuldades para o estrangeiro.
2. A relativa freqüência de sons guturais, o que confere a essas línguas — para ouvidos europeus — um timbre áspero, seco.
3. A utilização de escritas compostas originalmente apenas de sinais consonantais; as vogais são marcadas por sinais auxiliares.
4. E o mais surpreendente, o "triconsonantismo" das raízes. A raiz da maioria das palavras árabes (citamos o árabe porque é a língua em que esta característica é mais claramente perceptível) consiste em três consoantes (raramente duas ou quatro), as quais, quando não são acrescidas de vogais, descrevem por si (poder-se-ia afirmar: em forma extremamente "indefinida") um conceito bastante geral.

As raízes

Assim, por exemplo, a seqüência *k-t-b* exprime tudo o que tenha a ver com o "escrever", *k-t-l*, com o "morrer". O pretérito é *kataba*, "ele escreveu"; a forma *kitab*, "o livro", *kutub*, "os livros". Tais formas, portanto, ocorrem por uma modificação dentro da raiz, chamada de "apofonia" ou "flexão interna". Ao lado dessa maneira de formação empregam-se freqüentemente sufixos. Às vezes uma vogal é eliminada, como no caso da gradação do adjetivo: *kabir*, "grande"; *akbar* (a primeira e a segunda consoante da raiz se encostam), "maior"; *al akbaru* (com o artigo definido *al* anteposto), "o maior".



Ao olhar para uma banca de jornais, em Israel, o estrangeiro depara com os títulos dos jornais impressos em letras hebraicas (alguns jornais possuem os textos em uma língua européia com escrita latina).

As mudanças de significado das raízes verbais, que em alemão são obtidas principalmente pelo acréscimo de prefixos (*gehen — begehen — sich vergehen — entgehen — aufgehen — untergehen*, etc.), obtêm-se também por intermédio da chamada flexão interna ou apofonia. O verbo *kataba* (é nessa forma, na terceira pessoa do singular do pretérito, que ele é encontrado nos dicionários) recebe, por exemplo, mediante alongamento da primeira vogal, valor reflexivo: [ka̱taba], "corresponder-se, escrever um ao outro"; através do alongamento da segunda consoante, um valor causativo: [kat:aba], "levar alguém a escrever".

A formação de cada palavra isoladamente ocorre, como dissemos, através de modificação interna ou colateral à raiz, ou seja, através de flexão. Em contraposição, no que diz respeito à relação das palavras na frase, freqüentemente em uma seqüência fortemente estabelecida, elas se alinham simplesmente sem outras caracterizações. Neste sentido o árabe se encontra próximo das línguas *isolantes* (cf. capítulo XII).

Línguas altaicas
Os três ramos

Esta família divide-se em três ramos. Um deles compreende a língua *manchu*, outrora dominante no império chinês (durante o domínio de três séculos da dinastia Manchu), assim como algumas línguas *tungue*, e do qual não darei mais detalhes. Os outros dois ramos são bem mais conhecidos e

mais importantes por seus contatos com a Europa: as línguas *turcas* e as mongólicas.

Os três grupos apresentam semelhanças que fazem parecer provável uma origem comum, mas não a demonstram. Antigamente, essa família, com freqüência, era agrupada com as línguas urálicas, formando uma grande família "uralo-altaica".

Línguas turcas mais importantes

As línguas turcas (outrora também chamadas de *turco-tártaras*) difundem-se em um vasto território às margens da Europa que vai da Trácia – aquém dos Dardanelos e do Bósforo – até a Pérsia e a Sibéria. Seria desconcertante enumerar todas as línguas desse ramo isoladamente. A língua mais próxima aos europeus é o *turco moderno*, dominante na Turquia como língua oficial, também chamado de *turco da Turquia*, para ser diferenciado de outras línguas parentes. Apenas este será objeto de um estudo mais detalhado, mas antes gostaria de enumerar algumas outras línguas turcas, tanto mais que atualmente elas têm um *status* oficial, como línguas de regiões autônomas da antiga União Soviética.

Em cinco das seis antigas repúblicas da extinta União Soviética que têm população majoritariamente muçulmana, o povo, que dá o nome à república, fala uma língua que pertence à família das línguas turcas. Estas são: o *azerbaijano*, no Azerbaijão (capital Baku); o *casaque*, no Casaquistão (capital Alma-Ata); o *quirguiz*, no Quirguizistão (capital Bichkek); o *usbeque*, no Usbequistão (capital Tachkent); e o *turcomano*, no Turcomenistão (capital Achkhabad). A sexta destas repúblicas, agora independentes, o Tadjiquistão (capital Duchambe), tem como língua o *tadjique*, que faz parte do ramo iraniano das línguas indo-européias.

Outros grupos étnicos da antiga União Soviética, os quais não vivem em repúblicas independentes, mas em regiões e territórios mais ou menos autônomos dentro da Federação Russa, também falam línguas turcas, como o *bachkírio* (República da Bachkíria, capital Ufa), o *tártaro* (República da Tartária, capital Kasan; até 1945, os tártaros da Criméia viviam na península de mesmo nome, de onde foram transferidos por Stálin e para onde hoje começam a retornar), e ainda o *caratchaico*, o *iacuto* e o *tchuvache*.

As línguas turcas do território da antiga União Soviética eram escritas em cirílico. Mas hoje, nos Estados remanescentes, a transição para a escrita latina ou está em andamento, ou em processo de discussão; no Tadjiquistão, escreve-se hoje em arábico.

Turco da Turquia

A Turquia, desde que Atatürk ("Pai dos turcos") introduziu, em 1928, a escrita latina, abandonou a escrita árabe, usada até então. Na República Federal da Alemanha, os turcos representam a maior parte dos trabalhadores estrangeiros. Para eles, é mais difícil aprender alemão do que para os italianos, espanhóis e mesmo os eslavos, porque a estrutura do turco difere basicamente da do alemão. As dificuldades encontram-se na gramática e na sintaxe, mas não na pronúncia. Não é difícil para um turco pronunciar corretamente o alemão. Para um alemão, pronunciar corretamente o turco é fácil, pois, além da ausência da barreira fonética, a ortografia turca reproduz com exatidão a pronúncia. Quem conhece alguns sinais diacríticos, como ç [ʃ], ğ = [g] brando, às vezes [j], às vezes quase inaudível, ou

j [ʒ], ş [ʃ], pode ler em voz alta e compreensivelmente um texto qualquer.

O turco segue coerentemente o princípio da harmonia vocálica, já mencionado para as línguas ugro-finesas: adicionando-se a uma raiz uma desinência ou um sufixo (e isto ocorre o tempo todo), é preciso ter em conta que ao se decidir por uma vogal para a terminação, esta deve ser igual à da raiz. O caso contrário, ou seja, que a vogal da terminação influencie a da raiz, nunca ocorre.

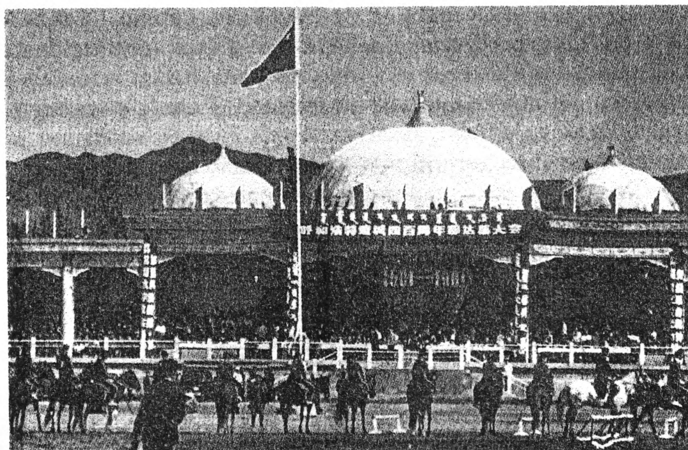
Dificuldades do turco

Tentar explicar aqui a intrincada complexidade da gramática turca seria bastante temerário. Limitar-me-ei, portanto, a indicar o quanto o turco é diferente das línguas indo-européias (e por este motivo tão "difícil").

Há palavras que não são ampliáveis: advérbios e partículas. As classes mais importantes de palavras, o substantivo, o pronome, o adjetivo e o verbo, todas podem ser ampliadas, através de sufixos, que são acrescidos à raiz, segundo uma ordem estabelecida e segundo os preceitos da harmonia vocálica. O que outras línguas (obrigatoriamente) expressam em uma frase, pode ser comprimido em turco — que deste modo se classifica como uma língua aglutinante — em apenas uma palavra. O português "porque eles não vieram" corresponde ao turco *gel/me/dik/ler/i/nden,* textualmente "devido a sua ausência"; os traços verticais mostram os componentes dos quais a palavra é formada. Cada função é expressa por um sufixo. No latim *hominem,* a terminação permite saber ao mesmo tempo que se trata de um singular e que a palavra se encontra no acusativo. O turco utiliza dois sufixos para expressar a mesma coisa. Isso faz com que muitas palavras turcas que contêm sufixos, ao serem traduzidas precisem ser desmembradas em várias palavras. A uma expressão como "que não pode ser apagado" corresponde *uma* única palavra em turco: *söndürülememek.*

Construção da frase

Também a estrutura da frase segue regras bastante intrincadas para o não-turco. As longas construções participiais que antecedem o substantivo



Placa em uma pista de corridas de cavalos em Huhehot, capital da Mongólia interior (República Popular da China), com caracteres mongólicos (em cima) e chineses (embaixo).

ao qual se referem são possíveis em alemão, mas são consideradas de estilo ruim, pois dificultam a compreensão: *Der vor einer halben Stunde angekündigte, aus Frankfurt kommende, soeben erst mit einer Verspätung von 30 Minuten einfahrende Zug....* "Chegando com 30 minutos de atraso o trem

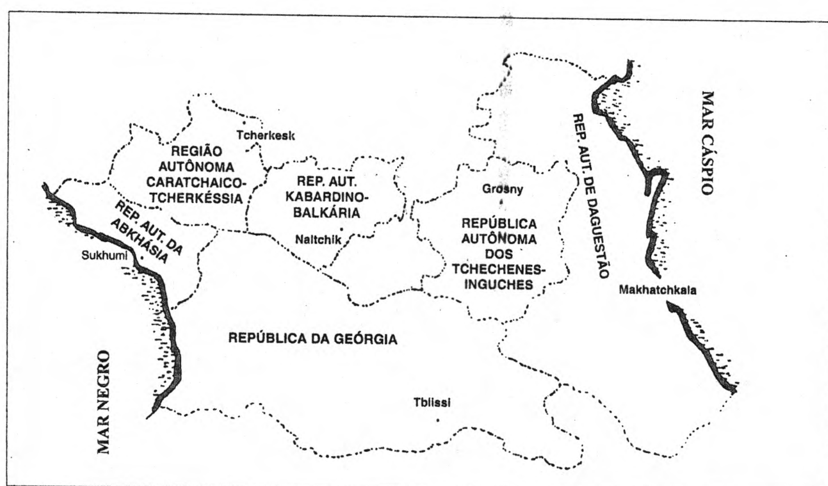
vindo de Frankfurt anunciado meia hora atrás..." Esta construção é típica do turco; aliás, é a única possível. Todos os elementos caracterizantes de uma palavra a *precedem*. O turco, a quem tal fato não perturba nem um pouco, constrói frases que são verdadeiras "tênias". Essa situação era ainda mais complicada antes de 1928 porque a escrita árabe não utilizava ponto final com freqüência, o que fazia com que fosse preciso correr o texto todo à procura do verbo, que normalmente vem no final da frase. Às vezes, isso também acontece em alemão. Como disse uma vez um humorista (Mark Twain, se não me engano), "em alemão o verbo se encontra no segundo volume".

O mongol

Lancemos, agora, um olhar às línguas *mongólicas*, cujo representante principal é o mongol "propriamente dito", a língua oficial da República da Mongólia. Línguas aparentadas a ele são faladas no território da antiga União Soviética (buriática, tuvínica e calmuca), como também na China, no Tibete, na Manchúria e no Afeganistão.

Por séculos, o mongol foi apresentado em uma escrita própria (que corria de cima para baixo), mas depois passou a se utilizar de um alfabeto cirílico levemente adaptado. Nos dias de hoje, voltou a empregar sua própria escrita ancestral.

As características do turco que foram citadas há pouco são encontradas em grande parte também nas línguas mongólicas. Há o domínio da harmonia vocálica; o atributo, seja qual for o seu tamanho, é anteposto; o verbo ocupa o final da frase; há longas frases encadeadas. Onde outras línguas utilizam conjunções para ligar palavras e, principalmente, frases, o mongol utiliza infinitivos e particípios substantivados. Na frase, as palavras são simplesmente justapostas, sem qualquer especificação que indique sua relação gramatical; o ouvinte ou leitor precisa deduzi-la a partir do contexto. Esta é, em geral, uma característica de línguas que prescindem do uso de flexões.



A área de difusão das principais línguas caucasianas. A Abkhásia faz parte da Geórgia, os outros territórios pertencem à Federação Russa. A Tchechênia e a Inguchétia encontram-se hoje separadas.

Línguas caucásicas
Panorama geral

Aproximamo-nos agora de um círculo lingüístico que oferece inúmeros enigmas aos estudiosos, e para o qual, devido à intrincada variedade das línguas que o compõem, se pode aplicar a denominação "família" apenas sob determinadas condições. Em sentido amplo e vago, podem ser denominadas assim todas as línguas faladas dos dois lados do Cáucaso, ou seja, ao norte e ao sul. De maneira um pouco mais restrita e precisa, são línguas caucásicas, na região que acabamos de delimitar, aquelas *não*-indo-européias e as que não pertencem às línguas turcas (como o azerbaijano, por exemplo).

Se estas línguas têm tanto em comum, a ponto de poder ser consideradas "geneticamente homogêneas" – e provavelmente continuarão sendo – é uma questão incerta, pois a ausência de documentação escrita – com exceção do geórgico – torna impossível estudar estágios mais antigos do desenvolvimento dessas línguas e compará-los. Há cerca de trinta a quarenta línguas (de acordo com as classificações) nesta região de aproximadamente 10 milhões de habitantes.

Três grupos

Distinguem-se comumente três grupos: dois ao norte do Cáucaso – dentre eles um a oeste (próximo ao mar Negro), o outro a leste (próximo ao mar Cáspio); o terceiro grupo encontra-se ao sul da cadeia de montanhas principal.

Ao grupo noroeste, pertencem: o *abkhásico* (República Autônoma da Abkhásia, capital Sukhumi), o *caratchaico* (Região Autônoma de Caratchaico-Tcherkéssia, capital Tcherkesk) e o *cabardino* (República Autônoma Kabardino-Balkária, capital Naltchik).

Ao grupo nordeste, pertencem, além do *tchetcheno e do inguche* (Região Autônoma dos Tchetchenes-Inguches, capital Grozni), as línguas faladas no Daguestão (República Autônoma, capital Makhatchkala), entre elas o *avárico*.

O geórgico

Ao grupo meridional do Cáucaso, pertence a mais importante das línguas caucásicas: o geórgico.

O centro da área lingüística geórgica é a República da Geórgia, capital Tblissi. Os georgianos denominam-se *cartveli*. O geórgico, uma língua literária e de cultura de longa tradição, é difundido também além dos confins da citada república. Na Universidade de Tblissi, o geórgico é a língua de ensino.

Escrita

O geórgico é escrito em um alfabeto próprio, de extraordinária beleza, o *mchedruli*, o que corresponde literalmente a alfabeto *dos cavaleiros*. Esse nome diferenciava a escrita de um outro alfabeto, atualmente em desuso, que era utilizado pela Igreja. A ortografia atual reproduz com exatidão a pronúncia.

Texto em língua e escrita geórgicas (alfabeto mchedruli).

რამეთუ ესრეთ შეიყუარა ღმერთმან სოფელი
ესე, ვითარმედ ძეცა თჳსი მხოლოდშობილი მოჰსცა
მას, რათა ყოველსა, რომელსა ჰრწმენეს იგი, არა
წარჰსწყმდეს, არამედ აქუნდეს ცხოვრება საუკუნო.

Os testemunhos literários do geórgico remontam à época do "antigo geórgico" (do século V ao XI), entre eles uma tradução da Bíblia. Por volta do período em que viveu a famosa Tamara, a primeira mulher a reinar na Geórgia († 1213), surgiu a obra clássica da literatura geórgica, a epopéia em versos *Vep'his tqaosqni* (*O Homem na Pele de Pantera*). A respeito do autor, só se sabe o nome, Rustaveli.

O geórgico, juntamente com algumas línguas pouco conhecidas, como o *mingrélico* e o *suânico*, pertence ao grupo das línguas *cartvélicas*. É falado por cerca de 4 milhões de pessoas, que moram principalmente na República Unida da Geórgia, mas também se espalham pelo Azerbaijão e pela Turquia: por toda a região do Cáucaso há minorias étnicas e lingüísticas maiores ou menores; os armênios, na região de Karabakh, no Azerbaijão, são o exemplo mais conhecido.

Fonologia

Do ponto de vista fonológico, o geórgico apresenta acúmulos (ou *clusters*, como dizem os lingüistas em inglês) de consoantes. Um exemplo em transcrição latina: *msxverpli*, "sacrifício".

O ergativo

O que consideramos sujeito, ou agente do verbo, em geórgico não se encontra – como seria o caso em alemão, por exemplo – no nominativo (caso do sujeito de um verbo transitivo que rege um objeto, o acusativo). Ele se encontra em um caso peculiar, geralmente chamado de *ergativo*. Em contraposição, o objeto direto encontra-se no nominativo, como também é o caso do sujeito de um verbo intransitivo. Essa forma de construção, semelhante à nossa voz passiva, tem provocado nos círculos lingüísticos inúmeras especulações e discussões. Tratar-se-ia de uma característica especialmente antiga, mantida apenas em algumas poucas línguas? Uma frase cujo verbo seja intransitivo, isto é, que não tenha um objeto direto, é construída em geórgico de maneira bastante "normal": sujeito no nominativo + verbo. Mas a oração transitiva tem a forma: *kac-ma* ("o homem", ergativo) *mokla* ("matou") *datv-i* ("o urso", nominativo). Quem quisesse traduzir essa frase, deveria dizer: O (ou um, pois não há artigos em geórgico) urso foi morto por (pelo, um) homem.

"Línguas ergativas"

Esta característica é considerada tão importante pela lingüística, que, por vezes, a tipologia lingüística (classificação das línguas segundo sua estrutura) distingue uma classe de línguas nominativas (ou acusativas) e uma de línguas ergativas.

O chinês, a língua mais importante da família sino-tibetana

À família lingüística sino-tibetana, uma das mais significativas do mundo, pertencem, além do chinês, três outros grupos importantes de línguas de cultura. A fim de dedicar maior espaço e importância ao chinês, vou apenas enumerá-las e não citarei as línguas isoladas, bastante numerosas, quando seus falantes forem apenas algumas centenas de milhares.

O tibetano

1. O *tibetano*, falado por vários milhões de pessoas no Tibete, Sikkim e Nepal, e também em algumas regiões próximas à Índia (Caxemira) e à China (Kan-su, entre outras). Há toda uma série de línguas parentes do tibetano faladas na região do Himalaia e do Assam. O tibetano tem um alfabeto próprio, baseado nas escritas da Índia setentrional e, desde a Idade Média, dispõe de uma rica literatura.

O birmanês

2. O *birmanês*, ou *birmane*, da Birmânia. A língua é falada por cerca de 30 milhões de pessoas.

O thai

3. (É duvidosa a inclusão nesta família.) *Línguas thai*, faladas na Tailândia (Sião), no Laos e em parte da Birmânia, do Vietnã do Norte e do Anam. As línguas mais importantes do grupo são o *thai* (siamês) e o *laociano*.

Características estruturais, que serão destacadas ao falarmos do chinês, são, dentro de certos limites, comuns a toda a família lingüística.

Idade da língua chinesa

Pode-se falar da "idade" de uma língua apenas com certas restrições. Há línguas cuja formação gradual, a partir de um estágio mais antigo, é acessível por causa de testemunhos escritos conservados. São exemplos disso as línguas românicas modernas, assim como o inglês. Na maioria das línguas vivas atuais, quando se quer estudar sua história, logo se esbarra em limitações, porque, antes de um determinado momento histórico, não há nenhum documento escrito conhecido. Deve-se, então, recorrer a hipóteses e reconstruções. O *chinês* pertence às poucas línguas cuja evolução se encontra documentada por mais de três milênios.

Documentos mais antigos

Os documentos mais antigos, principalmente inscrições em bronze, remontam à época anterior ao início do primeiro milênio antes de Cristo. Distinguem-se um período "pré-clássico" e um "clássico", cujo florescimento máximo ocorreu ainda na era antes de Cristo (entre os séculos IV e II a. C.); a partir de então, a língua literária e a cotidiana começaram a se desenvolver separadamente. Sinólogos de nosso século tentaram reconstruir, para essa antiguidade remota, do mesmo modo que para os estágios lingüísticos seguintes e épocas literárias, a melodia do chinês daquelas épocas – uma obra que tem algo de inacreditável, tendo em vista o fato de que a escrita chinesa, como veremos ainda, a princípio não representa o som da língua falada, mas, antes, o conteúdo das palavras: os conceitos. Essa obra foi possível, entre outras coisas, graças à ajuda de um dicionário chinês do século VII d. C. que dividia em duas partes, em um método peculiar, as palavras chinesas, normalmente analisadas e consideradas como unidade, e dava indicação a respeito da pronúncia de cada uma das partes; também com o auxílio de velhos dicionários de rimas, e naturalmente com o estudo comparativo de vários dialetos, os quais – em proporções diferentes – conservaram pronúncias mais antigas.

လေကြောင်း ပို့
ဆောင် ရေး

Nome da companhia de aviação birmanesa na língua nacional.

Língua chinesa = língua da China?

Falar de "dialetos" significa abrir o debate sobre a existência ou não de uma (mais ou menos unitária) língua chinesa. Na verdade, durante o imenso espaço de tempo compreendido de 1000 a. C. até nossos dias, em nenhum momento foi falada uma língua unitária pelos habitantes do Império do Centro. Falava-se uma multiplicidade de dialetos, tão diferentes uns dos outros que seus falantes não eram capazes de se entender entre si. Essas diferenças existem até hoje. Alguns dialetos são – assim o asseguram os sinólogos –, malgrado a base comum, tão distantes um do outro quanto o português e o italiano atuais. Sendo assim, como foi possível, sob essas condições, se manter por milênios um império unitário, com uma única cultura? Isso foi possível porque a *escrita* chinesa – um sistema que se encontra acima dos dialetos, e independente deles – agia como gancho: podia ser lida e entendida por chineses do norte e do sul.

Minorias

Quando acentuo a grande multiplicidade lingüística no interior da China, prescindo expressamente das minorias nacionais presentes na China (também na atual): os tibetanos, os uiguris, os casaquis, os tunguses, os coreanos, os mongóis e outros grupos com língua e cultura próprias, que gozam de ampla autonomia sob os atuais estatutos e governo da República Popular. Juntos, todos esses grupos constituem apenas 6% da população, mas, em um total de mais de 1,1 bilhão de pessoas (censo de 1990), equivalem a quase toda a população da República Federal da Alemanha.

Multiplicidade de dialetos

Variedade lingüística existe também entre os 94% de chineses considerados "verdadeiros", os *Han*. Entre os Han há vários grupos de dialetos principais (por sua vez subdivididos em subdialetos), dos quais um tem uma preponderância maciça: o dos dialetos da China setentrional, falados por cerca de 70% dos chineses, também regionalmente cobrindo cerca de dois terços da área lingüística total. A denominação mais freqüente desse grupo de dialetos é a de *mandarim* (ou *chinês-mandarim*), o que literalmente significa "língua dos funcionários", ou "língua administrativa". Na verdade, aliás, mandarim não é uma palavra chinesa, é originária do sânscrito *(mantra,* "dito sapiente", *mantrin,* "conselheiro", "ministro"*)*; a palavra mandarim vem dessa raiz, originada sob influência do português *mandar*. A denominação chinesa é *guānhuà (huà,* "língua"*)*.

Ao lado do mandarim há grupos dialetais importantes, principalmente no sul da China. Gostaria de mencionar apenas três, cujos falantes passam dos 5 milhões:

O *hakka* (por vezes chamado de *kan-hakka,* junto com um segundo grupo); ele é falado também em Taiwan (China Nacionalista, ex-Formosa, com a capital Taipé).

O min ou *fu-kien,* também representado em Taiwan.

O *yüeh* ou *yue,* também *dialeto de Cantão,* ou *cantonense;* este idioma vai ao encontro do europeu em Hong Kong (ainda uma colônia da coroa britânica) e Macau (portuguesa).

Sobre a formação, que se encontra em curso agora, de uma norma lingüística unitária para todos os chineses voltarei a falar no parágrafo dedicado à ilustração da escrita chinesa.

A escrita chinesa: caracteres básicos

Todos conhecem os caracteres da escrita chinesa pelo aspecto. Traçados por mão de mestre, com pincel e nanquim, têm para os não-chineses um efeito de ornamentos ao mesmo tempo atraentes e misteriosos. Quem se propõe, entretanto, a aprender essa escrita sente-se intimidado tanto pela estrutura complicada de cada um dos sinais (que na maioria das vezes emprega uma superfície mais ou menos quadrada) como pela quantidade gigantesca deles. Outrora os sinais eram alinhados prevalentemente (mas não sempre) de cima para baixo em colunas verticais. Hoje em dia escreve-se em geral — como nós — em linhas horizontais da esquerda para a direita.

Número dos caracteres

O número dos sinais utilizados na forma de escrita atual (portanto sem se considerar sinais antigos, em desuso) chega a aproximadamente 20.000. (Como seria a aparência de uma máquina de escrever apropriada?!) Para entender um texto simples, uma pessoa precisa conhecer de 2.000 a 4.000 sinais. Não me deterei na riqueza de variantes que essa escrita desenvolveu segundo a época, dependendo do instrumento usado (bastãozinho de madeira, pincel), do material em que se escrevia (madeira, seda, papel) e da finalidade de uso — o que ocorreu também com o latim —, mas irei direto à questão que se impõe neste momento: se os europeus podem compor centenas de milhares de palavras com cerca de duas dúzias de letras — ou quatro, em se considerando as maiúsculas (a diferença entre letras maiúsculas e minúsculas é conhecida apenas por uma parte dos alfabetos utilizados atualmente no mundo) — por que os chineses precisam de tantos sinais?

Dois princípios

O princípio de uma escrita alfabética como a latina consiste no fato de que nós compomos palavras a partir de letras, cada uma representando um

som, e que juntas elas representam a imagem fônica da palavra (esta é uma formulação bastante simplificada). É possível imaginar uma escrita que não represente a imagem fônica de uma palavra, mas sim seu significado, seu sentido, o conceito? Este seria o caso de uma escrita pictográfica. Uma escrita deste tipo é chamada de *escrita ideográfica*, e cada caráter é chamado de *ideograma*.

Algarismos arábicos

Este princípio pode ser ilustrado pelos europeus através de nossos algarismos "arábicos" (originários da Índia, mas difundidos pelos árabes). O número "4" não reproduz a imagem fônica — [fi:r] em alemão, [kwatru] em português —, mas sim o conteúdo, o conceito de uma determinada quantidade.

Seria a escrita chinesa uma escrita pictográfica? Em termos. Os caracteres mais antigos com certeza pertenciam a esse tipo. Em alguns ainda é possível reconhecer a forma originária, apesar das simplificações e esquematizações ocorridas a seguir. A tabela seguinte dá alguns exemplos disso:

Evolução de um caráter

Forma antiga	Forma sobre sinete	Escrita normal	Significado
[illegible]	[illegible]	人	ser humano
[illegible]	[illegible]	日	sol
[illegible]	[illegible]	馬	cavalo

A tabela indica o caminho que vai da imagem (que representa o objeto de forma reconhecível) ao símbolo (que significa uma convenção de algo determinado).

É óbvio que pictogramas só podem representar objetos concretos, e não conceitos abstratos, datas, qualidades, denominações. Uma possibilidade que se oferece é a combinação de dois signos, algo como: sol atrás da árvore = "oriente"; árvore + árvore = "floresta"; mão sobre a lua = "eclipse lunar".

Determinativos e signos fonéticos

A grande maioria dos caracteres atuais (cerca de 90%) é de outro tipo. São uniões ou fusões de dois signos. O primeiro signo é um símbolo, que indica o conteúdo conceitual *(determinativo, radical, indicador de classe)*. O segundo é uma indicação da pronúncia da palavra *(signo fonético, componente fonético)*. O determinante geralmente se encontra à esquerda, mas — para aflição do não-chinês — nem sempre. A coisa se torna ainda mais confusa pelo fato de que cada sinal pode aparecer tanto funcionando como determinante quanto como valor fonêmico, ou ainda tendo um valor próprio. Em presença de uma escrita desse tipo, como idealizar um dicionário que permita a quem o utilize localizar rapidamente o que procura? Um problema de difícil solução.

Escrita morfêmica

Por estes motivos a denominação de escrita chinesa como uma escrita *ideográfica* não é (mais) exata. O complicado estado de coisas (complicado porque a escrita de empréstimos de outras línguas segue em parte outros princípios) é mais bem definido pela denominação de escrita morfêmica (ou morfemática). "Morfema" é um conceito extremamente abstrato da lingüística: morfema é a menor unidade portadora de significado, não idêntica

a uma palavra (uma palavra pode conter um morfema: "cal", mas também pode conter vários: "amorosamente"), e também não é idêntica a uma sílaba (um morfema pode ter várias sílabas: "ônibus", e uma sílaba, vários morfemas: "vou"). Um caráter chinês nem sempre corresponde a uma palavra (às vezes uma palavra é formada por dois ou mais caracteres), e também nem sempre a uma sílaba — embora a maioria das palavras chinesas seja monossilábica.

Reforma

Depois da Segunda Guerra Mundial, muitos caracteres foram efetivamente simplificados. Os novos caracteres são mais fáceis de escrever e de aprender que os anteriores. Freqüentemente trata-se de variantes de velhos caracteres, que já haviam sido mais ou menos incorporados. Essa reforma dos caracteres da escrita é o primeiro passo de uma reforma mais ampla da língua.

Sílabas e tons

O segundo passo consiste em dar ao país todo uma norma lingüística unitária que seja utilizada pelas escolas, pelos jornais, pelo rádio e pela televisão. Fundamento dessa norma é a língua corrente atual, em chinês *pǔtōnghuà* (veja adiante explicações para os sinais diacríticos). "Língua corrente" deve ser compreendida neste caso como língua falada, em contraposição à língua antiga, "clássica", da ciência e da literatura clássicas, conservada por milênios até os dias de hoje, ao lado ou acima da língua corrente, mais ou menos como o latim na Europa da Idade Média e mesmo após o Renascimento.

No que se refere à pronúncia, o dialeto de Pequim vale como norma — um dialeto amplamente difundido, mas que apresenta, infelizmente, alguns dos pontos fracos do chinês como língua falada, em forma concentrada: uma certa pobreza de sons. O inventário do chinês (na percepção do chinês, não na de um lingüista ocidental que analise a língua) não consiste em sons isolados — do mesmo modo que sua forma escrita não consiste em letras isoladas —, mas antes em sílabas, aliás um número bastante limitado de sílabas e as únicas passíveis de uso.

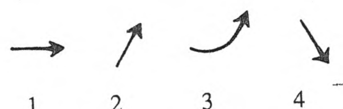
Uma sílaba desse tipo começa, via de regra, por uma consoante e recebe como segundo elemento uma vogal ou um ditongo, ou ainda vogal e consoante. Mas as combinações possíveis são limitadas por regras precisas; por exemplo: uma sílaba começada com *f* e seguida de *a* só pode soar *fa* ou *fan*, ou *fanj*, nunca *fai, fao, fak* ou *fal*.

O dialeto pequinês

O dialeto pequinês conhece somente 411 dessas sílabas. Como é possível construir uma língua a partir de apenas quatrocentos elementos construtivos? Praticamente impossível. Então o chinês (como outras línguas como, por exemplo, o vietnamita) amplia o inventário mediante um sistema que parece bastante singular para o europeu: cada sílaba pode ser pronunciada em diferentes "tons". Ora, isto é possível também na maioria das outras línguas. Um "Sim?", com elevação da voz, corresponde, por exemplo, à resposta de um chamamento como "Vendedora, por favor!"; enquanto um "Sim" com abaixamento da voz corresponde a um "Você vai?". Mas em chinês esses sons são *distintivos de significado*, como, por exemplo, em alemão a duração de uma vogal: *Wahl* [a:] ("eleição") é algo diferente de *Wall* [a] ("aterro").

Quatro tons no dialeto pequinês

O dialeto pequinês conhece quatro tons, que podem ser representados graficamente como se segue:



Primeiro tom: a sílaba é pronunciada por inteiro com a mesma tonalidade de voz. A sílaba *ma*, pronunciada assim (transcrita *mā*), significa "mãe".

Segundo tom: elevação da voz a partir de um início baixo. A sílaba *má* significa "cânhamo".

Terceiro tom: há um abaixamento, seguido de uma elevação da voz. A sílaba mà significa "cavalo".

Quarto tom: há uma elevação seguida de um abaixamento da voz. A sílaba mà significa "repreender"[1].

Como sílaba não-acentuada, *ma* pode ainda servir de partícula interrogativa.

Para o não-chinês, não é tão difícil pronunciar uma sílaba isolada nesses quatro tons. Muito mais difícil é reproduzir os tons no âmbito frasal, onde, além do mais, ocorrem modificações substanciais. Exemplo: o terceiro tom ocorre totalmente apenas antes de uma pausa. Seguindo-se de imediato uma sílaba, não se pronuncia a parte ascendente. Quando ocorrem duas sílabas sucessivas no terceiro tom, a primeira delas é pronunciada como segundo tom. E assim por diante.

O dialeto pequinês parece pobre com esses quatro tons, em relação a outros, com maior número. Uma variante mais antiga conhecia os quatro tons descritos, mas uma vez em tom grave, outra em agudo, formando portanto oito.

Não existe uma norma objetiva para "agudo" e "grave". Depende do tom normal de cada falante (que eu desconheço, quando ele começa a falar pela primeira vez). Os sinólogos indicam o intervalo médio entre tom agudo e grave como "entre uma quinta e uma oitava". A altura do tom oscila, portanto, entre um tom grave de freqüência x e um tom agudo de freqüência 2x, o que confere ao chinês sua característica de som "cantante" ou "gorjeante".

O inventário silábico

Se as 411 sílabas podem apresentar-se em quatro tons diferentes, o inventário do chinês é composto de 4 x 411 = 1.644 sílabas possíveis. Mas nem toda sílaba pode ocorrer nos quatro tons. Por este motivo a quantidade de sílabas tonais chega a apenas 1.338, representando toda a expressão oral em chinês uma combinação dessas 1.338 sílabas!

Polissemia dos caracteres

Como conseqüência disso, a maioria das sílabas tem mais do que um significado — tantos, que algumas podem ter mais de cem significados diferentes —, o que torna extraordinariamente difícil a compreensão oral!

Palavras que soam iguais, mas têm significados diferentes, existem em todas as línguas (palavras homófonas): *Wal* ("baleia") e *Wahl* ("eleição") soam perfeitamente iguais em alemão, assim como *waste* e *waist* em inglês. O francês é especialmente rico em homófonas desse tipo, e há inúmeros exemplos dessa propriedade (ou fraqueza).

Ora, como nos comportarmos em presença dos homófonos, para evitar mal-entendidos? Bem, na maioria das vezes o contexto se incumbe disso:

---

1. As denominações mais comuns são: 1. tom plano; 2. tom ascendente; 3. tom descendente-ascendente; 4. tom ascendente-descendente. (N. da T.)

em *Bundestagswahl* ("eleição parlamentar") é improvável que se faça referência a *Wal* ("baleia"). Quando, excepcionalmente, o contexto e a situação lingüística não excluam a possibilidade de mal-entendidos, ajuntamos um elemento explicativo como, por exemplo, das *Meeressäugetier Wal* (o mamífero marinho, a "baleia"). O mesmo vale para o chinês: ele também se utiliza de um acréscimo explicativo, quando o contexto e a situação deixam dúvidas em aberto.

Em uma representação escrita, as palavras *Wal* e *Wahl* não poderiam ser trocadas, porque ambas (deixando de lado seu gênero gramatical diverso) são grafadas diferentemente. E é isso que ocorre também no chinês: cada uma das quatro possíveis significações de uma sílaba é representada por escrito por um caráter diferente. Deste modo a escrita dissimula as dificuldades e deficiências da língua falada, surgidas por causa da multiplicidade de homófonos.

Na era da técnica, as peculiaridades da escrita chinesa revelam-se cada vez mais como deficiências. Como seria possível escrever à máquina, telegrafar, construir e acionar um equipamento eletrônico?

A respeito dos caracteres chineses atuais, em parte essencialmente simplificados, vejamos os dez exemplos extraídos de um manual inglês do chinês para principiantes:

Dez exemplos

	Caráter	Pronúncia	Significado
1	啊	*a*	(partícula interrogativa)
2	白	*bái*	"branco" (pode ser também nome próprio de pessoa), "inutilmente"
3	都	*dōu*	"todos", "ambos", "inteiramente"
4	高	*gāo*	"alto", "grande" (também nome próprio de pessoa)
5	好	*hǎo*	"bom", "ótimo", "em ordem" (O.K.)
6	很	*hěn*	"muito"
7	見	*jiàn*	"ver", "encontrar"
8	姐	*jiě*	"irmã mais velha"
9	嗎	*ma*	(partícula interrogativa)
10	們	*men*	palavra auxiliar posposta a outras para indicar o plural

O problema da transcrição

É possível escrever a língua chinesa também em caracteres latinos? Em princípio, sim, e é o que ocorre continuamente em nossos periódicos, quando são impressos nomes de personalidades chinesas, e nos atlas, quando os nomes das cidades e dos rios chineses são impressos em caracteres latinos. É claro que para uma transcrição desse tipo não é possível partirmos diretamente dos caracteres da escrita chinesa. É preciso que um chinês (que fale a língua culta, ou o dialeto correto) pronuncie as palavras chinesas e então, a partir daí, tente reproduzi-las em escrita latina. O resultado será diferente,

caso se trate de um inglês, um francês ou um alemão que faça o experimento. O primeiro reproduzirá o som [ʃ] com *sh*, o segundo com *ch*, o terceiro com *sch*. Na verdade já houve sistemas de transcrição diferentes, segundo as línguas como, por exemplo, um para o inglês, feito por um tal Sr. Wade, e um para o francês, feito pela *École Française d'Extrême-Orient*.

Pinyin

Por sua vez, o governo da República Popular da China introduziu um sistema de transcrição denominado *Pinyin* (literalmente: "soletrar"), que já se impôs por completo internacionalmente. Nele são utilizados para representar os quatro tons os sinais apresentados por mim sobre as vogais.

Estaria talvez na mira, como objetivo distante, como terceiro passo da reforma, uma passagem total para a escrita latina? Experimentos escolares neste sentido já estão ocorrendo há algum tempo, mas muitos chineses nutrem certas reservas a respeito, porque, entre outras coisas, a imensa literatura chinesa de dois milênios e meio não seria mais acessível à maior parte da população, ou só o seria após longos anos de um estudo especializado.

A língua sem gramática

Da Idade Média até o século XX, nossas gramáticas escolares têm sido edificadas sobre os fundamentos que os gregos (para sua língua) — e, seguindo seus passos, os romanos — lançaram. "Nossas" significa: dos alemães, dos franceses, dos ingleses, etc. Para as línguas antigas, as gramáticas assim surgidas representam uma roupa de caimento perfeito, sob medida, pois na verdade foram desenvolvidas a partir da pesquisa dessas línguas. As línguas européias modernas, depois de 2.000 anos de modificações e de evolução, já não se encaixam tão perfeitamente nas velhas categorias gramaticais. Assim, por exemplo, como relatamos no capítulo sobre o inglês, só restaram rudimentos da chamada declinação (ou flexão) dos substantivos e outras categorias gramaticais, e as palavras do inglês saltam sem cessar de uma categoria para outra.

Sob um outro aspecto, essa constatação também é válida para o alemão. Quem ler alguma vez um livro como *Die innere Form des Deutschen (A Forma Interna do Alemão)*, de Hanz Glinz, ou mesmo folheá-lo, ficará pensativo e se perguntará talvez: Se estudássemos a língua alemã imparcialmente, isto é, sem as categorias da gramática tradicional, não surgiria então talvez um outro sistema, diferente daquele que a escola tem se esforçado em transmitir?

Bem, tudo isso só para preparar o espírito, para que o leitor não se espante demais se encontrar no chinês uma língua à qual parece faltar a maioria daquilo que compreendemos sob o nome de "gramática", mas que apesar disso desempenha seu papel como meio de comunicação há milênios.

Ausência de flexão

Comecemos com as categorias ou classes gramaticais. Aplicado ao chinês, este conceito tem pouco valor. A mesma palavra que contém a idéia de "grande", "grandeza", pode ser empregada sob a forma de adjetivo ("grande"), de substantivo ("grandeza") ou de verbo ("aumentar"). E o que mais conta: enquanto para nós as formas *grande, grandeza, aumentar* são reconhecíveis exteriormente como adjetivo, substantivo ou verbo, em chinês a palavra permanece inalterada em todos esses empregos. Isso significa que a palavra não sofre mudanças (ou *declinações*, como diríamos) se usada como substantivo, nem como verbo (não há *conjugação*, isto é, não há nenhuma forma com o auxílio da qual se possa exprimir a pessoa, o tempo, o modo). Em suma: as palavras chinesas são imutáveis como as pedras lavradas e

usadas em uma construção, que podem ser empregadas, encostadas ou sobrepostas segundo uma ordem determinada.

Seqüência das palavras

A seqüência das palavras é fundamental em uma língua que não as modifica (língua isolante). Qualquer modificação no posicionamento das palavras tem como resultado um significado diferente. Há riqueza em flexão: ampla liberdade no posicionamento das palavras (grego antigo, latim, e também no alemão, se bem que em menor dimensão). Não existe nenhuma ou quase nenhuma flexão: há regras fixas para o posicionamento das palavras (inglês, chinês — que, neste aspecto, apresentam uma característica estrutural similar).

Palavras auxiliares

A seqüência das palavras não é, entretanto, o único meio de que dispõe o chinês para exprimir as relações entre elas. Um segundo meio, geralmente empregado, é o das palavras funcionais: palavras auxiliares, destinadas a esclarecer o que eventualmente possa parecer ambíguo. A palavra auxiliar *di* entre dois substantivos estabelece uma relação de genitivo entre eles. Serve também para transformar um pronome pessoal em pronome possessivo: wǒ ("eu"), *wódi* ("meu"). Há palavras auxiliares que servem para indicar o plu-

供 gōng

供不应求 **gōng bù yìng qiú** Angebot deckt nicht die Nachfrage
供给 **gōngjǐ** Versorgung f
供给制 **gōngjǐzhì** Versorgungssystem n.
供求率 **gōngqiúlǜ** Gesetz n von Angebot und Nachfrage
供销 **gōngxiāo** Versorgung f und Absatz m
供销合同 **gōngxiāo hétóng** Versorgungs- und Absatzvertrag m
供销合作社 **gōngxiāo hézuòshè** Versorgungs- und Absatzgenossenschaft f.
供应船 **gōngyìngchuán** Versorgungsschiff n
供应合作社 **gōngyìng hézuòshè** Versorgungsgenossenschaft f
供应粮 **gōngyìngliáng** vom Staat geliefertes Getreide n
供应站 **gōngyìngzhàn** Versorgungsstelle f

巩 gǒng

巩固 **gǒnggù** festigen, konsolidieren
巩固无产阶级专政 **gǒnggù wúchǎn jiējí zhuānzhèng** Konsolidierung f der Diktatur des Proletariats→**wúchǎn jiējí zhuānzhèng de lǐlùn xuéxí**

共 gòng

共产党 **gòngchǎndǎng** Kommunistische Partei f, KP

Excerto do Vocabulário Chinês-Alemão — Política e Economia da República Popular da China *(Langenscheidt, 1977).*

ral (o substantivo não tem uma forma para o plural), ou para caracterizar uma palavra como objeto direto (quando tal função não resulte inequivocamente da sucessão das palavras); há partículas interrogativas e há conjunções para unir frases. Sem dúvida, também no chinês moderno as palavras auxiliares não são utilizadas quando o ouvinte ou leitor pode completá-las sem esforço — procedimento que conhecemos quando se trata de provérbios, de manchetes de jornal ou de linguagem telegráfica, por exemplo. Este tipo de concisão é freqüente no chinês. Muitas palavras auxiliares, devido ao uso constante, quase correspondem ao que definimos como *afixo*. Elas, portanto, não surgem isoladas, mas fundidas à palavra que acompanham. Por este e por outros motivos, não é (mais) verdadeira a afirmação de que uma língua isolante como o chinês é composta só de palavras monossilábicas e raízes. Há palavras monossilábicas, mas em sua maioria são dissílabas ou trissílabas, por vezes formadas de sílabas cada uma com um significado próprio (cf. em alemão *hierher, ausbrennen, weinrot*), ou de sílabas que isoladamente não contêm qualquer significado (como em diversas línguas européias).

Ao final deste curto (e, para os sinólogos, superficial) panorama da língua chinesa, eu gostaria de chamar a atenção para dois aspectos resultantes da sua profunda diferença em relação às línguas indo-européias: as dificuldades para se traduzir um texto chinês e os efeitos que a adoção da civilização ocidental, em especial da técnica, causa à língua chinesa. A dificuldade para traduzir e a aceitação de elementos estrangeiros são aspectos válidos, *mutatis mutantis*, para todas as línguas cuja estrutura seja diferente da européia ocidental.

A difícil construção de pontes

Não é fácil expor a problemática da tradução — é tema que serve para encher um livro. Aqui é abordado apenas o problema da "tradução de poemas chineses para o alemão", e isto após madura reflexão. A lingüística moderna desenvolve atualmente um ramo denominado *lingüística textual*, que parte do princípio de não analisar apenas palavras isoladas (como, por exemplo, o fazem a morfologia e a etimologia), e nem apenas as expressões idiomáticas (idiomática) ou as frases em sua estrutura (sintaxe), mas sim componentes lingüísticos num contexto maior, ou seja, "textos". Devem-se distinguir diferentes tipos de textos, que contêm lingüisticamente características diversas: artigos de jornal, notícias de rádio, inventário, sermão, conversa descompromissada, discurso, novela, dissertação científica, exposição científica popular, tarefa escolar, etc. Dentre os inúmeros tipos de textos, há aqueles que podem ser traduzidos com relativa facilidade para outra língua — por exemplo, artigos de jornal e textos científicos (estes apenas quando a língua-meta dispõe de uma terminologia apropriada). Outros são difíceis, quase intraduzíveis como, por exemplo, uma obra filosófica profunda (Hegel ou Heidegger) ou um ensaio cheio de trocadilhos (que não podem ser imitados em uma língua estrangeira). A esses tipos "difíceis" de textos pertence a poesia — já por sua linguagem "fixa" em versos e/ou rima — e em especial a poesia lírica, que freqüentemente brinca com a língua, se afasta intencionalmente da linguagem corrente e pode transmitir as mais sutis diferenciações da percepção e do humor.

A tradução da poesia

O imperador ordenou ao célebre poeta lírico Li Tai-Po (701-762) que improvisasse três poemas em honra da imperatriz. Na recriação do poeta expressionista alemão que se autodenominava Klabund (Alfred Henschre,

1890-1928) e que se tornou famoso exatamente por suas traduções do chinês, o primeiro deles se apresenta da seguinte forma:

Improvisation
Wolke Kleid
Und Blume ihr Gesicht.
Wohlgerüche wehn,
Verliebter Frühling.
Wird sie auf dem Berge stehn,
Wage ich den Aufstieg nicht.
Wenn sie sich dem Monde weiht,
Bin ich weit,
Verliebter Frühling...[1]

O mesmo poema, na tradução de Diethers von den Steinen, soa:

Wolke im Sinn ist ein Kleid ein Gewand
Blume im Sinn ein Gesicht
Lenzwind schmeichelt am hohen Balkon
Tau in Kristallen erglänzt
Ist auch versagt auf des Jadegebirgs
ragendem Gipfel die Schau
Schenkt doch der Turm aus Edelgestein
unter dem Mond einen Gang[2].

O poema foi traduzido com freqüência. Cada uma das traduções é tão diferente da outra quanto as duas aqui citadas. Sem ter indicação da fonte, não seria fácil imaginar que o mesmo texto original serviu a todas. E o original? Não adiantaria nada se eu pudesse reproduzi-lo aqui em caracteres chineses. Na tradução literal de um conhecido sinólogo — Eduard Horst von Tscharner — surge:

Wolke	*denken*	*Kleid*	*Kleid*
Frühling	*Wind*	*wischen*	*Geländer*
Wenn	*nicht*	*(Gruppe)*	*(Jade)*
Können	*nach*	*(Jaspis)*	*(Terrasse)*
	Blume	*denken*	*Gesicht*
	Tau	*Glanz*	*Licht*
	Berg	*Gipfel, auf*	*sehen*
	Mond	*unten*	*begegnen*[3]

1. "Nuvem a veste / E flor seu rosto. / Fragrâncias fluem, apaixonada primavera / Quando ela se encontra nas montanhas, / Não ouso a escalada. / Quando se consagra à Lua, / estou distante / apaixonada primavera..." (N. da T.)
2. "Nuvem no pensamento é uma veste, uma túnica. / Flor no pensamento um rosto. / Vento primaveril adula no alto balcão / orvalho brilha em cristais. / É também negada sobre o altaneiro cume / da montanha de jade a visão. / Presenteia entretanto a torre de pedra preciosa / um caminho sob a Lua." (N. da T.)
3.

nuvem	pensar	vestido	vestido
primavera	vento	esfregar	balaustrada
quando	não	(grupo)	(jade)
poder	depois	(jaspe)	(terraço)
	flor	pensar	rosto
	orvalho	brilho	luz
	montanha	(sobre) cume	ver
	lua	sob	encontrar

Como se vê, as "pedras lapidares" — que para nosso pesar se encontram um tanto sem contexto umas próximas às outras — permitem ao tradutor um amplo espaço criativo, que ele mesmo deve preencher. Quem decidirá qual tradução neste caso é a "correta"? Além disso: existe tradução, mesmo a mais perfeita, capaz de realmente transmitir o que um leitor chinês sente na leitura deste poema e ao vislumbrar os caracteres simbólicos que a compõem?

A língua da técnica

Há decênios, e hoje em maior medida, a China vem aceitando a civilização e a técnica ocidentais, tanto nos âmbitos automobilístico e da comunicação, como do armamento e da eletrônica. Deste modo foram necessárias nomenclaturas para inúmeras coisas desconhecidas e foi preciso adotá-las de línguas ocidentais ou criar novas palavras.

Empréstimos não integrados — como o são em alemão o italiano *pizza*, o francês *boulevard*, os termos ingleses *hit, flop* ou o graficamente adaptado *Fairness* — não são passíveis de aceitação na China. Estas palavras soariam muito estranhamente, seriam indigestas, mesmo porque os chineses têm dificuldade em pronunciar um [r] e na maioria das vezes o substituem por um [l]. O que fazer? Há várias possibilidades, e todas são utilizadas.

Formas de empréstimos

1. Imitação do aspecto fonético da palavra estrangeira. Esta possibilidade apresenta problemas, pois o chinês dispõe de um patrimônio limitado de sílabas, cerca de 400 (a quantidade exata difere de manual para manual: o meu "411" provém do sinólogo Otto Ladstätter). Deste modo, "radar" não pode ser adotado simplesmente. Não há as sílabas "ra" e "dar". O primeiro [r] é substituído por [l], o segundo simplesmente é deixado de lado; a primeira vogal — provavelmente imitando a pronúncia anglo-americana — torna-se [ɛi]; assim, de "radar" vem *léi-dá*, praticamente irreconhecível para nós.

O empréstimo fonético é problemático também, porque as sílabas empregadas, via de regra, possuem vários significados, que para os chineses soam pelo menos como tons secundários, entre os quais pode haver alguns indesejáveis. A primeira tentativa de introduzir a Coca-Cola na China falhou por causa de um desses empecilhos. Só houve sucesso na segunda tentativa, baseada na escolha de um outro tipo de transcrição (mediante ideogramas diferentes).

2. Formação mista entre um elemento estrangeiro e um chinês. O inglês *tank* para "tanque de guerra" (introduzido também no alemão durante a Primeira Guerra Mundial) foi adotado quase de forma inalterada, como *tǎn-kè*, mas por vezes se adiciona — por segurança, digamos — uma sílaba chinesa *chē*, "carro": *tǎn-kè-chē* (exemplo tirado de Landstätter).

Calco-tradução

3. *Calco-tradução*. Tomam-se os componentes da palavra estrangeira, cada um deles é traduzido isoladamente e daí surge uma palavra totalmente nova, formada exclusivamente de material chinês (de modo semelhante ao do latim para o alemão, em *conscientia: Gewissen*). Assim, por exemplo, a "cortina de ferro" entre o Leste e o Oeste (expressão de Wiston Churchill: *Iron Curtain*) torna-se em chinês *tiě-mù (tiě*, "ferro", *mù*, "cortina").

Calco semântico

4. *Calco semântico*. A diferença em relação à possibilidade nº 3 consiste no fato de que neste caso se faz a tradução não dos componentes isolados da palavra, mas sim do significado completo dela. Assim, de "poluição", ou "poluição ambiental", veio *gōng-hài*, literalmente "destruição pública".

Segundo os peritos no assunto, a penetração maciça de estrangeirismos, embora amplamente adaptados, trará consigo, com o tempo, modificações profundas para o chinês, tanto no campo fonético, como no morfológico e no sintático. E isto, com certeza, se um dia a China resolver dar o terceiro passo decisivo de sua reforma: a passagem da escrita tradicional à latina (na forma introduzida sob o nome de *pinyin*).

தமிழ் நாடு

A denominação para o Estado federativo Tâmil Nadu em língua e escrita tâmil.

Línguas dravídicas
Panorama geral

Esta família merece ser mencionada, em nossa incursão, por causa da vastidão de sua área de difusão: ela domina as partes oriental, central e meridional do subcontinente indiano, está presente no Ceilão, no Paquistão e em regiões de emigração; também por causa do número de falantes, em torno dos 200 milhões, e porque, entre as duas dúzias de línguas que ela abrange, há algumas cultural e literariamente importantes, com número de falantes entre 20 milhões e 50 milhões. As quatro mais importantes: *telugu*, língua oficial do Estado Federativo Andhra Pradesh; o *kannada*, língua oficial em Misore; o *malaiala*, língua oficial em Kerala; o *tâmil*, língua oficial em Tâmil Nadu, com a capital Madras, falado também pela minoria tamílica que vive no norte de Sri Lanka (antigo Ceilão).

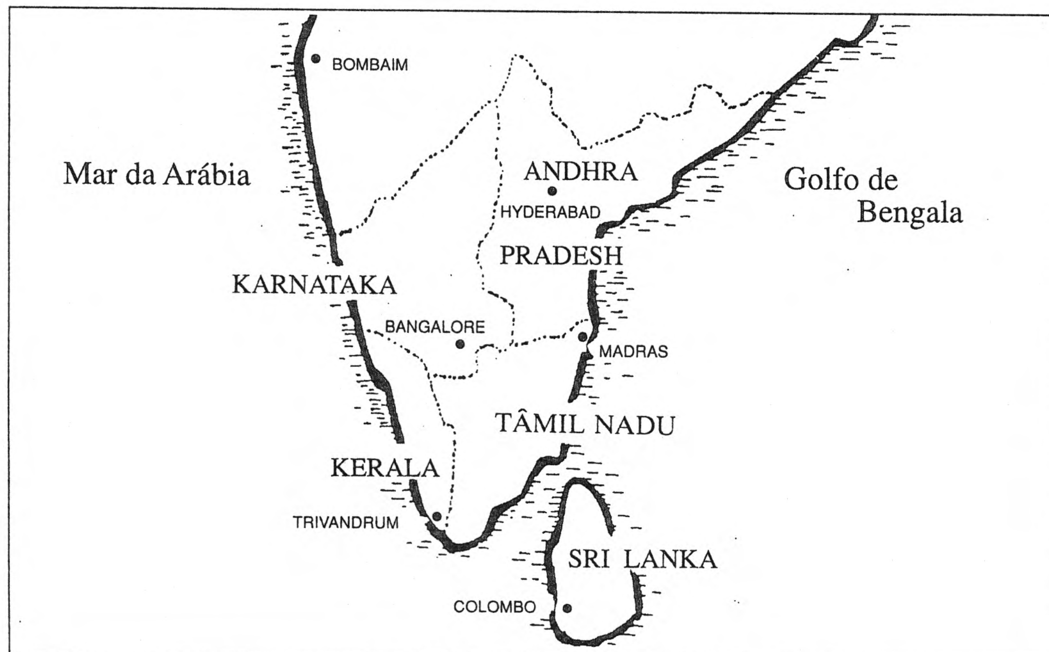
Telugu, kannada, malaiala, tâmil

Na União Indiana, cerca de três quartos da população fala uma língua indo-européia. Entre estas, o *hindi*, que ocupa o primeiro lugar, como língua oficial da União, embora no uso cotidiano, principalmente na vida comercial, não tenha sido capaz de suplantar o inglês. O quarto restante fala prevalentemente línguas dravídicas.

As línguas munda

Ao lado dessas duas famílias, existem, em zonas periféricas, outras línguas que não pertencem a nenhuma delas: as *línguas munda*.

Como é de hábito com as famílias, as línguas dravídicas são reportadas a



Área de difusão das línguas dravídicas na região meridional da Índia e no Sri Lanka (antigo Ceilão).

uma mãe comum, denominada *protodravídico*. Permanece ainda obscuro de onde os falantes dessa protolíngua possam ter vindo, se do norte da Índia (antes dos "arianos"), se emigraram da Ásia Central, ou se eram aborígines da Índia meridional. O parentesco entre as línguas dravídicas foi defendido pela primeira vez em 1816 pelo funcionário britânico Francis W. Ellis. Por volta da metade do século XIX, o inglês R. A. Caldwell introduziu a denominação atual, derivada da palavra em sânscrito *dravida*, que designava tanto o povo tâmil, quanto sua língua.

Tradição

Dentre as quatro línguas mencionadas, a tamílica — ou, abreviadamente, o tâmil — é a que possui a tradição literária mais antiga e mais rica, reportando ao século III a. C. Todas as quatro são línguas administrativas e literárias e possuem uma rica tradição de inscrições e de textos literários. Comum a todas é também uma distância considerável entre a língua escrita e os numerosos dialetos e, por fim, como é inevitável em línguas usadas no ensino superior, a forte influência exercida pelos desenvolvimentos técnicos, científicos e sociais modernos na forma de numerosos neologismos, orientados por modelos ingleses ou em sânscrito, ou — em especial no tâmil — neologismos e calco-traduções de substância lingüística própria.

Tipologia

Tipologicamente, as línguas dravídicas devem ser consideradas entre as línguas aglutinantes, ou seja, entre as línguas que exprimem as mutações gramaticais das palavras e suas relações principalmente através de sufixos (prefixos e infixos não ocorrem) adicionados à raiz das palavras (dois, três ou mais sufixos são freqüentes).

CAPÍTULO XI

Famílias lingüísticas da Terra: o mundo do Pacífico, América e África

Abandonamos agora o continente asiático – não sem lamentar o fato de não ser possível tratar mais detidamente de línguas importantes, como o *vietnamita*, com seus mais de 65 milhões de falantes (semelhante ao chinês sob vários aspectos, e também pelo fato de o seu tom ser distintivo de significado, utilizando a escrita latina com inúmeros diacríticos), e o *khmer* (falado no Camboja).

O japonês

Situado na porção mais oriental do continente asiático, encontra-se o império insular do Japão. O *japonês*, devido ao número de falantes (quase 125 milhões) e à posição mundial ocupada pelo Japão, é uma das mais importantes línguas da atualidade. Ele não faz parte de nenhuma das grandes famílias lingüísticas. Não é aparentado ao chinês; ambas as línguas pertencem a um modelo construtivo diferente, e o japonês é (preponderantemente) uma língua aglutinante, cujas palavras são, em sua maioria – por esse motivo –, de várias sílabas.

O sistema de escrita

O fato de o japonês ser considerado "difícil" nos países ocidentais e ser pouco aprendido é devido menos às características da língua do que ao sistema de escrita, consideravelmente complicado e difícil. Por esse motivo, lancemos um olhar nesse ponto, que dará uma idéia de como essa escrita é formada e do porquê de ela ser tão complicada. Cumpre ressaltar: não estamos à frente de *uma* escrita, mas sim de um conjunto, originário de *três* escritas: de caracteres chineses e de dois alfabetos silábicos japoneses diferentes.

1. Quando, por volta de 500 d. C., monges budistas foram para o Japão, levaram consigo sua escrita chinesa. Os japoneses, até então sem escrita própria, adotaram-na; por causa das diferenças entre as duas línguas, com o correr do tempo foi acrescentado a muitos dos caracteres chineses (não a todos) um valor fonético (sem levar em conta seu significado), e eles passaram a ser utilizados, de certo modo, como "letras". Atualmente, os caracteres chineses, chamados de *kanji*, são utilizados para reproduzir substantivos, verbos, adjetivos e nomes nativos. Foram oficialmente integrados 1.850 desses caracteres. A metade deles é ensinada nos seis primeiros anos escolares, obrigatoriamente.

2. O primeiro dos dois alfabetos silábicos, chamado de *hiragana*, é utilizado para escrever todas as outras classes de palavras, assim como as terminações das flexões das palavras escritas em *kanji*. Portanto, em qualquer texto normal são usadas pelo menos as escritas 1 e 2, além de letras latinas e algarismos arábicos.

Os sinais mais importantes dos alfabetos silábicos hiragana (ao lado) e katakana (abaixo). A maioria designa sílabas como ka, pu, to; o restante, vogais e a consoante n, que termina sílabas.

ん	わ	ら	や	ま	は	な	た	さ	か	あ
		り		み	ひ	に	ち	し	き	い
		る	ゆ	む	ふ	ぬ	つ	す	く	う
		れ		め	へ	ね	て	せ	け	え
	を	ろ	よ	も	ほ	の	と	そ	こ	お

3. O segundo alfabeto silábico, o *katakana*, serve principalmente para escrever palavras e nomes estrangeiros, além de telegramas e textos de computação.

Tanto em *hiragana* quanto em *katakana* (e suas diferenciações e complementações não mencionadas aqui) pode ser escrita qualquer palavra japonesa. Também é possível utilizar-se o alfabeto latino. Os esforços existentes já há muito tempo a favor de uma "romanização" da escrita nunca se concretizaram; os japoneses mantêm-se fiéis a seu sistema, em parte por tradição, em parte também porque esta escrita difícil para estrangeiros serve para isolá-los.

ン	ワ	ラ	ヤ	マ	ハ	ナ	タ	サ	カ	ア
		リ		ミ	ヒ	ニ	チ	シ	キ	イ
		ル	ユ	ム	フ	ヌ	ツ	ス	ク	ウ
		レ		メ	ヘ	ネ	テ	セ	ケ	エ
	ヲ	ロ	ヨ	モ	ホ	ノ	ト	ソ	コ	オ

Em jornais europeus, as palavras japonesas são, na maioria das vezes, transcritas segundo o método do missionário americano *Hepburn:* vogais devem ser lidas como em latim e consoantes como em inglês (exemplo: *kanji*, a ser pronunciado [kandʒi]).

O coreano

O coreano é uma língua independente, cujo parentesco com o japonês é afirmado, mas nunca foi comprovado, e possui uma escrita própria, perfeitamente adaptada às peculiaridades do coreano.



As lojas em um bairro muito freqüentado por turistas na cidade de Seul (Coréia do Sul) mostram letreiros em coreano e inglês.

Uma única família: o australásico

No momento em que lançamos o olhar para a amplitude do mundo do Pacífico, observamos, com espanto, que na imensa região que se inicia em Madagascar, a oeste, e vai até a ilha de Páscoa, a leste, domina, em essência, apenas uma família lingüística – o australásico; aliás, uma família que abrange mais de cem línguas. As exceções mais importantes são constituídas pela Austrália (com suas línguas nativas) e por uma parte da Nova Guiné.

Pela vastidão territorial, como também pelo número de falantes, essa família é uma das mais importantes do globo, mas a distribuição entre a metade oriental e a ocidental da área linguística é extremamente desigual.

Divisão

A área australásica ocidental vai de Madagascar a uma linha divisória que corre, em direção norte-sul, através da Nova Guiné Ocidental. Essa parte ocidental abrange regiões numérica e proporcionalmente mais populosas: além de Madagascar, a península malaia, toda a Indonésia, as Filipinas, Taiwan, a Nova Guiné Ocidental – uma região com cerca de 300 milhões de pessoas. A grande maioria de falantes divide-se entre as seguintes línguas principais: *malaio*, *indonésio*, *javanês* e *filipino*. Em contrapartida, a porção oriental abrange geograficamente uma região ainda maior, ou seja, todas as ilhas do Pacífico, um mundo tradicionalmente dividido em Micronésia (parte setentrional), Melanésia (Nova Guiné, Ilhas Salomão, Ilhas Fiji) e Polinésia (Havaí, Samoa, Nova Zelândia e Ilha de Páscoa). A família astronésica (ou "superfamília") é uma das maiores do mundo, tanto pelo número de línguas (mais de 1.200), como pelo tamanho da região de falantes. Nesse quesito, só é superada pela família indo-européia.

Nome da família

A família, hoje, é geralmente conhecida sob o nome de *línguas australásicas*. Alguns estudiosos dividem-na, entretanto, em duas, e falam de família *polinésia* e de família *indonésia*. Segundo essa divisão, as quatro línguas supracitadas, com seu grande número de falantes, pertencem todas à família indonésia. Outros estudiosos distinguem uma família *malaio-polinésia* e uma *melanésia*.

As línguas isoladas

As línguas isoladas, constituídas por imenso número, não são provavelmente conhecidas, sequer pelo nome, pelo leitor europeu que não tenha viajado pelo Pacífico ou não tenha estudado a respeito. Entre essas, há, por exemplo, o *tonga*, o *ilongo*, o *batak*, o *buguinês*, o *dayak*, o *gorontalo*, o *me-*

dunês, o *mota*. Limitar-me-ei a dar algumas informações a respeito das línguas mais importantes dessa família.

Centros

As línguas com maior número de falantes encontram-se, como é natural, nas zonas mais densamente povoadas: nas grandes ilhas da Indonésia, nas Filipinas.

Uma visão de Cingapura

No que diz respeito ao continente asiático, estão sobretudo na península malaia, hoje em grande parte incorporada ao Estado da Malásia — com exceção da extremidade meridional, onde se encontra Cingapura, que de-



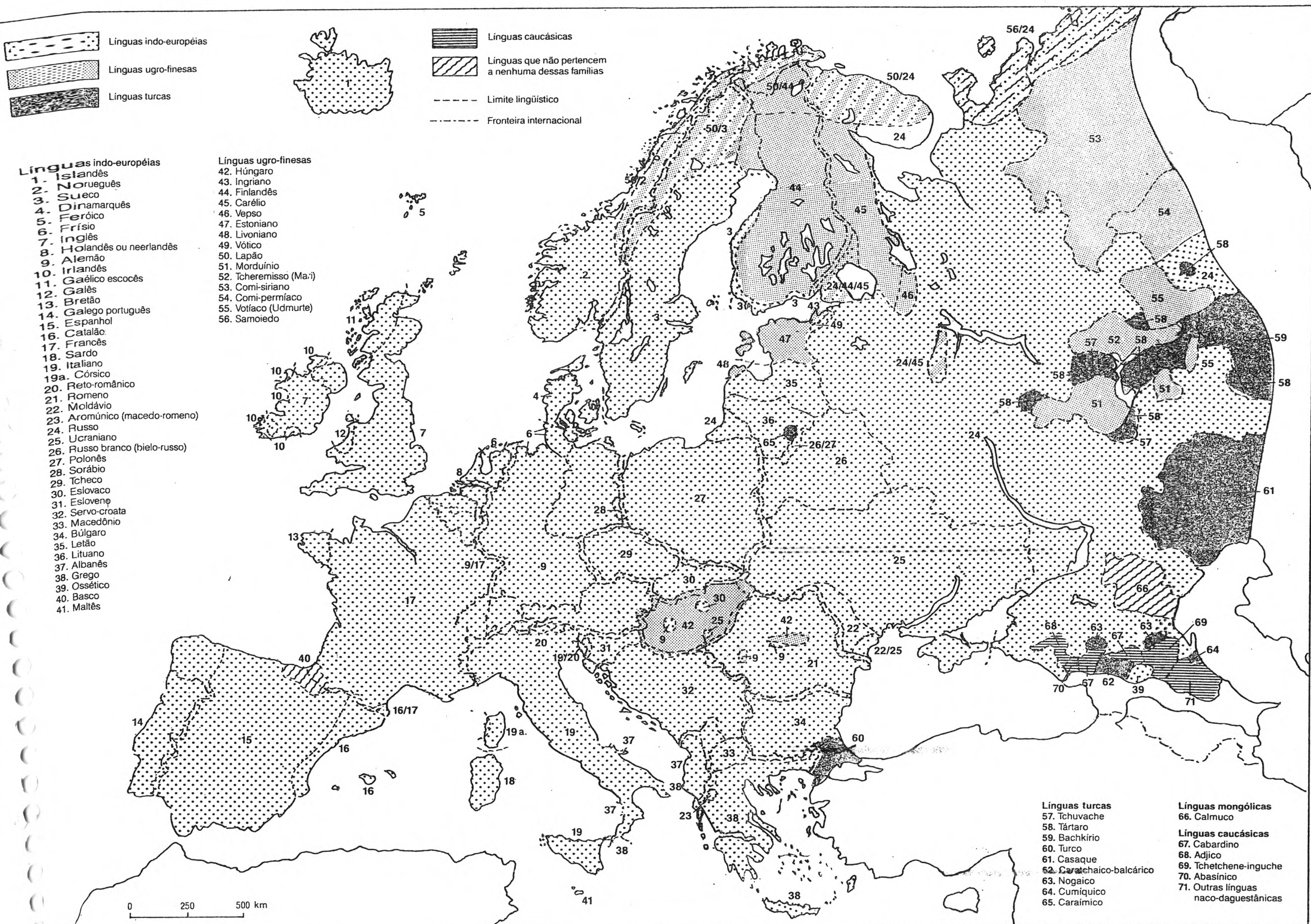
Placa de uma rua em Cingapura, em cima em língua inglesa (Cingapura foi colônia inglesa até a Segunda Guerra Mundial), embaixo em caracteres chineses (os chineses compõem a maioria da população).

pois de pertencer por um breve período à Federação da Malásia (constituída por uma série de sultanatos, cujos chefes se alternam no comando da federação) declarou sua independência, e desde então tem vivido em desenvolvimento econômico sem precedentes. A "língua nacional" de Cingapura é o *malaio*, mas visto que os chineses representam não só a classe de mais prestígio, mas também a mais populosa (cerca de 70%), o *chinês* é mais falado que o malaio. Os malaios correspondem a cerca de 15% da população. Levando-se em consideração os imigrantes vindos da Índia, em sua maioria dos tâmeis, em Cingapura o *tâmil* é a terceira língua oficial, ao lado do malaio e do chinês. Acrescente-se ainda, como quarta língua, o *inglês*, remanescente do período colonial e que hoje é língua veicular generalizada no campo econômico.

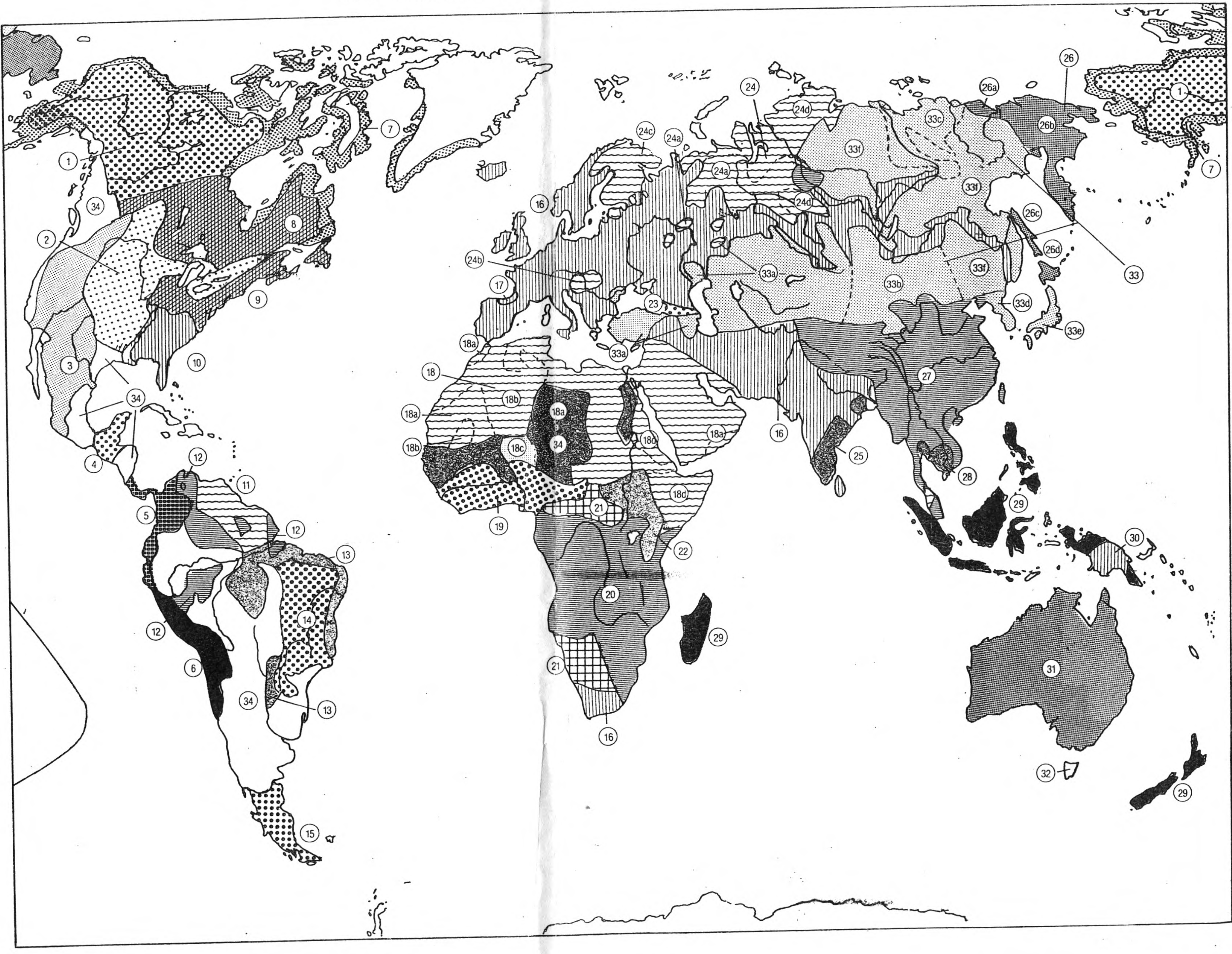
Um mapa lingüístico multicolorido

Esta visão de Cingapura pode igualmente nos fornecer dados sobre uma característica de todo o espaço do Pacífico: não se encontram com facilidade grandes regiões lingüísticas unitárias e correlatas do tipo daquelas comuns à Europa com seus Estados e línguas nacionais (se bem que este quadro da Europa seja válido apenas para aqueles que a observam de longe; mais de perto, o quadro se diferencia consideravelmente; basta pensarmos na Espanha, com o catalão, o basco, o galego, ou na França, com os bretões, os bascos, os alsacianos, os flamengos, os argelinos, ou ainda na Grã-Bretanha, com suas regiões de fala celta e com as minorias asiáticas). Na área do Pacífico temos uma situação que, em agricultura, chamamos de "área de cultura diversificada", uma profusão de pequenos cultivos. Mesmo

AS LÍNGUAS DA EUROPA



AS LÍNGUAS DO MUNDO



1. Atabasco
2. Sioux-Dacota
3. Uto-asteca
4. Maia
5. Chipcha
6. Quíchua

Situação dominante antes da colonização

7. Línguas esquimós
8. Algonquino
9. Iroquês
10. Muscogui
11. Caraíba
12. Aruaque
13. Tupi-guarani
14. Jê
15. Chon
16. Indo-europeu
17. Basco
18. Camito-semítico
18a. Semítico
18b. Berbere
18c. Tchado-camítico
18d. Cuxita
19. Línguas sudanesas
20. Banto
21. Khoisan
22. Nilótico
23. Caucásico
24. Urálico
24a. Ugro-finês
24b. Úgrico
24c. Finês
24d. Samoiedo
25. Dravídico
26. Paleoasiático
26a. Iucagir
26b. Tchuktcho-camtchadálico
26c. Guiliaco
26d. Aino
27. Sino-tibetano
28. Austro-asiático
29. Australásico
30. Papua
31. Australiano
32. Tasmaniano
33. Altaico
33a. Línguas turcas
33b. Línguas mongólicas
33c. Iacuto
33d. Coreano
33e. Japonês
33f. Línguas tungues
34. Outras línguas

em ilhas pequenas e minúsculas falam-se várias línguas e dialetos. Nas ilhas Salomão há sessenta línguas, entre elas algumas que demonstram apenas semelhanças vagas. Nas ilhas do Almirantado há cerca de 25. A ilha Guadalcanal, palco de duros combates durante a Segunda Guerra Mundial, de cerca de 100 km de comprimento, tem 25 dialetos. Na ilha filipina de Leyte os habitantes da metade oriental falam uma língua tão diferente da de seus vizinhos ocidentais que a compreensão entre eles só é possível por meio de intérpretes. Há línguas que só têm uns poucos milhares de falantes, e outras que estão em vias de extinção, como aquela originária do Havaí, da qual ainda se ouvem alguns fragmentos, como fantasmas vagando, como *aloha*..., mas cujo fim é fácil de ser previsto.

Mas também as grandes ilhas oferecem um mapa lingüístico policromo — se não considerarmos as tendências atuais de unificação. As Filipinas, não muito maiores que a Grã-Bretanha em superfície, apresentam setenta línguas. As grandes ilhas da Indonésia são lingüisticamente um pouco menos fracionadas (Sumatra tem cerca de uma dúzia de línguas ou dialetos), mas nenhuma delas se apresenta como um quadro lingüístico homogêneo. Pode-se dizer que, quando temos em vista um país ou uma ilha de toda esta região, encontramos em sua maioria até quatro línguas e, quando temos em vista uma língua, encontramos seus falantes espalhados na maioria das vezes em várias ilhas, arquipélagos ou áreas costeiras. A multiplicidade se torna ainda mais desconcertante se à dimensão espacial juntarmos a temporal. De qualquer modo, à medida que não possuíam fixação escrita e, na época das canoas e dos barcos a vela, tinham pouco contato entre si, ocorreram mudanças violentas em curtos espaços de tempo — mudanças que não são conhecidas em seus detalhes, mas que eram sintomaticamente visíveis aos olhos de grupos de mercadores, viajantes ou guerreiros que voltavam a visitar uma determinada ilha poucas décadas após sua primeira visita.

Influências estrangeiras

Uma outra característica comum a muitas línguas da família, se bem que não a todas, é constituída pelas influências exercidas pela Ásia e, recentemente, também pela Europa. As influências vindas da Ásia relacionam-se preponderantemente com a difusão das grandes religiões. Assim, o hinduísmo propagou-se no primeiro século depois de Cristo por Java e Sumatra, e mais tarde por Bornéu e outras ilhas. Testemunhos disso são não só famosas construções de templos, como também empréstimos do sânscrito. Já depois de uns cem anos do advento do Profeta, começa a influência do islamismo e com ele do árabe. A partir da era das descobertas chegam missionários cristãos, mercadores, técnicos e conquistadores europeus. A influência mais recente é aquela exercida pela técnica moderna (cf. o caso da China).

Malaio

Entre as línguas dominantes, o primeiro lugar é ocupado pelo malaio, posto este que ele atingiu no que se refere a seu significado e divulgação apenas no decorrer dos últimos séculos. Na época que os europeus denominam de alta Idade Média, ele era falado apenas por alguns milhões de pessoas que habitavam as costas de Sumatra e, à sua frente, a costa da península malaia. Em parte graças à posição geograficamente dominante da península malaia, em parte graças aos notáveis dotes mercantis e marítimos dos malaios, em parte talvez também graças à particular idoneidade da própria língua, o malaio tornou-se, bem antes da chegada dos colonizadores europeus, a



Na Malásia, o malaio é língua oficial; por causa da numerosa população chinesa em vários locais, as lojas ostentam letreiros em ambas as línguas – como esta, na cidade de Mersing.

língua veicular e comercial (*língua franca*) de um grande território, correspondente mais ou menos à atual Indonésia. Essa língua era chamada de *malaio de bazar*. Diante de tal situação, ingleses e holandeses, interessados em uma língua veicular que fosse a mais difundida possível em uma área lingüisticamente das mais fracionadas, incumbiram-se de reforçar essa posição do malaio.

Indonésia

O passo decisivo para o renome atual do malaio foi dado quando a Indonésia (por séculos, uma colônia, principalmente sob o domínio holandês), depois da obtenção da independência – após o final da Segunda Guerra Mundial e da ocupação pelos japoneses –, tornou-se livre e um grande Estado soberano. Para a população das 13.000 ilhas das quais as maiores são Java, Sumatra, Bornéu (uma parte dessa ilha pertence à Malásia), Célebes chamada de *Sulawesi* em indonésio e, desde 1963, uma parte da Nova Guiné – que atualmente chega a 200 milhões e, na época, falava inúmeras línguas em sua maioria aparentadas entre si, era preciso criar uma língua oficial unitária. Pareceu-lhes temerário escolher o javanês, a língua mais difundida (e dotada de uma longa tradição literária, até hoje cultivada), com mais de 80 milhões de falantes, pois isso poderia parecer a outras partes da população uma depreciação da própria língua. Assim, a língua escolhida não foi o javanês, mas sim o malaio, língua materna de apenas alguns poucos indonésios, mas dominada por muitos como segunda língua (língua veicular), ou, de qualquer modo, compreendida. Com esse objetivo, a língua foi normatizada lexical e gramaticalmente pelas autoridades, e hoje é chamada de *bahasa indonésia*.

Excerto de um guia turístico para indonésio moderno (Editora Polyglott, 8ª edição, 1984).

Guten Morgen.	**Selamat pagi.**
Guten Tag.	**Selamat siang.**
Guten Abend.	**Selamat malam.**
Gute Nacht.	**Selamat tidur.**
Auf Wiedersehen.	**Sampai bertemu lagi.**
Wann *ist (sind)* ... geöffnet?	**Kapan ... dibuka?**
Wann *wird (werden)* ... geschlossen?	**Kapan ... ditutup?**

O malaio e o indonésio, que defini anteriormente como línguas dominantes da região, são portanto, fundamentalmente, não duas línguas, mas a segunda é uma versão padronizada da primeira. E o javanês é um dialeto ou uma variação do malaio, atualmente língua de muitos livros, jornais e transmissões radiofônicas da ilha de Java, e que se caracteriza entre outras coisas pelo fato de possuir três camadas lingüísticas (*socioletos*): um idioma é a língua das camadas superiores, da classe alta, outro é a língua do povo em geral, e um terceiro serve para a comunicação entre ambos.

Filipinas: o filipino

Uma situação semelhante é encontrada quando nos voltamos para o outro grande arquipélago, as Filipinas, com 7.000 ilhas e inúmeras línguas (também diversas entre si) e ainda mais dialetos. Também neste caso verifica-se a obtenção da independência após a Segunda Guerra Mundial, depois de vários anos de domínio japonês, e um esforço para satisfazer à necessidade de se criar uma língua oficial. Foi escolhido neste caso o *tagalog*, uma das línguas aparentadas com o malaio, língua materna de apenas alguns milhões de habitantes da ilha Luzón (na qual se encontra a capital, Manila). A língua oficial então criada foi chamada de *filipino*. Ao lado dela e dos dialetos ainda em uso em muitas ilhas são utilizados o espanhol (oriundo da época colonial) e o inglês (procedente da época de ocupação norte-americana).

Peculiaridade do malaio

Eufonia, simplicidade e clareza de estrutura, que o tornam uma língua de pronúncia e aprendizado fáceis para o europeu, lhe valeram o apelido de "italiano do oriente". E era isto que eu tinha em mente quando disse que o malaio seria adequado como língua veicular para uma grande região. Como assim?

Estrutura fonética

Do ponto de vista fonético, o malaio é simples, não apresentando sons de difícil pronúncia para falantes de outras línguas. Como vogais, tem apenas as cinco fundamentais: *a, e, i, o, u* e a vogal "média"[ə]. Não há grupos consonantais tão difíceis de ser pronunciados, por exemplo, pelos japoneses (até mesmo um japonês que tenha um bom domínio do alemão tem a tendência de introduzir vogais entre os grupos consonantais, pronunciando, ao invés de Berlim, [berulinu] — isto depois de conseguir aprender a distinção entre [r] e [l]).

O malaio — mais regular neste aspecto do que o italiano, por exemplo — conhece quase apenas a seqüência consoante-vogal (uma sílaba), consoante-vogal (outra sílaba). Exemplo característico é *Mata hari* ("sol", mas, literalmente, "olho do dia"), uma das poucas palavras malaias conhecidas por nós, se bem que apenas como o nome da famosa espiã. *Orang utan*, literalmente "homem (da) floresta", formada de *orang* ("homem") e *(h)utan* ("floresta"), é um outro exemplo, mas esta denominação é utilizada prevalentemente pelos europeus, já que os malaios denominam o animal de *mawas*, "monstro". O malaio é considerado pelos lingüistas como o "ideal fonético-fonológico". Segundo se afirma, na escolha de uma língua auxiliar internacional entre as línguas mais conhecidas, o malaio conseguiria a pontuação mais elevada.

Gramática

Fácil não é apenas a estrutura fonética, também a gramática é assim considerada. Os substantivos não têm desinências para singular e plural, para gênero ou caso. Não há artigos (muitos idiomas prescindem de artigos) O adjetivo recebe regularmente a indicação de grau com o acréscimo de *lebeh* ("mais") ou de *sa-kali* ("o mais", "máximo"). O verbo não conhece voz ati-

va e passiva, não há modos (indicativo, subjuntivo, etc.) nem tempos. Adjetivos e pronomes também não são declinados.

Em resumo: é uma língua "isolante", com uma gramática tão simples quanto a chinesa, mas sem as dificuldades desta última, como os "quatro tons" e as inúmeras homófonas com significados diferentes. Para aquele que não convive com uma língua desse tipo, ela tem, na verdade, a desvantagem de que (exatamente por causa das palavras alinhadas sem flexões) é preciso adivinhar o que se pretende dizer.

Línguas ameríndias

Ao abandonarmos agora a área do Pacífico e nos voltarmos para as Américas, não pretendemos nos ocupar com as línguas que dominam todo o continente, como línguas oficiais e administrativas (inglês e francês, ao norte, espanhol e português, no centro e ao sul), e nem com os imigrantes de origem européia (alemães, poloneses, italianos, entre outros) ou asiática que ainda utilizam, às vezes, suas línguas de origem, em núcleos de povoação isolados. Pretendemos, antes, observar a situação anterior à colonização européia, a América pré-colombiana, as línguas que eram aí faladas naquela época e das quais uma grande parte se extinguiu ou está em vias de extinguir-se, e uma parte menor ainda sobrevive, renitentemente.

Antes de Colombo

Se prescindirmos dos esquimós do extremo norte, nos encontraremos diante, quase exclusivamente, de tribos "indígenas" (a população negra juntou-se a elas apenas por obra dos europeus, em sua maioria através do comércio de escravos), que falam línguas indígenas. A denominação "índios" deriva, como se sabe, do erro de Colombo, que acreditava ter aportado em uma parte da Índia. Mas os índios da América não têm nada a ver com os indianos da Índia. De pele levemente escura (e não "vermelha", cor representada apenas na pintura de guerra, freqüente), os "ameríndios" são descendentes da raça mongol, que, por volta de 30.000 anos atrás, migraram da Ásia para o Alasca, quando, na zona do atual estreito de Bering, havia uma faixa de terra ligando os dois continentes, conseqüência do abaixamento do nível dos mares durante a era glacial. Até antes de tal migração, não existia ali nenhuma espécie de ser humano ou de primata que possamos considerar antepassado próximo do homem.

Do Alasca à Terra do Fogo

Lentamente, no decurso de milênios, os migrantes espalharam-se sobre a imensa região do Alasca até a Terra do Fogo. Na América Central e na América do Sul, eles criaram, por fim, as elevadas culturas dos maias, astecas e incas. Mesmo no caso de os migrantes falarem a mesma língua (o que não é comprovável, e nem provável, pois eles, quase certamente, vieram em ondas que se distanciam em milênios), a dispersão por espaços gigantescos e o isolamento inicial das povoações fizeram com que as línguas evoluíssem de modo bastante diverso, tanto que quase não se faz possível uma conclusão, ainda que hipotética, que aponte para uma língua originária comum.

Número de falantes

Segundo estimativas de historiadores, o número de habitantes das Américas, antes da conquista européia, elevava-se entre 15 e 20 milhões. Surpreendentemente, uma população tão exígua em relação à imensidão do território ocupado possuía um número de línguas bastante superior àquele do chamado Velho Mundo, em uma variedade fantástica. Os número são os seguintes, de acordo com estudiosos da área: 24 línguas para os esquimós, cerca de 350 línguas dos indígenas norte-americanos, por volta de 100 no Mé-

xico e na América Central, e aproximadamente 800 na América do Sul e nas Antilhas — ao todo, cerca de 1.250 línguas indígenas, distribuídas segundo critérios puramente geográficos. Entretanto, os números encontrados na literatura científica a esse respeito diferem bastante e por vezes são ainda maiores. Sob o aspecto da afinidade genética fala-se às vezes de cerca de 150 famílias lingüísticas, cifra bastante vaga, porque várias dessas línguas permanecem não pesquisadas ou simplesmente desconhecidas. E visto que muitas estão em vias de extinção, e algumas são faladas apenas por uns poucos milhares de pessoas, este número logo pertencerá ao passado — apesar dos louváveis esforços de etnólogos e lingüistas em retratá-las, fixá-las em fitas magnéticas, estudá-las e analisá-las. Entre os estudiosos beneméritos dessas línguas, citemos alguns nomes: Franz Boas, Edward Sapir, Leonard Bloomfield, Benjamin Lee Whorf.

Línguas indígenas da América do Norte

Por "América do Norte" compreenda-se aqui a região do Alasca, ao norte, até aproximadamente a atual fronteira entre E.U.A. e México. Alguns estudiosos admitem em tal território até 57 famílias lingüísticas, das quais vinte apenas na Califórnia, que deste modo demonstra (ou demonstrava) ter tantas línguas quanto a Europa atualmente. Quase tudo o que se refere à classificação é, como já se disse, incerto. Tem-se tentado também agrupar as famílias em unidades maiores, denominadas *phylae* ou *tribos*. Neste caso, existiriam — sem se considerarem as línguas esquimó-aleutas — cinco grandes grupos. Enumerações apenas de pouco servem, mas só para dar uma idéia, relaciono aqui uma divisão convencional — segundo Gustav Ineichen, em *Allgemeine Sprachtypologie (Tipologia Lingüística Geral,* 1979*)* —; vários nomes são conhecidos nossos através de leituras de histórias indígenas e de filmes do oeste selvagem:

Uma divisão aproximada

1. Grupo *algonquino-wakash*: *algonquino* (Quebec, Ontário), *quileute* (Estado de Washington, não a cidade), *nootka, kwakiutl* (ambas na Colúmbia Britânica), *cœur d'Alène* (no lago homônimo do Idaho setentrional), *kalispel* (Washington, Idaho, Montana), *yurok* (Califórnia).
2. Grupo *hoka-sioux*: *yana, salina* (ambos na Califórnia), *tonkawa* (Texas, Oklahoma), *chitimacha* (Louisiana), *tunika subtiaba* (isoladamente presente na Nicarágua, portanto fora da América do Norte), *mohawk* (Ontário, Quebec, Estado de Nova York), *dakota* (amplamente difundido: vale do Mississípi, Minnesota, Wisconsin, Dakota, Montana, Manitoba, Alberta, Saskatchewan).
3. Grupo *atabasco* ou *nadene*: *atabasco* (na região do lago homônimo), *navajo* (Arizona, Novo México, Utah), *haida* (ilhas da Rainha Carlota, Colúmbia Britânica), *tlingit* (Alasca).
4. Grupo *panuto*: *maidu* e *yokuts* (ambos na Califórnia), *chinuk* (Califórnia, antigo Oregon e Washington), *takelma, coos* (Oregon), *tsimschian* (Colúmbia Britânica).
5. Grupo *uto-asteca*: *paiute* (Idaho), *luiseño, cahuilla* (ambos na Califórnia), *zuñi* (Novo México), *asteca* (falado na América Central, mas pertencente a este grupo).

Características comuns

Quem estuda outros quadros sinópticos, principalmente americanos, encontra classificações semelhantes, mas com muito mais nomes. De nenhum modo as classificações são arbitrárias, pois há inúmeros pontos em comum

como, por exemplo, no vocabulário; visto, porém, que não se pode estudar o passado por causa da ausência de documentos escritos, deve permanecer em aberto a questão de que se trata no caso de um parentesco genealógico ou de influências recíprocas exercidas pelas línguas. Uma coisa é certa: estas línguas, até onde se pode pensar, sempre estiveram em contato com as línguas vizinhas, e exatamente porque não havia quase nenhuma língua veicular em amplos territórios, as tribos precisavam, tanto na guerra quanto na paz, de um meio de comunicação com os vizinhos: através de intérpretes, que por vezes falavam a língua de uma tribo vizinha (bilíngües), por vezes as línguas de várias tribos (polilíngües).

Ocorreram também casos de adoção de palavras e de peculiaridades gramaticais. Em alguns casos línguas tribais, como o *chinuk* (inglês *chinook*), a noroeste, atingiram o papel de línguas veiculares para o comércio de trocas, tendo sido utilizadas como tal também pelos brancos, e adotaram empréstimos dos idiomas destes (inglês e francês). Uma segunda verificação é válida para todas essas línguas, mas também para qualquer língua conhecida, seja qual for o grau cultural de seus falantes. Mesmo que a cultura desses povos nos pareça simples, até mesmo primitiva, línguas primitivas não as há. Conhecemos apenas línguas totalmente formadas, que desempenham por completo sua função comunicativa, e não é raro que as línguas de tais povos e tribos supostamente primitivos sejam bastante complexas.

A colocação lado a lado de tantas línguas diversas na América do Norte tem provocado grandes estímulos na lingüística. Alguns fenômenos interessantes — característicos de determinados grupos, mas nunca de *todas* as línguas indígenas — são os seguintes:

Duas vezes "nós"

Algumas línguas distinguem dois tipos de pronomes pessoais da primeira pessoa do plural ("nós"): um "nós" que inclui tanto o falante quanto o interlocutor, e um outro "nós", com o qual o falante quer dizer "eu e outros, mas não você". A ausência de tal diferenciação nas línguas européias causa por vezes mal-entendidos.

Algumas línguas exprimem nas formas verbais o grau de certeza do processo descrito pelo verbo: um verbo para acontecimentos presenciados pelo falante com seus próprios olhos, e um para acontecimentos relatados por outros, isto é, que se relata "de ouvir dizer". (Uma distinção bastante útil, se utilizada nas comunicações jornalísticas e reportagens de rádio — e nos discursos dos políticos!)

Inúmeras línguas têm consoantes desconhecidas para as línguas européias; algumas possuem grupos consonantais impossíveis de ser pronunciados por nós, como *nmnmk* (sem vogal); algumas servem-se da entonação e do acento como funções distintivas de significado.

A hipótese Sapir-Whorf

Abandonando agora as características específicas, volta-se aqui para um tema de significado abrangente para as conexões entre língua e cultura, entre uma língua e a mentalidade, o modo de pensar, a visão de mundo daqueles que a falam. A discussão deste tema iniciou-se em torno de uma língua indígena norte-americana. A questão é a seguinte: até que ponto a nossa visão de mundo e do nosso meio ambiente é filtrada pela "lente" de nossa língua materna? Ela, portanto, não nos coagiria a um certo tipo de

pensamentos, vetando-nos outros e nos impondo uma visão bem determinada de mundo?

A tese segundo a qual as coisas seriam, de um modo bem abrangente, exatamente assim é chamada em geral de *hipótese Sapir-Whorf*, termo tirado do nome de dois lingüistas americanos, Edward Sapir e seu discípulo Benjamin Lee Whorf; mas ela já havia sido formulada cem anos antes de maneira bastante convincente por Wilhelm von Humboldt, no ensaio *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts (Sobre a Diversidade Estrutural das Línguas Humanas e sobre a Influência delas na Evolução Espiritual da Humanidade)*, que ele colocou como introdução aos três volumes sobre a língua *kawi*, da ilha de Java.

Sapir e Whorf não mencionaram a tese de Humboldt, talvez porque não a conhecessem; também outros pesquisadores alemães mais recentes, que prosseguiram com a tese de Humboldt (Leo Weisgerber), lhes eram desconhecidos. Os dois americanos pertencem ao século XX. Sapir (1884-1939), nascido na Pomerânia, pesquisou as línguas indígenas nos E.U.A. como antropólogo. Seu discípulo Whorf (1897-1941) era químico e engenheiro, antes de ser levado por Sapir a se ocupar da antropologia e das línguas indígenas. Eis a formulação de Sapir: "Os homens não vivem simplesmente no mundo objetivo, mas dependem amplamente da língua particular utilizada como meio expressivo em sua sociedade... De fato, o 'mundo real' se fundamenta, em geral de maneira inconsciente, nos hábitos lingüísticos do grupo humano a que se pertence..."

Whorf ocupou-se de maneira intensa da língua dos hopis, considerada como pertencente ao grupo uto-asteca. Muitos de seus trabalhos referentes a este tema encontram-se compilados em um volume póstumo, publicado em 1956, denominado *Language, Thought and Reality (Linguagem, Pensamento e Realidade)*. Como exemplo do modo de proceder de Whorf, escolherei seu exame comparado de diversos conceitos e representações de números e de tempo no europeu médio (*Standard Average European — SAE*), de um lado, e no hopi, de outro.

Conceitos de número e de tempo

Para os europeus parece óbvio aplicar o conceito numérico "dez" tanto para objetos concretos ("dez garrafas"), quanto para conceitos temporais ("dez dias"). Dez garrafas podem ser vistas com nossos olhos, mas dez dias, não. De fato, o objeto de experiência imediata pode ser apenas e sempre um dia, aquele presente, os outros nove existem unicamente na recordação, ou no futuro concebido ou imaginado por nós. Os hopis utilizam os numerais cardinais "um, dois, três..." apenas para objetos concretos. Unidades de tempo eles não contam com esses números, mas sim com os ordinais, "primeiro, segundo, terceiro... dia", e usam "dia" sempre no singular. Não se subentende neste caso uma diferença radical na concepção de "tempo"? Os hopis — diz Whorf — não contam os dias como nós contamos várias pessoas que se encontram juntas, mas sim do modo como contamos as sucessivas aparições da *mesma pessoa:* "sua primeira, segunda, terceira visita". Eles vêem na seqüência dos dias não uma distribuição linear, mas sim um retorno cíclico.

Whorf sustenta esta tese com a ilustração de determinados comportamentos dessas pessoas. Se é o mesmo dia que retorna amanhã, podemos influenciar o futuro com determinados comportamentos, neste caso em sua maioria

de tipo cerimonial, com orações, meditação, execução de ritos e danças, mas também com meios mágicos a serem utilizados hoje. O provérbio inglês *Tomorrow is another day* ("Amanhã é outro dia") deve parecer absurdo a um hopi. Whorf acrescenta ainda outras características da língua hopi, como a de não possuir tempos verbais.

É válida esta tese?

Não podendo acrescentar aqui outros argumentos, passo direto à questão: Whorf está com a razão? Se ele estiver certo, deveria ser possível encontrar correspondências evidentes entre estrutura e lingüística, de um lado, e formas culturais e intelectuais, de outro — e não eventualmente entre os índios estudados por ele com tanta dedicação. Mas exatamente entre os índios norte-americanos se observa que tribos (também tribos da mesma região dos hopis, na Califórnia) de cultura bastante semelhante falam línguas de estruturas bastante diferentes, enquanto, por outro lado, tribos de línguas bastante próximas apresentam acentuadas diferenças culturais.

Esta tese, porém, ainda não foi "refutada" deste modo; eu quis citá-la, por assim dizer, a partir de sua fonte.

Observações finais

Antes de abandonar a América do Norte, ainda três observações:

1. Estruturalmente, muitíssimas (se bem que não todas) línguas indígenas norte-americanas mostram a característica tipológica de serem *polissintéticas* ou *incorporantes*. Aquilo que expressamos em uma frase — via de regra longa — é freqüentemente comprimido nessas línguas em apenas uma palavra. "O homem que eu encontrei na floresta" é expresso em uma única palavra composta. Uma analogia, se bem que distante, das "línguas SAE" de Whorf seria formada por palavras concatenadas do tipo "O teu eterno oh-se-pelo-menos-tivesse-podido" — mais freqüente no inglês: *"He made a sweeping sit-down-and-relax gesture"*.

2. O estudo das línguas indígenas conduziu Sapir à tese seguinte: quando se observa um grupo de línguas ou dialetos aparentados entre si, que se espalham por uma região bastante ampla, nota-se que a área de irradiação originária dessas línguas em dialetos é muito provavelmente aquela em que se encontram as diferenças mais fortes no âmbito de um território relativamente pequeno. Exemplo prático: a subdivisão da língua inglesa em dialetos bem determinados é mais forte na Inglaterra, de onde essa língua se disseminou pelo mundo, do que na Austrália ou nos E.U.A., onde se aclimatou muito tempo depois. Esta tese foi aplicada com sucesso por Sapir às línguas ameríndias, como o atabasco; em outras palavras: ele a aplicou a esse grupo lingüístico e teve como resultado que ele se origina da área subártica.

3. Até a chegada dos homens brancos, as línguas indígenas da América do Norte não conheciam nenhum tipo de escrita, mas sempre puderam contar com uma riquíssima "literatura" oral.

América Central

Para os lingüistas, a América Central abrange a região que vai do México, ao norte, até Honduras; os outros países deste estreito, assim como as Antilhas, são considerados parte da região lingüística da América do Sul. Nesta região falam-se ainda atualmente cerca de setenta línguas indígenas. Outras, talvez uma dúzia, extinguiram-se juntamente com seus falantes. Pode-se dizer também que foram exterminadas, pois da população originária da região, calculada em 20 milhões na época das investidas de Cortez e seus exércitos, pelo menos 15 milhões foram mortos pela guerra, tra-

balhos forçados e infecções. Das culturas elevadas desenvolvidas ali por povos de raça e língua indígenas — principalmente os maias, na península de Iucatã e na Guatemala, e os astecas, no planalto do México — conservaram-se fascinantes ruínas, e também suas línguas continuam vivas até hoje; mas em essência a invasão européia condenou a um fim brutal um desenvolvimento cultural de 2.500 anos (de 1000 a. C. até o desembarque de Cortez, em 1519).

Um quadro sinóptico das línguas indígenas da América Central elaborado recentemente por lingüistas americanos — sem considerar as extintas — distingue 21 grupos principais, que podem em sua maioria ser chamados de *famílias*, visto que o parentesco entre seus membros é praticamente uma certeza. Prefiro renunciar à enumeração das línguas isoladas e relatar algo mais a respeito das duas línguas dos já citados maias e astecas merecedoras de exame mais acurado, porque representam duas grandes civilizações e também o mais alto número de falantes.

As línguas maias

As línguas maias, faladas atualmente por cerca de 2 milhões de pessoas, foram reconhecidas, em 1884, pelo estudioso alemão Otto Stoll, como pertencentes a uma só família. Há 24 línguas que pertencem a esta família. Uma delas, o *huazteco* (ou *huaxteco*), da costa do golfo do México, cujo território dista 1.500 km do principal território de difusão das línguas maias (Iucatã e Guatemala), pertence a uma tribo que, não tendo tomado parte no desenvolvimento da civilização maia, deve ter imigrado para o golfo já em época pré-histórica.

O *asteca*, como já foi mencionado, pertence à família uto-asteca, que se estende até a América do Norte, e à qual pertence também o *hopi*. Incluem-se nesta família 27 línguas, divididas em oito ou nove ramos. Na época do maior florescimento de sua cultura, os astecas chamavam sua língua de *nahua* ou *nahuatl*; provavelmente eles tinham adotado esta língua dos toltecas.

Se por um lado os europeus carregam uma grande culpa na aniquilação dessa cultura, por outro também têm méritos no tocante à conservação desta língua. Impelidos por seu dever religioso a aprender a língua dos nativos (pois era impossível pregar uma religião que lhes era desconhecida e impor-lhes ao mesmo tempo uma língua estrangeira), os missionários cristãos aprenderam o *asteca*, o *zapoteca* e o *mixteca*, prepararam gramáticas, compilaram dicionários, ou pelo menos listas de palavras, e traduziram textos bíblicos para essas línguas; e naturalmente nessa tarefa deram preferência àquelas línguas que possuíam maior número de falantes e que abrangiam regiões de divulgação maior, como o maia e o asteca. Os missionários cristãos têm, além disso, o mérito de ter promovido ou realizado a transcrição de importantes obras literárias e históricas da tradição maia e asteca — nas línguas originais, mas em caracteres latinos.

Sistemas de escrita

Esta última observação nos impele a perguntar se os povos indígenas da América Central dispunham de um sistema próprio de escrita. Quando os europeus chegaram, os astecas, assim como os mixtecas, zapotecas e outros povos, possuíam sistemas de anotação em pedra ou em uma espécie de papel: no entanto estes sistemas não podem ser definidos como uma escrita propriamente dita, mas sim como princípios, pois apenas números, datas e nomes próprios podiam ser fixados com o auxílio de caracteres pic-

tográficos. Em contraposição, a escrita de tipo hieroglífico dos maias, da qual falei no capítulo sobre a decifração das línguas mortas, representa provavelmente uma verdadeira escrita, na qual sons, sílabas ou palavras foram registrados. Esta tem resistido, porém, até agora, a todas as tentativas de decifração, não havendo ocorrido um golpe de sorte, como no caso da pedra de Roseta, ou seja, o achado de um documento polilíngüe, no qual pelo menos uma das línguas é conhecida. Não se tem certeza de qual língua — ou seriam várias? — utilizava esses *glifos*, e também não se sabe se os caracteres mantiveram sua forma original como pictogramas ou se — como é o caso dos hieróglifos egípcios — total ou parcialmente serviam de símbolos fonéticos. O sistema numérico maia — e o da maioria dos povos da América Central — era *vigesimal*, isto é, se baseava no número 20.

América do Sul

Não é possível responder à questão de quantas línguas existiam na América do Sul no período pré-colombiano, porque — em se desconsiderando os limites incertos entre idiomas e dialetos principalmente nessa região — o número das línguas extintas só pode ser avaliado de maneira imprecisa. Há documentação de cerca de quinhentas línguas vivas até hoje, e de mais de cem extintas. Avaliações a respeito da situação originária chegam a 1.500 línguas, o que faz da América do Sul um dos territórios lingüisticamente mais ricos da Terra. As relações de parentesco entre as línguas indígenas do continente são difíceis de ser percebidas, ao que tudo indica porque as imigrações do norte através do estreito istmo, ocorridas possivelmente em diferentes ondas e em épocas diversas, a ampla dispersão dos habitantes e também a inacessibilidade das regiões dos Andes devem ter contribuído para que mesmo as línguas originalmente vizinhas se desenvolvessem de maneira bastante divergente.

Missionários cristãos empenharam-se em estudar algumas dessas línguas, principalmente o *quíchua (quéchua),* para a divulgação de sua obra, compilando já a partir do século XVI gramáticas e dicionários. Entretanto, registros e estudos, segundo os critérios de precisão da lingüística atual, começaram a surgir apenas no século XX, quando por fim se redigiu uma lista abrangendo 82 agrupamentos, dos quais citarei apenas alguns.

Quíchua

O quíchua era a língua dos incas, que a difundiram em seu império (situado no atual Peru): graças a essa difusão, os missionários cristãos a utilizaram preferencialmente. Não se trata de uma única língua, mas sim de um grupo de dezoito línguas de parentesco bem próximo, difundidas no Peru, na Argentina, na Colômbia e na Bolívia. Juntamente com o grupo das línguas *aimará*, formam uma grande família denominada *quichumarana.* Calcula-se que haja atualmente vários milhões de falantes do quíchua. Tais cifras devem ser sempre consideradas com cuidado, pois há um número desconhecido de pessoas que falam o quíchua ou outra língua indígena como sua língua materna, mas que — por dominarem mais ou menos a língua oficial do país (espanhol) — são consideradas falantes de espanhol pelas estatísticas oficiais.

Outras línguas ameríndias importantes da América do Sul são o *tupi-guarani* (Bolívia, Paraguai e Brasil), o *chibcha* (ou *chibchan*), e no sul, principalmente no Chile, o *araucano.* O *guarani,* outrora utilizado pelos jesuítas em seu Estado-modelo, estabelecido sobretudo em solo paraguaio,

ascendeu após a expulsão deles quase à segunda língua oficial do Paraguai, ao lado do espanhol; também é falado por parte da população de origem não-indígena e escrito em uma ortografia normatizada.

O grupo das línguas *caraíbas* (ou *caribes*), outrora abrangendo cinqüenta membros e difundido em uma vasta região, em especial também no arquipélago do mar do Caribe, está quase extinto.

Intercâmbio com as línguas européias

O intenso e secular contato entre as línguas americanas sobreviventes e as européias teve como conseqüência uma influência recíproca. Empréstimos espanhóis e portugueses foram adotados não só para as inúmeras instituições e aparelhos de origem européia, mas em quase todas as áreas de vocabulário, e até mesmo — o que é mais raro — elementos gramaticais: o uso das preposições, conjunções e sufixos como elementos formadores de palavras. Em alguns casos também o caráter fonético da língua foi alterado. Nos locais onde os indígenas permaneceram hostis aos europeus por longo tempo, os empréstimos são em menor número, como é o caso do araucano, ao sul.

Naturalmente ocorreu também um intensivo intercâmbio entre as línguas nativas. E as línguas européias, também adotaram vocábulos originados das línguas indígenas? Claro, e de modo notável. E naturalmente com maior intensidade nas variantes sul-americanas do espanhol e do português. Mas palavras indígenas também ingressaram em outras línguas européias. Do araucano se originam palavras tão comuns em alemão como *Kanu* ("canoa"), *Mais* ("milho"), *Tabak* ("tabaco"). Das línguas quíchuas são "*Pampa*" ("pampa") e *Kondor* ("condor"). Das línguas caraíbas da região das Antilhas se origina a palavra *Kannibale* ("canibal"), designando uma peculiaridade dos ferozes e predadores caribis. Das línguas norte-americanas originaram-se *Mokassin* ("mocassim"), *Tomahawk* (machado de guerra americano), *Wigwam* (cabana dos índios norte-americanos) — expressões difundidas através da "literatura pele-vermelha". Também *Hängematte* ("rede de dormir") é de origem indígena, formada pela etimologia popular a partir de *hamak* (cf. em inglês *hammock*). *Orkan* ("furacão"), *Kakao* ("cacau"), *Kojote* ("coiote"), *Ozelot* ("leopardo"), *Tomate* ("tomate") são outros empréstimos indígenas. Conhecidos de todos são nomes de montanhas ou países de origem asteca, como *Popocatepetl* ("montanha fumegante") ou *Guatemala* ("país entre florestas"). Também a famosa *Acapulco* ostenta nome asteca. Nos E.U.A. vários nomes de Estados (*Massachusetts, Dakota*), de rios *(Mississípi, Chattahoochee)*, lagos e cidades são de origem indígena.

África — uma visão do mapa lingüístico

Onde quer que grandes conquistadores tenham outrora formado nações de vastas regiões, e sempre que tais nações se mantiveram o tempo suficiente para constituir, através de pacífico intercâmbio, um espaço cultural e econômico mais ou menos homogêneo, o mapa lingüístico revela uma distribuição de espaços relativamente ampla. Isto é válido, por exemplo, para a metade ocidental do Império Romano (latim e suas línguas-filhas), para quase toda a extensão das duas Américas continentais, para a Austrália. Onde não ocorreram estes pressupostos, o mapa lingüístico se assemelha antes a uma colcha de retalhos.

Línguas tribais e línguas veiculares

Qual o aspecto desse mapa na África? Verificam-se dois fenômenos contrários: a África é possivelmente, depois da América pré-colombiana, o

continente "mais poliglota", o mais rico em línguas. O número de línguas faladas aí é calculado entre oitocentos e mil – excluídos os dialetos. E, entre elas, não deve haver além de duas dúzias de línguas com mais de 1 milhão de falantes.

O reverso da medalha: em uma mistura tão policromática de línguas, é praticamente inevitável que surjam línguas veiculares, que possibilitem pelo menos a compreensão, no comércio, em uma região maior. Desse modo, em uma grande parte da África Oriental, entre outros no Quênia e na Tanzânia, o *swahili* difundiu-se como língua veicular. Na parte ocidental do continente, *o ful* (também conhecido por *fulani*, *fulba*) e o *haussa* desempenham um papel também importante, principalmente na Nigéria, o país mais populoso do continente, com mais de 115 milhões de habitantes. O *lingala* e o *kikongo*, no *Congo*, o *fanagalo* ou *famakalo* (cf. capítulo XIII, freqüentemente chamado de *Kitchen Kaffir*, "jargão dos cafres"), como "língua dos mineiros", nas regiões de minas da África do Sul, desempenham um papel semelhante, assim como o *amárico*, na Etiópia, onde é também língua oficial.

As línguas dos senhores coloniais

A esses dois elementos – às inúmeras línguas tribais e às línguas veiculares sobrepostas a elas – deve-se acrescentar, como terceiro elemento, a influência dos conquistadores e de sua língua. É de esperar que essa influência seja grande em um continente que até há pouco tempo consistia preponderantemente de colônias européias. Nos locais onde conquistadores e colonizadores estrangeiros chegaram em grande número, sua língua se impôs como dominante. Isso é válido para as extremidades setentrional e meridional do continente. Ao norte, durante os séculos VII e VIII, os árabes tomaram toda a região que vai do Egito, a leste, até Marrocos, a oeste; o árabe suplantou ou reprimiu fortemente as línguas outrora faladas na região, em grande parte línguas berberes, e os habitantes que não a falam, como língua materna, a conhecem como língua veicular e como língua do Alcorão. Na extremidade sul do continente, imigrantes holandeses e britânicos aclimataram sua língua e, a sudoeste, também os alemães (Namíbia) – até hoje o *alemão* é uma das línguas oficiais do país. Também nesse caso é válida a tese supracitada: o *inglês* e o *holandês do Cabo* tornaram-se línguas veiculares para a população não-inglesa ou holandesa.

Nas colônias britânicas, francesas, belgas, italianas e portuguesas, a língua dos antigos colonizadores não se tornou língua da maioria da população – isso, devido ao fato de que, na maioria das vezes, o número de colonizadores era muito pequeno. Mas essas línguas permaneceram, em especial nos países francófonos, como línguas administrativas e, em parte, como línguas das classes dominantes instruídas.

África negra

Deixemos de lado, agora, as línguas coloniais vindas do exterior e as veiculares supra-regionais originárias da própria África, para nos dedicarmos àquelas da "verdadeira" África (a África negra). Registrar, ordenar, estudar tipologias e possíveis parentescos genéticos e repartir em famílias ou grupos análogos um milhar de idiomas, em grande parte privados de escrita, é um trabalho gigantesco – para não dizer um trabalho de Sísifo – que começou no século XIX e está bem distante da conclusão. Naquele século, foram primeiramente os missionários que se incumbiram desse trabalho, entre eles alguns alemães. A partir de 1860, entraram em campo os filólogos, como Wilhelm Bleek, que cunhou o nome *banto* para o gru-

po lingüístico mais difundido na África (*bantu* é a palavra para "pessoas", "gente", em muitas línguas bantas).

Friedrich Müller e Karl Richard Lepsius fizeram as primeiras tentativas de classificação. No século XX, a filologia reconheceu o ramo autônomo da africanística, ramo desenvolvido, na primeira metade do século, na Alemanha, França e Inglaterra, enquanto na segunda metade os pesquisadores americanos é que estiveram em primeiro plano. Hoje a classificação mais reconhecida é a de um americano, Joseph Greenberg, cuja divisão data do ano de 1955, com uma versão corrigida no ano de 1963.

Classificação geral reconhecida

Comecemos pela periferia. Já no século XIX havia unanimidade em relação a três pontos:

1. A conquista do norte pela família *afro-asiática*, descrita no capítulo anterior.

2. O reconhecimento de que a língua da ilha de Madagascar, o *madagascarense* (*malgaxe*), deve permanecer fora dessa classificação, pois pertence às línguas do Pacífico, às malaio-polinésias.

3. A existência, na África sudoeste, de um grupo particular formado pelas línguas dos bosquímanos e dos hotentotes, desde 1930 chamado de grupo das *línguas khoisan*.

Para a parte principal do continente, propõe-se, em contato próximo com Greenberg, uma divisão em dois grandes grupos: línguas *nilo-saarianas* e *níger-cordofânicas*. Analisemos, primeiramente, esses dois grupos e, por fim, o grupo das *línguas khoisans*.

Considerem-se, porém, tanto a divisão em grandes grupos (*superfamílias*) como em subgrupos, e mesmo a ordenação das línguas isoladas, como "provisória". As divisões apresentadas em trabalhos alemães e franceses diferem das dos ingleses, que (com exceção do grupo khoisan) distinguem as línguas sudanesas das bantas, e as línguas sudanesas se subdividem em um ramo ocidental, denominado *família Níger-Congo*, e um oriental, a *família Nilo-Saara*. Como se vê – deixando de lado a distinção feita às línguas bantas –, trata-se de uma classificação semelhante. Há, ainda, outras restrições a serem feitas àquele que pretende se dedicar mais minuciosamente a esse tema: em primeiro lugar, por vezes as denominações das línguas isoladas são oscilantes – ora se denomina a língua com o nome da (ou de uma) tribo que a fala, ora se dá a ela uma denominação própria (retirada da língua em questão, ou de uma outra língua vizinha), ora ela recebe o nome segundo a região em que é falada. Em segundo lugar, espaços lingüísticos, regiões tribais e espaços culturais têm, com freqüência, algo em comum, mas apenas raramente são correspondentes entre si. Há tribos que, por fora, segundo seu tipo, são bastante diferentes, assim como segundo seu grau de cultura e seu modo de vida (por exemplo, nômades e agricultores sedentários), e que falam a mesma língua; em contraposição, há regiões culturais mais ou menos unitárias que são fracionárias lingüisticamente. Uma vida inteira não é suficiente para estudar todas as línguas africanas, e um grosso volume não é suficiente para descrevê-las – para isso, seria necessária toda uma biblioteca. As observações seguintes não são mais que notas a respeito de algo digno de atenção.

Línguas nilo-saarianas

Como o próprio nome diz, essas línguas são faladas prevalentemente na África Central e Oriental (mas não em uma região delimitada, e sim em inúmeras ilhas lingüísticas). Entre outros ramos, citem-se:

1. *Fur-songai*, falado ao longo do Níger, nos Estados de Mali e Níger, assim como no Sudão – e ligado aos outros ramos apenas levemente.

2. *Saariano*, um feixe de línguas das quais a mais conhecida se chama *kanuri*; essas línguas são faladas na Nigéria, no Chade, no Sudão (o Estado lingüisticamente mais variado).

3. O grupo *shari-nilótico* (cuja atribuição às línguas nilo-saarianas é contestada por Greenberg), denominado assim devido aos dois rios ao longo dos quais ele é falado. Esse ramo engloba principalmente inúmeras línguas sudanesas, em geral divididas em línguas sudanesas orientais e centrais. O grupo central abrange uma multiplicidade de línguas, cujo território se estende por partes do Chade, da República Centro-Africana, do Sudão e do Zaire. O grupo oriental compreende, entre outras, o *núbio*, cujo território se estende do Assuã até bem ao sul no Sudão, assim como as chamadas línguas *nilóticas*, difundidas em Uganda, no Quênia e na Tanzânia. As chamadas línguas *camito-nilóticas* são, por vezes, consideradas parte desse grupo, mas, às vezes, tidas como um grupo à parte porque elas, ou algumas delas, como a língua dos *massais*, parecem apresentar relações, ou pelo menos semelhanças, com as camitas. Os massais, por exemplo, conhecem o gênero gramatical, ignorado por parte das línguas nilóticas propriamente ditas.

Apenas para o subgrupo das línguas sudanesas orientais, Greenberg acrescenta, ao lado do núbio e do nilótico, outros oito ramos.

Línguas nigeriano-cordofânicas

O ramo cordofânico é relativamente de pouca importância, diferentemente do outro, que, com freqüência, é chamado de *nigeriano-congolês*; ele é poderoso (especialmente quando se incluem as línguas bantas) tanto quanto ao número de pessoas que têm essas línguas como língua materna (cerca de 350 milhões) como também em relação ao gigantesco território por onde se expande, que abrange 32 Estados e, ao sul de uma linha que vai aproximadamente do monte Camerum até o lago Vitória, todo o continente, com exceção do sudoeste (África do Sul, Namíbia). Darei apenas um panorama rápido a respeito dos membros desse grupo, que possui centenas de línguas – porque é necessário ter espaço suficiente para apresentar mais detalhadamente pelo menos um ramo, as línguas bantas, e uma língua desse ramo, o *swahili*.

Classificação das línguas nigeriano-congolesas

Distinguem-se seis ramos, cada um deles abrangendo dúzias de línguas. Caso esses ramos tenham uma *protolíngua* como fundamento comum, esse estágio provavelmente se encontra pelo menos 5.000 anos atrás: desde então, elas se distanciaram bastante, de tal modo que relações de parentesco, mesmo que apenas de tipo e proximidade, podem tornar-se claras apenas na comparação e seleção cuidadosa de uma multiplicidade de características. Os seis ramos são:

Atlântico ocidental

1. Um ramo *atlântico ocidental*, encontrado no Senegal e na Guiné; a língua mais importante aqui – ao lado do *uolof* – é o *ful* (*fulani*, *fulbo*), falado por nômades até o Chade (a leste) e citado quando falamos das línguas veiculares supra-regionais.

Mande

2. *Mande* ou *mandingo*, um ramo falado nas regiões de Mali e da Guiné; a língua mais importante chama-se *malinque*. Uma peculiaridade dessas línguas é que há duas classes de substantivo (gramaticalmente diversas): uma para coisas de propriedade inalienável – como os órgãos do corpo e similares – e outra reservada para as coisas "transferíveis" – coisas que possam ser dadas, vendidas, jogadas fora. Ainda mais notável é o fato de

que essas línguas utilizam o tom, a entonação, de uma maneira semelhante aos tons dos chineses, entretanto com outra função: duas palavras chinesas foneticamente idênticas segundo a sucessão de consoantes e vogais têm significados diferentes caso sejam pronunciadas no primeiro, segundo, terceiro ou quarto tom; nas línguas mandes os diferentes tons não têm valor de *distinção semântica* (= de significado), mas são usados com função *gramatical*. Uma série de línguas mandes desenvolveu uma escrita própria, cuja unidade é a sílaba.

Voltaico

3. *Línguas voltaicas* (também chamadas de *gur*), faladas em Burkina Faso (antigo Alto Volta), Gana e na Costa do Marfim. As principais línguas isoladas são o *more* e o *senufo*. Estas línguas são línguas *classificadoras* (um conceito que explicarei melhor adiante): elas dividem os substantivos em diferentes classes (exemplo: pessoas, animais, líquidos) e distinguem todas as palavras de uma classe com um determinado sufixo como, por exemplo, a caracterização de uma pessoa com a terminação *-a*, no plural *-ba*.

Kwa

4. Ao grupo *kwa*, falado na floresta tropical úmida da África ocidental, pertencem como línguas mais difundidas o *ioruba*, o *igbo* (ou *ibo*), o *ewe* e o *akan*. Nesta região havia outrora poderosos impérios como, por exemplo,

Allgemeine Redewendungen.

Herr: aféto, amegã. — Frau, Fräulein afénò.

a) Abschiednehmen.

Es wird dunkel, ich will nach Hause gehen zã lè dodóm, máyi afé.

Bleibe doch noch ein wenig! no anyí vie!

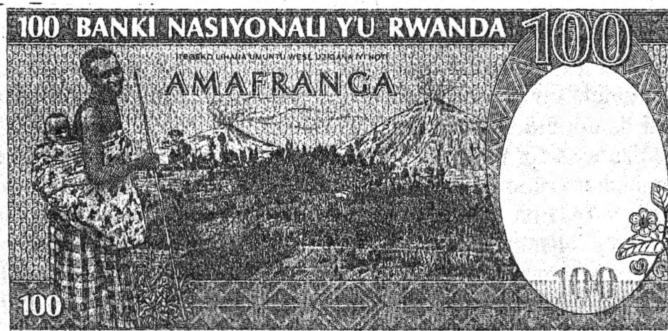
Nein, man erwartet mich zu Hause o, wóle mó kpóm nám le afé me.

Ewe (uma língua sudanesa). Trecho de um guia de conversação Metoula editado em 1913 (transcrição fonética segundo o método Tousssaint-Langenscheidt).

em Benin, antigo Daomé (línguas *ewe* e *ibo*), em Ashanti (língua *twi*), em Oyo (língua *ioruba*). Estas línguas possuem literatura própria e se utilizam também de diversos tons, obedecendo ao princípio da harmonia vocálica, que mencionei quando falei do húngaro.

Adamaua

5. Grupo *adamaua*, difundido no Zaire, Camarões e na República Centro-Africana. A língua isolada mais conhecida, o *sango*, é utilizada como língua veicular em grande parte da África central, uma língua mista, que se funda em um dialeto adamauano modificado por outras línguas tribais e também por influências francesas.



Cédula de 100 francos do Banco Nacional de Ruanda. A linha impressa em letras pequenas em kinjaruanda — a língua nacional (família banta) — afirma que falsificações de notas bancárias são punidas. O verso do papel-moeda está redigido em francês.

Banto

6. Grupo *benue-congolês*. Com esse imponente ramo, vivo em uma região entre a Nigéria e a África do Sul, e que compreende centenas de línguas, chegamos às *línguas bantas*. Os dois conceitos não são sinônimos, mas as línguas que não são bantas (entre elas o *tiv*, na Nigéria e Camarões) correspondem apenas a uma pequena fração. Por esse motivo, concentrar-me-ei nas línguas bantas.

Banto é, ao mesmo tempo, o nome de um grande grupo populacional que hoje conta aproximadamente 200 milhões de falantes. Enquanto estes são bastante diferentes etnológica e culturalmente, as línguas faladas por eles compõem uma certa unidade, e esse fato induziu os estudiosos a concluir que essas línguas se difundiram no imenso território hoje ocupado (um terço da superfície de todo o continente) em uma época relativamente recente, a partir de um centro situado, talvez, entre Camarões e a Nigéria.

Entre os traços comuns, a maioria dessas línguas (com exceção do swahili) apresenta, além da semelhança lexical, baseada na qual se pode reconstruir um *protobanto*, o uso do tom em função distintiva de significado. Duas palavras foneticamente análogas possuem significados diferentes, segundo o tom em que são pronunciadas.

Subdivisão

As línguas isoladas – que critérios prevalentemente geográficos induzem a subdividir em dez ou doze grupos –, na maioria das vezes, possuem nomes totalmente desconhecidos para os europeus. Apenas aquelas que apresentam denominações semelhantes aos nomes das tribos, como *zulu*, *cafre*, *herero*, *iaga* (Kilimanjaro), ou aos topônimos, como *duala* (Camarões), *lu-ganda*, ou *luganda* (Uganda), *kikongo*, *suazi* ou *sissuazi* (Suazilândia), *kinyaruanda*, são suscetíveis de associações. Línguas bantas importantes são também o *ngala* (chamado de *lingala*, como língua veicular supra-regional), o *fang*, o *ewondo* (por vezes classificado como dialeto do fang), o *mongo-nkundu*.

Swahili

A língua de que eu gostaria de tratar mais detalhadamente, agora, o *swahili*, ou ainda *kiswahili* (adiante explicarei o significado do prefixo *-ki*), caracteriza-se por não ser uma língua tonal. Foi aqui escolhida por ser utilizada em vastas regiões da África Oriental como língua veicular; por ser, entre as línguas bantas, a que melhor foi pesquisada; por deixar entrever bastante claramente uma característica dessa família lingüística; e, por fim, por sua relativa simplicidade: ela não oferece praticamente nenhuma dificuldade de pronúncia para os falantes de línguas totalmente diferentes e tem uma estrutura clara e linear – uma gramática "bem fácil", como diria um estudante. No prefácio de um manual inglês para autodidatas (D. V. Perrot, *Teach Yourself Swahili*), o autor afirma que essa língua não apresenta nenhum problema de pronúncia ou de ortografia e que provavelmente o swahili é a língua mais fácil de aprender, entre todas as outras.

O swahili (utilizo essa forma "mista" de escrever porque a vogal medial é atualmente pronunciada como [i], enquanto o som após o *s* se aproxima ao do *w* no inglês *well*) surgiu na costa da África Oriental, em contato com os árabes, que aí desempenharam, por longo tempo, papel marcante como navegadores, comerciantes e mercadores de escravos. Por esse motivo, o swahili adotou um grande número de empréstimos do árabe; a própria palavra *swahili* é seguramente de origem árabe e significa algo como "habitante da costa".

Poder-se-ia perguntar se a língua deve seu importante papel como língua veicular em uma ampla região (entre outras no Quênia e na Tanzânia, na antiga África oriental alemã com Zanzibar, depois cedida aos ingleses em troca de Helgoland) à grande simplicidade de suas características fonéticas e gramaticais ou se, ao contrário, sua utilização como *língua franca* teria conduzido de maneira gradual à simplificação. É bem possível que os dois fatores tenham agido conjuntamente.

E o que significa o *ki* em *kiswahili?* Esta pergunta nos conduz à peculiaridade estrutural para a qual gostaria de chamar especial atenção: os chamados prefixos classificatórios.

Prefixos classificatórios

A língua divide todo o seu patrimônio de substantivos em oito classes, a primeira das quais refere-se a pessoas. Cada substantivo que designa um ser humano recebe no singular um *m* como prefixo, e no plural um *wa*. Assim surgem *mtu* ("homem"), *watu* ("homens"), *mtoto* ("criança"), *watoto* ("crianças"). A esta classe pertencem também: *mwarabu* ("o árabe"), *mhindi* ("o hindu"), mkristo ("[o] Cristo").

Substantivos que designam coisas recebem no singular o prefixo *ki*, e no plural *vi*. Exemplos: *kisu* ("[a] faca") (não há artigos), *visu* (" [as] facas)", *kitabu* ("livro", provavelmente um empréstimo árabe), *vitabu* ("livros"). Este "prefixo para coisas" encontra-se também na palavra *kiswahili*.

Todo adjetivo ou numeral que sirva de atributo a um substantivo e todo verbo que descreva uma atividade do substantivo recebem o prefixo classificatório do substantivo. Exemplos: *-dogo* significa "pequeno", *-moja*, "um", "uma". "Uma pequena faca" — em swahili se diz em ordem inversa: "faca, pequena, uma" — diz-se então *kisu kidogo kimoja* (exemplo retirado do manual citado). De *vitabu* ("livros"), *kubwa* ("grande") e o numeral *wili* ("dois") surge "dois livros grandes: livros, grandes, dois" — *vitabu vikubwa viwili*. Como se vê, a demarcação de classe, que também se aplica ao verbo correspondente, evita a difícil tarefa do pobre estudante que, diante de um longo período escrito em latim, se pergunta: "O que pertence a quem?"

Além dos prefixos, a língua se utiliza também de infixos (afixos no interior da palavra) e sufixos (afixos finais de maneira igualmente "prática"). Existe também uma classe que tem *-n* como prefixo, tanto para o singular como para o plural, que, portanto, não se distinguem. Exemplos: *ndege* ("pássaro [s]"); *nyoka* ("cobra [s]"). Isto serve também de indicação de que muitas línguas africanas podem ter uma consoante nasal, isto é, [n], [m] ou [ŋ], seguida de outra consoante, em posição inicial.

Quem quiser aprender uma das línguas mais exóticas possíveis deveria experimentar o swahili — ou o malaio.

Línguas khoisans

Sob esta denominação (por vezes também *khoin*) compreendem-se as línguas dos *bosquímanos* e dos *hotentotes*. Estas tribos vivem da caça e da coleta no sudoeste do continente, confinadas pelos bantos em regiões marginais. O número de falantes é inferior a 100.000. Na Tanzânia falam-se duas línguas que, devido a alguns traços indicadores de parentesco, na maioria das vezes são consideradas entre as línguas khoisans: o *sandawe* e o *hatsa*.

O que mais chama a atenção nas línguas khoisans é a utilização de fonemas estalados como consoantes, fonemas estes que também são conhecidos pelos europeus, que utilizam pelo menos dois deles: um que é obtido estalando a língua de encontro aos incisivos internos: "ts, ts...", que exprime espanto e ao

mesmo tempo incredulidade; o outro é o que se utiliza com os cavalos, estalando a língua de encontro ao palato. Nas línguas khoisans há quatro fonemas estalados, que normalmente são partes integrantes de palavras.

A classificação destas línguas — prescindindo da característica comum dos fonemas estalados, que também ingressaram em algumas línguas vizinhas — é controvertida. Na maioria das vezes distinguem-se um grupo setentrional, um central e um meridional, cujas características gramaticais são bastante diferentes, tanto que é questionável sua pertinência à mesma família.

Epílogo

Conforme anunciado, mencionarei aqui as línguas não tratadas neste capítulo, ou tratadas apenas de passagem.

Das línguas asiáticas deixei de lado as línguas *paleossiberianas*, difundidas no extremo oriente da Sibéria, possivelmente aparentadas com as línguas *esquimós*, das quais também não tratei.

Das línguas do Pacífico não mencionei o *aino*, dos aborígenes japoneses, e a família lingüística *andamana*, difundida no arquipélago dos andamanos (entre a Índia e a Malásia). O *coreano* e o *japonês*, línguas autônomas e não pertencentes a nenhuma grande família, foram apenas referidos. No Pacífico deixei ainda de mencionar as línguas *papua-neoguineanas* (línguas *papua*, um grupo bastante variado), assim como as línguas dos aborígines neozelandeses (os *maoris*) e australianos.

Por fim não foram citadas neste capítulo as línguas mortas, das quais as mais importantes já foram discutidas no início deste livro.

CAPÍTULO XII

Tipos lingüísticos principais

Introdução

Aqui penetramos em zona de perigo. Até o momento pude ater-me geralmente a coisas em sua maioria reconhecidas na filologia, embora as tenha mencionado simplificadamente, escolhido pontos de vista da significação (não é necessário que saibamos de tudo), do "interesse" (o livro não deve ser monótono) e da economia (o livro não pode ser muito extenso). Agora chegamos a um terreno no qual encontro pouco conhecimento universalmente reconhecido e claro.

Como assim? Ao examinar as línguas naturais do mundo (também há línguas artificiais, que serão tratadas no último capítulo), não utilizei por vezes conceitos tipológicos referentes ao tipo de estrutura de uma língua? Não escrevi que o húngaro e o turco são línguas *aglutinantes?* Sim, claro. Também partiremos dos tipos mais difundidos, possivelmente conhecidos de vários leitores. Cumpre, de início, defini-los ou caracterizá-los esquematicamente, para depois questioná-los, ou, de qualquer modo, relativizá-los.

Trata-se de seis conceitos que, em essência, remontam a August Wilhelm Schlegel, em *Observations sur la Langue et la Littérature Provençales* (*Observações sobre a Língua e a Literatura Provençais*), Paris, 1818, assim como ao estudo de Wilhelm von Humboldt *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues...*, de 1830, que já citei ao falar de Benjamin Lee Whorf no parágrafo sobre as "línguas indígenas" (capítulo XI).

Línguas flexivas

Flexão designa o fenômeno pelo qual as palavras (ou determinados tipos de palavras) de uma língua se apresentam sob formas diferentes, que indicam uma mudança de significado da palavra em questão (se bem que conservando seu significado fundamental) e/ou caracterizam, no âmbito da frase, a relação de uma palavra com as outras ou com parte do discurso. Um exemplo: na venerável forma latina do sacerdote cristão *In nomine Patris...* (Em nome do Pai...), *nomine* é o ablativo de *nomen*, o que o *-e* da terminação indica, pois a palavra depende da preposição *in*, a qual originalmente se refere a uma presença no sentido especial, conceito, neste caso ampliado, figurado. *Patris* é o genitivo de *pater*. A palavra original modificou-se, mas permanece reconhecível. E a terminação *-is* indica uma relação de posse ou pertinência.

O mesmo ocorre no alemão. Na tradução alemã da fórmula *Im Namen des Vaters... im* representa a fusão da preposição *in* com a desinência dativa do artigo definido masculino *dem*. O dativo deve seguir-se à preposição *in*, quando se quer indicar um estado, mas não uma mudança de lugar: *Inge ist im (= in dem) Garten* ("Inge está no jardim"); *Inge geht in den Garten* ("Inge vai ao jardim"). Para que esta caracterização seja reconhecível, *im* e





À esquerda. August Wilhelm von Schlegel (1767-1845), até hoje famoso por suas traduções para o alemão, especialmente de Shakespeare, foi um dos primeiros a considerar línguas a partir de seu tipo estrutural (desenho de F. A. Tischbein). Seu irmão, Friedrich von Schlegel, foi citado no capítulo II com sua obra a respeito da língua e sabedoria indianas. À direita. O estadista e erudito prussiano Wilhelm von Humboldt (1767-1835), irmão do naturalista Alexander von Humboldt, fundador da Universidade de Berlim, um dos pais da lingüística comparada.

Namen devem permanecer um ao lado do outro, independentemente da liberdade conhecida no alemão referente à colocacão das palavras na frase. A relação de pertinência é indicada em *des Vaters* tanto pelo artigo no genitivo *des* quanto pela desinência *s* adicionada a *Vater*.

Mais um exemplo, desta vez referente à *conjugação* (que, ao lado da declinação, representa a segunda forma principal da flexão, sendo a terceira constituída pela *comparação* — a gradação — do adjetivo). Novamente faço uso do latim, dada a especial clareza que este possui no que diz respeito às flexões. *Quidquid agis* ("qualquer coisa que faças"), assim começa uma sentença latina. *Agis*, de *agere* ("agir", "fazer"), mostra, com sua forma "flexionada", que se trata da 2ª pessoa do singular, presente, ativa, do indicativo: "tu fazes" — observem-se quantas funções as duas simples letras *-is* acumulam!

O mesmo é válido para a forma verbal em alemão *tust*, correspondente a *agis*. Completa, a sentença é a seguinte: *Quidquid agis, prudenter agas et respice finem* ("Qualquer coisa que fizeres, faze com inteligência, tendo a meta sempre em vista").

Pode-se, portanto, denominar uma língua de flexiva quando ela se utilize de maneira evidente — ou seja, contínua ou prevalentemente — dos meios que acabamos de exemplificar para a formação das palavras. O sânscrito, o grego antigo e o latim pertencem a esta categoria, assim como o alemão, se bem que em menor escala.

Línguas aglutinantes

"Aglutinar" também é possível em alemão. *Miteinander* ("junto", "um com o outro"), por exemplo, não é senão a aglutinação de *mit* e *einander*, palavras que podem se apresentar separadas e que, no significado que possuem aglutinadas, poderiam ser escritas também separadas, permanecendo igualmente claras. O mesmo ocorre em francês: a palavra *aujourd'hui* é formada de quatro palavras aglutinadas, cada uma com um significado autônomo; escritas em separado, *au jour de hui* ("no dia de hoje"), elas conservam o mesmo significado.

De maneira apropriada, porém, uma língua é chamada de aglutinante quando se utiliza prevalentemente da aglutinação, em especial onde as outras línguas se servem da flexão. Aglutinando *im* (sufixo possessivo para "meu") ao turco *ev* ("casa"), tem-se *evim* ("a minha casa"); aglutinando-se o

sufixo plural *-ler*, surge *evler* ("[as] casas") e *evlerim* ("minhas casas"). Observe-se que cada uma dessas desinências tem apenas uma função, e todas são aglutinadas em sucessão — sucessão que, naturalmente, obedece a regras precisas.

Línguas isolantes

Aqui caberia talvez um exemplo do chinês (apenas do chinês "clássico", porém), mas também é oportuno um exemplo retirado do inglês: *The hunter pursues the bear*. Em *pursues* encontramos, aliás, uma palavra flexionada — mas trata-se apenas de um dos poucos restos flexivos remanescentes no verbo inglês: o demarcador da 3ª pessoa do singular do presente; para as outras pessoas a forma permanece inalterada: *I pursue, you pursue,* etc. No passado, o *-s* da 3ª pessoa desaparece.

The bear (o urso) permanece inalterado, seja em função de sujeito ou de objeto. Por que então, apesar disso, a frase permanece clara? Apenas por causa da posição das palavras. Se invertermos esta posição, *The bear pursues the hunter,* o caçador passa de perseguidor a perseguido.

Fala-se de uma língua *isolante* quando ela não modifica suas palavras por meio da flexão (o inglês ainda apresenta resquícios de uma flexão bastante rica originalmente), mas também não se vale da aglutinação. As frases consistem em uma seqüência de palavras invariadas e fundamentalmente invariáveis, ou seja, de raízes, pura e simplesmente. O que uma língua deste gênero faz para imprimir com clareza a relação entre as palavras no âmbito da frase? Dispondo-as segundo uma certa ordem ou, quando isto não basta, empregando palavras gramaticais auxiliares (que, no entanto, não se fundem com as palavras às quais se referem) e definindo assim diferenças do tempo, das relações entre elas e muito mais. Em muitos casos, as línguas indo-européias fazem o mesmo: em vez de dizer "Viajarei para Santos", também posso dizer "viajo amanhã (ou 'logo') para Santos", deixando o verbo no presente. Uma analogia mais forte com o tipo isolante é oferecida pelas frases dos emigrantes, com o verbo no infinitivo: "Eu viajar amanhã para Santos".

Línguas polissintéticas

O quarto conceito tipológico, também chamado de *incorporante,* é menos familiar para o leigo, se bem que talvez mais perceptível. As línguas deste tipo são aquelas que ampliam a unidade chamada por nós de "palavra" mediante junções ou inserções: juntam-se a uma raiz tais e tantos elementos lexicais e/ou gramaticais, que muito daquilo que expressamos em uma frase é comprimido ou englobado em apenas uma palavra. Esta característica é encontrável prevalentemente em línguas distantes das européias, como as esquimós e as ameríndias. Por semelhança aproximativa posso me valer de um exemplo alemão da mulher que, cansada da mania de trabalho do marido, o chama de um *Tag-und-Nacht-am-Schreibtisch-Hokker* ("indivíduo debruçado sobre a escrivaninha dia e noite"). Neste caso temos seis palavras de sentido também autônomo, dentre elas um composto de duas partes (*Schreibtisch*), formando *ad hoc* uma palavra. No inglês esta situação é mais freqüente. Referindo-se ao francês, seria possível perguntar se a entonação da frase, que faz com que cada palavra dificilmente seja reconhecível de maneira isolada (*il ne me l'a pas dit,* pronunciado ([ilnəməlapadi]), não indicaria uma tendência em direção a este tipo lingüístico.

Estruturas analíticas e sintéticas

Estes dois conceitos, antagônicos entre si, podem por este mesmo motivo ser analisados conjuntamente. Foram introduzidos por Schlegel, e apenas para as línguas flexivas. Ele pretendia assim chamar a atenção para o fato de que a flexão como, por exemplo, a formação dos tempos dos verbos, podia ser obtida por meio de verbos auxiliares (alemão *ich trage*, "eu trago", *ich werde tragen*, "eu trarei" — processo analítico), mas também por meio de mudanças da forma (ou morfológicas) da raiz (*ich trage — ich trug*, "eu trouxe" — processo sintético). Citei o alemão porque a maioria das línguas européias emprega ambos os meios, geralmente porém prevalecendo um deles; em latim, por exemplo, prevalece o processo sintético: *video* ("vejo"), *vidi* ("vi"), *vidisset* ("teria visto"), etc.

Além de poder ser aplicado à flexão, o par antagônico analítico/sintético pode também ser aplicado à estrutura de uma língua como um todo, o que ocorre, aliás, com freqüência. Uma língua é chamada de *analítica* quando seus elementos — principalmente as raízes — são mantidos nitidamente separados, o que ocorre mais coerentemente com as línguas isolantes, a encarnação mais pura do tipo lingüístico analítico, enquanto todas as outras línguas — talvez em série ascendente: flexivas, aglutinantes, polissintéticas — mostram uma estrutura *sintética*.

É este, resumidamente, o panorama dos principais conceitos usuais. Quem conhecer várias línguas e as comparar encontrará nelas, de maneira mais ou menos marcada, os traços que acabamos de ilustrar. Que utilidade têm, portanto, esses conceitos? Servem para fornecer uma primeira orientação. Surge então a questão: uma vez estudadas e descritas o mais exatamente possível e dos mais diversos pontos de vista as línguas do mundo (ou, mais modestamente, o maior número delas), é possível subdividi-las em tipos fundamentais tendo por base as características então reconhecidas?

Parentesco genético e subdivisão tipológica

Esta questão se encontra próxima daquela bastante discutida por nós, a respeito do parentesco das línguas a partir de sua origem, mas as duas devem ser tratadas separadamente, e isso por dois motivos: primeiro, porque é bem possível que línguas de partes diversas do mundo, não demonstráveis como geneticamente próximas, apresentem semelhanças de estrutura; segundo, porque se pode muito bem supor que línguas com grande parentesco também mostrem forte semelhança na estrutura. Pode, porém, ocorrer — e é o que ocorre! — que línguas originárias de uma protolíngua comum sofram no decorrer de um longo espaço de tempo evoluções bastante diferentes igualmente na estrutura, ou seja, na tipologia.

Argumentos contra a subdivisão tradicional

Anunciou-se anteriormente que a subdivisão tradicional em tipos básicos poderia ser questionada. Segue agora uma série de argumentos.

Tipo ideal

1. De imediato tem-se a impressão de que dificilmente seja possível encontrar uma subdivisão clara e absoluta, com compartimentos estanques nos quais se possa encaixar cada uma das línguas (e em apenas um deles). Antes ocorre que muitas línguas apresentam características de vários tipos básicos, cada vez em determinada dosagem. Portanto, estes conceitos tipológicos devem ser encarados como tipos ideais — um conceito cunhado pelo sociólogo alemão Max Weber, amplamente difundido e utilizado —, isto é, tipos que praticamente inexistem na realidade em sua forma mais pura, mais

perfeita, mas que são úteis para a compreensão da realidade, porque todas as línguas vivas se aproximam mais ou menos marcadamente de um deles.

Deste modo, *cum grano salis*, podemos afirmar algo assim: o inglês, que em estágios mais antigos de sua evolução era uma língua rica em flexões prevalentemente sintéticas (pensemos nos verbos fortes como *I speak, I spoke* — outrora *spake* —, *I have spoken*), reduziu amplamente a flexão, e a pouca que lhe resta é resultante, em sua maior parte, de processos analíticos (*of the father, to the father*). Pode-se descrever o inglês atual como uma língua analítica com tendências evidentes ao tipo isolante.

Língua falada/língua escrita

2. É lícito perguntar se os conceitos básicos tipológicos talvez não pendam demais para o lado das línguas *escritas*. Tomemos, por exemplo, o francês: ele não deveria ser classificado de modo diferente, caso considerássemos sua forma escrita ou a falada? Formas escritas, como *tu chantais, il chantait, ils chantaient*, permitem-nos reconhecer claramente as desinências flexivas, mas a pronúncia delas é idêntica nos três casos! O mesmo ocorre com a desinência do plural: *jolie fille — jolies filles*: a escrita mostra o plural *-s*; ao falar — salvo em ligações — não se pronuncia tal terminação.

O que deve ser comparado?

3. Retrocedamos um pouco mentalmente e perguntemos: o que na verdade serve de critério de subdivisão na tipificação descrita? Obviamente uma série de características que, de maneira simplificada, referem-se à forma das palavras e (como conseqüência disso) à estrutura da frase. Em suma, as línguas são divididas aqui segundo a forma de suas palavras (morfologia). Procurando ser mais preciso, seria necessário separar dois tipos de questões: a) Como a língua forma suas palavras? Quais processos de *composição*, de derivação ela permite, e quais não?; b) De que maneira a língua assinala as características gramaticais: ela modifica a forma das palavras? Como o faz? Ela modifica a raiz (*trage-trägst*: metafonia; *gebe-gab*: apofonia; *mag-mochte, schneide-schnitt*: mutação de consoantes), ou acrescenta terminações (*finde-findest*)? Estes dois fenômenos, formação das palavras de um lado, e formação gramatical de outro, são naturalmente interligados, mas devem ser distinguidos um do outro.

Polissemia/monossemia

Neste momento, devo abrir um parêntese para assinalar outro fenômeno digno de atenção. Em alemão, a desinência *-est* adicionada à raiz *find-* desempenha várias funções. Ela mostra que se trata da segunda pessoa (aquela com a qual se fala), de *uma* pessoa e não de várias, e do tempo presente. A síntese de raiz mais desinência com vários significados ao mesmo tempo é chamada de *polissemia*. Em outras línguas, e especialmente nas denominações aglutinantes, cada sufixo possui um único significado (e sempre só aquele); para um outro significado é necessário adicionar um outro sufixo. Cada estágio da síntese é, neste caso, inequívoco. Tal fenômeno é chamado de *monossemia*. Esta diferenciação, cuja importância para a tipologia foi destacada por Th. Vennemann, refere-se não tanto à forma, quanto à significação: é um ponto de comparação (parâmetro) *semântico*, diferente daquele *formal*.

Fonologia

Voltemos à questão principal: o que deve ser comparado? Devem as línguas realmente ser classificadas segundo características morfológicas? Não deveriam, por exemplo, ser comparadas também segundo seu sistema fonético? (Prescindo aqui da comparação a partir da pergunta "Quantas palavras contém o vocabulário das diferentes línguas?" — seria muito pro-

blemática.) O *sistema fonético*, de modo mais preciso, pode significar que as línguas são comparadas fonética e fonologicamente, o que é diferente. A *fonética* é uma ciência. Ela pesquisa os sons lingüísticos do ponto de vista fisiológico — segundo o modo e a maneira de sua formação nos órgãos da fala, e sua análise nos órgãos da audição — e físico, à medida que, por exemplo, registra diagramas de oscilação (fonética instrumental ou experimental). Em contraposição, a *fonologia* estuda os fonemas do ponto de vista dos sons e variantes sonoras (quase incontáveis) que o ser humano é capaz de produzir, e que em determinada língua exercem função distintiva de significado (como *fonemas*). Ela observa os fonemas (sons) como partes integrantes de um sistema, no qual cada elemento desempenha uma função com base em sua ordenação e sua relação com os outros elementos. Somente um sistema assim, que opere por *oposições* (vogal longa/vogal breve, consoante surda/consoante sonora), torna uma língua funcional.

Alguns exemplos simples de questões que poderiam ser formuladas sob este ponto de vista: a língua X tem apenas as cinco vogais básicas *a, e, i, o, u* (algumas, como o árabe, nem possuem todas as cinco), ou possui outras — como o *ö*, por exemplo, ou o fonema nasal [õ]? Possui ditongos? Quais? Quantos? E estes ditongos são acentuados no primeiro elemento, como no alemão *Mai*, ou no segundo, como no francês *trois?* Possui duas consoantes palatais, uma surda e uma sonora, em "oposição", ou seja, distintivas de significado, como o alemão *(Kasse/Gasse)*, ou o português (cala/gala)? Ou talvez possua três desses fonemas, e distinga um *s* sonoro [z] e um surdo [s] de um "enfático"? Estas indicações devem ser suficientes para tornar claro que na classificação de línguas a fonética e a fonologia (ou *fonêmica, fonemática*) não devem ser esquecidas.

Peso

4. Uma vez que se chegue a um acordo a respeito das características indispensáveis à classificação de uma língua em um determinado tipo, surge o problema do "peso": na avaliação, quanto devem "pesar" determinadas características? Tomemos, por exemplo, uma língua que tenha um rico sistema de flexões com relação aos substantivos, em contraposição a um apenas rudimentar em relação aos verbos: neste caso, qual seria a característica determinante? Ou seria preciso estudar e tratar os sistemas parciais de uma língua como elementos autônomos?

Quantificação

5. A última questão acaba por gerar uma outra: se um sistema tipológico pretende ser exato, não deveria introduzir parâmetros numérico-quantificativos? Seria suficiente afirmar que uma língua demonstra uma "prevalência" da característica X? Não seria necessário ser mais preciso? Propostas neste sentido já foram feitas. Neste caso é preciso ater-se a um número limitado de critérios, de preferência constituídos de pares de oposição, para que se permita expressar a freqüência através de um quociente. Qual é a relação entre o número de palavras (P) e o número de morfemas (M), ou seja, da unidade mínima de significado? Se o valor a que se chegou é próximo de 1 (0,92, por exemplo), diz-se que a língua possui quase apenas palavras constituídas de um único morfema (uma raiz, portanto) — sendo, então, uma língua extremamente isolante.

Acredito que estas observações se encaminham por demais em direção à abstração, de modo que seria melhor parar por aqui. Mas quero acrescentar umas palavrinhas: seguindo-se este caminho apenas esboçado, é possível

criarem-se coeficientes para uma série de tais pares de características, e então ordená-los em uma tabela (matriz) para algumas línguas escolhidas; pode-se também calcular *distâncias*, ou "indicadores de diversificação", entre a língua X e a língua Y. Mas o material numérico assim produzido é quase destituído de conteúdo para o leigo, que não pode compreender os métodos utilizados; e, de qualquer modo, isso lhe diz muito pouco.

Outras reservas

6. Uma reflexão mais profunda faz nascer outras questões. Por exemplo: deveria ser válido apenas um esquema tipológico para todas as línguas do mundo? Como ordenar as línguas ainda não suficientemente estudadas e descritas? Não seria possível que a filologia descobrisse, com o progresso, uma língua que não se encaixasse nos esquemas utilizados até o momento?

Uma outra questão poderia ser a seguinte: estes métodos permitem verdadeiramente a compreensão da autêntica essência da língua, ou seja, de seu "espírito"? Qualquer pessoa que se dedique com paixão a uma língua sentirá que não se trata apenas de uma coleção aleatória de palavras, regras, características, mas antes de uma individualidade. Nela vive algo de efeito extremamente poderoso — que não se deixa atingir por meio de medidas e tabelas.

Esquerda e direita

7. Uma característica de línguas descobertas e estudadas pela filologia refere-se à questão de a língua construir suas frases para a esquerda ou para a direita: distinguem-se construções que correm para a direita (destro-recursivas) e para a esquerda (sinistro-recursivas). Um exemplo simples para explicar a diferença: em alemão, o adjetivo que acompanha um substantivo e exerce uma função atributiva encontra-se sempre à esquerda daquele: *eine alberne Ausrede* ("uma desculpa tola"). Caso se junte um advérbio ao adjetivo, este, por sua vez, também é colocado à esquerda: *eine höchst alberne Ausrede* ("uma desculpa extremamente tola"). Já no francês, ao contrário, é mais comum a posposição do adjetivo: *die blaue Stunde* é *l'heure bleue.* E em swahili, como já mencionei anteriormente, não se diz "duas pequenas facas", mas sim "faca, pequena, duas". O alemão constrói-se destro-recursivamente, quando se forma uma oração relativa, que se encontra à direita da palavra à qual se refere: *Der Zeuge, der den Unfall beobachtet hat...* ("A testemunha que assistiu ao acidente...").

Há línguas nas quais a seqüência sujeito-verbo-objeto é a regra (alemão: *Der Hund jagt den Hasen* — "O cão caça a lebre"), e outras, como o turco e o japonês, que colocam o verbo no final da frase (o que ocorre também em alemão, quando se trata de orações subordinadas: *...der den Unfall beobachtet hat*).

Essas referências servem apenas como breves indicações de outros critérios possíveis, com os quais se pode pesquisar e classificar as línguas.

Tipo lingüístico e transformação lingüística

Um argumento já aventado: uma língua pertence de uma vez por todas a um determinado tipo? A resposta é *não*. Mudanças na estrutura, como as documentadas, por exemplo, na evolução do inglês e também do chinês, são inequívocas. Poder-se-ia até mesmo pensar — o que afirma uma hipótese ousada já expressa pelos pais da tipologia — em um tipo de ciclo, que seria algo como o que se segue:

Uma língua — no momento histórico escolhido por nós como ponto de partida (o mais antigo que nos seja acessível) — mostra claramente traços

analíticos, isolantes. Para construir frases completas e inequívocas e assim exprimir as relações entre as palavras — por si invariáveis — ou entre os elementos radicais, ela necessita e se utiliza de numerosas palavras auxiliares, dentre as quais uma que indique o plural. Portanto, colocar-se-ia após a palavra que corresponde a "árvore" uma palavra auxiliar que signifique "muitas". Seria neste caso necessário dizer e escrever "árvore, muitas", para expressar "árvores".

Este *morfema do plural* passa a ser agora regularmente empregado após os substantivos, em especial após aqueles que representam objetos concretos e contáveis. Com o decorrer dos séculos, a comunidade lingüística perde a consciência do fato de que a seqüência "árvore, muitas" é constituída de duas palavras autônomas; numa outra etapa, suponhamos, abrevia "muitas" para *"mui" (o asterisco anteposto a uma palavra indica que se trata de forma puramente conjeturada) e a ajunta diretamente ao substantivo. Temos assim um sufixo plural e um plural que soaria mais ou menos como *"árvormui". Deste modo, a língua X se torna aglutinante de maneira gradativa.

Após mais um lapso de tempo, perde-se a consciência de que *"mui" representa a palavra "muito" originalmente autônoma, e se vê nele apenas a desinência do plural, que, por analogia, passa a ser usada para toda uma série de substantivos. Assim seria dado um passo em direção à língua flexiva.

De volta ao princípio?

O ciclo fechar-se-ia no momento em que a evolução sucessiva conduzisse gradativamente a uma perda generalizada das desinências flexivas. Isto poderia acontecer quando a língua X fosse utilizada e adotada por um grande número de imigrantes de origem estrangeira, ou seja, ela poderia sofrer uma perda de flexões análoga à que ocorreu com o holandês em sua passagem para o *holandês do Cabo*. Assim, independentemente das mudanças ocorridas no léxico e na gramática, a língua voltaria a ter as características do tipo isolante que lhe eram próprias no início do ciclo. Se algo semelhante pudesse ser demonstrado incontestavelmente, surgiria forte argumento contra a *hipótese Sapir-Whorf* (cf. *Línguas ameríndias*), pois é improvável que o povo falante da língua em questão tenha mudado tão radicalmente, "ciclicamente", seu modo de ver o mundo.

Conclusão

Mas voltemos aos fatos! Protegidos contra o perigo de considerarmos já solucionado o problema da classificação das línguas, procuremos considerar qual é a situação atual, e se o futuro poderá trazer a solução do problema. Seguem duas observações que devem concluir este capítulo.

A respeito da classificação que talvez se imponha um dia, após o estudo e a comparação mais aprofundados de um maior número de línguas, pode-se prever que esta não será muito simples. Muitos aspectos devem ser considerados: puramente formais (como até agora foi feito, prevalente ou exclusivamente), fonológicos, semânticos e talvez ainda outros. Estes podem se misturar e se cruzar e também se interpenetrar de maneiras as mais variadas. Uma língua que pertença sob certos aspectos à classe A pode, sob outros aspectos, pertencer à classe B. Seguramente, portanto, não será possível chegar-se a um simples esquema divisório, capaz de ser traçado em uma folha de papel, mas antes chegar-se-á a uma matriz tridimensional ou multidimensional, já que se devem considerar vários ângulos (morfológicos, semânticos, etc.), dos quais não é simples afirmar qual o tipo de relação exis-

tente entre eles: paralela, hierarquicamente estratificada, contígua ou cruzada? Do mesmo modo, não será possível fugir à necessidade de avaliar (pesar) as características relevantes, e de introduzir assim (também) procedimentos de mensuração e cálculo que permitam juízos quantitativos.

A crítica de Vennemann

Neste ínterim é possível dedicar-se, entre outras, à tarefa de examinar os conceitos tipológicos tratados muitas vezes de modo pouco crítico, precisando ou redefinindo estes conceitos sempre que se encontrem falhas. É este o objetivo de um trabalho de Th. Vennemann, (*Isolation-Agglutination-Flexion. Zur Stimmigkeit typologischer Parameter* [*Isolamento-Aglutinação-Flexão. A Respeito da Precisão de Parâmetros Tipológicos*]), surgido em 1982, num volume em homenagem a H. Stimm. Neste trabalho, que examina os parâmetros formais, funcionais e semânticos (e não os fonológicos, porque trata apenas da tipificação morfológica), Vennemann trata, entre outros, do conceito de *síntese,* que no seu entender abrange cinco modos diferentes de possíveis formações de palavras:

1. *Composição:* a junção de dois ou mais elementos — que também podem ocorrer autonomamente — em uma nova palavra. O alemão é pródigo em exemplos deste tipo. Surgem compostos, por exemplo, da combinação de dois substantivos: *Dampfmaschine* ("máquina a vapor"); de uma raiz verbal e um substantivo: *Treibsand* ("areia movediça"); de dois adjetivos: *taubstumm* ("surdo-mudo"); de dois verbos: *sitzenbleiben* ("ser reprovado"), etc.

2. *Reduplicação*: duplicamento parcial ou total de sílabas ou morfemas em função gramatical, como no perfeito do verbo latino *tango* ("toco"): *tetigi* ("toquei"). Em alemão, a reduplicação tem função de simples reforço: *soso* ("assim-assim"); *tagtäglich* ("todos os dias"); ou de onomatopéia: *Wauwau* ("au-au"), *klingeling* ("dim-dom"). Ela pode ocorrer também com a mudança da vogal: *Mischmasch* ("misturada"), *Singsang* ("cantoria"); ou de uma consoante: *Techtelmechtel* ("namorico"). O fenômeno é observável em várias línguas.

3. *Afixação:* formação de palavras e/ou formas lexicais com o auxílio de prefixos: viver-*sobre*viver; sufixos: namoro-namor*ado;* e também de infixos e circunfixos. Estes quatro tipos são chamados de *afixos,* e o processo de sua utilização, de *afixação.*

4. *Mutação:* este conceito abrange mudanças vocálicas, principalmente metafonia e apofonia: *hoch* — *höher* ("alto" — "mais alto"); *hebe* — *hob* ("levanto" — "levantei"); mudanças (mutações) consonantais: *schneide* — *schnitt* ("cortar" — "cortei"); mudança de acento: *übersetzen* — *übersetzen* ("traduzir" — "passar para a outra margem"); e mudança de tom (em línguas nas quais os tons desempenham função distintiva de significado).

5. *Subtração*: ou queda de um som (presente em dialetos alemães, mas rara no alemão culto).

Vennemann distingue dos cinco processos de síntese a *fusão.* Esta ocorre quando uma forma verbal já formada sinteticamente sofre uma modificação fonêmica, algo como a passagem do inglês *high* para o substantivo *height,* ou de *deep* para o substantivo *depth.*

Esta e outras especificações conduzem a uma nova relação com os conceitos fundamentais tradicionais. Assim, a aglutinação não é senão a característica denominada *afixação* (ou, prevalentemente, a *sufixação*) combinada com a característica *monossemia* do campo da diferenciação semântica.

A língua aglutinante, portanto, é aquela que se utiliza abundantemente dos afixos e que atribui apenas um significado a cada afixação. Polissintética, ao contrário, é a língua que se utiliza bastante, isto é, em muitos casos e com freqüência, várias vezes em uma mesma palavra, da síntese...

Outras tipologias

Com essas indicações devo parar por aqui com este tema, por demais abstrato, mas não sem antes citar o trabalho de lingüistas como G. Altmann/ W. Lehfeldt, F. N. Finck, J. H. Greenberg, H. Haarmann, E. Sapir, V. Skalička, que desenvolveram suas próprias classificações, tipologias e taxonomias, diferentes das utilizadas por mim. Tais sistemas e termos ainda não conseguiram se impor.

CAPÍTULO XIII

Pidgin e línguas crioulas

A respeito dos conceitos
Primeiras observações

Na era do turismo em massa e das viagens a locais distantes podem já ter ocorrido muitos acontecimentos semelhantes aos seguintes:

Em Curaçao, uma ilha cuja prosperidade atual é devida à gigantesca refinaria de petróleo que industrializa o óleo cru oriundo da baía de Maracaibo (Venezuela), que lhe fica defronte e que deixou à ilha pouco de seu antigo encanto, o motorista negro do táxi provido de ar-condicionado liga o rádio no noticiário. Ouvimos interessados e ao mesmo tempo irritados. Parece-nos reconhecer trechos em holandês e em espanhol, mas ao mesmo tempo tudo soa muito estranho, não dá para compreender o sentido. "Que língua é essa?"

O motorista entende um pouco de inglês, e responde de imediato: *"Papiamento"*, e acrescenta, quando percebe que não entendemos: "*Mixed language*".

Outro exemplo: viagem de ônibus a Duala, Camarões: o guia turístico, um negro muito velho que ainda conserva dos tempos da colonização alemã um alemão passável, dá de vez em quando uma instrução ao motorista. *"Driver!"*, ele grita toda vez do banco central onde está sentado — e o que se segue é um inglês pouco ou nada compreensível, aparentemente bastante "deturpado". E nos admiramos um pouco pelo fato de o motorista entender sem problemas essa gíria e reagir corretamente sempre.

As duas situações são encontros com um fenômeno ao qual apenas recentemente a filologia tem dado atenção: em Curaçao com o *papiamento,* que também recebe outras denominações, *papiam, papiaments, papiamentu, curaçaoleño, curassese,* e que geralmente é classificado na literatura especializada entre as línguas hispano-crioulas. No segundo caso, defrontamo-nos com o *Cameroon Pidgin English Idiom,* como é chamado pela literatura especializada (preponderantemente escrita em inglês ou francês).

É evidente que se trata, em ambos os casos, de línguas mistas e auxiliares que pessoas de línguas maternas diferentes utilizam para a sua comunicação.

Por que se fala uma vez *pidgin* e outra vez *crioulo?* São coisas diferentes? E qual a relação da chamada *língua franca* ou "supra-regional" com elas? Convém adiar ainda a explicação desse termo.

Vejamos, pois, o pidgin e o crioulo. Talvez ainda alguém se lembre da leitura de excitantes romances e aventuras passados no Extremo Oriente do século XIX, em que os comerciantes europeus e os marinheiros se entendiam com os "nativos", em especial com os chineses, em uma língua auxiliar chamada *Pidgin-English,* que, comparada ao inglês correto, causa a impressão de reduzida, mutilada, bastante primitiva.

Valerá a pena dedicar-se ao estudo de um fenômeno tão marginal no mundo das línguas? No belo livro de Walter Porzig *Das Wunder der Sprache (A Maravilha da Língua,* 1950), nenhum desses dois verbetes se encontra registrado — nem mesmo na nova edição de 1971. E o volume *Línguas* da série "Léxico-Fischer", de autoria de apenas um homem, o que é admirável — Heinz F. Wendt —, também não as menciona. Talvez porque não se trate, no caso, de línguas "autênticas". Seria o tema digno dos esforços de uma pesquisa séria, e aquele que não pretende ser lingüista deveria conhecer alguma coisa a respeito? Uma observação mais acurada conduz a conhecimentos surpreendentes. Mas antes esclareçamos os dois conceitos básicos.

Diferença entre pidgin e crioulo

Pidgin e crioulo não querem dizer a mesma coisa, mas fenômenos semelhantes, originados do encontro e da mistura de duas (ou mais) línguas. Ocorre freqüentemente um contato intenso e de longa duração de diferentes comunidades lingüísticas, quando pessoas de línguas estrangeiras chegam a um novo país, seja como escravos, trabalhadores semilivres ou livres, como trabalhadores estrangeiros, como exilados, ou ainda como conquistadores, colonizadores, comerciantes ou novos residentes. Com freqüência os recém-chegados também são de procedências diversas e possuem línguas maternas diferentes, como é o caso dos escravos vindos da África para as duas Américas, assim como dos trabalhadores estrangeiros nos Estados europeus industrializados. A existência de uma situação *multilingual* parece ser uma condição bastante favorável, se não até mesmo necessária para o surgimento do pidgin. Pois, de fato, o que ocorre regularmente com os imigrantes? Eles procuram, com maior ou menor sucesso, adaptar-se à língua do país hospedeiro; os velhos dificilmente conseguem atingir a perfeição, as crianças conseguem-na sem esforço. Durante o processo de adaptação e de aprendizagem, os recém-chegados (imaginemos esta situação nos Estados Unidos da América) falam um inglês com erros, eventualmente também o impregnando de palavras de sua língua materna. Eles constroem frases simples, deixando de lado certos refinamentos gramaticais, e dizem algo como *two dog*, em vez de *dogs* ou *yesterday me ill,* em vez de *I have been ill.*

Foreigners' talk

Esta *foreigners' talk* (conversa de estrangeiros) é, no entanto, um estágio de transição, no final do qual desemboca no domínio da nova língua — e, na maioria das vezes, no esquecimento progressivo da antiga. Fala-se de uma língua pidgin apenas quando um falar estabelecido em um lugar qualquer entre duas línguas, com uma gramática, entretanto, bastante simplificada e um léxico bastante reduzido, seja falado e compreendido por um grande número de pessoas por um espaço de tempo mais longo (pelo menos por décadas), seja usado como meio normal de comunicação entre os falantes de diversas línguas maternas e tenha, como conseqüência, uma "gramática" própria, ainda que bastante simplificada. Em princípio seu vocabulário será reduzido, já que usualmente se restringe ao meio com que se defrontam seus falantes como, por exemplo, o trabalho na lavoura, nas minas de extração, no porto. As línguas pidgin dificilmente possuem mais do que algumas centenas ou alguns milhares de palavras. Elas não se prestam, portanto, para exprimir contextos complicados ou conhecimentos científicos, nem para escrever poemas ou fazer poéticas declarações de amor.

Crioulização

A língua pidgin, em um papel de mediador deste tipo, pode durar e funcionar por muito tempo, mas no decorrer das gerações ela acaba por chegar a uma encruzilhada: ou os falantes se aproximam cada vez mais da língua nacional oficial, utilizada pela maioria, até que seu falar seja absorvido por ela, ou então continua a existir como um dialeto especial dessa língua. Mas pode acontecer também que escravos, imigrantes, presidiários, em sua maioria portanto um grupo socialmente inferior, comecem a utilizar a língua auxiliar também para a comunicação cotidiana entre eles, o que ocorrerá em especial quando o grupo seja por sua vez lingüisticamente misto. As crianças nascidas nesses grupos aprendem, assim, com suas famílias essa língua auxiliar como sua língua materna. Essa língua cumprirá seus objetivos como meio de comunicação cotidiano apenas se seu léxico assim como suas possibilidades expressivas forem ampliados. Passa então a formar um sistema gramatical "estável" (entre aspas, porque no âmbito de eternas mudanças da língua esta palavra só pode significar algo como "modificado apenas gradualmente, a passos pequenos, com o decorrer do tempo"). A geração seguinte — a partir da infância — deverá desempenhar um papel essencial na formação da língua em direção aos equivalentes "naturais", com sua riqueza de expressão e de matizes.

Eis como surge uma língua "completa". Talvez algum dia venha a ser escrita e ensinada nas escolas. A partir de um pidgin surgiu uma língua crioula, de uma auxiliar, uma língua "verdadeira". Esse processo é chamado de *crioulização*.

Em resumo, a diferença é esta: pidgin = meio de comunicação entre pessoas de línguas maternas diferentes, com tarefas e meios limitados, não é língua materna de ninguém. Crioulo = uma língua completa, surgida a partir de uma língua pidgin, língua materna de seus falantes.

Origem das duas denominações

As duas denominações merecem alguns comentários. O termo *pidgin* — segundo uma dentre várias teorias — surgiu no Extremo Oriente e representa uma adaptação chinesa da palavra inglesa *business*. Segundo uma outra teoria, a palavra remonta aos integrantes de uma tribo indígena, denominados *pidians* pelos ingleses, que falavam um inglês deturpado. *Crioulos* eram chamados originalmente os europeus nascidos nas colônias no Novo Mundo (que, assim, eram distinguidos dos novos imigrantes). Uma terceira tese conduz à palavra portuguesa *pequeno.* Como denominação de uma língua, a palavra "crioulo" foi empregada pela primeira vez no século XVII, a princípio só para indicar uma língua surgida e falada em um território colonial.

"Lingua franca"

Essa expressão já foi usada por mim várias vezes no sentido de "língua veicular supranacional". Como tal, pode ser utilizada uma língua nacional, via de regra de um povo dominante no campo político ou cultural. Pode-se dizer que o latim tenha sido a *lingua franca* do Império Romano Ocidental, o grego a do Oriente helenístico, o francês a *lingua franca* da diplomacia européia até quase o final do século XIX, o alemão a do império dos Habsburgos, etc. O uso lingüístico atual permite essa utilização genérica. Mas também a uma língua auxiliar, e a ela acima de tudo, pode-se atribuir o termo, pois esta pode desempenhar o papel de uma *lingua franca* — já mencionei o "malaio de bazar", em regiões do Pacífico, e ainda fornecerei outros exemplos.

Línguas dos francos?

O que significa em sua origem a denominação *lingua franca?* Literalmente deve significar "língua dos francos" ou "frânquico", o que nos remete à Europa. Nos documentos escritos mais antigos esse é o nome de uma língua veicular utilizada em todo o Mediterrâneo entre os séculos XIII e XVIII: a língua pidgin ou auxiliar mais antiga que se conhece e ao mesmo tempo a que mais durou; ela deve ter sido baseada em uma das derivadas do latim. Esta é, para alguns estudiosos, o italiano, para outros, o provençal. Mas é possível também que várias línguas românicas tenham prestado sua contribuição, e é possível, e bastante provável acima de tudo, que no decorrer dos séculos a *lingua franca* tenha sofrido mudanças essenciais, ampliando o próprio vocabulário, em tempos e lugares diversos, mediante empréstimos de várias línguas, num processo denominado *relexificação.*

O mais provável é que se tenha tratado de uma língua mista, que adotou, ao lado de palavras românicas, inúmeras contribuições do grego e do árabe. É necessário ter em conta que o chamado comércio do Levante entre Veneza e o Oriente Médio no século XVII estava nas mãos de gregos, árabes, cristãos sírios, armênios, italianos e, em muitos casos, de judeus. Eles necessitavam, portanto, de uma *lingua franca* tão prementemente como, por exemplo, os Estados corsários situados na região do atual Marrocos, da Argélia, Tunísia e Líbia na época de sua conquista pelos franceses e italianos. Fugitivos, aventureiros, prisioneiros fugidos de diversos países constituíam, ao lado de árabes, berberes e turcos, a tripulação dos navios piratas tidos por longo tempo como imbatíveis: também neste caso a *lingua franca* originária do Mediterrâneo parece ter sido o meio de comunicação comum. Dessa época se origina a expressão *petit mauresque* para essa língua, também chamada por vezes de *sabir.*

Descoberta das línguas auxiliares pela ciência

Já no século XVIII houve homens, especialmente missionários, que se ocuparam da pesquisa de certas línguas mistas. Entre os pais daquela que hoje se chama *crioulística* deve ser mencionado o alemão Hugo Schuchardt (1842-1927). Ele compilou os testemunhos difíceis de ser interpretados da *lingua franca* mediterrânea (escritos por europeus de diversas procedências, que freqüentemente escreviam apenas de maneira imperfeita sua língua materna e de modo nenhum eram observadores lingüísticos, na maioria das vezes conhecendo apenas um francês "corrompido" ou um italiano "destruído") e publicou uma série de trabalhos pioneiros sob o título de *Estudos Crioulos.* Desde aproximadamente 1950 esta matéria é estudada nas universidades. Em 1959 realizou-se um simpósio sobre essa área de estudos, no qual tomaram parte treze estudiosos. Atualmente centenas de pesquisadores dedicam-se a essa matéria.

Em quase todos os lugares do mundo onde a penetração de mercadores e conquistadores tenha produzido a situação ilustrada acima, ocorreu o nascimento de línguas *pidgin,* e muitas vezes destas se desenvolveram línguas *crioulas,* que atualmente dominam uma certa área lingüística. Dependendo da nacionalidade dos conquistadores, ocorreram misturas de uma língua não-européia com o inglês, o francês, o português, o espanhol ou o holandês. Na África, em especial no território dos bantos, existem entretanto línguas mistas em que nenhuma língua européia teve participação.

Número das línguas e de seus falantes

Uma lista de todas as línguas pidgin e crioulas conhecidas, compilada por Jan F. Hancock, apresenta um total de aproximadamente duzentas delas (entre as quais algumas extintas, como o pidgin-inglês da costa chinesa, que tudo indica ter dado seu nome a todas as línguas estrutural ou sociologicamente semelhantes a ela); as mais conhecidas contam até vários milhões de falantes.

Desse grande número, gostaria de apresentar com mais detalhes algumas delas — em primeiro lugar aquelas com matiz inglês (n°s 1 a 5), depois com francês (n°s 6 a 9), com hispano-português (n°s 10 e 11), aquelas de caráter puramente indígena (nº 12), puramente africano (n°s 13 a 16) — antes de encerrar o capítulo com o exame do que torna este tipo de língua tão interessante para os lingüistas.

Havaí

1. Escolho como exemplar, tratando-a de modo detalhado, a situação lingüística do Havaí, porque a evolução de uma língua pidgin com posterior crioulização ocorreu aí num passado mais recente e é fácil de ser observada, principalmente porque até há pouco tempo havia testemunhas vivas dos estágios iniciais do processo, que puderam ser interrogadas, e cujo idioma foi gravado em fitas magnéticas.

Os aborígines da ilha falavam uma língua polinésia, mas, após o desenvolvimento econômico iniciado em 1876 com a liberação da importação de açúcar para os E.U.A. e com a anexação da ilha por este país em 1898, sua língua foi praticamente suplantada pelo inglês.

Em 1876 começou um processo que era conhecido desde o século XVI em muitos territórios tropicais conquistados pelos europeus: o cultivo planificado de produtos agrícolas — em nosso caso a cana-de-açúcar —, freqüentemente na forma de monocultura. O sistema necessitava de mão-de-obra barata, que conseguia por meio de contratos, neste caso, com chineses, filipinos, japoneses, coreanos, porto-riquenhos e outros. Esses trabalhadores estrangeiros, já na virada do século, constituíam a maioria da população, e os nativos e brancos, uma minoria de cerca de 35%.

O posterior desenvolvimento permite revelar claramente a diferença entre o pidgin e o crioulo. Todos os que chegavam ao país se viam obrigados a utilizar um pidgin como auxiliar, com características bastante diferentes daquelas das línguas maternas dos diversos imigrantes.

Crioulo havaiano

Crioulo: *John-them stay cockroach the kaukau.*
Inglês : *John and his friends are stealing the food.*
Português: João e seus amigos estão roubando a comida.

(exemplo de Bickerton)

O japonês precisa adaptar-se aos vocábulos mais importantes do inglês para ser compreendido. Ele não entende de imediato a construção do inglês, diferente da do japonês, e assim constrói suas frases seguindo um modelo japonês, colocando o verbo no final da frase e dizendo algo como: *The poor people all potatoes eat* ("Os pobres não têm senão batatas para comer"). O filipino, por sua vez, coloca o verbo no início da frase, como em sua língua materna.

Por que, poder-se-ia perguntar, essas pessoas não abandonaram a fase de transição da primitiva gíria de trabalhadores estrangeiros para aprender

gradativamente o inglês? Porque não tiveram oportunidade. A parte branca da população, que falava o inglês puro, era uma minoria, que, como camada superior da sociedade, tinha relativamente pouco contato com os trabalhadores estrangeiros. Restou-lhes portanto o pidgin, que, ao lado de inúmeras variantes, podia ainda há pouco tempo ser ouvido de pessoas idosas, chegadas ao Havaí nos primeiros anos deste século.

A segunda geração

Bem diferente veio a ser a situação dos filhos dos imigrantes, nascidos e crescidos na ilha a partir do início do século. Diferentemente, por exemplo, de uma criança francesa, alemã ou espanhola nascida em seu próprio país, estes não se encontravam imersos em um ambiente lingüístico unívoco, com adultos que, oferecendo-se como modelos ou estimulando-os, pudessem torná-los falantes competentes do inglês. Muito pelo contrário: eles foram impelidos — sobretudo aqueles que possuíam pais de línguas maternas diferentes — a se fazer entender com os colegas de brincadeiras e os vizinhos da única maneira possível: com o pidgin, que em suas mãos, ou melhor, em suas bocas, não tardou a evoluir para uma língua bem adaptada ao uso: o *crioulo havaiano,* cujo léxico é preponderantemente inglês. E a gramática? Segue o modelo inglês? Ou utiliza instrumentos e adaptações desta ou daquela língua materna? Nem uma coisa nem outra: este crioulo desenvolveu uma gramática autônoma, muitíssimo semelhante à de outras línguas crioulas formadas em outras regiões do mundo. Voltarei a tratar desse assunto no final do capítulo.

Flórida: gullah

2. O *gullah* (ou *goolah, greechee, geedgee)* é uma língua anglo-crioula, falada na costa da Flórida, na Geórgia, na Carolina do Sul e em algumas ilhas próximas. O léxico é em grande parte inglês e a morfologia revela que o pidgin, a partir do qual essa língua evoluiu, deve ter surgido nos séculos XVII e XVIII entre os colonizadores britânicos e seus escravos. A segunda raiz é formada por uma grande quantidade de línguas africanas ocidentais, entre as quais algumas importantes atualmente, como o *ewe,* o *haussa,* o *ioruba* e o *kikongo.* O gullah já fez até mesmo empréstimos — pelo menos para o uso regional — para o inglês americano, e atualmente um grupo de apaixonados tradutores da ilha de Santa Helena (Carolina do Sul) se ocupa em traduzir a Bíblia para o gullah.

Jamaica

3. Menciono agora o *crioulo jamaicano* (também chamado de *bungo, quashee, jagwa talk*) — fundamentado no inglês, ou melhor, tendendo a ele — não apenas por ser falado e compreendido por toda a população da ilha, mas também porque desde relativamente cedo passou a ser objeto de interesse científico: na universidade da ilha foram realizados congressos de crioulística. Em 1901 surgiu em Londres uma pesquisa denominada *Jamaican Talk;* alguns anos mais tarde seguiram-se a *Jamaican Creole Syntax* e o *Dictionary of Jamaican English,* de Cassidy e Le Page (Cambridge University Press). Eis uma frase em crioulo jamaicano, com seu equivalente em inglês: *Muma no waan yu fi sel i — Mummy not want you for sale it* ("Mamãe não gostaria que você o vendesse").

Serra Leoa: krio

4. O krio — uma variante do crioulo — designa uma língua anglo-crioula falada em Freetown, a capital do Estado africano ocidental de Serra Leoa, e nos arredores, mas que serve de língua veicular em quase todo o país. No século XIX ela se desenvolveu, como versão simplificada para o comércio com os europeus, com o nome de *talkee-talkee.*

Melanésia

5. Encontramo-nos agora no Pacífico, que nos oferece um quadro complicado. Aí se formou um *pidgin-inglês melanésio,* também chamado de *neomelanésio, sandalwood-English, beach-la-mar, bêche-de-mer.* Ele se origina do primitivo pidgin-inglês da costa chinesa, o que é surpreendente quando se pensa nas enormes diferenças entre as línguas de origem, e possui fortes semelhanças com outras variantes do pidgin-inglês da região meridional do Pacífico. Há uma gramática e um dicionário. O patrimônio lexical desse pidgin melanésio, constituído de alguns milhares de palavras, gumas palavras alemãs como, por exemplo, *beten* ("pregar") e *langsam* ("lento", "vagaroso"). Em Papua-Nova Guiné desenvolveu-se, a partir dele, uma língua anglo-crioula, cujo *status* pode ser definido como semi-oficial. Esta também possui diversos nomes como *Bisnis-English* (de *business*), *Newguinian, Niugini-tok* (do inglês *New Guinea Talk*), *Tok Pisin.*

Crioulo da Dominica

Crioulo:	*Mwẽ pa te ni tã fê-y, pis mwẽ te malad.*
Francês:	*Je n'ai pas eu le temps de le faire puisque j'ai été malade.*
Português:	Não tive tempo de fazê-lo, pois estive doente.

Observação: O pronome *mwẽ* não vem do pronome francês *je,* mas sim de *moi.* O crioulo aqui exemplificado é falado na ilha Dominica (exemplo segundo Douglas Rae Taylor).

Louisiana

6. *Louisiana creole,* ou *créole louisianois* é o nome de uma língua falada em regiões dos Estados americanos de Louisiana e Texas, e, como indicam seus outros nomes — *neg, gumbo, français nègre* —, pelos descendentes de antigos escravos, como também por imigrantes indianos. É bastante semelhante ao crioulo, que desempenha um papel central no Haiti. Em Louisiana (outrora possessão francesa), na cidade e nos arredores de Nova Orléans, os descendentes brancos da antiga camada dominante da população, que era francesa, ainda falam um francês genuíno, com determinadas características que fazem com que possa ser considerado uma espécie de dialeto francês, e que não deve ser confundido com o *Louisiana creole.*

Haiti

7. Uma língua *franco-crioula* evoluiu no Haiti, tornando-se quase a língua de uso geral, falada hoje por mais de 5 milhões de pessoas — é o idioma crioulo com matizes franceses que apresenta o maior número de falantes. A língua oficial é o francês, dominante em várias áreas (legislativa e administrativa, judiciária, escolar, jornalística, etc.). Apenas uma pequena faixa da camada social elevada fala francês no cotidiano e só reservadamente. A grande maioria da população fala no dia-a-dia apenas o crioulo. Quem pretende atingir uma posição importante precisa aprender o francês. Por esse motivo, por longo tempo o crioulo foi discriminado como língua das camadas inferiores. Desde os anos 50, mais ou menos, vem ocorrendo uma mudança, e hoje se reconhece que o crioulo não é um francês deturpado e impuro, mas uma língua de plenos direitos, tanto que os cursos de alfabetização para adultos são ministrados nessa língua.

Seychelles

8. *Créole seychellois* é o nome do crioulo desenvolvido num arquipélago do oceano Índico que está se tornando rapidamente uma meta predileta do turismo atual: Seychelles. Um exemplo retirado de um texto publicado por

Annegret Bollée deixa entrever que o léxico é praticamente francês, com a gramática bastante simplificada. O artigo francês geralmente é incorporado à palavra: de *la pluie* ("a chuva") vem *lapli*.

Creòle seychellois

Crioulo:	*sa zur*	*lap li*	*ti tõmbe*
Francês:	*ce jour*	*la pluie*	*est tombée*
Português:	o dia	a chuva	caiu

Observações:

1. O til caracteriza a vogal nasal.
2. *ti* = partícula que antecede a forma verbal para caracterizar o pretérito (do francês *été*).
3. *tõmbe* é o infinitivo, ou melhor, a única forma deste verbo (portanto, não flexionada).

Maurício

ULTIMO NOTICIA, diabierne 4 di Januari 1985.

Editá pa:
ULTIMO NOTICIA
Tel. 623466-623467-623444
Ofisina:
Frederikstraat no. 123.
Imprimi pa
Drukkerij De Stad N.V.
West Indische Compagnie straat no. 41.
★
Direktornan:
A.A. (Chicho) Jonckheer
y
Jossy Mansur
★
Hefe di Redakshon:
Chicho Jonckheer
Ko-Hefe di Redakshon:
Rigoberto Galan Melendrez
Redakshon:
Angel Kirchner
Paul Solinna
Elvin Maduro
Raymundo Keep
W.A. (Billy) Jonckheer
Chati Constancia
(deporte)
Haydel Goilo
(Fotografo/Reportero)

As informações editoriais do jornal Ultima Noticia, *que circula em Bonaire (ilha vizinha a Curaçao), em* papiamento. *O poliglota descobre trechos em holandês* (drukerij, *"impressão"*), *espanhol* (deporte, *"esporte"*) *e formações singulares desta língua crioula* (redakshon, *"redação"*).

9. "Não há problemas de compreensão ali", diz um turista ao retornar de umas férias nas ilhas Maurício. "A língua usada é o francês, mas na maioria das vezes se entende inglês nos hotéis, porque há muitos turistas sul-africanos." É muito difícil a um turista, em duas semanas, poder avaliar a situação lingüística extraordinariamente complexa da ilha. Desde 1968 ela forma, junto com uma série de outras pequenas ilhas distantes entre si, um Estado autônomo, com cerca de 1 milhão de habitantes. De 1814 até essa data foi colônia inglesa e desde aquela época o inglês é a língua oficial, usada no Parlamento e nas escolas, mas falada como língua corrente apenas por uma minoria. Antes dos ingleses, os dominadores coloniais eram os franceses (de 1721 a 1814), que chamavam a ilha de *Île de France*; seu nome atual se origina da ocupação holandesa, ainda mais antiga, uma referência a Mauritius d'Orange. O francês, que se conservou mais que o inglês na população, é atualmente para a classe superior – constituída não apenas de brancos – a língua da cultura, da erudição, e também, prevalentemente, a língua da Igreja e da imprensa.

A maioria da população é formada de descendentes de escravos negros, de imigrantes indianos (que constituem sem dúvida o grupo mais forte, mais do que a metade da população total), assim como de mestiços desses grupos entre si e com brancos. Além deles há os imigrantes árabes e chineses e seus descendentes. Os indianos não constituem um grupo coeso lingüisticamente: suas línguas no cotidiano e em família são, entre outras, o *hindi*, o *urdu* (para os muçulmanos), o *tâmil*, o *telegu*, no total cerca de uma dúzia de línguas em parte completamente diferentes entre si. Esta é uma situação da qual quase necessariamente deveria surgir uma língua crioula mista e de uso corrente. Desse modo, o *crioulo mauritânio* é a única língua compreendida por quase todos os habitantes e, para muitos, a única que eles sabem falar. No entanto, muitos habitantes são bilíngües ou trilíngües, falando crioulo no cotidiano e em família, e francês, na vida pública e oficial, ou ainda outros, como os indianos, falando sua língua indiana no cotidiano, ao lado do crioulo, considerado por eles uma língua "mais culta". Entretanto, o crioulo não é ensinado nas escolas. As crianças aprendem inglês, francês, chinês ou uma língua indiana – nenhuma delas corretamente – e não há nenhuma perspectiva em vista de o crioulo se tornar língua oficial.

10. Esta língua, falada na ilha de Curaçao, nas Antilhas e nas ilhas vizinhas de Aruba e Bonaire em diversos dialetos, já foi mencionada no início deste capítulo. Ela é bem documentada e pesquisada, sendo também utilizada como língua dos meios de comunicação. Na maioria das vezes é considerada uma língua crioulo-hispânica, que evoluiu a partir de um pidgin espa-

Curaçao: papiamento



Línguas crioulas. Cabeçalho de um jornal das ilhas Seychelles. A data está impressa primeiramente no crioulo seychellois; zedi *corresponde ao francês* jeudi, zen *ao nome do mês* juin.

nhol, mas em contraposição à influência espanhola pode-se notar uma influência portuguesa igualmente forte, e desde o domínio holandês houve uma relexificação, que permite verificar a presença de um quarto de vocábulos de origem holandesa. A gramática e a estrutura sintática seguem prevalentemente modelos espanhóis, com a simplificação característica das línguas auxiliares:

A frase "A mãe mandava o filho vender peixe", que em espanhol se traduz *La mamá mandaba al hijo que vaya a vender pescado,* soa em papiamento assim: *La máma* (deslocamento do acento) *ta'a mand e jú bái bende piská.*

11. Como segunda língua baseada no português citarei o *dialeto crioulo de Cabo Verde,* falado (em duas versões) na ilha de Cabo Verde, e falado também, devido a imigrantes de cor, numa pequena comunidade lingüística do Estado de Massachusetts, E.U.A., no século XIX.

Cabo-verdiano

12. Antes da chegada dos europeus em locais lingüisticamente dos mais matizados na América indígena, formaram-se línguas auxiliares, entre as quais o atualmente extinto *chinook,* falado no noroeste norte-americano, uma língua pidgin usada no comércio e também por caçadores e mercadores brancos de peles, e impregnada de palavras inglesas e francesas.

Chinook

13. Em solo africano desenvolveram-se várias línguas auxiliares, uma parte das quais sem influências européias. Um tipo misto é representado pelo *pidgin haussa,* no norte da Nigéria, também chamado de *barikauchi,* que, tendo surgido no ambiente dos acampamentos militares europeus, torna plausível a hipótese de influências européias.

Pidgin haussa

14. Esta língua bastante singular é um pidgin resultante de pelo menos quatro línguas: da parte européia, inglês e africâner; da parte africana, o zulu e o xhosa. O impulso para seu nascimento foi dado pelos brancos. Quando estes começaram a extrair ouro e diamante no sul da África, servindo-se da mão-de-obra negra falante de uma dúzia de línguas diferentes, formou-se entre os mineiros uma língua auxiliar: o *fanagalo,* também chamado de *famakalo, isikula, silunguboi, chilapalapa, isipiki (= easy speak), chikabanger, cafro dos mineiros (Bergwerkskafferisch), kitchen kaffir, basic bantu,* atualmente utilizado (segundo estimativa!) por 1 milhão de pessoas, mas apenas em seu campo de trabalho, nas minas! Algumas empresas de ex-

A língua dos mineiros

tração de minério têm cursos introdutórios de fanagalo para os novos operários, com duração de duas ou três semanas, por motivos de segurança, pois com o não-entendimento de uma ordem ou de um aviso de alarme pode haver conseqüências fatais. Este *esperanto mineiro,* como também é chamada essa língua, teria a possibilidade de uma evolução para uma língua crioula. Entretanto, a maioria dos mineiros negros se atém em seu próprio ambiente à sua língua materna, recusando-se a utilizar a língua que lhe recorde o trabalho pesado, o superior, a fábrica, a mina, a "exploração", fora do ambiente de trabalho.

Swahili

15. Volto a falar rapidamente desta língua, porque ela — que por sua vez, por causa da forte influência árabe e da perceptível simplificação (ausência de tons distintivos de significado) em relação às outras línguas bantas, está classificada como língua mista e língua veicular supra-regional — serviu de base para formas de pidgin ulteriormente simplificadas, entre elas o *kisetla* (do inglês *settler,* "colono"), utilizado entre brancos e negros no Quênia.

Sudão

16. Lingüistas ingleses denominam de *juba arabic* uma língua auxiliar surgida no Sudão, também chamada de *ki-nubi, bimbashi-arabic* e *mongallese,* entre outras: um pidgin surgido por volta de 1880, com léxico reduzido, utilizado principalmente para o comércio e complementado segundo as necessidades pelo árabe ou por uma das inúmeras línguas tribais que povoam de maneira acentuada o território. Tudo aquilo que torna o árabe "difícil" — o gênero gramatical dos substantivos, as formas verbais complicadas, com pessoa, número, gênero, tempo e modo — é simplificado ou eliminado de todo.

Entreato

Neste parágrafo abordo de maneira rápida uma pergunta que talvez seja formulada por um ou outro leitor e que também já foi feita pelos filólogos: não seriam igualmente várias línguas européias idiomas crioulos surgidos da necessidade de compreensão entre grupos populacionais de línguas diferentes, que com o passar do tempo evoluíram até tornar-se línguas completas? Não poderíamos definir assim o iídiche, uma língua mista com um léxico prevalentemente alemão, mas em parte também eslavo e hebraico? E o holandês do Cabo, cuja morfologia bastante reduzida em relação ao holandês europeu é evidentemente o resultado do emprego da língua pelos africanos e da necessidade de comunicação com eles? E por fim o que dizer do inglês? Ele não se formou, como já vimos, da aproximação gradual entre a classe dominante franco-normanda e o povo anglo-saxão-juto e da adição de vários vocábulos e instrumentos gramaticais (como, por exemplo, os sufixos) latinos e gregos no decorrer de três séculos?

A resposta depende simplesmente da amplitude que se queira dar aos conceitos de pidgin e crioulo. Se a amplitude for tal que abranja também o iídiche, o africâner, o inglês e seus estágios antigos, estes perderão sua utilidade. Será, porém, correto afirmar que todos os idiomas conhecidos são línguas mistas. Uma língua "pura" é tão inexistente quanto um povo de "raça pura".

Fixação escrita

Neste parágrafo final consideraremos em primeiro lugar os problemas resultantes da fixação escrita das línguas crioulas. Hoje estas vão perdendo

aos poucos o estigma de inferioridade que as acompanhou por longo tempo e são levadas a sério, até mesmo valorizadas como símbolo de identidade nacional. Elas começam a ser ensinadas nas escolas e a ser usadas como línguas de ensino. Surgem livros e jornais impressos em crioulo. Mas como devem ser escritas essas línguas? Eis uma questão difícil, em especial quando se trata de idiomas crioulos fundamentados no inglês ou no francês, ambos com ortografia "histórica", isto é, representando um estágio fonético bastante antigo e não o atual. As línguas crioulas nasceram de modo puramente oral, baseadas no inglês ou francês falado. O indivíduo instruído do Haiti ou das ilhas Seychelles que domina o francês escreve, permanecendo próximo da ortografia francesa, *jour* e não *zur, pauvre* e não *povr, déluge* e não *deliz;* a segunda forma lhe parece bárbara. Caso se queira porém ensinar a ler e a escrever à grande maioria analfabeta de tais países, o empréstimo da ortografia francesa ou da inglesa oferecerá obstáculos intransponíveis: por que se deve escrever *through,* uma vez que se fala *tru?* Por que *ça veut dire,* quando se diz *savedir* (Seychelles)? E para os sons desconhecidos ao alfabeto latino, como as nasais francesas, o inglês *th* ou o som *sh*, seria necessário talvez utilizar os símbolos do alfabeto fonético internacional, como [ð], [õ], [ʃ]? Mas eles não existem nas máquinas de escrever alemãs, japonesas ou turcas, adaptadas ao alfabeto latino! É possível admitir que soluções de compromisso entre a observância da ortografia inglesa ou francesa e uma representação fiel da pronúncia venham a ser bem sucedidas.

Universais crioulos

Trato agora de uma questão das mais empolgantes para os lingüistas (em se desconsiderando que os fenômenos pidgin e crioulo são interessantes em si mesmos): por que estas línguas são tão semelhantes entre si quanto à estrutura, independentemente de seu particular matiz francês, inglês, português ou outro?

Origem comum?

Basicamente só há duas respostas possíveis. Uma delas diz que *todas* essas línguas possuem uma raiz comum. Provavelmente (pois isto não foi comprovado) nos primórdios da era das descobertas, quando os portugueses eram a nação naval mais importante e suas naves circunavegavam o globo descobrindo continentes, se formou em inúmeros locais onde travavam contato com os nativos um pidgin-português e este (ou até mesmo a antiga *lingua franca* do Mediterrâneo) foi levado pelos portugueses ao redor do mundo; assim teria sido criada uma base lingüística que em seguida, quando outras nações colonizaram a Terra, teria sido recoberta de vocábulos ingleses, franceses, etc., ou seja, *relexificada.*

Gramática inata?

Mas, conforme se disse, isso não é demonstrável. Resta a segunda resposta: a evolução desse tipo de língua é similar em toda parte porque as pessoas que não se desenvolvem no contexto da língua materna precisam inventar uma nova língua (sobretudo sua estrutura), e ao inventá-la obedecem a princípios inatos, que de outra forma mal se manifestam, porque a língua materna aprendida os encobre desde o início. Faltando essa língua materna, essas pessoas deixam de lado, eliminam (*to strip,* como dizem os americanos) as peculiaridades próprias de uma língua nacional que a distinguem das outras, obedecendo a uma "gramática universal".

Observações que embasam essa tese foram feitas especialmente pelo americano Derek Bickerton, no Havaí. Haveria universais lingüísticos ina-

tos nos cérebros humanos (ou melhor, em todos os sistemas nervosos centrais), possibilitando que qualquer um aprenda qualquer língua humana com facilidade, uma vez que se mova no ambiente lingüístico correspondente desde a infância.

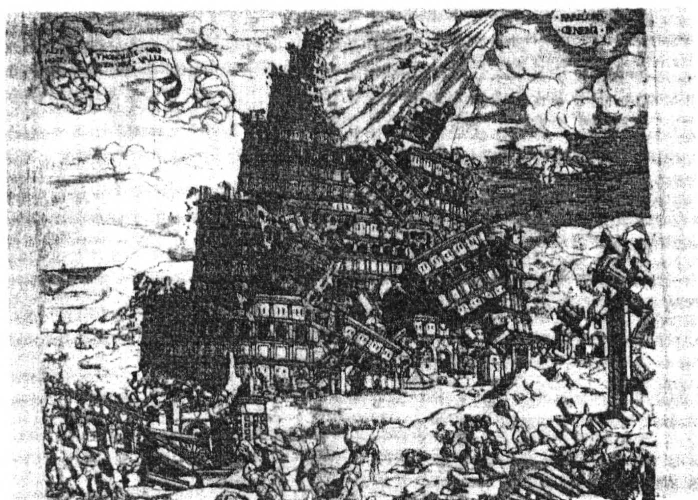
A questão da existência de universais lingüísticos, possivelmente inatos, é um dos temas permanentes da lingüística.

CAPÍTULO XIV

Língua auxiliar universal ou língua universal?

O problema

"Ora, a terra tinha uma só língua e um mesmo modo de falar. Mas (os homens), tendo partido do oriente, encontraram uma planície na terra de Senaar, e habitaram nela. E disseram uns para os outros: Vinde, façamos tijolos e cozamo-los no fogo. E serviram-se de tijolos em vez de pedras, e de betume em vez de cal traçada; e disseram: Vinde, façamos para nós uma cidade e uma torre, cujo cimo chegue até o céu; e tornemos célebre o nosso nome, antes que nos espalhemos por toda a terra. O senhor, porém, desceu a ver a cidade e a torre, que os filhos de Adão edificavam, e disse: Eis que são um só povo e têm todos a mesma língua; e começaram a fazer esta obra, e não desistirão de seu intento, até que a tenham de todo executado. Vinde, pois, desçamos, e confundamos de tal sorte a sua linguagem que um não compreenda a voz do outro. E assim o Senhor os dispersou daquele lugar por todos os países da terra, e cessaram de edificar a cidade. E por isso lhe foi posto o nome de Babel, porque aí foi confundida a linguagem de toda a terra, e daí os espalhou o Senhor por todas as regiões."*



Entre as muitas representações da construção da Torre de Babel destaca-se a gravura de Cornelisz (1499-1553), por mostrar o momento da destruição.

Babel

Do acontecimento descrito pela Bíblia com estas palavras (Gênesis, 11), resultou a situação, lastimável até hoje, de haver muitos povos com várias línguas, mas nenhuma língua que seja compreendida por todos. Todos sabem que a aprendizagem perfeita, mesmo de uma única língua estrangeira, requer anos e anos de estudo, a não ser que intervenham circunstâncias par-

* *Bíblia Sagrada*, Edições Paulinas, São Paulo, 1975, 7ª edição, traduzida da Vulgata e anotada pelo Pe. Matos Soares. (N. da T.)

ticularmente favoráveis, como a procedência de um lar em que são falados vários idiomas, ou a infância e a juventude passadas em ambiente bilíngüe ou plurilíngüe. Poucas pessoas dominam mais de duas ou três línguas; às outras, o acesso lhes é muito difícil. Com certeza, o remédio não seria abolir as línguas naturais e impor a todas as pessoas a mesma língua; nem mesmo a mais brutal das ditaduras conseguiria tal coisa — felizmente. Não deveria então pelo menos existir uma língua que fosse ensinada e aprendida em toda parte como segunda língua, permitindo uma compreensão em todos os cantos do mundo?

Dois caminhos em direção a este objetivo parecem possíveis: ou a língua de um povo se torna língua universal, o que colocaria em enorme vantagem aqueles que a tivessem como língua materna, ou cria-se planejadamente uma *língua artificial universal*, ou *interlíngua*. A filologia criou um ramo próprio chamado de *interlingüística*, incumbido de estudar, comparar, avaliar e talvez até mesmo recriar tais línguas.

Primórdios: séculos XVII e XVIII

Uma representação histórica razoavelmente completa, que observasse as idéias de uma língua universal e os primeiros passos para sua realização, deveria pelo menos voltar à Idade Média. Começarei com os séculos XVII e XVIII, pois foi nessa época que surgiram reflexões até hoje dignas de ser rememoradas, que continuam a produzir efeitos. Não é difícil saber por que essas idéias surgiram exatamente naquele tempo nas mentes de muitos pensadores de valor.

Fim do latim como língua dos eruditos

Enquanto o latim era utilizado e compreendido em todo o Ocidente, na Igreja, nas escolas e universidades, ele preenchia a necessidade de um meio supranacional de comunicação. Depois, perdeu seu prestígio tragicamente, devido, inclusive, às tentativas dos *humanistas* de contrapor ao latim medieval "corrompido" e "degenerado" — mas língua viva — o latim clássico, em especial o de Cícero. Os eruditos passaram então a se utilizar de suas línguas nacionais: Galileu na Itália, a Royal Society em Londres, a partir de sua fundação (1662), a Académie des Sciences em Paris, Thomasius e outros na Alemanha. Não havia mais uma língua comum das ciências (embora a tradição latina ainda se prolongasse por muito tempo (cf. capítulo V).

Ampliação do horizonte

Paralelamente à ascensão das línguas nacionais cresceu, a partir do Humanismo, o interesse pelas línguas originais da Bíblia, ou seja, pelo hebraico e pelo grego, ao mesmo tempo que a era das descobertas revelava aos europeus a existência de inúmeras novas línguas. O número de 72 línguas, nas quais a humanidade ter-se-ia dividido após o pecado de Babel, e que é sempre referido pelos escritos da Idade Média, teve de ser abandonado: havia centenas de línguas, e principalmente línguas que deviam parecer muito exóticas aos falantes das línguas européias e aos conhecedores das línguas antigas — o chinês acima de todas. Notícias a respeito do povo chinês, de sua cultura, sua língua e sua escrita se difundiram rapidamente, em especial por meio de missionários. Um marco significativo desta evolução é a obra do padre de Mendoza (1585).

Bacon

A descoberta da possibilidade de utilização de uma escrita ideográfica que não representasse sons, mas sim conceitos, que pudesse ser entendida pelas pessoas incapazes de comunicar-se oralmente, impeliu Francis Bacon (1561-1626), entre outros, a perguntar se não seria possível "criar para as

coisas outros sinais que não palavras e letras, do mesmo modo que o dinheiro pode ser fabricado com materiais que não o ouro ou a prata". Um pensamento audaz, que contém o cerne do conceito de uma língua "filosófica", mais tarde elaborado por Leibniz.

Descartes

Também René Descartes (em latim *Cartesius,* 1596-1650), estimulado por um filólogo não identificado, refletiu sobre a possibilidade de uma língua universal (em carta a Mersenne), sustentando que se tratava não tanto de dar simplesmente um nome às coisas, mas antes de perceber que as estruturas gramaticais das línguas conhecidas eram muito diferentes umas das outras e muito complicadas internamente para poder servir de modelo para uma língua universal.

Iluminismo, racionalismo

A tese de Descartes é um bom pretexto para citar a terceira razão do interesse crescente pelo nosso problema (ao lado da decadência do latim e da ampliação do horizonte lingüístico): a era do *Iluminismo,* da *razão,* do *racionalismo,* que com a arma da crítica questiona toda a tradição, observa também as línguas naturais de maneira nova, crítica, e reconhece suas imperfeições.

Comenius

Também o grande erudito tcheco Jan Amos Komenský (em latim *Comenius,* 1592-1670) consta entre os pioneiros da idéia de uma língua universal: baseia suas idéias fortemente marcadas por um matiz religioso na concepção de que a evolução da humanidade se encaminha para um estágio final, a *monoglossia,* ou seja, a língua única para todos, a qual permitirá às pessoas viverem juntas como irmãos, como um povo, uma família de Deus. Passemos a outros três pioneiros, dos quais o terceiro é o mais importante.

Dalgarno

O escocês George Dalgarno (1626-1687) talvez tenha sido induzido a seu projeto pelo seu trabalho com surdos-mudos: ele criou um método de aprendizado para surdos-mudos e um alfabeto de sinais (os sinais manuais utilizados atualmente não remontam a ele, porém, e sim ao pedagogo alemão Samuel Heinicke, 1727-1790). Em seu ensaio *Ars Signorum* Dalgarno propõe uma língua filosófica que — como todos os projetos deste tipo — possui uma base ontológica, isto é, parte de uma classificação "lógica" e objetiva dos "entes", das coisas concretas. Segundo esta classificação, existiriam dezessete classes de entes: seres, substâncias, objetos concretos, corpos vivos, etc. As denominações para cada classe começam com determinada letra, por exemplo com o K no âmbito da política. Uma segunda letra designa uma subclasse, e assim por diante. É praticamente inadmissível aceitar que deste modo possam surgir palavras pronunciáveis.

Wilkins

Contemporâneo de Dalgarno é o bispo John Wilkins (1614-1672). Seu projeto foi provavelmente influenciado por Dalgarno, assim como por Comenius. Wilkins distingue quarenta classes e, como Dalgarno, tem como meta não tanto uma língua quanto um sistema de escrita (chamado de *pasigrafia*) capaz de exprimir de imediato não os sons, mas sim o *real character,* a essência concreta das coisas.

Leibniz

Também em nosso contexto é válido afirmar o que se pode dizer a respeito de todo o pensamento e obra de Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716): ele foi um grande estimulador, viu e expressou muita coisa que só se realizou ou foi reconhecida com o passar de séculos; já que ele quase nunca resumia suas reflexões sistematicamente, antes as exprimiu em dissertações esparsas e muitas vezes em cartas, apenas as gerações posteriores — tendo

em mãos sua herança quase inesgotável — puderam avaliar a amplitude de seus pensamentos. Também suas reflexões a respeito de uma língua universal só foram reveladas mais tarde, principalmente pelo pesquisador francês Couturat, pouco depois de 1900.

Um dos pensamentos fundamentais de Leibniz é conhecido pelo nome dado por ele mesmo, de *characteristica universalis*. Segundo Leibniz, todas as concepções complexas do cérebro podem ser decompostas em elementos básicos simples, algo semelhante — e aqui entra o matemático — ao modo como cada número pode ser representado, ou como número primo ou como produto de números primos. Cada processo de pensamento é um processo de cálculo.

Idéias como pedras da estrutura lingüística

Sobre este princípio seria possível construir um vocabulário sistematicamente ordenado, baseado em um inventário de todas as "idéias simples", ou seja, que não conduzam a outras. Para poder manejar tal vocabulário seria necessária então uma gramática universal, que — diferente das gramáticas de todas as línguas vivas — precisa ser de uma regularidade absoluta, sem exceções e da máxima simplicidade: diversas declinações e conjugações são supérfluas. Seriam afinal necessárias? Não é possível designar singular e plural dos substantivos e pessoa e tempo dos verbos com palavras auxiliares?

Como se vê, trata-se de pensamentos antecipadores do futuro, que foram retomados no século XIX pelos construtores das primeiras línguas artificiais. Mas o efeito mais forte dos pensamentos de Leibniz não segue nesta direção, mas sim em direção ao desenvolvimento da moderna lógica simbólica ou matemática e das máquinas de calcular e computadores.

O componente matemático

Eis o momento de mencionar a quarta razão pela qual os séculos XVI e XVII forneceram os fundamentos do pensamento da língua universal: são os séculos dos grandes matemáticos, em que surge (também por intermédio de Leibniz) o cálculo infinitesimal. Um traço de grande abstração e de severidade formal penetra progressivamente no pensamento lingüístico.

Faiguet

A respeito do século XVIII diremos que a famosa enciclopédia de D'Alembert e Diderot (1765) trazia um artigo do então ministro do Tesouro francês, Faiguet, intitulado "Nouvelle Langue".

Faiguet elaborou com grande perspicácia um esqueleto de uma gramática artificial totalmente regular para uma língua universal, mas não chegou a elaborar um léxico para a sua "nova língua".

Os grandes projetos do século XIX

O século XIX produziu em grande número projetos para línguas universais — pelo menos uma dúzia, talvez centenas. Alguns poucos conseguiram dar passos concretos em direção ao objetivo de ser aceitos e compreendidos por um número maior de pessoas.

Solresol: uma língua baseada nas notas

O primeiro projeto merece ser mencionado não por seu sucesso, mas por sua originalidade. O professor francês François Sudre (1787-1862) teve uma idéia que o manteve ocupado durante toda a vida: o resultado foi publicado apenas em 1866, após sua morte, sob o título de *Langue Universelle Musicale*. Sudre toma como material inicial não os sons da língua, de qualquer língua, mas sim os sete tons da escala musical, que podem ser escritos com os respectivos símbolos das notas. As notas podem ser cantadas ou tocadas em qualquer instrumento. Elas podem também ser — sem cantar — faladas,

utilizando-se para isso as denominações internacionalmente aceitas (italianas) ou seus caracteres iniciais (ou sons iniciais). Podem ser usados também os números de 1 a 7 em seu lugar. Estes números podem ser transmitidos por sinais sonoros, como pancadas ou algo semelhante; os cinco dedos de uma das mãos podem ser usados como pentagrama, enquanto um dedo da outra serve para "tocar" nele. Elas podem também ser representadas pelas sete cores do arco-íris. Por fim, um discípulo de Sudre inventou um método de representar as sete notas através de signos estenográficos, que poderiam tanto ser escritos em papel como desenhados com o dedo no ar. Deste modo a língua se adaptava também a cegos (batidas ou sons), a surdos-mudos (sinais com as mãos) e a transmissões mecânicas ou elétricas (como o alfabeto Morse).

A priori

O léxico é formado exclusivamente das sete notas da escala musical: *re* = "e", *si* = "sim", *do* = "não", *doremi* = "dia". Um tanto monótono! Sudre recebeu de passagem uma entusiástica acolhida da parte, por exemplo, do Institut de France e de certas exposições mundiais, mas seu *Solresol* não conseguiu impor-se. Um sistema deste tipo é muito artificial, distante demais de qualquer língua natural. É uma língua *a priori*. Com tal denominação, própria do uso filosófico, se entende uma língua inventada, construída a partir da base — neste caso não de uma base filosófico-ontológica, como em Leibniz, mas de uma base musical.

A posteriori

As línguas que citaremos a seguir pertencem, em contrapartida, às línguas *a posteriori*, isto é, elas se apóiam em línguas naturais, das quais retiram seu material básico.

Volapük (Volapuque)

O primeiro e sensacional projeto deste tipo veio de um alemão: o prelado católico Johann Martin Schleyer (1831-1912). Em seu livro *Grammatik der Universalsprache für Erdbewohner (Gramática da Língua Universal para os Habitantes da Terra)*, editado em 1879, ele afirmava que seus pensamentos tinham inspiração divina. O nome da língua já oferece uma primeira impressão da característica de suas palavras. *Vol* é uma simplificação do inglês *world* ("mundo"), assim como *pük* vem de *speak* ("falar"); o *a* designa o genitivo: *volapük*, literalmente, "língua do mundo".

Schleyer não tirou os modelos para suas palavras — que ele radicalmente reduziu a uma sílaba — apenas do inglês. Ele era um daqueles gênios lingüísticos que dominam muitas línguas. Dizem que falava quatro dúzias delas. Tomou emprestados vocábulos também do latim, do alemão, do francês, mas preponderantemente do inglês. Mas a simplificação proposta por ele torna quase irreconhecível (e, portanto, de mais difícil aprendizagem) a origem das palavras. Do inglês *form* ("forma"), por exemplo, veio *fom*, porque Schleyer, levando em consideração a dificuldade dos chineses em pronunciar o som *r*, não o utilizou — o que constituiu um começo de consideração das exigências dos falantes não-europeus. Do latim (ou francês) *animal* veio *nim*, do alemão *Licht* ("luz") veio *lit*.

Na gramática, Schleyer não foi feliz. Em vez de uma simplificação radical, propôs um intrincado sistema de declinação e conjugação, inúmeras preposições, duas formas da voz passiva, palavras compostas cuja raiz deveria ser escrita em cursivo, etc.

O *volapük*, nos primeiros anos, conseguiu rapidamente adeptos, tanto que apareceram gramáticas da língua; revistas em *volapük* apareceram às dúzias.

A crítica feita à língua, também por parte de filólogos, induziu seus partidários a instituírem em um congresso uma comissão de reforma. Ultrajado, Schleyer retraiu-se. A comissão propôs, em vez de um *volapük* reformado, um novo sistema, chamado de *Idiom Neutral*. Outros adeptos propuseram sistemas próprios, chamados de *Balta*, *Weltparl*, entre outros, mas nenhum deles conseguiu se impor, porque poucos anos depois do nascimento do *volapük* surgiu em cena um concorrente mais válido.

Esperanto

Em 1887 surgiu o livro *Internationale Sprache — Vorrede und vollständiges Lehrbuch (Língua Internacional — Introdução e Manual Completo)*, cujo autor, escondido sob o pseudônimo de *Dr. Esperanto* ("o esperançoso"), era o oftalmologista judeu polonês Dr. Ludwig Zamenhof, de Bialystok. A peculiaridade desta cidade, que — como muitas cidades da Europa oriental — possuía uma população plurilíngüe (havia um bairro de falantes poloneses, outro de russos, de alemães e de judeus, isto é, falantes de iídiche), o estimulou para sua obra. O pseudônimo deu o nome à língua. Ela é a única língua auxiliar universal conhecida quase por todos, pelo menos de nome. Em esperanto o título do livro é o seguinte: *Lingvo Internacia de la Doktoro Esperanto*.

O vocabulário do esperanto é constituído prevalentemente de palavras de línguas românicas e germânicas que tenham conseguido uma certa difusão internacional. A gramática é bastante simples. Zamenhof estava profundamente impressionado com a simplicidade do inglês, que ele havia aprendido no ginásio e que comparara com o alemão, o francês, o latim e o grego. Assim, para usar as próprias palavras do criador, "a gramática fundiu-se sob suas mãos até ser reduzida apenas a algumas páginas".

Uma frase em esperanto

O sucesso do esperanto foi enorme. A língua conquistou seguidores apaixonados em muitos países, até mesmo na Europa oriental. Há milhares de livros sobre o esperanto, assim como em esperanto. Há poemas em esperanto dignos de atenção. Congressos internacionais escolheram ou aprovaram o esperanto como língua veicular. O sucesso não foi mero acaso. Obviamente o esperanto é uma língua falável, soa bem, pode ser cantada, é rica em possibilidades expressivas e fácil de ser aprendida — isto sobretudo por causa de suas formas, que seguem a estrutura aglutinante: um sufixo, e apenas um, para um significado e apenas um significado para cada sufixo. Um exemplo: *Simpla, fleksebla, belsona, vere internacia en siaj elementoj, la lingvo Esperanto prezentas a la mondo civilizata la sole veran solvon de lingvo internacia*. Quase todo leitor (em especial o europeu ocidental com instrução superior) é capaz de entender a frase sem precisar de um dicionário de esperanto: "Simples, flexível, eufônica, verdadeiramente internacional em seus elementos, a língua esperanto oferece ao mundo civilizado a única solução apropriada (do problema) de uma língua internacional".

Tolerante, Zamenhof aceitou todo tipo de crítica suscitada e propostas de melhoria. Entre outros, foram criticados os seguintes pontos: o uso de sinais diacríticos como ĉ [tʃ], ŝ [ʃ], ĵ [ʒ], etc. com que Zamenhof estava familiarizado do eslavo, mas que não existem nas composições dos países da Europa ocidental; a terminação de todos os substantivos em *-o (lingvo)*, de todos os adjetivos em *-a (internacia)*, sem levar em consideração o gênero natural; a utilização do *h* como consoante, o que cria dificuldades para, entre outros, os franceses.

Em 1908 L. de Beaufront publicou uma versão reformada, o *Ido* (que, em esperanto, é o sufixo para "filho", "descendente"). A guerra mundial, a perseguição dos esperantistas por Stalin e Hitler, a Segunda Guerra Mundial causaram danos ao esperanto e à convicção humanitária inspiradora de Zamenhof, mas não impediram que o movimento permanecesse vivo.

Ido

Derivado do esperanto, o nome *ido* significa "descendente"; de fato, o *ido* não é senão um esperanto reformado. Foi proposto em 1907 no congresso de esperantistas pelo francês Marquês de Beaufront, que ao elaborá-lo valeu-se da colaboração do matemático Couturat. Embora o *ido,* do ponto de vista lingüístico, traga inequivocamente aperfeiçoamentos, não conseguiu vencer a oposição dos esperantistas veteranos. Eles, na verdade, podiam apoiar-se no fato de que sua língua se desenvolvera sob os cuidados de uma academia própria, e de que havia uma vasta literatura em esperanto. Há ainda outros "descendentes" do esperanto que aqui não precisam ser citados.

Langue bleue

Com o *ido* já nos encontramos no século XX, mas ainda gostaria de citar um outro produto interessante do século XIX: a *langue bleue* ("língua azul"), ou *bolak,* proposta por Léon Bollack em 1899. Esta língua se baseia em parte no *argot,* na França também chamado de *langue verte* ("língua verde"), sendo comparável ao *Rotwelsch* do alemão.

Criações do século XX

Também o nosso século trouxe novos projetos, dos quais citarei apenas alguns dos mais importantes, mesmo porque tudo faz pensar que o pêndulo da evolução do mundo atual tenda em outra direção, totalmente diferente daquela imaginada pelos criadores de línguas novas. As duas primeiras propostas se relacionam com o esperanto, a primeira como contraproposta, a segunda como proposta de reforma.

Occidental/Interlingue

A primeira proposta é representada pelo *occidental,* elaborado pelo alemão do Báltico Edgar von Wahl (1867-1943), antes partidário do *volapük* e depois do *esperanto.* Wahl aproximou seu projeto (publicado em 1922) ainda mais do latim, seguindo deste modo o modelo de uma língua natural. Mais tarde a língua recebeu o nome de *Interlingue* — para desfazer a impressão de que se tratava de uma língua planejada apenas para países "ocidentais"; o nome, porém, corre o perigo de ser confundido com *interlíngua* (como se verá adiante.)

Novial

O nome *novial* é resultante de *nov* + I.A.L. (*International Auxiliary Language*). O sistema foi criado pelo conhecido filólogo dinamarquês Otto Jespersen, tendo sido apresentado publicamente em 1928. O *novial* também tende à "naturalidade".

O velho contra o novo

Na opinião de conhecedores do assunto, os sucessores do esperanto superaram-no sob muitos pontos de vista, o que não é de admirar, já que puderam valer-se das experiências feitas com este sistema; apesar disso, não conseguiram se impor, em face da obstinação dos esperantistas ferrenhos e bem organizados, e nem mesmo ameaçar a sua posição. Parece claro que a convivência ou contraposição de sistemas concorrentes por décadas não tornou mais atrativa a idéia de uma língua universal unitária.

A interlíngua de Peano

Uma proposta bastante original e convincente foi feita pelo importante matemático italiano Giuseppe Peano (1858-1932), que chamou caracteristicamente sua criação primeiro de *latino sine flexione* e mais tarde de *interlingua.* Os pensamentos fundamentais inspirados em Leibniz são, ao mesmo

tempo, simples e radicais: o vocabulário compreende todas as raízes latinas (inclusive neolatinas e gregas latinizadas) que estão presentes nas línguas européias modernas. Quem não sabe latim pode pesquisar em qualquer dicionário escolar de latim (para estudantes de sua língua materna). Por esse motivo, diz Peano, sua língua não precisa de um dicionário próprio. Precisa de uma gramática? Peano simplifica radicalmente. O substantivo tem apenas uma forma, correspondente ao ablativo latino *(arte, carne)*, que não se modifica. Os casos são expressos por meio de preposições: o latim *vox populi* ("voz do povo") torna-se *voce de populo*. O plural pode ser marcado por *-s*, desde que não haja um numeral ou qualquer outro indicador de quantidade. O verbo possui igualmente uma forma imutável, correspondente ao imperativo latino, como por exemplo *audi* ("ouvir"), *scribe* ("escrever"). A pessoa é indicada pelo pronome, o tempo por uma palavra auxiliar como "hoje", "ontem", "outrora". Do ponto de vista lingüístico, a interlíngua é um projeto brilhante, pelo menos para o europeu culto, que compreende sem qualquer esforço uma frase como a seguinte: *Televisione, aut transmissione de imagines ad distantia, es ultimo applicatione de undas electrico* ("A televisão, ou a transmissão de imagens a distância, é a aplicação mais recente das ondas elétricas"). O menos culto encontrará dificuldades, especialmente por causa do grande léxico latino; o não-europeu também terá problemas de pronúncia. Por ocasião de um congresso científico em Turim, em 1908, Peano apresentou sua língua começando a conferência em latim clássico, explicando gradualmente as simplificações propostas por ele, e utilizando-a em seguida de tal modo que a conferência terminou em um puro *latino sine flexione*, e entendida por todos os presentes, que, diga-se de passagem, eram todos eruditos e italianos.

Interlíngua nº 2

Há um outro sistema, que leva o mesmo nome de *interlíngua*, posto em cena apenas após a Segunda Guerra Mundial (1951). Trata-se de uma criação em colaboração de vários autores, desenvolvida por décadas no quadro da *International Auxiliary Language Association (I.A.L.A.)*, sociedade fundada em 1924 pela rica Sra. Morris, nascida Vanderbilt. Para fazer parte dessa sociedade foram chamados lingüistas eminentes como Jespersen e Sapir, mas o sistema produzido por ela foi devido essencialmente ao lingüista de origem alemã Alexander Gode. Como no caso de Peano, seu sistema se fundamenta de maneira ampla no léxico latino. Os problemas da escolha das palavras e de seu significado foram bem resolvidos, mas a gramática não é tão simples como a de Peano.

Uma série de revistas importantes aceita esta forma da interlíngua e publica após seus artigos um pequeno resumo destes, utilizando-a.

O *système occidental (interlingue)* e as duas interlínguas são semelhantes entre si, algo como dialetos de uma língua natural.

Com referência a outros novos sistemas basta enumerá-los: *neo*, do italiano Alfandari, *interglossa*, do inglês Lancelot Hogben, *loglan*, do americano J. Cooke Brown, e, por fim, *intal*, do alemão Erich Weferling.

Mario Pei

"Proponho o final dos debates!" Esta simples fórmula, pronunciada em 1961 por Mario Pei, eminente filólogo dos E.U.A., faz-nos refletir a respeito. Após um estudo aprofundado de uma série de línguas artificiais, ele chegou à conclusão de que é inútil prolongar o debate continuando a inventar

sempre novos sistemas (e a lutar contra os já existentes). Visto que vários dos sistemas existentes demonstraram ser válidos, deveria ocorrer um congresso internacional — não de eruditos, mas de governos — que escolhesse por voto um deles. Então deveria ser iniciada de imediato a formação de professores, para que no decorrer de poucos anos a língua escolhida passasse a ser ensinada nas escolas e até mesmo nas pré-escolas do mundo todo como segunda língua. Mas como isso será possível, surge espontaneamente a objeção, enquanto ainda existem no mundo milhões de analfabetos, incapazes de ler e escrever sua própria língua materna? Pei estaria disposto a admitir a extinção gradual das línguas nacionais como conseqüência da evolução em direção a uma única língua universal.

Seria possível tal coisa? E se o fosse, seria desejável?

Balanço

Lancemos um olhar retrospectivo à evolução aqui esboçada de Leibniz a Peano (ambos eminentes matemáticos!) e notaremos a presença de impressões tanto positivas quanto negativas.

De valor positivo é o fato, demonstrado sobretudo pelo esperanto, de que muitos indivíduos em vários países podem ser conquistados e podem até mesmo apaixonar-se pela idéia de uma língua universal. Positiva é também a contribuição desta evolução para a filologia. Ocupar-se com a questão de como criar uma língua auxiliar universal aceitável por vários setores da população mundial e com as peculiaridades que esta língua deveria possuir em oposição às línguas naturais, ampliou horizontes a partir dos quais se pode aprender muito a respeito de todas as línguas e do fenômeno lingüístico.

A esta coluna do "saldo" do balanço contrapõe-se, porém, uma coluna com pelo menos três tipos de "débitos" de certo peso.

Eurocentrismo

1. Os projetos elaborados até o presente são em sua grande maioria eurocêntricos: partem das línguas da Europa e — como filhos da era colonial — se comportam como se o restante da humanidade, majoritário, devesse aceitar esta língua dos europeus.

Na verdade a atual civilização tecnocientífica comum ao mundo inteiro tem tido por séculos sua fonte na Europa, e seu único centro, já bem avançado o século XX, na Europa e nos E.U.A.

Pronunciabilidade

2. O problema da facilidade de pronúncia por todos não foi suficientemente investigado. E isto não depende apenas do posicionamento concentrado na Europa; depende também do fato de que conhecimentos corretos são filhos de nosso século. A fonética científica surgiu no século XIX, a fonética experimental é fruto do século XX. Apenas em 1939 a questão de como deve ser o sistema fonético de uma língua auxiliar internacional artificial foi tratada a fundo e conclusivamente pelo eminente filólogo N. S. Trubetzkoy, da chamada Escola de Praga.

O aspecto fonético de uma língua pode representar um obstáculo tão difícil para o aprendizado por estrangeiros quanto uma gramática complicada. Uma língua que pretenda ter valor internacional deve levar em conta os interesses de todos os povos, inclusive dos não-europeus. Tanto um europeu quanto um chinês ou um sudanês devem poder falá-la sem um esforço fora do comum. Não se trata apenas do fato de o aprendiz poder pronunciar determinados sons que não existam em sua língua materna. Um europeu, por

exemplo, consegue pronunciar sem muito esforço, desde que com instrução prévia e em sílabas isoladas, os quatro tons do chinês atual; o que constitui para ele uma dificuldade quase intransponível é a observação dos tons no discurso, ou seja, a observação das diferenças, que em sua própria língua podem até mesmo ocorrer, como o tom interrogativo no alemão, mas que no chinês são absolutamente distintivos de significado.

Uma língua artificial deve se concentrar sobre uma estrutura fonética a mais simples possível. Por este motivo, a entonação não deve revestir-se de significado especial, o mesmo ocorrendo com as diferenças do acento silábico, que no russo, por exemplo, determina variações de sentido. O som [h] é desconhecido para muitas línguas, e deve portanto ser evitado. Numerosas línguas conhecem apenas as cinco vogais básicas *a, e, i, o, u*; seria necessário que elas fossem suficientes. Também o [f] oferece dificuldades a vários povos, e a outros a pronúncia dos ditongos. Encontros consonantais também não devem ocorrer. E ainda existem outras exigências.

Dúvida do princípio

3. O terceiro, e talvez o elemento mais negativo do balanço que tentamos delinear aqui, consiste na constatação de que a humanidade, um século depois do surgimento do *volapük* e do esperanto, praticamente não deu um passo sequer em direção ao objetivo de uma língua artificial internacional como segunda língua para todos — apesar de todo o zelo e boa vontade por parte dos adeptos desta idéia. Nações Unidas, Parlamento europeu, Comunidade Comum Européia em Bruxelas, OTAN, Pacto de Varsóvia: em nenhuma dessas instâncias se admitiu uma língua deste tipo; em nenhuma conferência internacional de peso foi usada tal língua. Este fato dá a entender que o caminho para uma língua auxiliar artificial — mesmo que esta seja a mais adequada às exigências dos lingüistas e foneticistas — não conduzirá ao objetivo almejado de uma segunda língua universal.

World English

Neste momento é natural que pensemos no fato de que o inglês é falado atualmente em todos os continentes como língua materna de 300 milhões de pessoas ou mais e de inúmeros outros milhões que o dominam e utilizam como segunda língua. Jacob Grimm já havia louvado o inglês pela sua riqueza e sua capacidade de adaptação, e dito que dificilmente outra língua viva poderia comparar-se a ele — acrescentando que apenas sua ortografia impenetrável e antiquada impedia o seu reconhecimento como língua universal.

Paralelamente ao desenvolvimento traçado por nós nos parágrafos anteriores a respeito das línguas auxiliares artificiais, na área lingüística do inglês ocorreram nos últimos cem anos sempre novas propostas que têm como objetivo retirar do caminho os principais obstáculos para uma utilização universal do inglês: reformar sua complicada ortografia, que parece aos estrangeiros não possuir regras (embora não seja arbitrária), e ao mesmo tempo limitar o imenso léxico. Do ponto de vista gramatical — como já vimos anteriormente — o inglês adquiriu, de um modo geral, uma simplicidade prejudicada apenas por umas poucas exceções (verbos fortes como *sing, sang, sung*, velhos plurais irregulares como *children*).

Alexander Bell

Uma das primeiras propostas chamava-se *World English* (expressão utilizada para intitular este tópico) e se origina de um escocês que emigrou para

os E.U.A. chamado Alexander Melville Bell, cujo filho, Alexander Graham Bell, ficou muldialmente famoso pela invenção do telefone. Seu livro surgiu em 1888 sob o título mencionado. Esta proposta foi feita na época em que o *volapük* e o esperanto dominavam as discussões, e a princípio despertou pouca atenção.

Depois da Primeira Guerra Mundial reconheceu-se a necessidade de que o vocabulário inglês fosse reduzido para adaptar-se ao objetivo proposto. Tal necessidade foi sustentada de maneira característica por Harold Palmer, ex-professor de inglês em vários países (Bélgica, Japão). Apenas quando se aprende a observar a própria língua com os olhos de um estrangeiro é que se descobrem nela todas as suas peculiaridades e todos os ardis que ela impõe ao estrangeiro. Começou-se então a trabalhar com estatísticas, para descobrir as palavras mais freqüentes (e portanto indispensáveis).

O "Basic English" de Ogden

Destes trabalhos estatísticos partiu o inglês C. K. Ogden, que gozava de forte prestígio como editor de revistas e coletâneas internacionais. Ele patrocinou a causa de Ludwig Wittgenstein e publicou em 1923, junto com J. A. Richards, uma obra fundamental para a lingüística moderna: *The Meaning of Meaning (O Significado do Significado).* Ogden havia assimilado como suas as idéias de Leibniz, de Wilkins e também as do menos conhecido filósofo e reformador social Jeremy Bentham (1748-1832), que já havia chamado especial atenção para a ambigüidade dos verbos ingleses.

Os esforços de Ogden convergiam para a criação de um léxico limitado — com menos de mil palavras —, que deveria ser suficiente para expressar todos os "significados" imprescindíveis. Por fim ele chegou a uma seleção de 850 palavras, que deveriam ser suficientes para exprimir o que, no inglês normal, necessitaria de cerca de 20.000 vocábulos. Seu sistema, publicado em 1930, foi chamado por ele de *Basic English,* onde *Basic* representa uma sigla para *British, American, Scientific, International, Commercial* — e naturalmente, como adjetivo, significando "básico", "fundamental". Ogden esclareceu seu sistema utilizando-o ele próprio. Ele necessita apenas de dezoito verbos: *come, get, give, go, keep, let, make, put, seem, take, be, do, have, say, see, send, may, will.* Como arranjar-se apenas com eles? Estes verbos podem ser combinados com as preposições e advérbios escolhidos por Ogden, assim como com adjetivos ou substantivos, de tal maneira que praticamente o significado de qualquer outro verbo possa ser parafraseado. Em vez de *enter* ("entrar") diz-se *go in,* em vez de *hurt* ("ferir"), *give pain to.* Ogden relaciona cerca de seiscentos substantivos, juntamente com adjetivos qualificativos.

Todos os plurais são formados com *-s*, todos os advérbios com *-ly,* todas as formas superlativas com *more* e *most.* Uma série de outros sufixos permite múltiplas variações.

O *Basic,* simples no aspecto, soa como um inglês normal, correto. É *"a complete answer to the need for an international language. In addition, it is the best first step to full English..."* [1] (Ogden).

A proposta de Ogden — aqui apenas esboçada — foi entusiasticamente

1. "Uma resposta completa à exigência de uma língua internacional, além de ser o melhor primeiro passo em direção ao inglês perfeito..." (N. da T.)

recebida. Bernard Shaw profetizou *"the rapid diffusion of Basic English as a lingua franca of the world"* [2].

Inglês normal e Basic

Este texto de uma declaração do primeiro-ministro britânico Churchill (de 9 de março de 1944) mostra que a diferença entre o inglês normal (coluna da esquerda, texto original) e o simplificado *Basic* (à direita) é relativamente pequena.

The Committee of Ministers on Basic English, after hearing a considerable volume of evidence, have submitted a Report which has been approved in principle by His Majesty's Government. The Committee, in their report, distinguishes between the use of a system such as Basic English as an auxiliary international language, and as a method for the teaching of ordinary English. In this latter field, several very promising methods, other than Basic, have been developed in recent years...

The Committee of Ministers on Basic English, after hearing the views of a great number of experts, have made a statement on the question which has been given general approval by His Majesty's Government. It is pointed out by the Committee in their statement that the use of a system such as Basic English as an international second language is something quite separate from its use for the teaching of normal English. In this second field, two or three other systems which give signs of working very well have been produced in the last five or ten years...

A crítica feita ao *Basic* visava principalmente a dificuldade para pessoas de outras línguas maternas que não o inglês em encontrar a paráfrase adequada para cada situação. Certamente não é fácil encontrar a expressão *to make out the sense of...* para ser usada em lugar de *understand* ("entender"), que não é admitido. Há críticos que acreditam que seria mais fácil aprender alguns vocábulos a mais...

Por volta do final da Segunda Guerra Mundial, Winston Churchill propôs ao presidente Roosevelt um esforço comum dos respectivos países a favor do *Basic English*, a começar pelas transmissões radiofônicas, que deveriam ser feitas na nova língua, oferecendo também aulas.

O entusiasmo inicial chegou ao fim em poucos anos, quando se tornou claro que a maior parte do público exigia o inglês verdadeiro, que se difundia no mundo todo pelo rádio, cinema e televisão, e não uma língua artificial que, concebida em primeiro lugar para a comunicação de idéias, mal se adaptava à variedade da vida cotidiana.

Every Man's English

Enquanto Ogden se recusava a qualquer proposta de reforma, seu ex-colaborador Richards tentava, nos E.U.A, desenvolver o sistema original em direção a um *Every Man's English* ("inglês de todos").

Hogben

Ao *Basic* de Ogden se liga o *Essential World English* (1963) de Lancelot Hogben, que já havia posto em discussão seu projeto de língua artificial, ou *interglossa*.

2. "...a rápida difusão do *Basic English* como uma língua franca do mundo..." (N. da T.)

Em 1978, por ocasião de um congresso a respeito do papel do inglês, Randolph Quirk apresentou um novo projeto para um inglês, bastante simplificado: o *Nuclear English*.

Nuclear English

O êxito final de todos esses esforços não é previsível até o momento. O que se pode supor é que eles possam servir como *first step*, como primeiro passo em direção ao inglês. A avassaladora vitalidade do inglês atual, que se modifica de ano para ano, o peso político, econômico e cultural dos países de língua inglesa — tudo isto contribuirá, bastante provavelmente, sem se considerarem os obstáculos, para que outros milhões de pessoas aprendam o "autêntico" inglês.

Indicação da pronúncia (transcrição fonética)

O sistema de transcrição fonética proposto pela Association Phonétique Internationale, e hoje amplamente adotado, pretende representar todo som de qualquer língua do mundo. Para isso são necessários cerca de 120 símbolos. Quem não é lingüista por profissão tem dificuldades em recordar-se de todos eles. Além disso, o símbolo não evoca uma representação clara quando pode ser elucidado apenas através de um exemplo retirado de alguma língua pouco conhecida, como por exemplo 'ɯ = î romeno'.

Neste livro, para simplificar, são usados os seguintes símbolos ao se indicar a pronúncia dos sons:

Vogais

A transcrição fonética é importantíssima para as vogais. O á-bê-cê latino dispõe de apenas cinco sinais — a, e, i, o, u (que ainda podem ser combinados em ditongos). No alemão eles são complementados com ä, ö, ü. A maioria das línguas faladas na Europa possui muito mais vogais do que as que se encontram à disposição como símbolos escritos. O inglês, que na escrita conhece apenas as cinco vogais básicas, possui 21 sons vocálicos (doze simples e nove ditongos).

Visto que na maioria das línguas a sílaba tônica contém uma vogal (não em todas, cf. o tcheco *Brno*, onde o acento recai sobre o *r*), o acento é marcado com um ponto sob a vogal acentuada, quando ela é breve, e por um traço, quando é longa. Exemplo: *Pfanne* [pfạnə], mas *Ware* [va̱rə]. Caso uma vogal não acentuada seja longa, segue-se-lhe um sinal de alongamento (:). Exemplo: *Mitglied* [mịtgli:t]. Quando se trata de monossílabos, de maneira geral deixei de lado a acentuação.

Ponto e traço sob uma vogal ou ditongo também são empregados para assinalar o acento de palavras escritas no alfabeto normal. Exemplo: *ụmfahren, umfa̱hren; e̱ingehend.*

Símbolo	Pronúncia	Exemplo	Transcrição fonética
[a]	a breve, aberto, átono	port. atol	[atọw]
[ạ]	a breve, aberto, tônico	al. Baracke	[barạkə]
[a:]	a longo, aberto, átono	al. Kahnfahrt	[ka̱nfa:rt]
[a̱]	a longo, aberto, tônico	port. aba	[a̱bə]
[ʌ̣]	a breve, fechado, tônico	ing. but	[bʌ̣t]
[ã]	a nasal, átono	port. ambos	[ã̱bus]

[ã̱]	a nasal, tônico	port. lã	[lã̱]
[e]	e breve, fechado, átono	port. pecado	[peka̱du]
[e:]	e longo, fechado, átono	al. Rückweg	[rykve:k]
[e̱]	e longo, fechado, tônico	port. ele	[e̱li]
[ɛ]	e breve, aberto, átono	al. Wildwechsel	[vịltvɛksəl]
[ɛ̣]	e breve, aberto, tônico	al. lernen Bände	[lɛ̣rnən] [bɛ̣ndə]
[ɛ:]	e longo, aberto, átono	al. Eisbär	[a̱isbɛ:r]
[ɛ̱]	e longo, aberto, tônico	port. ela	[ɛ̱lə]
[æ]	e médio, bem aberto, átono	ing. dressman	[drɛ̣smæn]
[æ̣]	e médio, bem aberto, tônico	ing. catcher	[kæ̣tʃə]
[æ̱]	e longo, bem aberto, tônico	ing. sandwich	[sæ̱nwidʒ]
[ɛ̃]	e nasal, átono	port. enteada	[ɛ̃tea̱də]
[ɛ̱̃]	e nasal, tônico	port. além	[alɛ̱̃]
[ə]	e breve, fechado, átono	al. Wagen	[va̱gən]
[ə:]	e longo, fechado, átono	ing. dinner	[di̱nə:r]
[ə̱]	e longo, fechado, tônico	ing. bird	[bə̱rd]
[i]	i breve, átono	port. idioma	[idio̱mə]
[ɪ]	i extremamente breve, átono	ing. pity	[pịtɪ]
[ị]	i breve, tônico	al. Himmel	[hịməl]
[i:]	i longo, átono	al. Mitglied	[mịtgli:t]
[i̱]	i longo, tônico	port. ida	[i̱də]
[ĩ]	i nasal, átono	port. infante	[ĩfã̱ti]
[ĩ̱]	i nasal, tônico	port. cinco	[sĩ̱ku]
[o]	o breve, fechado, átono	port. ocaso	[oka̱zu]

[o:]	o longo, fechado, átono	al. Schwiegersohn	[ʃvi̱gərzo:n]
[o̱]	o longo, fechado, tônico	port. olho	[o̱λu]
[ṍ]	o fechado, nasal, tônico	port. onda	[ṍdə]
[õ]	o fechado, nasal, átono	port. ondular	[õdula̱r]
[ɔ]	o breve, aberto, átono	ing. organic	[ɔrgæ̱nik]
[ɔ̣]	o breve, aberto, tônico	ing. hot	[hɔ̣t]
[ɔ:]	o longo, aberto, átono	ing. overall	[o̱u̱vərɔ:l]
[ɔ̱]	o longo, aberto, tônico	ing. story	[stɔ̱rɪ]
[ɔ̃]	o aberto, nasal, átono	fr. fondue	[f ɔ̃ d y]
[ɔ̱̃]	o aberto, nasal, tônico	fr. bon	[bɔ̱̃]
[ø]	ö breve, fechado, átono	fr. déjeuner	[deʒøne̱]
[ø:]	ö longo, fechado, átono	al. unschön	[ụnʃø:n]
[ø̱]	ö longo, fechado, tônico	al. Röhre	[rø̱rə]
[œ]	ö breve, aberto, átono	fr. jeunesse	[ʒœnẹs]
[œ̣]	ö breve, aberto, tônico	fr. œuf	[œ̣f]
[œ̱]	ö longo, aberto, tônico	fr. œuvre	[œ̱vr]
[œ̃]	ö nasal, átono	fr. lundi	[lœ̃di̱]
[œ̱̃]	ö nasal, tônico	fr. un	[œ̱̃]
[u]	u breve, átono	port. usar	[uza̱r]
[ụ]	u breve, tônico	al. Suppe	[zụpə]
[u:]	u longo, átono	al. Weckruf	[vẹkru:f]
[u̱]	u longo, tônico	port. uva	[u̱və]
[ũ]	u nasal, átono	port. fundar	[fũda̱r]
[ũ̱]	u nasal, tônico	port. um	[ũ̱]
[y]	ü breve, átono	fr. bureau	[byro̱]

[ỵ]	ü breve, tônico	al. Lücke	[lỵkə]
[y:]	ü longo, átono	al. Stalltür	[ʃtạlty:r]
[y̲]	ü longo, tônico	fr. dur	[dy̲r]

Ditongos

[aɪ]	ai átono	port. **cai**ado	[kaɪa̲du]
[a̲ɪ̲]	ai tônico	port. **pai**	[pa̲ɪ̲]
[au]	au átono	port. **au**tor	[auto̲r]
[a̲u̲]	au tônico	port. **au**la	[a̲u̲lə]
[eɪ]	e fechado mais i, átono	port. **dei**tar	[deɪta̲r]
[e̲ɪ̲]	e fechado mais i, tônico	port. **lei**te	[le̲ɪ̲ti]
[ɔɪ]	o aberto mais i, átono	al. **Efeu** Zaberg**äu**	[e̲fɔɪ] [tsa̲bərgɔɪ]
[ɔ̲ɪ̲]	o aberto mais i, tônico	port. **dói**	[dɔ̲ɪ̲]
[ou]	o fechado mais u, átono	port. **ou**tono	[outo̲nu]
[o̲u̲]	o fechado mais u, tônico	port. **ou**tro	[o̲u̲tru]

Consoantes

As letras b, d, f, k, l, m, n, p, r, t possuem, na transcrição fonética, o mesmo valor que na pronúncia normal. Mas algumas consoantes necessitam de símbolos específicos:

[ç]	som de ich (alemão)	al. **Milch**	[mi̲lç]
[x]	som de ach (alemão)	al. **Rache** esp. **j**oven	[ra̲xə] [xo̲ven]
[g]	g velar (duro)	port. gato	[ga̲tu]
[ɣ]	g duro aspirado	esp. Tarragona	[taraɣo̲na]
[h]	h aspirado	ing. **he**	[hi̲]
[j]	i semivogal	ing. **y**es	[jɛ̲s]

[λ]	l palatal	port. lhe	[λe]
[ŋ]	n velar	ingl. long	[lɔŋ]
[ɲ]	n palatal	port. nhoque	[ɲɔki]
[z]	som de z	port. rosa	[rɔzə]
[s]	s surdo	port. só	[sɔ]
[ð]	interdental sonora	ing. the	[ðə]
[θ]	interdental surda	ing. Bath	[baθ]
[ʒ]	j português	port. já	[ʒa]
[ʃ]	ch português	port. chá	[ʃa]
[v]	v português	port. vida	[vidə]
[w]	u semivogal, próximo do w	port. quase	[kwazi]
[|]	oclusiva pré-vocálica	al. Rührei	[ryr|ai]
[']	símbolo de abrandamento da consoante anterior (fusão com um [j])	russo область (*oblast'*)	[ɔblast']

Bibliografia

Um livro como este, concebido para uma ampla gama de leitores, não se origina, como é óbvio, das pesquisas próprias do autor, mas se apóia na literatura especializada e, como complemento, na chamada bibliografia subsidiária. Depois de muito hesitar, decidi-me por não onerar o texto com observações e notas de rodapé, e sim limitar-me a compilar as fontes mais importantes, como recomendação aos leitores que desejam adentrar mais no incomensurável reino das línguas. Não mencionei dicionários de nenhuma espécie, manuais, gramáticas e obras de consulta em geral (léxicos, enciclopédias).

ANDRESEN, C.; ERBSE, H.; GIGON, O.; SCHEFOLD, K.; STROHEKER, K. F.; ZINN, E. *Lexikon der alten Welt.* Stuttgart e Zurique, 1965.

ARENS, Hans. *Sprachwissenschaft. Der Gang ihrer Entwicklung von der Antike bis zur Gegenwart.* Freiburg e Munique, 1955.

AVÉ-LALLEMANT, Christian Friedrich Benedict. *Das deutsche Gaunertum in seiner sozial-politischen, literarischen und linguistischen Ausbildung bis zu seinem heutigen Bestande.* 1858. Reeditado em dois volumes por Max Bauer, Munique e Berlim, 1914.

BACH, Adolf. *Geschichte der deutschen Sprache* (1ª edição em 1938). 7ª edição, Heidelberg, 1961.

BAUSANI, Alessandro. *Geheim- und Universalsprachen. Entwicklung und Typologie.* Stuttgart, 1970.

BEST, Otto F. *Mameloschen. Jiddisch – eine Sprache und ihre Literatur.* Frankfurt/Meno, 1973.

BICKERTON, Derek. "Creole Languages." In: *Scientific American.* Julho, 1983.

BLACK, Max. *The Labyrinth of Language.* Nova York, 1968.

BLOOMFIELD, Leonard. *Language.* Nova York, 1933, 1961.

BOLLÉE, Annegret. "Pidgins und kreolische Sprachen." In: *Studium Linguistik* (Fascículo 3). Kronberg, 1977.

BORST, Arno. *Der Turmbau von Babel. Geschichte der Meinungen über Ursprung und Vielfalt der Völker und Sprachen.* Vol. I: *Fundamente und Aufbau.* Stuttgart, 1957.

BÜCHNER, Karl (editor). *Latein und Europa. Traditionen und Renaissancen* (com colaborações de onze especialistas). Stuttgart, 1978.

BÜHLER, Karl. *Sprachtheorie. Die Darstellungsfunktion der Sprache.* Jena, 1934.

CLEATOR, Phillipp Ellaby. *Lost Languages.* Londres, 1959.

CLÉBERT, Jean-Paul. *Das Volk der Zigeuner* (original em francês). Frankfurt, 1967.

CHOMSKY, Noam. *Language and Mind.* Edição ampliada. Nova York e Chicago, 1972.

CHOMSKY, William. *Hebrew. The Eternal Language.* Filadélfia, 1957.

DURANT, Will. *Das Leben Griechenlands (The Story of Civilization,* vol. 2). Edição alemã. Berna, s/d.

FINCK, Franz Nikolaus. *Die Haupttypen des Sprachbaus.* Leipzig, 1923.

FRENCH, M. A. "*Observations on the Chinese Script and the Classification of Writing*

Systems."In:Haas, W. (ed.), *Writing without Letters*. Manchester, 1976.
FRIEDRICH, Johannes. *Enzifferung verschollener Schriften und Sprachen.* 2ª edição. Berlim e Heidelberg, 1966.
GL1NZ. Hans. *Die innere Form des Deutschen. Eine neue deutsche Grammatik.* 2ª edição. Berna e Munique. 1961.
GUNNEMARK, Erik e KENRICK, Donald. *A Geolinguistic Handbook.* Edição Gothenburg, 1985.
HAARMANN. Harald. *Grundzüge der Sprachtypologie: Methodik. Empirie und Systematik der Sprachen Europas.* Stuttgart. 1976.
__ . *Universalgeschichte der Schrift.* Frankfurt/Meno e NovaYork, 1990.
HAUPENTHAL, Reinhard. *Plansprachen. Beiträge zur- Interlinguistik.* Darmstadt, 1976. (Contém ensaio de N. S. Trubetzkoy, "Wie soll das Lautsystem einer künstlichen internationalen Hilfssprache beschaffen sein?" de 1939.)
HELLINGER, Marlis. *Englisch-orientierte Pidgin - und Kreolsprachen.* Darmstadt, 1985.
HJELMLEV, Louis. *Die Sprache. Eine Einführung* (original em dinamarquês). Darmstadt. 1968.
HÖRMANN, Hans. *Psychologie der Sprache.* 2ª edição. Berlim, Heidelberg, Nova York, 1977.
HOFFMANN, Otto. *Geschichte der griechischen Sprache.* Vol. I: *Bis zum Ausgang der Klassischen Zeit.* Vol. II : *Grundfragen und Grundzüge des nachklassischen Griechisch.* 3ª edição, revista por Albert Debrunner. Berlim (Ocidental), 1953.
HUMBOLDT, Wilhelm von. *Schriften zur Sprache.* Nova edição. Stuttgart, 1973.
IN DER MAUR, Wolf. *Die Zigeuner— Wanderer zwischen den Welten.* Viena e Munique, 1978.
INEICHEN, Gustav. *Allgemeine Sprachtypologie.* Darmstadt, 1979.
JENSEN, Hans. *Die Schrift in Vergangenheit und Gegenwart.* 3ª edição. Berlim (Oriental), 1969.
KRAHE, Hans. *Indogermanische Sprachwissenschaft.* Berlim, 1943. 2ª parte: *Formenlehre.* Berlim 1959.
LAMER, Hans. *Wörterbuch der Antike.* Posfácio de Paul Kroh. 8ª edição. Stuttgart, 1976.
LANDMANN, Salcia. *Jiddisch. Das Abenteuer einer Sprache.* Olten e Freiburg, 1962.
LYONS, John. *Die Sprache* (original em inglês). Munique, 1983.
MARTINET, André (ed.). *Le Langage* (Encyclopédie de la Pléiade). Paris, 1968. (Contém o artigo de Douglas Rae Taylor "Le Créole de la Dominique".)
MEILLET, Antoine (ed.). *Les Langues du Monde.* Paris, 1952/1964.
MOSER, Hugo (ed.), *Das Ringen um eine neue deutsche Grammatik. Aufsätze aus drei Jahrzehnten.* 2ª edição. Darmstadt, 1962.
NAVEH, Joseph. *Early History of the Alphabet.* Jerusalém e Leiden, 1982.
PEI, Mario. *The Story of Language.* Nova York, 1965.
PEISL, Anton e MOHLER, Armin (ed.). *Der Mensch und seine Sprache.* Frankfurt/Meno, 1979. (Contém o ensaio de Otto Landstätter Die moderne chinesische Hochsprache.)
PERROTT, D. V. Swahili. (Teach Yourself Books.) Londres, 1951.
PFEIFFER, Rudolf. *History of Classical Scholarship from the Beginnings to the End of the Hellenistic Age.* Oxford, 1968.
PISANI, Vittorio. *Die Etymologie* (original em italiano). Munique, 1975.
POESCHEL, Hans. *Die griechische Sprache. Geschichte und Einführung.* 5ª edição. Munique, 1968.
PORZIG, Walter. *Die Gliederung des indogermanischen Sprachgebiets.* Heidelberg, 1954.

——. *Das Wunder der Sprache.* 7ª edição, editada por Andreas Jecklin e Heinz Rupp. Munique e Berna, 1982.
POTTER, Simeon. *Language in the Modern World.* Harmondsworth (Middlesex), 1960.
——. *Our Language.* Edição revista. Harmondsworth (Middlesex), 1976.
QUINAULT, R. J. From World English to Semi-English. In Quest of a Universal English. In: *Wort und Sprache.* Munique, 1981. (Exemplar comemorativo dos 125 anos do surgimento da Editora Langenscheidt.)
RÓNAL, Paulo. *Der Kampf gegen Babel oder das Abenteuer der Universalsprachen.* Munique, 1969.
——. "Der Feldzug gegen Babel oder 'Das Problem der Allgemeinen Verständigung durch Universalsprachen'". In: *Wort und Sprache.* Munique, 1981. (Exemplar comemorativo dos 125 anos do surgimento da Editora Langenscheidt.)
SAUSSURE, Ferdinand de. *Grundfragen der Allgemeinen Sprachwissenschaft* (original em francês). 2ª edição. Berlim, 1967.
SAPIR, Edward. *Die Sprache* (original em inglês). Munique, 1961.
SCHMIDT, Wilhelm. *Die Sprachfamilien und Sprachenkreise der Erde.* Heildelberg, 1926.
SCHMITT, Rüdiger (ed.). *Etymologie.* Darmstadt, 1979.
STADLER, Hermann (ed.). *Deutsch. Verstehen, Sprechen,* Schreihen. (Fischer Kolleg.) 7ª edição, Frankfurt/Meno, 1983.
STAMM, Friedrich Ludwig (ed.). *Ulfilas oder die uns erhaltenen Denkmäler der gothischen Sprache.* 3ª edição. Paderborn, 1865. Reimpressão Stuttgart, s/d.
STÖRIG, Hans Joachim (ed.). *Das Problem des Übersetzens.* Darmstadt, 1963. (Contém o ensaio de Eduard Horst von Tschamer "Chinesische Gedichte in deutscher Sprache".)
STRUNGE, Margret e KASSENBROCK, Karl. *Masematte.* Münster, 1980.
VALDMAN, Albert (ed.). *Pidgin and Creole Linguistics.* Bloomington e Londres, 1977.
VENNEMANN, Theo. "Isolation — Agglutination — Flexion? Zur Stimmigkeit typologischer Parameter." In: *Fakten und Theorien.* Edição em homenagem a Helmut Stimm. Editado por Sieglinde Heinz e Ulrich Wandruszka. Tübingen, 1982.
VOSSEN, Karl. Mutter Latein und ihre Töchter. 11ª edição. Düsseldorf, 1983.
WANDRUSZKA, Mario. *Sprachen—vergleichbar und unvergleichlich.* Munique, 1969.
——. *Interlinguistik. Umrisse einer neuen Sprachwissenschaft.* Munique, 1971. (W. compreende por *Interlinguistik* não o ensino de línguas artificiais.)
WEISGERBER, Leo. Deutsch als Volksname. *Ursprung und Bedeutung* (oito ensaios do autor). Stuttgart, 1953.
——. *Vom Weltbild der deutschen Sprache.* 1ª parte: Die inhaltsbezogene Grammatik. 2ª edição. Düsseldorf, 1953. 2ª parte: *Die sprachliche Erschliessung der Welt.* 2ª edição. Düsseldorf, 1954.
——. *Die vier Stufen in der Erforschung der Sprachen.* Düsseldorf, 1963.
WENDT, Heinz F. *Sprachen.* (Das Fischer Lexikon, vol. 25.) Frankfurt, 1961.
WHATMOUGH, Joshua. *Language. A Modern Synthesis.* Nova York, 1956.
WHORF, Benjamin Lee. *Language. Thought, and Reality.* Editado por J. B. Carroll. Cambridge (Mass.), 1956.
WOLF, Siegmund A. *Wörterbuch des Rotwelschen.* Deutsche Gaunersprache. Mannheim, 1956.
——. *Grosses Wörterbuch der Zigeunersprache (romani tšiw).*
Wortschatz deutscher und anderer Zigeunerdialekte. Mannheim, 1960.
——. *Jiddisches Wörterbuch. Wortschatz des deutschen Grundbestandes der jiddischen (jüdischdeutschen) Sprache.* Mannheim, 1962.

3266049 Aqui do bã